

**FACULDADE DE COMUNICAÇÕES SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

HELEN GARCEZ BRAUN

**AS MÚLTIPLAS PRISÕES FEMININAS: UM ESTUDO SOBRE OS TEXTOS E
CONTEXTOS MUDIÁTICOS NO AMBIENTE PRISIONAL**

**Porto Alegre
2013**

HELEN GARCEZ BRAUN

**AS MÚLTIPLAS PRISÕES FEMININAS: UM ESTUDO SOBRE OS TEXTOS E
CONTEXTOS MUDIÁTICOS NO AMBIENTE PRISIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação Social
da Faculdade de Comunicação Social da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Escosteguy

Porto Alegre

2013

B825m Braun, Helen Garcez
As múltiplas prisões femininas: um estudo sobre os textos e contextos midiáticos no ambiente prisional. / Helen Garcez Braun. – Porto Alegre, 2013.
176 f.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Escosteguy

1. Comunicação Social. 2. Identidade Cultural. 3. Mídia. 4. Penitenciária Feminina. I. Escosteguy, Ana Carolina. II. Título.

CDD 301.161

Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494

HELEN GARCEZ BRAUN

**AS MÚLTIPLAS PRISÕES FEMININAS: UM ESTUDO SOBRE OS TEXTOS E
CONTEXTOS MUDIÁTICOS NO AMBIENTE PRISIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação Social
da Faculdade de Comunicação Social da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em: _____ de _____ de 2013.

Dr.^a Ana Carolina Escosteguy
Orientadora

Dra. Helena Stigger

Dra. Maria Clara Aquino Bittencourt

Porto Alegre

2013

À minha mãe, que despertou em mim o
desejo por conhecer melhor o feminino e
meu pai por acreditar em mim até quando
eu tive dúvidas.

AGRADECIMENTOS

Da perspectiva que vejo o mundo, para se tornar de fato humano o ser precisa aprender a assim sê-lo. Nossa humanidade é aprendida, construída no chão do dia-a-dia. E por assim ser, os modelos que nos cercam têm especial importância em nosso reconhecimento e no significado que damos a nossa própria subjetividade e ao coletivo.

Por estes motivos, quero agradecer aqui àqueles que primeiro me fizeram humana: minha mãe, Loreci, afinal, se falo sobre mulheres é porque tive uma referência feminina que fez com que eu desse especial importância a este tema.

Ao meu pai, João Antônio, pois nós somos quem somos porque não somos o outro. E, sem dúvida, meu primeiro despertar para o questionamento sobre aquilo que sou veio dos exemplos de homem, de dignidade e de humanidade que ele sempre me deu.

Mas, se ser humano é algo que se constrói, entendo então que o que somos é um constante aprendizado. Assim sendo, creio que nesta caminhada há pessoas que repetiram o gesto de segurar a minha mão e impulsionar a minha mudança. Pessoas essas que tiveram a grandeza de compreender que, a todo momento, reaprendemos a caminhar. São elas:

O Professor Dr. Juremir Machado da Silva, que acreditou em uma Universidade que é, de fato, Universal e assim abriu, mais uma vez, as portas dela para mim. Sem a confiança e os questionamentos provocados por ele, eu certamente não teria começado este caminhar.

A Professora Dra. Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, que me serviu e serve como modelo acadêmico. Obrigada pela paciência, pela dedicação, mas, acima de tudo, obrigada pelo encantamento que despertaste em mim muitos anos antes quando a ouvi falar pela primeira vez sobre Estudos Culturais e sobre feminismo. – A mudança que despertaste ainda nos anos de Graduação foi uma trajetória (felizmente) sem volta.

Muito obrigada a cada uma das mulheres que participaram deste trabalho: vocês me ensinaram mais sobre o feminino, sobre a prisão, sobre a liberdade e sobre o perdão. Desejo que todo o conhecimento que obtive com vocês possa colaborar para uma sociedade mais justa e digna de recebê-las.

Agradeço ao amigo Marco Vieira, assessor de imprensa da Susepe: a dedicação, paciência e o carinho que dedicaste a mim e a este trabalho traduzem o que de melhor uma pessoa pode ter.

Obrigada à Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul, em nome do Superintendente Gérson Treiesleben, por permitir a realização deste estudo. Obrigada ainda a todos os funcionários da Penitenciária Feminina Madre Pelletier.

Obrigada à minha colega mais querida: Daniela Maria Medeiros. Sem dúvida, não andamos sós. E, se em muitos momentos pensei em desistir, não o fiz por ter você pra repartir as dificuldades e alegrias, para me amparar. Obrigada pela amizade, pelo conhecimento, pelo vinho, os sorrisos e todos os abraços partilhados.

Obrigada à minha irmã, Luiza, porque olhar pra ti me faz lembrar o porquê de tanta luta. Obrigada ao meu irmão, Bruno, os questionamentos que me fazes movem minha vontade de conhecer sempre e sempre mais.

Obrigada ainda ao Vilso Júnior Santi, Gilson Vargas, Diego Gib Azevedo, Ruiz Renato Faillace, Bruna Silveira, Nancy Vianna, Larissa Reinhardt Azubel, Izani Mustafá, Otto Herok Netto, Enrico Streliaev Canali e Paulo Gilvane Borges: vocês foram fundamentais seja para repartir os questionamentos, as descobertas e as angústias, seja para ter certeza de que a vida precisa de respiro, diversão, paixão e bons amigos. Acima de tudo, vocês me ensinaram que pra encontrar o caminho é preciso perder-se dele de vez em quando.

Obrigada Renata Cunha, Fernanda Souza, Eliane Iensen, Priscila Oliveira e Marcos Rolim – lealdade e solidariedade estão entre os mais belos sentimentos que conheço.

Um agradecimento especial a todos os colegas com quem cruzei neste caminho, sobretudo, àqueles que integram o GEISC.

À Capes, pela bolsa de mestrado que permitiu que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa.

Acima de tudo, agradeço à Vida – com tudo de doce e amargo que há – me ensinando, todos os dias, que o que vale mesmo é que ela seja (bem) vivida.

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio dos luceros que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el oído que en todo su ancho
Graba noche y día grillos y canarios
Martirios, turbinas, ladridos, chubascos
Y la voz tan tierna de mi bien amado

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con él, las palabras que pienso y declaro
Madre, amigo, hermano
Y luz alumbrando la ruta del alma del que estoy amando

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la marcha de mis pies cansados
Con ellos anduve ciudades y charcos
Playas y desiertos, montañas y llanos
Y la casa tuya, tu calle y tu patio

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano
Cuando miro el bueno tan lejos del malo
Cuando miro el fondo de tus ojos claros

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto

Gracias a la vida, gracias a la vida

(Violeta Parra)

RESUMO

Os dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), divulgados em 2012, retratando a realidade do nosso sistema prisional no ano anterior (2011) revelam que o Brasil está entre os quatro países com maior população carcerária do mundo, ao lado dos Estados Unidos, da China e da Rússia. A população carcerária do País mais que dobrou em pouco mais de uma década. Dos 514.582 presos no Brasil, 480.523 são homens e 34.058 mulheres. Ou seja, cerca de 7% da população carcerária do País é feminina. Este trabalho tem por objetivo analisar a relação do contexto prisional com a mídia na realidade da prisão feminina, através de uma abordagem focada nos Estudos Culturais. Como estratégia metodológica, realizamos diálogos com um grupo de presas que cumprem pena na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre (RS). Essas conversas produziram histórias de vida. Usaremos, portanto, estas histórias de vida para entender como a mídia perpassa o cotidiano prisional e como ela está presente na formação das subjetividades destas presas. Partimos ainda do pressuposto de que as mulheres, quando privadas de liberdade, são vítimas de múltiplos aprisionamentos que passam a constituir suas identidades. Entendemos que as identidades - base de nosso estudo - são processos e, por isso, estão em constante mudança. Assim sendo, buscamos entender quais são essas múltiplas prisões dentro de um contexto social e cultural determinado.

Palavras-chave: Mídia. Identidade. Mulheres. Presídio.

ABSTRACT

The data from the National Penitentiary Department (Depen), publicized in 2012, depicting the reality of our prison system in the previous year (2011) shows that Brazil is among the four countries with the largest prison population in the world, group that includes also the United States, China and Russia. The prison population more than doubled in just over a decade. Our prisional population is 514,582. 480,523 are men and 34,058 women. It means that about 7% of the country's prison population is female. This paper aims to analyze the reality of women's prison and the prison context relationship with the media. We analyze these through an approach focused on Cultural Studies. In our research we dialogue with a group of prisoners who are serving sentence in Madre Pelletier Penitentiary Women, in Porto Alegre (RS). These conversations yielded Life Stories. We use, therefore, these Life stories to understand how media pervades the daily prison and how it is present in the formation of subjectivities of these prisoners. We believe that the women, when deprived of liberty, are victims of multiple imprisonments that form their identities. We understand that identities – which are the base of our study - are processes and, therefore, are constantly changing. Therefore, we seek to understand, in a social and cultural context, what are these multiple arrests.

Keywords: Media. Identity. Women. Prison.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTUALIZAÇÕES	18
2.1 SOBRE O QUE NOS DIZ A MÍDIA	30
3 TEORIA, OU, AS TRILHAS QUE IREMOS PERCORRER	33
3.1 ESTUDOS CULTURAIS	33
3.2 A CULTURA TAMBÉM É ORDINÁRIA	34
3.3 SOBRE MULHERES E GÊNERO	39
4 METODOLOGIA	42
4.1 PREMISSAS GERAIS	42
4.2 EXPLICAÇÕES SOBRE O MÉTODO	47
5 INGRESSANDO NO UNIVERSO PRISIONAL	52
5.1 O SISTEMA PRISIONAL GAÚCHO	52
5.2 A PENITENCIÁRIA FEMININA MADRE PELLETIER	54
5.3 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE	55
5.4 TODO DIA ELA FAZ TUDO SEMPRE IGUAL	59
5.5 A ENTRADA EM CAMPO	63
5.6 BREVES DESCRIÇÕES DAS MULHERES	66
6 SOBRE QUEM FALAMOS - UMA DESCRIÇÃO PARA CONHECER MELHOR NOSSAS INFORMANTES	70
7 AS MÚLTIPLAS PRISÕES FEMININAS	89
7.1 IDENTIDADES, NARRATIVAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	90
7.2 A MATERNIDADE, A FAMÍLIA, OS RELACIONAMENTOS	92
7.3 VAIDADE	102
7.4 O PODER, AS LIDERANÇAS E A DISCIPLINA	106
7.5 SEXUALIDADE	112
7.6 MÍDIA, PRISÃO E LIBERDADE: A AMBIGÜIDADE DO DISCURSO	115

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE A - Uma justificativa pessoal	138
ANEXO A - Reportagens	139

1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social no ano de 2011, buscava compreender melhor como se dá a cobertura midiática no setor da segurança pública. Mais especificamente, nas abordagens relativas ao setor penitenciário. Como jornalista que na época da elaboração do projeto de pesquisa tinha, entre outras tarefas, a produção de um programa de jornalismo policial na TV Record do Rio Grande do Sul, me chamava especial atenção a forma como crimes - e criminosos - eram tratados. Pela matéria-prima própria de tais programas (a criminalidade), ficava gritante uma prática jornalística que abordava os crimes apenas como fatos em si – sem aprofundamento de causas, conseqüências e contextos, ou, sem uma preocupação em colocar a criminalidade como uma questão de segurança pública – e não apenas de polícia.

Por este motivo, estabeleci alguns questionamentos iniciais que foram colocados em minha proposta original de pesquisa. Foram eles: existe relação entre a mídia e a punição? Como os presos vêem sua presença na mídia? As informações divulgadas pela imprensa podem influenciar no cotidiano carcerário? De que forma?

Era fato rotineiro na redação da TV Record RS atender ligações de presos e de familiares de apenados informando sobre rebeliões, pedindo ajuda, emitindo opiniões sobre as matérias veiculadas. Tudo isso, ao mesmo tempo em que a mim parecia o tratamento dado aos apenados, na tela dessa emissora, algo não muito respeitoso. Já que, normalmente, ignoravam-se determinações legais simples como a presunção de inocência ou a preservação de sua imagem.

A descrição sobre os apenados era, na verdade, muito próxima daquilo que Foucault descreve, quando se refere a um “moderno sistema jurídico” que passa a punir menos o corpo; em detrimento da punição da alma. A presença de tais encarcerados na TV se aproxima muito deste relato:

Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que, então, se exerce? A resposta dos teóricos – daqueles que abriram, por volta de 1780, o período que ainda não encerrou – é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. A expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, à vontade, as disposições. (FOUCAULT, 2009, p. 21)

Só que, mesmo sendo assim, era a essa emissora que eles recorriam quando queriam tornar suas demandas visíveis. E foi no rastro deste aparente contra-senso que ingressei no Mestrado.

Com o decorrer de minha trajetória acadêmica, na medida em que novas idéias foram sendo apresentadas, digeridas e reinterpretadas, outra questão com a qual tenho particular envolvimento é despertada: mesmo vivendo em uma sociedade livre, temos múltiplos contextos de aprisionamento. E, no interior destas múltiplas prisões que vivemos, alguns grupos sociais podem sofrer mais formas de cerceamento do que outros. Sendo a repressão de seus discursos uma das mais fortes marcas de aprisionamento. – É neste contexto que entra o meu envolvimento com o feminismo.

Entendo que a opressão dos discursos femininos como uma forma de aprisionamento. E sempre observei a luta das mulheres por respeito e igualdade como uma maneira de buscar a liberdade. Desta maneira, proponho centrar meus estudos sobre o universo prisional feminino.

Se a condição prisional há muito deixou de ser uma privação apenas da liberdade - se é que um dia o foi – a situação prisional da mulher a mim chama especial atenção. Acredito que dentro do feminino há diferentes prisões. E, na realidade de uma mulher encarcerada, as privações são tantas que nos deparamos com aquilo que aqui chamarei de “as múltiplas prisões femininas”.

Parto deste pressuposto – das múltiplas prisões femininas – para buscar *compreender* melhor o mundo no qual estamos imersos. E aqui chamo especial atenção para a palavra compreensão.

Acredito, a exemplo do que afirma Maffesoli (2010, p. 75) que a compreensão é uma forma de enxergar melhor a pluralidade da trama social. E creio ainda que ela é também uma maneira de comprometimento do conhecimento com a realidade na qual ele está inserido. Afinal, ainda dentro do que afirma Maffesoli, “é urgente que o discurso *sobre* o social saiba escutar, com atenção redobrada, o discurso *do* social [...]”.

No entanto, deixo claro que o despertar para o meu objeto de pesquisa partiu de minha prática profissional. De um tema pelo qual sempre tive especial afeto e uma área na qual nunca deixei de atuar profissionalmente – a da Segurança Pública.

Para alguns isso de certa forma pode causar espanto, uma vez que, estando envolvida nesta área, não teria o distanciamento ou a objetividade necessária para

analisá-la. Todavia creio que o envolvimento com o tema me permite analisar as questões relacionadas ao sistema prisional com maior atenção, aprofundamento e de forma mais crítica..

Ao longo deste trabalho, trato das múltiplas prisões femininas que identifiquei em um grupo de sete detentas que cumprem pena na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre. Esta é a maior Penitenciária feminina do Estado do Rio Grande do Sul. Com 230 vagas, em junho de 2011 (período de início da pesquisa de campo), o presídio contava com cerca de 500 internas. As histórias de vida dessas apenadas e suas relações com a mídia compõem o meu objeto de estudo.

Durante esta jornada intelectual, minhas perguntas iniciais, que estiveram presentes no projeto de ingresso no Programa de Pós-Graduação, também se aprimoraram. No lugar de respostas exatas para perguntas jornalisticamente precisas, dei espaço agora para a compreensão daquilo que encontrei ao ouvir o discurso *do social*:

- a) Quais são as múltiplas prisões de uma apenada?
- b) Como as apenadas se vêem na mídia?
- c) Como os discursos da mídia perpassam a formação de sua identidade?

Para tanto, pretendo olhar para as histórias de vida dessas presas procurando nelas pontos em comum, isto é, identificando os tipos de aprisionamento expressos nas falas dessas mulheres. Pretendo ainda identificar como a mídia se faz presente neste ambiente prisional, que relatos midiáticos são relevantes para essas presas e como se estabelece a conversa entre elas e aquilo que assistem, ouvem e lêem. Acredito que, assim como a mídia pode influenciar a agenda pública, de governos e da sociedade¹, ela também permeia a construção de uma identidade individual e coletiva.

Para tanto, irei usar a coleta de histórias de vida deste grupo de apenadas – entendendo que esta é uma maneira de identificar como o conteúdo veiculado na mídia extrapola o momento de consumo midiático e invade o cotidiano destas mulheres. Ou seja, mais do que nos preocuparmos com a relação direta do receptor com uma mensagem específica, estamos preocupados com os discursos da vida ordinária e sua relação com a mídia.

¹ Chegamos a esta constatação em estudo anterior onde analisamos matérias publicadas no jornal Correio do Povo em janeiro de 2010 referentes ao setor prisional. Mais detalhes em Braun (2011).

Percebo que os estudos de recepção estão em um lugar privilegiado para perseguir os questionamentos e objetivos que conduzem este trabalho. No entanto, creio que o foco estritamente dado ao momento de consumo da mensagem midiática e à relação estreita entre receptor/mensagem, deixa de lado um vasto universo que é o dos processos sociais que permanecem além do momento do consumo. Portanto, pretendo ir além deste instante, atravessando o contexto dos receptores e identificando a presença da mídia nas práticas sociais.

Entendo que esta abordagem está dentro dos Estudos Culturais, já que reconheço a recepção como algo que se dá em um contexto sócio-histórico-cultural. Esta perspectiva tem o aporte de Stuart Hall que concebe as identidades como política e culturalmente construídas em momentos históricos particulares. Outro estudioso que ampara esta idéia é Bill Schwartz (apud ESCOSTEGUY, 2005, p. 25) ao afirmar que os Estudos Culturais estudam:

Identificação explícita das culturas vividas como um objeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas do nome, recusando todas as denúncias por parte da chamada alta cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas, era necessariamente inter, ou, mesmo anti-disciplinar.

Nessa direção, este estudo recorre a uma articulação de mais de uma disciplina. Sendo assim, abordamos aqui uma perspectiva que dialoga com a comunicação, e as ciências sociais, sobretudo, a antropologia. Adotamos ainda aqui os estudos de identidade cultural. Estas identidades, embora situadas em um momento histórico particular, partem sempre de uma narrativa, de um tipo de representação. (HALL, 2011, p. 49).

Para tanto, dialogamos, individualmente, com sete apenas que me contaram suas histórias de vida. Na seqüência, aplicamos um questionário referente aos seus hábitos de consumo midiático e depois fizemos um encontro de grupo focal onde direcionamos o diálogo para as práticas destas mulheres em relação à mídia. Estes procedimentos serão posteriormente detalhados.

Com o intuito de exemplificar a cobertura midiática sobre o setor, usaremos neste trabalho as matérias veiculadas no programa Fantástico (TV Globo), em janeiro de 2007 e o programa Profissão Repórter, veiculado em junho deste mesmo

ano. Utilizaremos ainda matérias publicadas no Jornal Correio do Povo, em janeiro de 2010, que já foram objeto de estudo desta pesquisadora. No material de contextualização há ainda a parte ficcional já que, pouco antes de iniciar a pesquisa foi ao ar uma novela da Rede Globo “Insensato Coração” (janeiro – agosto 2011) em que o contexto carcerário foi contemplado. Assim, usaremos também matérias que falavam sobre os personagens desta telenovela. Todos estes materiais servem apenas de subsídio para contextualização do tema – o sistema carcerário e suas representações na mídia.

E o que justifica estudar o sistema prisional no campo dos estudos de comunicação?

Os dados mais recentes que obtivemos junto ao Departamento Penitenciário Nacional (Depen) sobre o nosso sistema prisional revelam que o Brasil terminou o ano de 2011 com 270 presos para cada grupo de cem mil habitantes. Ao todo, 515 mil pessoas cumprem pena no País, quantia que nos coloca entre os países com maior população carcerário do mundo. Mas, o aumento no número de presos não reflete, necessariamente, em uma melhora do sistema prisional brasileiro. Ao contrário: o País tem hoje um déficit prisional de 208 mil vagas. Cinco por cento dos presos são analfabetos e 42% tem apenas o Ensino Fundamental incompleto.

Outro fato que motivou este estudo foi o ineditismo do tema: ao consultarmos o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (Capes)², constatamos que ao digitar as palavras “mídia e presídio”, encontraremos apenas quatro trabalhos, nenhum, porém tem como perspectiva o cotidiano dos apenados e a relação deles com a mídia. Digitando ainda as palavras “presídio feminino”, encontraremos 70 trabalhos. Nenhuma destas pesquisas, no entanto, enfoca a mídia. Eles dividem-se, na verdade, em quatro áreas: Ciências Sociais (34), Saúde (20), Direito (10) e Educação (6).

Acrescento aos dados acima citados o fato de que, na mídia, alguns produtos jornalísticos e ficcionais mostram que, ao cumprir pena, a mulher vive múltiplas prisões. Na sua punição está não só a perda da liberdade, mas, também, a perda de vivências que lhes são caras e que fazem parte do seu reconhecimento enquanto mulheres como a maternidade, a vaidade e, até, a sexualidade.

² COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

Foucault (2009, p. 46-49) afirmava que “a crueldade da punição terrestre é considerada como dedução da pena futura; nela se esboça a promessa do perdão [...]. O suplício tem então uma função jurídico-política. É um cerimonial para reconstituir a soberania lesada por um instante”. Estas afirmativas permanecem, em grande parte, dentro do imaginário social e são reproduzidas na mídia com frequência. O que dificulta a compreensão sobre a necessidade de transformar os presídios, passando de locais apenas de punição para ferramentas de ressocialização dos presos.

Portanto, estudar o sistema prisional, seu cotidiano e a forma de relacionamento entre este sistema e a mídia nos faz crer que o trabalho que executamos tem não apenas uma função acadêmica mas ainda uma função social: dar voz a este tema e propor outras formas de pensar o encarceramento humano.

Para exemplificar estas múltiplas prisões uso um trecho do diálogo que tivemos com uma de nossas pesquisadas.

Helen: Eles (tua família) te visitam aqui?

Elena: Não. Ninguém me visita.

Helen: Por quê?

Elena: É que a minha irmã ela acha que afeta o psicológico deles, né? Mas, por eles não tarem me vendo. É por isso que afeta. Porque eu acho assim oh: por mais que a mãe erre, entendeu? Eu acho que não é o direito dos teus filhos ficarem longe de ti, por mais errada que tu seja. Que tu tenha feito algo de errado.

No conteúdo midiático que usamos a título de contextualização, um dado chamava a atenção: a repórter que apresenta o episódio de “Profissão Repórter” narra que, de acordo com o Censo Penitenciário, 65% dos presos recebem visitas das companheiras. Enquanto isso, 18% das presas recebem visitas dos companheiros. Mesmo a visita sendo um direito garantido a homens e mulheres presas³.

Em outra matéria, a mesma realidade foi retratada. Ao visitar cadeias do Rio Grande do Sul, o repórter anuncia em seu *off*: “Assim como os homens, a maioria das presas tem direito à visita íntima. Só que a maioria foi abandonada pelos companheiros”.

³ Programa Profissão Repórter veiculado em janeiro de 2010.

Os dois programas registraram nas filas das penitenciárias femininas poucos homens. O repórter Caco Barcellos abre a reportagem de 2007 da seguinte forma: “Mães, irmãs, mulheres de presos viajam todos os dias. E quando a mulher está presa elas também recebem tantas visitas?” Mais adiante, na mesma matéria, uma repórter destaca: “O apoio (às presas) vem das próprias mulheres: mães e irmãs.” O abandono é exemplo de uma das tantas prisões a que são submetidas às apenadas. Para entendermos estas múltiplas prisões femininas e atendermos os objetivos deste estudo, iremos trabalhar da seguinte maneira:

Começaremos nosso trabalho fazendo uma contextualização de nosso tema. A idéia é lançarmos dados que nos levaram a refletir sobre a importância do sistema prisional no País. Além disso, nossa abordagem irá girar em torno da relação da mídia com o sistema de segurança pública: como esta abordagem costuma ocorrer, de que forma a mídia pode ser um agente punitivo e que tipo de pressões a imprensa pode exercer sobre esse setor.

Na seqüência, iremos introduzir nosso aporte teórico (Capítulo 3): trataremos aqui da abordagem dos Estudos Culturais, e apresentaremos idéias sobre a construção das identidades, tal como a entendemos - como algo histórico, construído e negociado. Neste mesmo capítulo procuraremos esclarecer também nossa base teórica para falarmos sobre mulher e gênero.

Ao chegarmos ao quarto capítulo, procuraremos apresentar nossa metodologia. A idéia é apresentar e justificar todos os procedimentos utilizados em campo, em especial o porquê de usarmos as histórias de vida.

Seguindo nossa trajetória, faremos, no quinto capítulo, uma breve descrição do ambiente em que foi feita a coleta das histórias de vida, o encontro de grupo focal. E, ainda, no sexto capítulo, apresentaremos uma breve descrição de cada uma das mulheres que compõem nosso grupo de estudos.

No sétimo capítulo, pretendemos analisar as falas de nossas entrevistadas, fazendo a relação entre suas histórias, seus múltiplos aprisionamentos e suas pequenas liberdades.

Por fim, procuraremos compreender quais apontamentos essa trajetória nos trouxe. Buscaremos identificar quais questionamentos surgiram e quais ainda ficarão para um caminho futuro e o quê pudemos construir com esse trabalho.

2 CONTEXTUALIZAÇÕES

Os dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), divulgados em 2012, retratando a realidade do nosso sistema prisional no ano anterior (2011) revelam que o Brasil está entre os quatro países com maior população carcerária do mundo, ao lado dos Estados Unidos, da China e da Rússia. A população carcerária do País mais que dobrou em pouco mais de uma década, passando de 233 mil em 2000, para mais de meio milhão no final do ano passado. Dos 514.582 presos no Brasil, 480.523 são homens e 34.058 mulheres. Ou seja, cerca de 7% da população carcerária do País é feminina. E quase metade delas (16.911) está presa pelos crimes de Tráfico de Entorpecentes e Tráfico Internacional de Entorpecentes (Lei 6.386/76 e Lei 11.343/06).

Os dados do Depen mostram que o Brasil terminou o ano de 2011 com 270 presos para cada grupo de cem mil habitantes. Neste mesmo período, o País tem um déficit prisional de 208.000 vagas. No atual universo penitenciário, 174.000 pessoas estão em regime provisório, o que representa mais de 30% da população carcerária do País cumprindo pena sem julgamento. Cinco por cento dos presos são analfabetos e 42% tem apenas o Ensino Fundamental incompleto.

Além disso, 39% da população carcerária se define, em relação a sua etnia, como parda. Os dados do Departamento Penitenciário Nacional revelam ainda que os apenados no Brasil são, em sua maioria, jovens: 134.000 deles têm entre 18 e 24 anos. E, apesar de se saber do baixo grau de escolaridade e da juventude destes detentos, apenas 48.000 apenados desenvolvem alguma atividade educacional nos presídios.

Denúncias de maus tratos e corrupção levaram a Câmara Federal a criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), em 2007, para analisar as condições do sistema carcerário no Brasil. Na época, os dados relativos ao sistema carcerário no País não eram muito diferentes: havia 422.590 presos, enquanto o número de vagas disponíveis era de 275.194. Dentro da população carcerária brasileira havia 24.292 mulheres (cerca de 5%), a maioria com idade entre 18 e 24 anos. Ainda segundo o Departamento Penitenciário Nacional, 50% delas foram presas por tráfico de drogas (BRASIL, 2009, p. 70).

Além da falta de vagas para acolher a superpopulação carcerária, a formação deste grupo de trabalho se deu, de acordo com relatório publicado pelos deputados,

devido a “rebeliões, motins freqüentes com destruição de unidades prisionais; violência entre encarcerados, com corpos mutilados e *cenas exibidas pela mídia* [...]”. (BRASIL, 2009, p. 41). Ou seja, as más condições de nosso sistema penitenciário - levadas ao público pela mídia - motivaram os congressistas a criar uma frente de trabalhos específica sobre o tema.

No Rio Grande do Sul, o assunto foi destaque entre os anos de 2008 e 2010. Os trabalhos desta Comissão tiveram especial impacto neste Estado uma vez que revelaram ser o Presídio Central de Porto Alegre aquele que tem as piores condições no País. Denúncias sobre a forma humilhante de vida a que eram submetidos os presos levaram diferentes governos a tomarem medidas como, por exemplo, criar comitês de melhorias para presídios. Entre os governos envolvidos com tais mudanças, estava o da então governadora do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius.

Compreendemos que o tema que estamos pesquisando aqui está inserido em uma sociedade, em um determinado momento histórico. Por este motivo, pensamos ser importante utilizarmos alguns textos midiáticos com o intuito de contextualizarmos a abordagem dada ao assunto na mídia⁴. Apesar de optarmos pelo estudo das histórias de vida das apenadas, não queremos ter uma visão engessada sobre o nosso objeto de estudo. Acreditamos que reconhecer o contexto em que as mensagens são produzidas e recebidas é de fundamental importância para uma análise situada em seu tempo, portanto, histórica. Assim, com o intuito de contextualizar a cobertura midiática sobre as prisões, mapeamos matérias jornalísticas e relembramos uma abordagem ficcional recente feita pela TV sobre o tema.

Começamos por fazer um breve estudo do conteúdo – título e corpo das matérias - produzido pelo jornal *Correio do Povo*⁵, ao longo do mês de janeiro de

⁴ A pesquisadora Heloísa Buarque de Almeida realiza processo semelhante no seu projeto de pós-doutorado, *De Mulher a Malu: gênero nos seriados da TV brasileira*, no qual mapeia a imprensa da época dos seriados *Malu Mulher* e *Mulher* (ambos da Rede Globo) a fim de analisar o conteúdo dos seriados no contexto em que eles se inserem. Meirelles (2009). Coutinho (2010) também efetivou tal procedimento na dissertação de mestrado, *Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira*. Silveira (2012) efetuou o mesmo processo na dissertação de mestrado, *Entre a vitimização e a divinização: a pessoa com deficiência em Viver a vida*.

⁵ Trata-se de um dos mais tradicionais jornais gaúchos com periodicidade diária. Desde 2007, o impresso pertence ao Grupo Record. De acordo com as informações da Associação Nacional de Jornais, acessadas em 12 de abril de 2013, o impresso é o nono maior do Brasil, com a terceira maior tiragem do Rio Grande do Sul, com uma média de circulação paga ao longo de 2012 de 149.562 exemplares/dia. (ANJ).

2010, sobre a situação do Sistema Carcerário do Estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, usamos matérias que foram publicadas entre os dias 04/01/2010 e 27/01/2010.

Também utilizo matérias veiculadas no site do Governo do Estado do Rio Grande do Sul⁶, material esse foi veiculado entre os dias 12/01/2010 e 28/01/2010. Este último foi usado para demonstrar de que forma a gestão da governadora Yeda Crusius tentou colocar em evidência a questão carcerária e, ainda, se a mesma chegou a repercutir na mídia.

As matérias veiculadas no Correio do Povo foram selecionadas diretamente no arquivo do jornal e constituem o conjunto de textos selecionados porque, em algum momento, citaram questões envolvendo os presídios gaúchos. É importante destacar que foram utilizadas todas as matérias veiculadas no mês de janeiro de 2010 sobre este tema e não somente aquelas que falavam sobre o caos nos presídios, ou, sobre as alternativas que o Governo Gaúcho buscava para solucionar o problema da superlotação carcerária. O mesmo critério foi utilizado para os textos retirados da Agencia de Notícias do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Além disso, procuro guiar a análise dos conteúdos impresso e *online* com base em critérios apresentados por Hohlfeldt (2010, p. 187-240). Portanto, iremos observar os seguintes critérios:

- a) Tamanho das matérias: matérias podem ser maiores ou menores dependendo de onde aparecem e como aparecem dentro de uma mídia – se ela é chamada de capa, com *lead*, por exemplo, ou, quantas colunas ocupam dentro de um jornal impresso.
- b) Enquadramento: o viés sob o qual o tema é abordado.
- c) Focalização: é a maneira pela qual a mídia aborda um determinado assunto - se o apóia, se contextualiza sua aparição, se assume linguagem específica para tratá-lo.
- d) Relevância: ela pode ser avaliada pela presença do tema em diferentes mídias (jornal, site, televisão, rádio), independentemente da abordagem adotada por cada uma.
- e) Onipresença: se passa quando o acontecimento, transformado em notícia, ultrapassa os espaços que normalmente são a ele determinado e se torna

⁶ RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.rs.gov.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

onipresente. Como poderemos ver mais adiante, o tema presídios ultrapassa as páginas policiais e passa a ocupar espaços também na editoria denominada “geral”.

Ao longo deste período (31 dias), o Correio do Povo publicou 14 matérias envolvendo a questão carcerária. Já o site do Governo do Estado do RS disponibilizou 13 matérias sobre o tema.

A opção por concentrar a análise neste mês é porque, após aproximadamente um ano e meio de circulação na mídia de notícias sobre o que se chamou de “caos do sistema carcerário”, o Governo Yeda Crusius decidiu divulgar o que seria, no seu modo de vista, uma possível solução para o déficit carcerário de mais de 10 mil vagas (Correio do Povo 17/01/2010) no Rio Grande do Sul: o Sistema de Parceria Público-Privada (PPP). E foi, justamente no mês de janeiro de 2010, que uma comitiva do Governo do Estado foi à Inglaterra e Espanha para estudar como foi estabelecido o sistema de PPP para os presídios nestes países. Trabalhando para o Grupo Record RS, acompanhei, como enviada especial, as visitas desta comitiva.

No entanto, por acompanhar, como profissional, as atividades envolvendo o Sistema Carcerário Gaúcho há mais tempo, decidi buscar ainda nos arquivos do Jornal Correio do Povo e do site do Governo do Estado do RS matérias que foram veiculadas desde julho de 2008 até 31 de janeiro de 2010. Algumas destas reportagens vão ser utilizadas ao longo da análise que segue apenas como referência, portanto, sem nos aprofundarmos nas mesmas. Destacamos este fato, pois, não é propósito desta pesquisa concentrar-se no estudo de textos jornalísticos, mas, valer-se destes para constituir um panorama da abordagem midiática sobre o tema já que nossas questões de pesquisa são outras. Nossa escolha de matérias, anteriores ao mês de janeiro de 2010 se deu com a preocupação de identificarmos coberturas consideradas “marcos” no debate que envolve a questão prisional. Já que, a partir delas, tal tema adquiriu relevância na pauta política do governo da então Chefe do Estado do RS.

Outra questão que deve ser abordada é a escolha do veículo, o jornal Correio do Povo. O fato da autora deste trabalho ter atuado no Grupo Record RS (ao qual pertencem o jornal Correio do Povo, a Rádio Guaíba e a TV Record RS) permitiu maior proximidade entre a mesma e os processos de composição e seleção das

notícias envolvendo o tema prisional, bem como sua própria participação na cobertura sobre este assunto.⁷

Mais do que isto, atuando no Grupo Record RS foi possível acompanhar uma aproximação da relação Mídia x Governo. Com a chegada do então presidente do Grupo Record RS, Natal Furucho, ao Estado (em agosto de 2009), as ligações entre este Grupo de Comunicação e o Governo do Estado ficaram mais estreitas. Acreditamos que tal estreitamento de laços se deu pelo foco que o Grupo Record RS adota para todos os seus veículos (Rádio, TV e Jornal): um jornalismo popular, com ênfase na editoria de polícia.

A partir de um olhar sobre o conjunto dessa produção jornalística, podemos, portanto, observar que a questão do sistema carcerário gaúcho se deu dentro de um fluxo contínuo de informação - sendo um assunto que permaneceu em foco por mais de um ano (aqui destacamos a cobertura entre julho de 2008 e janeiro de 2010).

No dia 03 de julho de 2008, o jornal Correio do Povo destacava na editoria de Polícia a seguinte manchete: “Sugerida Emergência nos presídios”. No corpo da matéria, o jornal dizia que a sugestão sobre decretar situação de emergência era uma idéia “inédita” e eram utilizados como comprovação da situação de “caos” nos presídios gaúchos os apontamentos feitos pela CPI do Sistema Carcerário realizada no Congresso Nacional que, entre outras questões, colocou o Presídio Central do Estado como a pior casa prisional do País.

Destacamos esta notícia para mostrar que, pelo menos 18 meses antes do começo de nosso período de estudo (matérias publicadas entre os dias 04/01/2010 e 27/01/2010), começava a ser anunciada esta pauta na imprensa. De fato, desde o dia em que esta matéria foi publicada (03 de julho de 2008), até a data final que compõe o corpo de nosso estudo (31 de janeiro de 2010), foram publicadas 18 matérias de capa e/ou editoriais envolvendo a palavra “presídios” no jornal Correio do Povo. Ao mesmo tempo em que 96 notícias foram veiculadas na Agência de Notícias do Governo do Estado ao longo do mesmo período contendo, em seus títulos, ou, ao longo do corpo do texto, esta palavra (“presídios”).

Após a publicação da informação sobre a sugestão de decreto de situação de emergência no sistema prisional gaúcho, o Rio Grande do Sul vivenciou uma das

⁷ Como já foi mencionado, participei, como enviada especial, da cobertura da Missão do Governo Gaúcho que visitou presídios na Inglaterra e na Espanha, em janeiro de 2010, com o intuito de conhecer o Sistema de Parceria Público Privada nas unidades prisionais destes países.

mais extensas greves feitas pelos Servidores da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado (iniciada em 11 de julho de 2008, durou mais de 40 dias). Em meio a esta greve, houve ainda a troca do Secretário da Segurança Pública do Estado (26 de julho de 2008). O problema do sistema prisional já estava de tal forma presente na agenda pública que, ao anunciar o novo secretário, o site do Governo do Estado destacava: “Governadora nomeia Secretário de Segurança e *garante visitas aos presídios*”. Na matéria, a Governadora Yeda Crusius salienta “Quero registrar a toda a população que a tranquilidade nos presídios já foi restabelecida e que a visita de familiares neste domingo está assegurada”. (Site do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 26/07/2008). No mês de outubro, do mesmo ano, o Jornal Correio do Povo anunciava: “Yeda decreta emergência nos presídios” (08/10/2008).

Quase um ano após a publicação da primeira matéria (Correio do Povo, 08/10/2008) falando sobre a “emergência” do Sistema Prisional, em 6 de junho de 2009, um dos destaques de Capa do Correio do Povo é, novamente: “Caos nos presídios”. No corpo da matéria lê-se: “Setenta juízes do Rio Grande do Sul não expedirão mais mandados de prisão para os réus que tenham respondido a processo em liberdade e cujo crime não seja considerado grave. Após a proposta do pula-pula, onde detentos do semi-abrupto e aberto dormiriam uma noite na cadeia e a outra em casa, o Judiciário lançou essa deliberação, que também promete gerar polêmica. A decisão foi tomada ontem à tarde, no Palácio da Justiça, no encontro que reuniu magistrados das Varas de Execuções Criminais (VEC) do Estado, preocupados com o caos nos presídios gaúchos. Hoje há pouco mais de 18 mil vagas ocupadas por 28.523 presos” (Correio do Povo, 06/06/2009). E, em 12 de junho de 2009, o jornal destaca, mais uma vez na sua capa, “Estado fará PPPs para prisões e saneamento”.

Ao tomar as matérias acima citadas, é possível perceber o quanto um texto (o da mídia) dialoga com outro (o do Governo) e vice-versa. A própria CPI do Sistema Carcerário do Congresso Nacional, referida na reportagem do jornal Correio do Povo (03/07/2008) foi, de certa forma, pautada pela mídia, como já mencionamos anteriormente neste capítulo.

No mês de janeiro de 2010, a primeira matéria que é publicada no Correio do Povo sobre o tema “presídios” sai na editoria de “polícia” com o título: “Governo define local de presídios” (Correio do Povo, 07/01/2010). É uma pequena matéria

publicada nesta editoria que fala sobre o possível anúncio que o governo deve fazer em relação aos locais onde seriam instaladas as primeiras unidades prisionais feitas em Parcerias Público-Privadas no Estado. Vale destacar aqui o fato de que o jornal Correio do Povo mantém um formato Tablóide e que, dificilmente, as notícias publicadas neste impresso ganham um formato maior, como o citado por Antonio Hohlfeldt:

[...] nos jornais, (as notícias maiores) aparecem como chamada de capa (incluindo *lead*, ou seja, todo o primeiro parágrafo da matéria, com as questões iniciais do modelo tradicional do jornalismo norte-americano traduzidas nos conhecido Five W), matérias com três colunas nas páginas internas, ou, matérias em que pelo menos um mínimo de cinco parágrafos estivessem destinados ao tema [...]. (HOHLFELDT, 2010, p. 194).

Podemos afirmar, então, que esta reportagem (07/01/2010) é pequena já que não mereceu destaque de capa e ocupou apenas duas colunas do jornal-diagramada como se fossem apenas uma. Esta idéia de tamanho de matérias pode ser melhor exemplificada se comparamos, por exemplo, a matéria acima citada com àquela que foi a única chamada de capa sobre o sistema prisional ao longo do mês de janeiro de 2010: “Governo Negocia Presídio em Canoas” (Correio do Povo, 09/01/2010). Ou com outras sete matérias, consideradas “maiores” já que tiveram três ou mais colunas (09/01/2010; 11/01/2011; 17/01/2010; 20/01/2010; 23/01/2010; 24/01/2010 A; 24/01/2010B)

Chama a atenção ainda a onipresença das matérias referente ao sistema carcerário veiculadas ao longo deste mês de janeiro de 2010. Normalmente, tais matérias são atribuídas à editoria de polícia. Dentro do conteúdo que estamos analisando no jornal Correio do Povo, no mês de janeiro de 2010, 11 matérias foram publicadas nesta editoria de polícia, 4 saíram da editoria geral e uma foi capa do jornal. Na Geral, ficavam, sobretudo, matérias que abordavam questões peculiares sobre os presídios Europeus visitados: tecnologia, não uso de armas pelos agentes carcerários, ou ainda, questões referentes a um novo conceito prisional, que envolvia, mais do que a punição, a ressocialização do preso. Como podemos observar neste texto: “A Altcourse (prisão inglesa) fornece curso de inglês- para aqueles que não têm essa língua como seu idioma materno -, de informática, e ainda oficinas de aprendizado de carpintaria, marcenaria, confecção de livros e

construção civil. [...] O que mais impressiona é que nenhum funcionário utiliza, dentro da Altcourse, qualquer tipo de arma”. (Correio do Povo, 20/10/2010).

Ainda nesta editoria “geral”, o enquadramento dado a estas matérias era de uma perspectiva de presídios extremamente diferenciados, em contraste com o caso brasileiro, como na manchete do dia 20 de janeiro: “Prisão como nunca se viu no Brasil” (Correio do Povo, 20/01/2010). Apesar do distanciamento gerado pelo título desta matéria, destaca-se, em outra reportagem, uma tentativa de aproximação do público com o tema. Esse material foi produzido pela repórter Luciamen Winck, e publicado na mesma editoria, no dia 24 de janeiro (domingo). A matéria mostra como, dentro da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, pequenos projetos inovadores já eram realizados – no caso, as atividades profissionais, feitas pelas apenadas, que foram tratadas na matéria como “incubadoras de pequenos negócios” (24/01/2010 A). No mesmo dia, a editoria ainda trouxe como destaque da enviada especial à Europa a seguinte matéria: “Comitiva trará idéias mais simples para penitenciárias” (24/01/2010 B).

Ao longo deste mês de janeiro de 2010, na editoria de polícia, predominaram matérias mais burocráticas – que falavam sobre o sistema de Parceria Público-privada, especulavam os possíveis locais onde este tipo de presídio poderia ser instalado. Ou ainda, matérias que envolviam questões mais específicas do setor: “O Presidente do Sindicato dos Penitenciários (Amapergs/Sindicato) Luiz Fernando Rocha disse ontem que a Brigada Militar (BM) não tem preparo para dirigir casas prisionais. A afirmação se deve à provável designação de oficiais da BM para comandar albergues construídos até o final de fevereiro.” (Correio do Povo, 11/01/2010).

Dentro do critério Focalização (maneira pela qual o assunto foi abordado) há uma diferença nítida entre as matérias publicadas pela Agencia do Governo e as que foram veiculadas no Correio do Povo. A Estatal enfatizava a eficiência do sistema de parceria público-privada em *slogans* como a busca por “zerar o déficit prisional” (Site do Governo do Estado do Rio Grande do Sul 12/01/2010), ou, “estabelecer um novo paradigma carcerário” (Site do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 28/01/2010). Isso fica claro em trechos como este: “O coordenador do Centro de Apoio Criminal do Ministério Público, Fabiano Dallazem, e o Corregedor-geral de Justiça, desembargador Luiz Felipe Brasil Santos, elogiaram nesta sexta-feira (15) à tarde, as ações do Governo do Estado para solucionar o déficit de vagas e melhorar

o sistema penitenciário gaúcho” (Site do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 15/01/2010).

Já, nas matérias elaboradas para o Correio do Povo, havia um enfoque mais voltado para uma prestação de serviços, buscando mostrar o que poderia ser feito, na prática, para melhorar o cenário prisional gaúcho (24/01/2010). Ou ainda, como uma tentativa de “tradução” do conceito prisional visto em outros países (25/01/2010), abordando temas como tratamento humanitário e reinserção social de apenados: “Entre os fatos mais marcantes das visitas feitas está uma nova concepção de penitenciária, na qual – além da segurança- há a preocupação com a decência e com a dignidade do preso” (Correio do Povo, 24/01/2010).

É importante ressaltar a Relevância do tema, ilustrada pela cobertura dele nos demais veículos do grupo: além das matérias publicadas no jornal Correio do Povo, foram publicadas matérias no site da Rádio Guaíba e do Correio do Povo e, eram feitos, ao menos, quatro boletins para a Rádio por dia (duas inserções nos programas de maior audiência da manhã: Bom Dia e Guaíba Cidades, uma à tarde no programa Guaíba.com e uma à noite, no Jornal da Noite). Os dois boletins que eram feitos ao vivo (Guaíba Cidades e Guaíba.com) duravam em média entre três e seis minutos. Por isso, estas inserções podem ser consideradas grandes matérias, já que a média de tempo dos boletins veiculados na Rádio Guaíba fica em torno de um minuto e meio a dois minutos e meio⁸.

Quando observamos ao longo do período de análise (mês de janeiro de 2010) que a única matéria que recebeu destaque de capa foi: “Governo negocia presídio em Canoas” (Correio do Povo, 09/01/2010), percebemos a preocupação em destacar aquilo que era mais próximo do receptor. Ou seja, dar saliência ao tema, levando-o para algo que era da rotina do leitor, que poderia intervir em seu cotidiano. Uma das maiores polêmicas envolvendo os novos presídios era onde estes seriam colocados. A matéria busca trazer argumentos “lógicos” sobre a instalação do presídio no município de Canoas. Assim, é que o Governo buscava fazer sua troca discursiva com a sociedade sobre o tema – mostrando os benefícios práticos que poderiam ser oferecidos à população em troca de aceitar uma unidade prisional.

⁸ Não há, dentro da Rádio Guaíba, uma especificação, por escrito, do tempo médio das matérias. No entanto, podemos observar ao longo dos mais de quatro anos em que atuamos nesta emissora que esta é a média de tempo dos boletins feitos pelos repórteres da mesma.

Já no *lead*, que está na capa, aparece: “A região Metropolitana é a favorita porque é a origem de 50% da massa carcerária”. E na matéria, que ocupa quatro colunas do jornal, dentro da editoria de polícia, o texto ainda reforça uma fala da então Secretária Geral de Governo, Ana Pellini, em que ela destaca que, para que as cidades aceitem os presídios, o Governo chegou, inclusive, a oferecer *contrapartidas* para estes locais: “No caso das duas cidades (Alvorada e Eldorado do Sul) o governo se propõe a oferecer compensações, incentivos que o prefeito entender que a cidade precisa”. (09/01/2010).

Essa busca por uma proximidade com o receptor também fica clara na matéria publicada no dia 25 de janeiro, na editoria de polícia: “Jovem gaúcho, de 22 anos cumpre pena na Espanha” (Correio do Povo, 25/01/2010). Esta matéria foi escrita pela repórter como uma espécie de *box* da matéria publicada no dia 23 de janeiro: “Penitenciária de Algeciras é dividida em ‘cidades’”. (Correio do Povo, 23/01/2010). No entanto, o fato “inusitado” e, ao mesmo tempo, “próximo do leitor” de encontrar um jovem gaúcho preso, acabou virando uma matéria à parte, dois dias depois.

Destacamos este universo de matérias não com o intuito propriamente de analisá-las, mas sim, de contextualizarmos para o leitor a presença deste tema na imprensa durante um determinado período. E percebemos no conteúdo acima relatado que imprensa expôs as más condições prisionais e apontando novos olhares sobre o assunto: como a possibilidade de tratar as casas prisionais como espaços de ressocialização dos presos (20/01/2010; 24/01/2010 A), ou, o debate sobre a eficiência de um sistema de parceria público privada para sanar os problemas do setor (17/01/2010).

Todavia, não podemos deixar de lembrar aqui que, se por um lado a imprensa denuncia os maus tratos a que são submetidos os presos e apela para melhores condições do sistema carcerário, por outro, há uma imprensa especializada em espetacularizar o crime e disseminar a insegurança. Como nos elucida Rolim (2006, p. 186-188):

Crime e violência sempre foram temas importantes também porque tratam de realidades extraordinárias, incomuns [...]. a cobertura jornalística não está voltada exatamente para a “realidade”, mas para aquilo que, dentro dela, aparece como surpreendente. Uma “boa matéria” é tradicionalmente pensada como aquela que relata um caso original, que desvenda uma situação não conhecida, que insinua, portanto, algo novo.

Além dos materiais da mídia impressa e *online* recém comentados, destacamos aqui também alguns materiais de mídia eletrônica (TV) e reportagens envolvendo a abordagem dada sobre o assunto pela ficção. O programa “Profissão Repórter”, veiculado pela Rede Globo, dentro do Programa Fantástico, em 14 de janeiro de 2007⁹ retratou o dia de visitas em algumas penitenciárias brasileiras. Neste episódio, a equipe de reportagem acompanha os caminhos percorridos pelos familiares de presos para visitá-los: quanto gastam, tempo de viagem, processos pelos quais são submetidos para ingressar nas unidades prisionais, etc.

Uma das abordagens da reportagem se dá no município de Balbinos (SP), cidade que ficou conhecida por abrigar em seus presídios dois mil presos, enquanto o número de habitantes “livres” é de 1400. Em um dado momento do programa, um repórter pergunta a um morador local o que havia se modificado na cidade com a chegada das penitenciárias. Como resposta ele ouve:

“Mudou muita coisa. *Pra pior*. Você já viu penitenciária trazer coisa boa? Só traz coisa ruim”. Ou seja, percebemos na fala deste morador exatamente aquilo que foi mostrado, por exemplo, em matérias do Jornal Correio do Povo anteriormente citadas: o discurso de que “presídio traz coisa ruim” perpassa o cotidiano da população e se reproduz na mídia.

De acordo com Rolim (2006, p. 198), “O discurso de “lei e ordem”, as demandas punitivas e a “inversão” produzida pelos noticiários aumentam a angústia pública diante da violência e promovem uma sensação de insegurança normalmente desproporcional aos riscos concretos”. Essa “sensação de insegurança” está intimamente ligada à imagem que se tem daqueles que estão presos.

Um dos crimes freqüentemente estigmatizados na mídia é o tráfico de drogas. Notícias sobre apreensão de drogas e prisões de traficantes são amplamente exploradas na imprensa. Dados sobre a população carcerária brasileira, que nos foram repassados pelo Departamento Penitenciário Nacional, revelam que em 2011, mais da metade das mulheres presas no Brasil respondiam pelo crime de tráfico de entorpecentes.

Este delito (Lei 6.368/76 e Lei 11.343/06) costuma ser tratado na mídia de forma extremamente negativa e singular. Normalmente, reportagens envolvendo o tráfico de entorpecentes deixam de lado informações relevantes para compreender o

⁹ Este episódio pode ser conferido em: <http://www.youtube.com/watch?v=HPnSA_ijcyk>.

contexto do problema que circunda o consumo de drogas e a situação dos envolvidos neste mercado.

A edição de 14 de junho de 2011 de “Profissão Repórter”(G1 PORTAL DE NOTÍCIAS, 2011) se passa quando este já é um programa fora do Fantástico, exibido às terças-feiras à noite pela Rede Globo. Esta retrata a superlotação das penitenciárias, com repórteres indo até presídios do Rio Grande do Sul. E este contexto (do tráfico de entorpecentes), embora não explicitado, estava nas entrelinhas da matéria: a maior parte das mulheres (presas) entrevistadas cumpria pena por tráfico e foi presa junto do companheiro, ou, “seguindo os negócios destes”. Um destes casos exibidos pelo programa é o de dona Otília. Presa há um ano na cadeia feminina de Charqueadas (RS), ela afirmou: “Meu marido foi preso traficando. Os meus guris insistiram em traficar. Daí um traficou lá em casa e daí a família toda foi presa, né?”. Das seis pessoas que integram a família de dona Otília, três permanecem presas. O marido dela, que tem 55 anos, cumpriu pena por 28 anos e há três, foi solto.

Na ficção, a imagem das apenadas não é muito diferente daquela produzida pelo jornalismo. Na novela “Insensato Coração¹⁰”, exibida no horário das 21h, no ano de 2011, na Rede Globo, a atriz Cristiana Oliveira, viveu uma vilã que era a presa Araci. Para compor o papel, a atriz relatou ao jornal Folha de São Paulo (MORENO, 2011) que engordou 15 kg. Em um trecho da matéria, ela justifica as mudanças no corpo e a adoção de um jeito masculinizado: “A grande maioria das meninas é grande”, conta. “Até para se defenderem elas gostam de tomar corpo”, explica ela, que complementa dizendo que “muitas perdem a vaidade ao serem presas.”

Ainda na entrevista concedida à Folha de São Paulo, a atriz afirma que Araci entrou na narrativa apenas para fortalecer a protagonista desta telenovela Norma (vivida por Glória Pires). Ao longo do período em que as duas contracenaram ficou

¹⁰ Na trama, Léo – um homem frio e sem escrúpulos que espera enriquecer facilmente - seduz a técnica de enfermagem Norma Pimentel, uma viúva simples, bondosa e solitária, acompanhante de Silveira um velho doente que guarda uma grande fortuna em casa, em um esconderijo que só ele conhece. Norma se deixa enredar pelas mentiras de Léo, que diz ter se apaixonado completamente por ela, a ponto de pedir-lhe em casamento. O plano dele, porém, é entrar na casa, descobrir onde Silveira guarda o dinheiro e roubar o velho, o que, de fato, consegue, sem que Norma desconfie de suas intenções. Quando vê a maleta onde guardava seus dólares aberta, Silveira liga para seu advogado para acusar Norma de ladra e tem um enfarte, morrendo em seguida. Norma é presa, sem chances de defesa, já que ela mantinha o romance com Léo em segredo, e ninguém nunca o vira. A técnica de enfermagem é julgada e condenada, indo para um presídio feminino, onde passa a sofrer muito, inclusive sendo ameaçada de morte por uma das detentas, Iraci. Algum tempo depois, Norma deixa a prisão em liberdade condicional e se empenha em encontrar Léo para vingar-se.

clara a oposição entre a presa “de verdade” (Araci) e, portanto “má”; e a presa “injustamente” (Norma) que, apesar de cumprir pena, era inocente e perseguida pela “líder má” das detentas. O momento em que Norma mata Araci é tido na trama como “a grande virada” da personagem que se fortalece com esta atitude, eliminando alguém que fazia muito mal aos demais.

Tais materiais midiáticos escolhidos servem para indicar algumas das representações em circulação na sociedade e que, de alguma forma, constituem uma moldura para o tema aqui abordado. Como afirmamos anteriormente, não é nossa intenção ingressar em um estudo aprofundado sobre os textos midiáticos aqui apresentados e, sim, tê-los como um ponto de referencia sobre o que circula na mídia quando o sistema penitenciário é abordado

2.1 SOBRE O QUE NOS DIZ A MÍDIA

Podemos observar, dentro do material apresentado como panorama da cobertura da mídia sobre o sistema prisional, alguns aspectos que nos revelam pistas sobre como tal tema circula na sociedade. Ao contar histórias de presídios e mostrar alternativas diferentes das já conhecidas para este espaço, vemos uma atuação comprometida da mídia com o melhoramento do sistema. Por outro lado, quando não busca o maior entendimento sobre o assunto, a cobertura da mídia pode reforçar estereótipos, ao invés de colaborar para o debate franco e esclarecedor.

Muitas das matérias aqui abordadas buscam mostrar aspectos diferenciados, alternativas de humanização dos presídios: “Um começo de mudança pode estar na execução de um projeto de integração entre pais apenados e seus filhos. Uma sala com equipamentos para gravar DVDs e CDs pode ser criada para que os presos gravem sua voz e imagem contando histórias infantis para seus filhos. A idéia, vista no presídio de Lowdham Grange, na Inglaterra, estreita os laços familiares e é saudável tanto para os pais quanto para as crianças” (Correio do Povo, 24/01/2010).

Mas, nem sempre a abordagem do tema na mídia se dá desta forma. Quando observamos o retrato do presídio feito pela ficção, nos damos conta, por exemplo, da criação de estereótipos e produção de maniqueísmos como a “presa boa” (detida injustamente) e a presa má. (Novela *Insensato Coração*). Outro aspecto que pode ser encarado como forma de estereotipar e não explicar melhor o setor é o próprio

nome da editoria onde a maior parte das matérias aqui analisadas sobre foi publicada: polícia. Não se trata de uma editoria de segurança pública, cujo enfoque poderia ser mais abrangente, mas, sim de assuntos de polícia.

Sobre este tema, Rolim (2006, p. 206-207) problematiza:

Um dos problemas localizados diz respeito ao papel dos “setoristas” que “fazem polícia”. Todos os jornais destacam um ou mais profissionais para “cobrir” o setor, o que significa contato com delegacias de polícia. Ora, jornalistas tendem a construir relações de confiança com suas fontes - no caso, os policiais que lhes passam informações. Inadvertidamente, muitos desses jornalistas terminam compartilhando os pressupostos de suas fontes e passam a habitar o mundo definido pelo olhar policial. [...] A decisão de onde alocar um repórter, então, faz muita diferença.

Com base na afirmação acima, observamos que o material impresso e *online* aqui estudado, tem, sobretudo, fontes oficiais: secretários de estado, integrantes do sindicato dos agentes penitenciários ou policiais militares. Pouca voz é dada a quem, de fato, vive o cotidiano dos presídios – presos, familiares de presos e agentes penitenciários na ativa. Esse fato parece nos trazer um olhar mais burocratizado e institucional do sistema prisional.

Em contrapartida, observamos que isso não acontece nos episódios de Profissão Repórter. Nos dois episódios aqui apresentados, os presos e os familiares dos mesmos compõem a maior parte das fontes. Ao assistirmos estes episódios, podemos verificar, é claro, o preconceito com o qual a sociedade trata o tema, como na fala que já citamos de um morador que afirma “presídio só traz coisa ruim”. Porém, percebemos outro enfoque, mais humano e próximo do cotidiano dos presídios é trazido para o público, como no momento em que os repórteres mostram o que passam os familiares que precisam visitar seus parentes nas cadeias, a distância percorrida de ônibus, os locais precários onde dorme, quanto gastam, ou, contextualizam trajetórias como a de Dona Otília – que está presa, assim como toda a sua família.

Percebemos então, com base no material que compõem os textos midiáticos analisados neste trabalho, que na medida em que se aprofunda, contextualiza e diversifica as vozes abordadas, a mídia consegue ter uma aproximação mais fidedigna e diversa da realidade prisional, podendo contribuir para o debate sobre um melhoramento do mesmo. Por outro lado, quanto mais aborda o tema de forma superficial e pontual, menos busca fontes variadas, assim a imprensa parece

colaborar para visões mais distanciadas entre público e presídios, além de evocar a criação de estereótipos e a estigmatização da violência.

3 TEORIA, OU, AS TRILHAS QUE IREMOS PERCORRER

Neste capítulo iremos relatar as bases dos Estudos Culturais que fundamentam a base teórica desta trajetória. Falaremos ainda sobre o aporte teórico que utilizamos para abordar a construção de identidades e, por fim, explicaremos nossa posição para falar sobre mulheres e sobre gênero. Todavia, destacamos que a trajetória detalhada que percorremos para optar pelos Estudos Culturais como alicerce deste estudo está descrita de forma detalhada no Apêndice deste trabalho.

3.1 ESTUDOS CULTURAIS

Constituídos no final dos anos 1950 através das pesquisas de Richard Hoggart, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams, seus principais representantes e incorporando mais tarde a contribuição de Stuart Hall, os Estudos Culturais têm sua história ligada ao Centre for Contemporary Cultural Studies – CCCS – fundado em 1964, na Universidade de Birmingham/Inglaterra.

Para os Estudos Culturais, portanto, a pesquisa de comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática. Ou seja, os Estudos Culturais estão interessados nas relações entre textos, grupos sociais e contextos.

Sendo assim, os estudos culturais opõem-se a estudos anteriores como o Estudo dos Efeitos (da década de 20, representado por Lasswell e sua teoria da Agulha Hipodérmica, ou ainda, J.B Watson, em 1913 e seus conceitos ligados ao paradigma behaviorista). Opõem-se ainda aos Usos e Gratificações (representados na década de 40 por autores como Herta Herzog e Paul Lazarsfeld).

Antes disso, no entanto, no início da década de 1970, Stuart Hall problematiza uma noção de circuito comunicativo.

[...] enquanto cada um dos momentos, em articulação, é necessário o circuito como um todo, nenhum momento consegue garantir inteiramente, o próximo, com o qual será articulado. Já que cada momento tem sua própria modalidade e condições de existência, cada um pode constituir sua própria ruptura ou interrupção da “passagem das formas” de cuja continuidade do fluxo de produção efetiva (isto é, a “reprodução”) depende. (HALL, 2003)

Ou seja, o autor reconhece que a comunicação não é uma via de mão única. Ela se passa em momentos distintos que se articulam entre si. Todavia, cada momento do processo comunicativo tem uma importância em si – já que ele se passa em um dado espaço e lugar, dialogando com a realidade daquele espaço e lugar. Mas, é em diálogo com o todo que se articula o processo de comunicação. Podemos, portanto, estudar um determinado momento do processo comunicativo – se entendermos que esse é dinâmico – ou, ainda, podemos tomar todo o processo – sabendo que o mesmo também é articulado e se passa em uma realidade que está sempre mudando.

Hall (2011, p. 61) admite um *feedback* do receptor, reconhecendo que há sempre uma negociação entre esse a mensagem. E percebe que surge aí um campo em expansão: “mas parece haver alguma razão para se pensar que uma fase bem nova e instigante na chamada pesquisa de audiência, de um novo tipo pode estar se abrindo. Em ambas as pontas da cadeia comunicativa, o uso do paradigma semiótico promete dissipar o persistente behaviorismo que tem perseguido a pesquisa do *mass media*, portanto, sobretudo, na sua abordagem de conteúdo”. Este novo campo constituiu-se nos Estudos Culturais e, posteriormente, influenciou escolas como a Latino-Americana, reconhecendo o receptor como sujeito ativo do processo comunicativo e buscando um olhar posicionado em outros pontos da cadeia que constitui a informações.

Todavia, para reconhecermos este receptor como um receptor ativo precisamos admiti-lo como ser histórico que muda e que está intrinsecamente ligado à realidade do seu tempo e das práticas que o cercam. Este é um ser cultural. O que nos leva ao conceito de cultura.

3.2 A CULTURA TAMBÉM É ORDINÁRIA

Pensar a cultura implica em reconhecermos que este é um conceito carregado de extensões e ambigüidades. Se pensarmos rapidamente em alguns significados para esta palavra, podemos nos deparar com uma espécie de cultivo de qualidades mentais, pode ser o cultivo da natureza, ou a designação dos modos de vida de um determinado povo. Todos estes significados existem até hoje.

No entanto, há um momento em que outro conceito de cultura aparece de forma diferente. É quando Raymond Williams inova ao denominar sua obra “*Culture*

is Ordinary”. Com isso, ele traz a cultura para o âmbito de uma experiência ordinária e que, como tal, pode ser vivida por você e por mim, mesmo sem usufruirmos de algum *produto* cultural (show, teatro, museu).

Ao afirmar isso, Williams vai de encontro às formulações mais tradicionais que vêem a cultura como um domínio separado, fora da esfera da vida cotidiana, espaço onde se produzem as grandes obras da humanidade. E isto significa dizer que ele vai contra o reconhecimento exclusivo da “cultura superior” como única modalidade de cultura.

Ao abordarmos a cultura desta outra forma, podemos falar sobre a teoria da cultura (CEVASCO, 2001, p. 51) que “pode ser definida como o estudo das relações entre os elementos de todo um modo de vida. A análise da cultura é a tentativa de descobrir a natureza dessa organização que é o complexo dessas relações”.

Ao entender a cultura como algo múltiplo e defender que não há uma “alta” cultura - e por conseqüência, que não haveria também seu oposto, a “baixa” cultura - Williams rompe com conceitos caros aos intelectuais da Escola de Frankfurt. E vai adiante ao afirmar que “não há massas, apenas maneiras de ver os outros como massa”. (CEVASCO, 2001, p. 63).

De fato, ao falar sobre quais são os fundamentos dos Estudos Culturais, Hall (2009) lembra que as primeiras obras que, posteriormente, foram denominadas como formadoras da Escola Britânica de Estudos Culturais (CCCs) causaram uma ruptura com padrões que acreditavam em alta/baixa cultura. Hall segue recordando que As utilizações da cultura, de Hoggart, e Cultura e Sociedade, de Williams, chegam com uma proposta de “crítica prática”, lendo a cultura das classes trabalhadoras em busca de valores e significados, incorporados em seus padrões e estruturas – encarando assim a cultura como algo vivo e que, portanto, pode mudar.

Mesma importância (de ruptura) ele atribui ainda à obra A formação da classe operária inglesa, de E.P. Thopson. Embora pensado dentro de uma tradição histórica específica (a historiografia marxista inglesa e a história econômica e do trabalho), este estudo destaca também questões sobre cultura, consciência e experiência.

Dentro deste campo teórico a cultura é o espaço de convergência. Todavia, nem mesmo aqui, existe um conceito unívoco de cultura. Não há uma definição única para este termo.

Por isso, vale retomar aqui dois conceitos básicos que irão nos acompanhar ao longo desta trajetória. Primeiro, podemos “relacionar a cultura à soma das

descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns” (HALL, 2009, p. 126). Ou ainda entendê-la de uma maneira mais antropológica, nos referindo a ela para nomear as práticas sociais.

Contudo, Hall procura conjugar este conceito de cultura que irá nos interessar, sobretudo, para falarmos sobre a construção da identidade:

A cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva dos costumes e “culturas populares [*folkways*]” das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas. [...] A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas- dentro de identidades e correspondências inesperadas, assim como em discontinuidades e tipos inesperados – dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais. A análise da cultura é portanto, a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos. (HALL, 2009, p. 126)

Pelas rupturas que representaram, as obras acima citadas, elas são apontadas por Hall (2009) como “a cesura de onde emergiram os Estudos Culturais”. Vale ressaltar ainda que esta é uma linha de raciocínio que coincide com a pauta da chamada Nova Esquerda (*New Left*), a qual esses escritores se vinculam de alguma maneira.

Isso significou, na prática, que os Estudos Culturais colocaram em seu caminho uma preocupação que nele segue até hoje: a política do trabalho intelectual. Ou seja, não falamos aqui apenas de uma escola teórica, abre-se com esta corrente intelectual uma nova área de estudos e também de prática. A institucionalização deste grupo se dá, primeiramente, através do centro de Birmingham, nos anos 60, e depois por meio de cursos e publicações.

Embora não seja aqui o nosso mote teórico, vale recordarmos que os estudos culturais influenciaram escolas mais recentes que acabaram criando ramificações próprias. Dentre elas estão as abordagens latino-americanas. No final dos anos 1960 acontece a afirmação de uma literatura que denunciava o imperialismo norte-americano e supunha a passividade dos receptores diante dos meios de comunicação de massa. Nas ciências sociais, a Teoria da Dependência procura explicar os efeitos sociopolíticos e econômicos da industrialização tardia dos países periféricos. Sua versão no campo da comunicação gerou a Teoria da Dependência

Cultural, que adquire visibilidade na década de 1970. Esta produção teórica volta-se para a sua própria realidade.

Em meados dos anos 80, essa produção teórica começa a sofrer críticas e restrições. A partir daí, a pesquisa em comunicação começa a revelar sinais de mudança. Além disso, as dinâmicas culturais como os embates gerados pela globalização contribuem para a renovação teórica e metodológica do campo da comunicação. Neste momento ganha fôlego um enfoque que privilegia as conexões entre comunicação e cultura e que, sobretudo, busca capturar a experiência do sujeito – no que se refere às práticas relacionadas aos meios -.

É nessa mesma direção que Martín-Barbero identifica razões teóricas, experiências culturais e fatos sociais entrecruzados, catalisando um novo sentido dos processos de comunicação nas sociedades de fim de século. Estas razões teóricas para as novas vertentes que priorizam as conexões entre meios e sujeitos, no caso latino-americano, se dão, principalmente, devido à insuficiência de “modelos importados” que foram concebidos para outras realidades e que não davam conta da vida cotidiana e de seus agentes. O contexto histórico acentua estas diferenças, já que a realidade dos países latino-americanos neste momento é outra: há uma redemocratização da maioria dos países, uma ação de movimentos sociais que lutam contra a repressão e a discriminação, além de mobilizações populares que lutavam pela apropriação de bens e serviços e pressionavam o sistema político a atender suas demandas sociais.

Nas pesquisas que despontam neste momento, a recepção deixa de ser uma etapa do processo de comunicação para se tornar um lugar novo de onde, segundo Martín-Barbero (1987), devemos repensar os estudos e a pesquisa em comunicação. Quatro são os focos da investigação da recepção na América Latina: os estudos da vida cotidiana os estudos sobre consumo, os estudo sobre estética e semiótica da leitura e os estudos sobre história social e cultural dos gêneros.

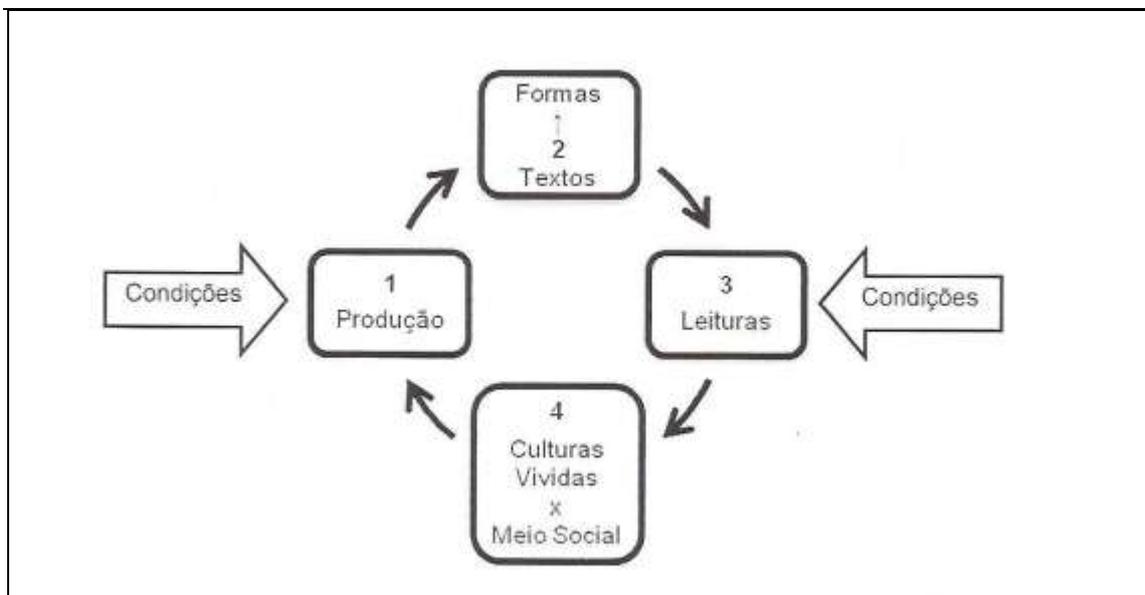
Foi, então, sobretudo dentro da temática das culturas populares que uma teoria complexa e multifacetada da recepção começou a ser desenvolvida, tendo como eixos básicos de reflexão o *deslocamento dos meios às mediações* (MARTÍN-BARBERO, 1987) e os processos de hibridização cultural (GARCIA CANCLINI, 1993). Martín-Barbero (1987) aborda a questão da hegemonia negociada, deslocando sua teoria das mediações de um vinculado ao pensamento de Antonio Gramsci.

Por fim, não podemos deixar de mencionar aqui a definição sobre o objeto de estudo dos Estudos Culturais apontada por Richard Johnson e que irá ser aplicada neste trabalho ao longo da problematização das identidades: “consciência e subjetividade”. Para este autor “os Estudos Culturais dizem respeito às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, [...] ao lado subjetivo das relações sociais”. (JOHNSON, 2010, p. 25). Entendemos aqui essas formas subjetivas como sendo aquilo que está por trás das práticas sociais. O que forma nossos gostos, valores, pensamentos, e nos conduz a um certo estilo de vida.

Para identificar estas formas subjetivas, tomamos o circuito cultural proposto por Johnson. Este circuito é composto por quatro momentos principais: produção, texto, leituras e culturas vividas. Além de ser uma forma de orientação para a pesquisa nos Estudos Culturais, este circuito se destaca por apontar o caminho como algo mais amplo, menos focado em posições isoladas.

Este circuito pode ser ilustrado com o diagrama a seguir:

Figura 1 - Circuito da Cultura



Fonte: Escosteguy (2007)

Para Johnson, os Estudos Culturais envolvem três premissas básicas:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões da idade. A segunda é que a cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos

indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras duas, é que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais. (JOHNSON, 2010, p. 12-13)

Para dar conta dessas premissas, os pesquisadores do campo dos Estudos Culturais acabam, na maior parte das vezes, dividindo seus esforços em pesquisas concentradas em um dos quatro âmbitos citados no Circuito da Cultura. Neste trabalho, iremos tomar o circuito cultural como ponto de partida, optando pela concentração no âmbito das culturas vividas, considerando que estas são atravessadas e até mesmo constituídas pela ação da mídia.

Isto porque acreditamos que encarar a subjetividade como tema dos Estudos Culturais significa primeiro, aceitar que alguns elementos – entre eles, a mídia - agem de forma subjetiva, nos mobilizando e compondo nossa identidade ainda que sem ser de forma consciente.

Em seguida, aceitando a subjetividade a partir deste princípio, estamos reconhecendo que ela não é dada, mas, produzida. E se ela não está pronta, ela compõe o nosso objeto de análise que pretende flagrar um momento específico de sua constituição. Para isso, buscamos “abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos ‘vivem’, tornam-se conscientes e sustentam subjetivamente” (JOHNSON, 2010, p. 29).

Como já foi dito, parte-se do circuito cultural de Richard Johnson, delineando uma investigação particularmente focada nas subjetividades. Considera-se que esta abordagem é pertinente uma vez que nosso objeto de estudo são as histórias de vida de mulheres presas e a relação dessas histórias com a mídia.

3.3 SOBRE MULHERES E GÊNERO

Não podemos esquecer aqui que este trabalho fala de um grupo que tem em comum pelo menos duas fortes questões: tratam-se de mulheres, e de presas. Por isso, a condição feminina precisa ser levada em consideração nesta proposta.

Hall aponta o feminismo como uma das rupturas teóricas decisivas que alterou uma prática acumulada em Estudos Culturais (ESCOSTEGUY, 2010, p. 160-168). Mas, vale salientar que gênero é uma questão social e cultural. Não é possível

fazer uma análise cultural sem levar em consideração relações de poder e de mudanças sociais.

Dentro desta nova agenda que o feminismo impõe aos Estudos Culturais as questões de gênero influenciam em outros debates para os CCCS:

[...] abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas conseqüências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria “poder”; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito e a “reabertura” da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente-psicanálise. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 167).

Esta nova pauta que permeia os Estudos Culturais está de acordo com a proposta desenvolvida neste trabalho – que é buscar, dentro do âmbito pessoal, identificações do político; dentro do sujeito, a relação com o social.

Nas relações de gênero, identificamos uma “classe” desmerecida: é o feminino que está associado, em uma noção relacional com o masculino, ao lado “fraco”, ao privado. Enquanto isto, nesta relação dualística, o homem se estabelece como o forte, o público.

Este desmerecimento de uma classe – a feminina – é uma construção cultural. Construção essa que identificamos em matérias e discursos observados ao longo de nossa pesquisa.

Angélica, esposa de um preso que estava visitando o marido, foi abordada por uma equipe de repórteres¹¹ que contam que ela já está no terceiro casamento com um presidiário, em seguida, perguntam a ela porque casar com apenados. Ao que ela responde: “O homem no sufoco, assim, preso, sabe o valor de uma mulher. A mulher tá assim todo final de semana sofrendo, passando desaforo, agüenta muita coisa. E ele valoriza isso. E um trabalhador não valoriza isso, nem dentro de casa”.

O discurso que oprime o feminino é, muitas vezes, assumido não somente pelas mulheres dentro da prisão, mas ainda, no universo que está a ela relacionado. Às 13h do dia primeiro de junho de 2011, encontramos dona Laci, na fila de visitas da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Descobrimos que ela é mãe de uma mulher presa há oito dias, por porte de entorpecentes. A filha está grávida de cinco

¹¹ Estes eram repórteres do programa “Profissão Repórter”, exibido no Fantástico, no dia 21.01.2007. Conferir no link: <http://www.youtube.com/watch?v=HPnSA_icyk>.

meses. Laci estava na fila desde às 11h e aguardava para fazer uma carteira de visitas. Ela foi informada que, devido ao grande movimento, provavelmente, só seria atendida por volta de 14h30 min. Então ela suspira e afirma: “Fazer o quê? Quem precisa sou eu. Tem que esperar... A gente é mãe e mãe não pode abandonar a filha numa situação assim”.

Mas, a escolha de falar sobre uma questão de “mulher e gênero” está intimamente ligada a uma discussão feita por Joan Scott (1986) sobre os usos da expressão gênero, em que gênero passa a ser também uma tomada de posição política sobre os estudos que tratam o feminino.

Por isso, usamos aqui a palavra gênero - para não esquecer a postura crítica que assumimos, reconhecendo que este é culturalmente produzido num contexto ainda de desigualdades nas relações entre homens e mulheres. Portanto, usamos esse termo, ainda segundo Scott (1986), no sentido de uma construção social, que designa relações sociais entre os sexos. Aqui, o uso de gênero se dá também porque rejeitamos explicações biológicas, deterministas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação. Trata-se de uma maneira de indicar as construções sociais de idéias sobre seus papéis aos homens e às mulheres. Mesmo assim, fazemos neste trabalho um esforço para dar visibilidade às mulheres, reconhecendo o valor de sua História e de suas histórias

4 METODOLOGIA

4.1 PREMISSAS GERAIS

Para fazer este trabalho, partimos do pressuposto de que a pesquisa em comunicação não precisa ser refém de um estudo detido exclusivamente em textos midiáticos, no sistema de produção ou ainda no momento do consumo. Portanto, buscamos aqui entender de que forma a mídia perpassa o cotidiano de apenas, reconhecendo que não há uma resposta unívoca para responder esta questão.

Se não há unidade de pensamentos para respondê-la, buscamos seguir aqui aquilo que parece mais coerente com nosso objeto de pesquisa e com nossa forma de estabelecer uma trajetória acadêmica, onde procuramos fazer do estudo um instrumento de prática. Por isso, valemo-nos neste ponto da afirmação de outra estudiosa que também enxerga a prática acadêmica como um engajamento – intelectual e político - e que reconhece o estudo da cultura como um estudo de algo que está em processo: Heloisa Buarque de Hollanda.

Esta análise corre e assume todos os riscos de trabalhar a cultura *em processo*. Ainda que isso promova dificuldades no sentido da falta de uma perspectiva histórica mais definida, ou mesmo quanto à delimitação do objeto de análise, traz, em contrapartida, a possibilidade tentadora de uma atuação crítica no próprio desenrolar deste processo. Outro risco assumido, e talvez mais sedutor, está na extrema proximidade da análise com seu objeto, o que, se por um lado dificulta uma certa isenção crítica, por outro, a enriquece pela própria marca “suja” da experiência vivenciada.” (HOLLANDA, 2004, p. 14-15).

Assim como Hollanda, entendemos que a experiência vivida não é um empecilho à pesquisa. Ela pode colaborar com nosso trabalho e ainda fazer dele um instrumento de transformação. Entendemos que trabalhar com identidades, com a cultura vivida implica assumir os riscos de lidar com algo em processo, em constante mutação, assim como é o ser humano. Assumimos então estes riscos.

Acreditamos que as transformações da mídia sobre a vida social não precisam ser pensadas como decorrência direta de sua ação (como em um estímulo ação-resposta). Também não precisam ser tomadas como uma análise fragmentada, compartimentando o estudo dos processos comunicacionais. Preferimos procurar nossas respostas através da sugestão de Nick Couldry (2010) - para quem os

estudos de mídia podem atravessar textos e contextos, penetrando nas práticas sociais. Temos, portanto, uma visão mais antropológica de como a mídia perpassa o cotidiano e de como os textos midiáticos são perpassados pela cultura vivida, já que tais textos são incorporados e reelaborados nas ações sujeitos.

Neste trabalho, buscamos problematizar a construção das identidades femininas de detentas a partir de um olhar situado na comunicação. Acreditamos que os estudos de recepção estão em um lugar privilegiado para perseguir as perguntas que conduzem este trabalho: de que forma a mídia se faz presente no cotidiano carcerário e como essa presença perpassa a trama sócio cultural das presas implicando na formação de sua identidade? Todavia, acreditamos que o foco estritamente dado ao momento de consumo da mensagem midiática e à relação estreita entre receptor/mensagem, deixa de lado um vasto universo que é o dos processos sociais que permanecem para além do momento do consumo.

Entendemos que esta abordagem ampla e, de certo modo, desfocada, é contemplada pelos Estudos Culturais, pois, em certa medida, remete ao reconhecimento da recepção em seu contexto sócio-histórico-cultural. Esta perspectiva tem o aporte de Stuart Hall que concebe as identidades como política e culturalmente construída em momentos históricos particulares. Portanto, englobamos ainda os estudos de identidade cultural. Estas identidades, embora situadas em um momento histórico particular, partem sempre de uma narrativa, de um tipo de representação. (HALL, 2011, p. 49). Essas narrativas, dentro do circuito de comunicação apresentado por Johnson (2010), se localizam dentro daquilo que o autor denomina como “culturas vividas *versus* Meio Social”.

Definidas as balizas mais gerais e de caráter teórico-metodológico, partimos para a descrição das estratégias mais instrumentais que vão permitir a construção deste estudo.

Para efetuar nosso trabalho, procuramos, em um primeiro momento, entrar em contato com a Assessoria de Imprensa da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado do Rio Grande do Sul (Susepe)¹². Foi através do setor de imprensa que conseguimos a autorização do Superintendente da Susepe, Gelson

¹² Nosso primeiro contato se deu via Assessoria de Imprensa pois já tínhamos um conhecimento prévio do setor e das pessoas que atuavam neste órgão (Susepe), fizemos este primeiro contato com a Imprensa em abril de 2011. O fato de atuar como repórter na área de segurança pública, entre 2006 e 2010, facilitou, então, nosso ingresso no presídio e a possibilidade de desenvolver este estudo.

Treiesleben, em abril de 2011, para realizarmos nosso estudo. É importante salientar que esta autorização nos impunha algumas restrições como no que diz respeito a escolha das detentas com quem iríamos conversar. Essa escolha deveria ser feita pela direção da unidade prisional (Penitenciária Feminina Madre Pelletier).

Com a autorização concedida, passamos por um primeiro encontro com a diretora da casa, Roselena Gonçalves. O primeiro encontro se deu em maio de 2011 e serviu para explicarmos como seria nosso trabalho, o que precisaria ser feito dentro do presídio (como a cessão de uma sala específica para fazermos as conversas), se tais conversas seriam ou não gravadas, etc. Depois de esclarecida nossa forma de trabalho, Roselena se mostrou bastante disposta a nos auxiliar e inclusive nos apresentou uma detenta, Elena¹³, que aceitou ser entrevistada.

Esta primeira conversa não ocorreu nos mesmos moldes das demais. Neste caso específico, fizemos uma entrevista, com roteiro previamente estabelecido com Elena. Nesta entrevista, ela contou aspectos gerais sobre a vida na cadeia, a rotina, e os hábitos midiáticos. Por este motivo, não consideramos Elena como uma das sete integrantes do grupo de mulheres presas pesquisadas. No entanto, ao longo deste trabalho, usaremos falas que foram retiradas desta conversa, uma vez que ela nos autorizou a fazermos isso. Assim como informações retiradas do diálogo que tivemos com a diretora do presídio que acreditamos ilustrar os temas por nós propostos para esta pesquisa. Todavia, estas duas conversas iniciais são exploratórias do campo e não compõem propriamente o conjunto de entrevistas no qual centramos nos nossos propósitos.

Após este primeiro encontro, enfrentamos diversas dificuldades para agendarmos as primeiras conversas. Só conseguimos retomar nosso contato com o presídio em agosto de 2011. Neste período (em julho de 2011), a direção da unidade prisional foi alterada e a nova direção desconhecia as tratativas que já tínhamos feito com a antiga diretora do local. Mais uma vez, foi necessário acionar a Assessoria de Imprensa da Susepe para conseguirmos nova autorização para ingressar na Penitenciária. Depois disso, ainda, precisamos passar por outra conversa com a nova diretoria da casa prisional (que se deu em setembro de 2011). Só então, conseguimos, enfim, agendarmos os diálogos necessários.

¹³ Com o intuito de respeitarmos a integridade e individualidade destas mulheres, pedimos que elas próprias definissem os nomes pelos quais preferiam ser chamadas ao longo de nosso estudo. Portanto, não as trataremos por seus reais nomes e sim por nomes que elas mesmas escolheram.

Ao todo, fizemos sete procedimentos que aqui chamaremos de diálogos. Optamos por denominá-los desta forma porque entendemos o diálogo como uma conversa mais ampla e receptiva, sem um roteiro previamente estabelecido. Esses se deram em uma sala específica do presídio e não dentro de celas. A sala que nos foi disponibilizada para a realização dos diálogos é a mesma utilizada por psicólogos e assistentes sociais que desenvolvem trabalhos na unidade prisional. É uma sala que fica no mesmo corredor das salas da direção do presídio. Um corredor que fica entre a entrada principal da unidade prisional e o acesso às galerias. Além disso, a janela desta sala se abre para o pátio da unidade. Por isso, durante várias conversas, podemos observar o banho de sol e as atividades de lazer no pátio da penitenciária.

Os sete diálogos não tiveram um roteiro fixo. O único ponto em comum era a explicação sobre o trabalho que lá fazíamos e a colocação inicial: “Me conte sua história de vida”. Por essa razão, ao final dos diálogos obtínhamos uma história de vida de cada uma das apenadas ouvidas. Cada uma das presas partia do ponto que julgava mais significativo para contar esta história, sem necessariamente tomar um roteiro linear. Por vezes, elas alternavam passado, presente e futuro, sem rota fixa, revisitando certos fatos narrados anteriormente. Além disso, não houve tempo médio de duração. Algumas conversas duraram até três horas. Outras tiveram pouco mais de 30 minutos. Deixamos nossas pesquisadas livres para contar suas histórias, indagando-as apenas quando tínhamos dúvidas, ou, gostaríamos de nos certificar de alguns pontos. Em algumas conversas, a mídia apareceu de forma espontânea, o que nos permitiu fazermos algumas indagações mais específicas sobre o tema. Porém, quando isso não ocorria, não nos preocupamos em forçar o aparecimento do assunto no diálogo.

Todos os diálogos foram gravados. Porém, em alguns momentos, nos foi solicitado o desligamento do gravador e assim o fizemos. Por este motivo, decidimos fazer uma espécie de “diário de campo”. Após cada dia de visita ao presídio¹⁴, anotávamos os aspectos mais importantes das conversas, observações sobre o espaço, detalhes que acreditávamos ser importante para a pesquisa. Procuramos ainda, fazer anotações pontuais ao longo de nossos diálogos. O resultado destes

¹⁴ Ao todo, comparecemos à penitenciária para a realização dos diálogos e do encontro em grupo dez vezes entre setembro e novembro de 2011.

encontros foi a produção de sete histórias de vida das apenadas, cujas gravações foram transcritas e complementadas com o material anotado em campo.

Percebemos então que seria produtivo ainda fazermos um grupo focal, onde pudéssemos debater especificamente a questão da mídia. A idéia do grupo focal foi de reunir todas as sete pesquisadas em uma sala, e, primeiramente, aplicar um questionário indagando questões específicas sobre o consumo midiático, e sobre sua origem sócio-econômica¹⁵. Depois da aplicação deste (que nos serve apenas para termos referências sobre o que elas vêem, lêem, ouvem, onde e como isso se dá), iniciamos uma conversa com o grupo, norteada por algumas questões:

- a) Como/onde vocês assistem TV/ ouvem rádio?
- b) De que modo a mídia interfere no cotidiano de vocês dentro da prisão?
- c) Como os produtos midiáticos chegam até aqui? Quem os traz?
- d) Quem decide o que será visto e ouvido dentro das celas?
- e) Mudou aquilo que você consome na mídia antes e depois da prisão?

Embora nossa intenção inicial era de termos todas as sete mulheres neste grupo, isso não foi possível. A impossibilidade ocorreu porque uma delas estava em outro compromisso dentro da penitenciária e outra entrevistada chegou a se dirigir à sala do grupo focal, mas, alegou que não estava disposta a participar deste encontro conjunto. Portanto, apenas cinco das sete pesquisadas participaram deste momento.

Este encontro se deu numa sala diferente daquela que usamos para fazer as entrevistas individuais. Por isso, para chegarmos até o local, passamos por um espaço, onde é possível ver o lado externo das celas.

Entre o preenchimento dos questionários e o debate do grupo focal, ficamos cerca de três horas dentro da penitenciária. Este encontro também foi gravado (em áudio). Fizemos, ainda, diversas anotações ao longo do debate que nos foram úteis para traçarmos um perfil dos produtos midiáticos que chegam até a Penitenciária e de como estes produtos são recebidos.

¹⁵ Não iremos nos aprofundar nos dados sócio-econômicos destes questionários. Todavia, como possuíamos dados, do Departamento Penitenciário Nacional, sobre o contexto das prisões no Brasil, incluímos questões deste tipo no questionário apenas com o intuito de nos balizarmos sobre o perfil deste grupo e se, de fato, este perfil coincide com o perfil carcerário da maioria dos presidiários no Brasil. O que foi confirmado através das respostas obtidas.

4.2 EXPLICAÇÕES SOBRE O MÉTODO

Por que usar histórias individuais se nosso intuito é compreender um processo social e comunicacional mais amplo?

Vivemos em um mundo em que a presença da mídia se alastra em todos os níveis do processo social, perpassando, inclusive, a produção de subjetividades. Essa visão tem profundas conexões com a proposição teórica das mediações, de Jesús Martín-Barbero. Apesar de termos a perspectiva de Jesus Martín-Barbero ligada aos estudos da recepção/consumo midiático, acreditamos que, ao encarar a presença da mídia com a fluidez que esta se faz presente em nosso cotidiano, podemos entender esta presença como um *processo*.

Processo esse que altera o ambiente social e cultural que lhe dá suporte. Assim sendo, buscamos compreender, através de nosso estudo a construção social do indivíduo. Em outras palavras, cremos no que afirma Giddens:

[...] as circunstancias sociais não são separadas da vida pessoal, nem são apenas pano de fundo para ela. Ao enfrentar problemas pessoais, os indivíduos ativamente ajudam a reconstruir o universo da atividade social à sua volta. (GIDDENS, 2002, p. 18)

O *self* está permeado pelo imaginário coletivo, é formado por ele e ajuda a formá-lo. A mídia é parte do imaginário coletivo, sendo formada por perspectivas deste imaginário e ajudando a formá-lo. Diante destas duas premissas, podemos afirmar, então, que o *self* é também perpassado pela mídia.

Assim sendo, utilizamos ainda a perspectiva de Couldry para quem “Um mundo saturado pela mídia é um mundo onde as ações orientadas à mídia não estão exatamente circunscritas à produção, ao consumo direto e mais à circulação” (COULDRY, 2009, p. 40). Por este motivo, o olhar do pesquisador, segundo Couldry (2010, p. 54) deve dirigir-se “às dinâmicas mais abrangentes que estão moldando o cenário no qual produção e consumo da mídia ocorrem” – ou seja, deve percorrer os contextos.

Pretendemos, portanto, seguir esta pista apontada por Couldry. Ouvindo as histórias de vida deste grupo de apenadas, lendo suas narrativas, pretendemos colocar uma lupa sobre seu contexto e nele enxergar o espaço ocupado pela mídia.

Acreditamos que todo indivíduo está constituído em termos de um processo social e sua consciência nada mais é do que uma reflexão sobre isso. Portanto, amparo-me aqui, do sociólogo e psicólogo americano, George Herbert Mead (apud COULDRY, 2000, p. 361)

[...] não é de modo algum incompatível com, nem contraditório o fato de que cada pessoa tem sua própria individualidade peculiar, o seu padrão único, pois cada ser individual dentro do processo (social), ao mesmo tempo em que reflete a estrutura de organização deste processo, o padrão de comportamento do processo como um todo, o faz a partir de seu próprio ponto de vista particular e único e isso compõe a estrutura de cada ser individualmente, formando um aspecto diferente ou uma perspectiva diferente deste padrão de comportamento social total [...]

Uma história contada é configurada pelo modo como o indivíduo confere sentido às suas experiências, e como ele se coloca no mundo. Assim sendo, coletar histórias de vida é uma forma de identificar valores vigentes, posições políticas, econômicas e culturais preponderantes. Ao contar sua história de vida, cada presa passa a produzir esta história, dando novos significados às ações vividas, e buscando fazer relações do que viveram no passado (antes da prisão) e o que vivem no presente.

As sete histórias aqui ouvidas relatam a vivência de sete mulheres que tem em comum – além de sua condição de gênero - o fato de estarem privadas de liberdade – e de estarem privadas de muitas outras vivências como veremos no decorrer deste trabalho. A partir delas, identificamos características semelhantes entre as narrativas das informantes e a profusão de relatos pessoais que circulam na mídia. Consideramos que as narrativas identitárias podem revelar como os entrecruzamentos entre indivíduos e mídia são indicativos de processos culturais maiores e mais abrangentes, bem como capturar a presença fluída e penetrante da mídia na construção de subjetividades.

Ainda dentro desta linha de pensamento, Medina (2003, p. 47) entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Ou seja, o homem organiza o caos produzindo novos sentidos com as narrativas que tece e aquilo que ele passa a descrever sobre sua realidade é, na verdade, outra realidade: a dos símbolos.

Um bom exemplo do quanto à narrativa pode ser usada para pôr ordem ao caos e para reorganizar as vidas, conferindo aos fatos vividos novos sentidos é o

fato de que, mesmo ficando livres para contar suas histórias de vida a partir do ponto que achassem mais adequado, quase todas entrevistadas iniciaram suas narrativas a partir daquilo que, para elas, foi a força motriz para sua condição atual – de presas. Ou seja: a história de vida que elas buscam contar é a história de vida com o crime, é a história que justifica aquele momento de suas vidas que, pela maioria, é encarado como uma grande mudança, um grande caos.

Acreditamos que para manter a lisura de nosso trabalho é necessário detalhar como chegamos ao contexto prisional – dentre outras possibilidades existentes – como nosso *locus* da pesquisa. Nosso envolvimento com o universo prisional se deu através da prática jornalística. Enquanto repórter, percorremos muitas vezes o corredor desta e de outras penitenciárias gaúchas (e até mesmo fora dos limites do Estado e do País). Conhecer este ambiente era, por tanto, um objeto de trabalho.

Neste ponto, recorreremos à antropologia, que há muito discute a questão do distanciamento e familiarização entre pesquisador e objeto. Como nos elucidava Velho (2003), quando diz que cada objeto gera seus problemas particulares e sempre haverá uma objetividade relativa. Segundo o antropólogo, quando os objetos são próximos de nós (como atualmente acontece nas pesquisas antropológicas de sociedades modernas) a noção de objetividade deve ser revista.

Em outro texto, ele nos lembra que a categoria distância pode ser algo relativo e problematiza mais uma vez a questão da objetividade.

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridade e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente[...] A 'realidade' (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferente. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa. (VELHO, 1978)

Este antropólogo ainda nos alerta sobre a questão de que somos humanos pesquisando humanos, desta forma sempre haverá uma familiaridade e sentimentos envolvidos. Dessa maneira, quando falamos em distanciamento e familiarização com o objeto de pesquisa, tomamos o conceito antropológico para tais questões, tendo consciência de que estaremos nos movimentando entre essas duas categorias durante a pesquisa.

Já dissemos aqui que atuação profissional facilitou nossa chegada a esta unidade prisional – já que fizemos um primeiro contato acadêmico, por intermédio de já conhecidos contatos profissionais. No entanto, gostaríamos de deixar claro neste momento que as facilidades deste processo introdutório não se repetiram ao longo de todo o trabalho e, muitas vezes, esta ambivalência entre a prática acadêmica e a prática profissional precisou ser esclarecida para nossas fontes.

Enquanto vêm a mim como jornalista, as sete mulheres pesquisadas e seu entorno (funcionários do presídio, familiares de presas), parecem ler em mim um poder que não me considero detentora como pesquisadora: o de quem sabe algo além do que está dito. O que muitas vezes parece dificultar diálogos, gerando certa desconfiança. Sendo assim, buscamos sempre deixar claro que, no momento dos diálogos, estávamos ali apenas para ouvir as narrativas e analisá-las de forma acadêmica – sem o intuito, ou mesmo, o poder de difundi-las em outro meio que não a Academia.

Já, enquanto pesquisadora, que tem a marca do jornalismo, é inevitável o envolvimento crítico – e um certo engajamento – que me faz ler os textos midiáticos apresentados pelas apenas com um olhar muitas vezes contaminado pela minha premissa de encontrar, nestes textos, reproduções de um aprisionamento feminino.

Parece-me este um grande desafio a ser vencido no decorrer desta pesquisa. A exemplo do que diz Da Matta (1978), reconheço que preciso encontrar um distanciamento que transforme aquilo que me era familiar (enquanto jornalista) em exótico. E aquilo que era exótico (enquanto pesquisadora) em familiar. Reconhecemos, porém, que nem sempre é possível separar os dois papéis.

Nossas conversas com as presas começaram sempre com a apresentação da pesquisadora e a explicação de nossa proposta de estudo. Falávamos que estávamos interessadas em estudar a relação da mídia com o contexto prisional, mas, sempre deixando claro que o que nos interessava na conversa prioritariamente era ouvir a “história de vida” de cada uma.

Deixamos as entrevistadas livres para escolher seu ponto de partida. Ou seja, reconhecemos que a história de vida de cada uma é a história que ela *quer* contar e cujas ênfases e significados são dados por nossas entrevistadas na conversa que estabelecemos. Em nenhum momento nos detemos em julgar e/ou confrontar histórias em busca de uma verdade. Nosso material de análise é a verdade da história conforme ela nos foi contada.

Com a história de vida o que obtemos são as construções que os informantes fazem da vida que levaram e as formulas que utilizam para definir o que lhes acontece. Vê-las como qualquer coisa mais do que isso (ou menos, é claro) é distorcer o material obtido e dar armas aos cientistas sociais obcecados por tamanhos de amostragem e outras médias, para minar o empreendimento intelectual implicado na utilização de histórias de vida [...]. Neste sentido, não se espera da história de vida um quadro real e verdadeiro de um passado próximo ou distante, mas que uma conversa seja estabelecida de forma que possamos apreender coisas que não eram esperadas e, a partir delas, reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses. (DEBERT, 1984, p. 133).

Nesta conversa, alguns dos diálogos fluíram totalmente livres partindo apenas do pedido: “Me conte sua história de vida”. Outras, no entanto, “travaram” no meio do caminho. Nestes momentos, foram necessários estímulos para continuar o diálogo. Acreditamos, no entanto, que estes estímulos não foram formas de persuasão para falar sobre um ou outro tema¹⁶.

Reconhecemos, todavia, que ao deixar claro, por exemplo, o intuito de nosso estudo (perceber a presença da mídia no contexto prisional), podemos ter influenciado nossas entrevistadas a falar, em algum momento, sobre os usos e costumes que estabelecem com a mídia.

Sabemos que a história de vida não nos dá uma garantia de que um diálogo será estabelecido. Reconhecemos, inclusive que o material recolhido pode gerar um conjunto de histórias fragmentadas, ou ainda, contraditórias. Acreditamos, porém, que nossa tarefa, enquanto pesquisadores, está em desenrolar o nó que ata tais relatos, compreende-los e buscar apresentá-los a partir do enfoque escolhido.

¹⁶ Um exemplo disso se dá na entrevista que fizemos com Sarah: percebemos que ela estava maquiada e com mechas no cabelo. Por isso, usamos o artifício de perguntar se ela era vaidosa. Ela então explica o quanto gosta de se manter maquiada, com unhas feitas, arrumada, sobretudo, para quando os filhos vão visitá-la.

5 INGRESSANDO NO UNIVERSO PRISIONAL

5.1 O SISTEMA PRISIONAL GAÚCHO

A Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) está subordinada à Secretaria da Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul (SSP) e é o órgão responsável pela administração dos estabelecimentos prisionais do Estado. Cabe a esta instituição a execução administrativa das penas privativas de liberdade e a aplicação de medidas de segurança.

De acordo com a Constituição do Rio Grande do Sul, a política penitenciária do Estado deve ter como objetivo a *reeducação, a reintegração social e a ressocialização do preso*¹⁷, definindo como prioridades a regionalização e a municipalização dos estabelecimentos penitenciários, a manutenção de colônias penais agrícolas e industriais, a escolarização e profissionalização dos presos.

A rede prisional administrada pela Susepe compreende unidades classificadas por fundação, albergues, penitenciárias, presídios, colônia penal e instituto penal. Organizadas por região, as casas prisionais estão distribuídas na capital e interior do Estado, acolhendo presos do regime aberto, semiaberto e fechado.

Desta maneira, é atribuição de todo o servidor e gestor que passar pela superintendência gerir com comprometimento a instituição que tem a incumbência de atender às necessidades dos que cumprem pena, e também dos que colaboram para a reforma do sistema penitenciário brasileiro, tendo em vista o êxito de um interesse comum: a reinserção social do apenado.

Em abril de 2013, o mapa carcerário¹⁸ do Rio Grande do Sul era composto por 29.135 presos. Sendo que 27.190 são do sexo masculino e 1945 do sexo feminino. Ou seja, as mulheres representam 6,38% do total de detentos no Estado.

A maior parte dos presos tem entre 25 e 29 anos de idade¹⁹ (24,15%). No entanto, encontraremos 22,60% com idades entre 35 e 45 anos, 21,59% têm entre 30 e 34 anos e 20,81% estão entre os 18 e os 24 anos de idade. Os presos acima

¹⁷ SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS – SUSEPE. Disponível em: <http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=1>. Acesso em: 24 jul. 2013.

¹⁸ Dados obtidos junto a Superintendência dos Serviços Penitenciários em abril de 2013.

¹⁹ Os dados sobre Reincidência, Grau de Instrução, Profissão, Faixa Etária, Estado Civil, Naturalidade e Nacionalidade não estão divididos por sexo nos dados fornecidos pela Susepe, em abril de 2013.

dos 46 anos de idade correspondem a pouco mais de 10% do sistema carcerário no Rio Grande do Sul.

Quanto ao grau de Instrução, 62, 63% dos presos no Estado tem apenas o Ensino Fundamental Incompleto. Os que concluíram o Ensino Médio correspondem a 5,94% do total. Apenas 0,30% concluíram o Ensino Superior.

Em relação a sua naturalidade 95, 49% dos presos são gaúchos. Outros dois estados com maior presença no sistema prisional do Rio Grande do Sul são Santa Catarina (1,70%) e Paraná (1,37%). Embora 99,68% dos presos sejam Brasileiros, identificamos ainda a presença de outros países sul americanos nas prisões gaúchas: no período de coleta dos dados (abril de 2013), 45 presos eram do Uruguai, 12 da Argentina e 9 do Paraguai.

Em relação à reincidência (quando não é a primeira vez que o preso está no sistema carcerário) 19.451 presos, ou, 66,43% do total é reincidente. Quando o tema é a ocupação 11,17% trabalhavam como servente; 10,25% como auxiliar de serviços gerais. Aparecem ainda entre as profissões mais citadas: pedreiro (7,42%); pintor (4,41%); comerciante (2,37%); motorista (2,31%); mecânico (2,26%); do lar (1,96%); produtor (1,94%); trabalhador rural (1,71%); autônomo (1,39%); eletricitista (1,13%); ajudante (1,07%); moto-entregador (1,07%); operador de máquina e equipamentos (1,05%); chapeador (1,04%); trabalhador eventual (1,04%); empregado doméstico²⁰ (0,52%).

Por fim, relatamos aqui dados referentes ao estado civil destes presos: 53,60% são solteiros; 33,28% se define como “amigados”; 8,86% são casados; 2,46% separados; 0,92% divorciados; 0,70% viúvos e 0,18% desquitados.

Acreditamos que os dados que aqui foram apresentados revelam pistas sobre a realidade prisional do nosso País. Em nosso trabalho, iremos explorar melhor algumas das informações aqui contidas como grau de instrução e as profissões exercidas pelos apenados antes de ingressarem no regime prisional. Acreditamos que tais dados nos revelam um caráter seletivo das punições no Brasil e a relação das mesmas com uma determinada estrutura de poder.

²⁰ Outras profissões apareceram mais que empregado doméstico como, por exemplo, garçom (0,97%). No entanto, este é um dado interessante em nosso universo pesquisado: em conversas informais com funcionários da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, percebemos que essa era uma ocupação comum a muitas presas. Todavia, como a informação referente às profissões não está separada por gênero, não podemos categoricamente afirmar que são em sua maioria mulheres. Podemos, porém, supor isso pela lógica do próprio mercado de trabalho doméstico e, assim sendo, cremos que este é um dado relevante para o universo das prisões femininas.

5.2 A PENITENCIÁRIA FEMININA MADRE PELLETIER

A Penitenciária Feminina Madre Pelletier foi por muitos anos o único estabelecimento do Estado destinado ao recolhimento de mulheres. Localizada na cidade de Porto Alegre, na avenida Teresópolis, 2727, a unidade possui 230 vagas. Em junho de 2011, quando iniciamos nossa pesquisa o presídio contava com cerca de 500 internas.

O número de apenadas varia diariamente – com a entrada e saída de novas presas. Quanto à tipificação das penas, as práticas são variáveis. Como por muitos anos se tratou da única unidade prisional feminina do Estado, iam para ali apenadas que cometeram crimes diversos: tráfico de drogas, furtos, roubos, homicídios, latrocínios (roubo seguido de morte), estelionato, etc. É importante ressaltar ainda que nem todas as detentas que ali estão já tiveram sua sentença pronunciada²¹: Muitas estão aguardando julgamento, em prisões provisórias ou temporárias. Neste mesmo local ainda são abrigados dois tipos diferentes de regimes: fechado e semi-aberto. Sendo o regime fechado aquele em que a presa deve ficar em uma penitenciária de segurança máxima ou média e sem o direito a sair para a rua. Já o semi-aberto é quando o condenado fica sujeito a trabalho durante o período diurno em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar. O trabalho externo é admissível, bem como a frequência a cursos supletivos profissionalizantes, de instrução de segundo grau ou superior para aqueles que cumprem pena no regime semi-aberto.

Em relação à história desta Penitenciária, consta que no ano de 1936, o então Governador do estado do Rio Grande do Sul, José Antônio Flores da Cunha, solicitou às religiosas da Congregação Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor que assumissem a recuperação de adolescentes e mulheres que cometessem crimes e infringissem normas de convívio e conduta em Porto Alegre. Assim, foi fundada em 08 de fevereiro do mesmo ano, por oito irmãs desta Congregação, a casa prisional “Instituto Feminino de Readaptação Social do Bom Pastor” (VOEGELI, 2003). Embora fosse fruto de uma parceria com o Governo do Estado, eram as irmãs que atuavam no local e controlavam as atividades desta unidade. Na prática,

²¹ Em nosso universo de pesquisa este é o caso de pelo menos duas das mulheres pesquisadas: Priscila e Evelyn ainda aguardam julgamento.

se tratava de um local de “correção” de quem havia cometido delitos. Correção essa que deveria se dar através do trabalho e da fé.

Todavia, como as instalações do local eram precárias e o espaço pequeno, as irmãs começaram a buscar donativos com o intuito de erguer uma nova sede para a instituição. No dia 23 de dezembro de 1943, religiosas e detentas se mudaram para a sede que permanece até hoje. Inicialmente, o local foi batizado de “Reformatório de Mulheres Criminosas”. Ali, havia salas destinadas aos serviços administrativos, às visitas, enfermaria, refeitório, pátio, salas de aula e capela. As apenadas eram reeducadas e orientadas sob os preceitos de Cristo.

No dia 30 de março de 1950, a pedido do Governador Walter Jobim, a instituição passou a ser conhecida como “Instituto Feminino de Readaptação Social”. Até este período, mulheres eram acolhidas junto às adolescentes nesta unidade. Vinte anos depois, foi criada a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM). Com isso, houve uma redução na população da casa já que aquelas menores de dezoito anos foram encaminhadas ao novo centro de reabilitação voltado apenas para este público. Com a separação é que a casa prisional passou a se chamar “Penitenciária Feminina Madre Pelletier”. Nome que homenageia a religiosa fundadora da Congregação das Irmãs do Bom Pastor: Santa Maria Eufrásia Pelletier.

O presídio passou por diversificados processos de reestruturação. Todavia, ela seguia sendo mantida com preceitos de trabalhos voluntários, caridade, e auxílio dos fiéis. Quatro décadas depois de sua fundação, no entanto, as irmãs solicitaram o rompimento do contrato com o Estado alegando não mais possuírem condições de manter a unidade. Em 1980, a administração da casa passa a ser feita pela Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado. Essa mudança marca não apenas uma troca administrativa, mas, uma nova forma de organização e estruturação do local. Afinal, as presas que ali estão passam a estar oficialmente sob custódia do Estado.

5.3 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE

Para quem sobe a Avenida Teresópolis, na zona sul de Porto Alegre, chama atenção aquele prédio em um tom salmão, já meio desbotado, borrado por manchas de sujeira na pintura. São muros altos, uma guarita na frente onde ficam policiais

militares e/ou agentes prisionais. Na entrada, quase sempre, se vê viaturas da Susepe estacionadas, e alguns poucos veículos particulares no pátio interno.

É preciso tocar um interfone que fica na lateral direita de uma grande porta de vidro e ferro, coberta ainda por espessas grades. Depois de tocar a campainha, uma agente vem ao nosso encontro. Nós nos identificamos, ingressamos numa espécie de ante-sala, onde são deixados os pertences para passarmos para outro espaço onde, de fato, fica a recepção. Na recepção, é necessário apresentar documento de identificação e, caso algum pertence não tenha sido deixado na ante-sala, ele deve ser deixado agora em um escaninho ao lado da mesa da funcionária que anota seus dados (nome, número do RG, profissão e/ou o que faz ali) e que também fica sob custódia do seu RG durante o período em que você estiver dentro da unidade prisional.

Na parede que fica atrás desta mesa da recepção há um quadro de madeira, cujos números podem ser girados. É este quadro que registra o número total de vagas, o número de internas no dia, quantas estão na creche, quantas nas galerias. A cada presa que entra ou sai, uma funcionária gira os números, modificando a contagem do dia.

Na parte interna da Instituição, no piso administrativo, predominam azulejos e cores neutras. Afora as salas utilizadas pela administração da penitenciária, há poucos móveis ou decorações. Mesas antigas, sofás com rasgos, cadeiras e armários velhos e de aspecto pesado. Esta é a mobília que predomina no corredor de entrada, onde ficam também as salas da administração e dos encontros com as psicólogas e assistentes sociais.

As grades são vistas em todos os ambientes: cada porta que se abre, é sucedida por uma grade de ferro cadeada. A porta seguinte, só pode ser aberta quando a anterior foi fechada e assim, sucessivamente. Os sons mais comuns a quem circula na penitenciária são exatamente do abre e fecha destas grades (sempre feito por funcionários do presídio), além das conversas no pátio e do barulho de rádios, sintonizados em diferentes emissoras.

A penitenciária tem três andares. Ficam no primeiro pavimento as salas da administração, dos serviços psicológicos e sociais, a cozinha, a triagem, o refeitório e dois pátios. A triagem é uma cela provisória por onde todas as apenadas que ingressam na instituição tem que passar. Trata-se de um período de avaliação: após passar pela sela de triagem, é que a presa passa, de fato, a fazer parte da rotina do

presídio. Neste mesmo andar, fica ainda parte da creche. Trata-se de um espaço destinado àquelas que têm seus filhos no presídio, ou, chegaram até ali ainda em fase de amamentação. Depois deste período (de amamentação), a lei determina que a criança seja entregue a algum parente, ou, caso não haja parentes aptos a cuidar da criança, ela deve ser levada a algum abrigo do Estado²².

A creche é considerada o melhor espaço do presídio, o “paraíso” como algumas presas a definem. Isso porque, diferente dos outros espaços, não há celas isoladas e sim grandes alojamentos. O ritmo do local é diferente, podendo as presas circular de forma mais livre. Por muito tempo, o espaço foi local de polêmica já que, mesmo a lei permitindo a estadia das crianças apenas durante o período de amamentação, ficavam na creche crianças com até 3 ou 4 anos de idade. A primeira vez em que estive na Penitenciária Feminina Madre Pelletier foi justamente para fazer uma matéria sobre como viviam as crianças no presídio (matéria em anexo, 2006). Era uma reportagem elaborada para uma revista da Faculdade de Comunicação da PUCRS e me recordo que a idade de permanência das crianças na creche gerava brigas e controvérsias internas.

Enquanto a direção da casa permitia a estadia das crianças, psicólogos e funcionários relatavam preocupação com o assunto. Contavam que, em dias de saídas das crianças (para visitas a outros familiares, ou, consultas médicas), os filhos de presas, colocavam as mãos para trás para imaginariamente, serem algemados, exatamente como fazem as mulheres presas quando precisam sair do ambiente prisional. Além disso, elas relatavam o consumo de drogas, sobretudo maconha, por parte das presas na frente dos próprios filhos. Após anos de polêmicas, a justiça gaúcha decidiu que a casa deveria agir dentro do que previa a lei. Assim, ficam hoje na penitenciária apenas crianças em fase de amamentação. Algumas, no entanto, permanecem no local até um ano de idade, não ultrapassando nunca este período.

No segundo e terceiro piso, localizam-se as demais celas, além de algumas salas de trabalho e estudo. A maior parte do contingente carcerário está localizada nesses andares. Ao todo, são seis galerias:

²² Embora não haja dados oficiais sobre o tema, muitas das mulheres ali detidas também têm seus companheiros presos. Por isso, cabe a mães, irmãs, ou até amigas, ficarem com os filhos das apenadas após o período do aleitamento materno.

- a) Galeria B1 – ficam aqui as detentas que prestam serviços para a própria casa prisional. Há no espaço nove celas e também uma sala grande (uma espécie de salão), onde ficam alojadas mais presas do que nas outras celas.
- b) Galeria B2 e E – ficam aqui presidiárias que trabalham. São tanto presas provisórias (que ainda não receberam condenação da justiça) e as já condenadas. Há também uma sala maior, e, na seqüência outras 25 celas menores.
- c) Galeria B3 – neste espaço costumam ser alojadas aquelas que prestam serviços para empresas que tem parceria com o presídio. Aqui ficam 16 celas.
- d) Galeria B4- aqui ficam as presas com pior comportamento, ou, aquelas que por algum motivo, precisam ficar isoladas das demais. É um espaço de oito celas, que é usado também para a segurança de presas contra a massa carcerária e isolamento disciplinar. Muitas vezes, precisam ser colocadas neste espaço, por exemplo, aquelas que praticaram infanticídio, já que este é um crime altamente recriminado no ambiente prisional. Por se tratar de um espaço de contenção, normalmente, há menos apenas nestas galerias do que nas demais.
- e) Galeria D- ficam aqui presas em geral, sem características específicas de comportamento, mas que, normalmente, não desenvolvem outras atividades na penitenciária. Há neste espaço, 16 celas.

As presas que compõem nosso grupo de estudos ficam nas galerias B1, B2 e B3. Isto significa que são apenas aquelas que desenvolvem algum tipo de trabalho dentro da prisão e, em geral, que possuem também bom comportamento. Sob a perspectiva de que a identidade é um processo contínuo e sempre em construção, acreditamos que a descrição do ambiente prisional aqui feita é importante para compreendermos melhor quem são as mulheres que apresentaremos neste estudo. Além disso, cremos que o contexto em que tais mulheres vivem tem profunda relação com a forma como as mesmas se percebem no universo prisional e com a maneira em que dialogam com este universo.

5.4 TODO DIA ELA FAZ TUDO SEMPRE IGUAL

Todo dia ela faz tudo sempre igual:
Me sacode às seis horas da manhã,
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã.

Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher.
Diz que está me esperando pr'o jantar
E me beija com a boca de café.

Todo dia eu só penso em poder parar;
Meio-dia eu só penso em dizer não,
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão.

Seis da tarde, como era de se esperar,
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão.

Toda noite ela diz pr'eu não me afastar;
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pr'eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor.

(Chico Buarque)

Apesar do entra-e-sai de apenadas, a rotina na cadeia é quase sempre a mesma. Aliás, o próprio entra-e-sai é parte de uma rotina. Todas as mulheres que entram na casa passam por um mesmo processo: a primeira etapa é a de identificação com digitais e o preenchimento de uma ficha, com dados pessoais. Essa documentação deve ser encaminhada à Susepe. A detenta então é encaminhada a cela de triagem, onde deve ficar temporariamente (esse período dura, normalmente, entre uma semana e 15 dias). Ali, ela está em uma espécie de observação – como se comporta, se é mais agressiva, mais passiva, se é religiosa. Essas informações são importantes para definir a cela para a qual ela será posteriormente encaminhada. A detenta ainda passa, neste período de triagem, pela enfermaria, e pelo setor jurídico para regulamentar sua situação perante a lei.

Ao ser definida a galeria para qual deve ir, a presa começa a, de fato, fazer parte do sistema prisional. Dependendo de seu comportamento e de sua vontade, elas podem trabalhar (o que ajuda na redução do tempo de pena e faz com que os dias passem mais rápido). O trabalho não é, portanto, obrigatório. Como não há trabalho para todas, aquelas que o tem são consideradas “privilegiadas” pelo

sistema. E ficam, inclusive, em galerias diferentes das demais que não têm algum tipo de ocupação.

Os trabalhos desenvolvidos na Penitenciária são de três tipos: Protocolo de Ação Conjunta (PAC), a prestação de serviços para o próprio presídio e as produções independentes.

Por Protocolo de Ação Conjunta entendem-se as parcerias firmadas entre a Susepe e as empresas que têm interesse de montar, dentro do presídio, uma estrutura para a população carcerária trabalhar. A carga horária semanal nestas empresas é de quarenta horas. Por isso, as presas costumam trabalhar de segunda a sexta-feira entre 08h30min e 12h e das 13h às 17h. Para estas trabalhadoras, costuma-se pagar um salário que é 75% do salário mínimo vigente.

Pode-se também trabalhar para a própria instituição. Neste caso, o tipo de trabalho desenvolvido irá variar com o tipo de necessidade da casa. Normalmente há vagas na cozinha, na limpeza, na enfermaria, ou ainda, na biblioteca. Para estas detentas o turno de trabalho é variável: algumas atuam somente pela manhã, ou, somente à tarde. Outras trabalham em turno integral. Nestes casos, o pagamento das apenadas deve ser feito através de recursos previstos na verba orçamentária da casa.

Há ainda um terceiro tipo de trabalho que é o independente: neste caso, não há horários fixos, nem renda fixa. O material para fazer estes trabalhos é adquirido pelas próprias detentas (normalmente, trazido por familiares nos dias de visitas) e os lucros, ou são repartidos entre elas, no caso de trabalhos ou grupo, ou, ficam para a presa que realizou a tarefa nos casos individuais. São tarefas no Salão de Beleza, no Tear (produção de mantas), ou, ainda, a produção independente de artesanatos, crochês e tricôs.

O trabalho, conforme citamos anteriormente, permite, além da remuneração, a remição da pena. Ou seja, a cada três dias de trabalho, as apenadas têm um dia a menos de pena.

Apesar de ficarem encarceradas, as detentas mantêm contato constante umas com as outras e ainda com os funcionários do presídio. Todas as atividades na Penitenciária são desenvolvidas em grupo. A possibilidade de se ter momentos de individualidade é praticamente inexistente. Na verdade, ela se restringe à geografia das celas: as presas demarcam sua cama colocando objetos de uso pessoal, fotos de pessoas queridas, retratos e *posters* de revistas com fotos de seus ídolos e,

muitas vezes, cobrindo seu espaço com lençóis ou cobertores, fazendo ali uma espécie de “barraca” que lhe permite uma mínima individualidade.

A jornada diária começa por volta das sete horas da manhã. Exceto, para aquelas que atuam na cozinha do presídio e que, portanto, acordam mais cedo. Às sete, há uma conferencia das presas – uma chamada oral para verificar o efetivo da casa. Na seqüência da conferencia, o café da manhã é servido nas celas. Por volta de oito da manhã, inicia-se a jornada de trabalho.

Às onze e meia começa a ser servido o almoço. No horário de almoço elas têm liberdade para fazerem outras atividades – ouvir rádio, conversar, ver TV. Uma de nossas pesquisadas chamou a atenção para a preferência do horário: “*É engraçado porque na hora do almoço independente do local aqui só da o Gordinho*”²³. *A gente caminha e só ouve o som do Balanço Geral*”. (Priscila)

Depois do almoço, as detentas que não trabalham costumam ir para o pátio tomar sol, ou, fazer alguma atividade física. Aquelas que tem alguma atividade laboral, retornam para seus afazeres. Às 17h, o expediente de trabalho é encerrado e todas devem retornar às galerias, pois, começa a ser servido o jantar. Entre 17h e 22h, novamente o som de rádios e TVs ecoa no espaço. Desta vez, porém, não há unanimidade na escolha de emissoras.

As TVs e rádios são levados por familiares. Quem tem seu rádio ou TV, assiste/ouve o que quer. Aquelas que não possuem, precisam compartilhar o gosto das demais. Nestes casos, há uma espécie de debate para decidir o que será visto/ouvido. Entre 22h e 06h é determinado o horário de silêncio. Mas, isso não significa, na prática, que o espaço será silenciado.

A rotina da casa é alterada, sobretudo, nos finais de semana, quando chegam as visitas. Os familiares normalmente levam sacolas com comida, material higiênico, cigarros e o que mais a família conseguir comprar. É interessante observar que até o entorno do presídio muda nestes dias. Por mais de uma vez, tentei comprar cigarros em um supermercado e um posto de combustível que ficam ao lado do presídio, em um dia de visitas. Nos dois estabelecimentos ouvia a mesma coisa: ih, hoje é dia de visita no Pelletier não sobrou um maço aqui.

Normalmente, as visitas são para parentes diretos: mães, pais, filhos, irmãos e maridos. Parentes indiretos e amigos podem visitar, mas as datas são mais

²³ Gordinho é a maneira que elas chamam o apresentador do programa Balanço Geral, da TV Record RS, Alexandre Mota.

restritas. O segundo final de semana é destinado a netos, tios e sobrinhos menores de idade. O último final de semana, conhecido como “Dia do amigo” é aquele que pessoas mais próximas, que não são parentes têm direito de visita.

Para visitar, é preciso fazer uma carteirinha de visitante que é elaborada no presídio. Nos dias de visita, as filas vão se formando em todo o quarteirão da penitenciária. Quando o portão principal da penitenciária é aberto, os visitantes recebem uma ficha para saber a ordem em que as revistas se darão. As sacolas passam por uma revista, assim como os visitantes. Depois da triagem, as detentas são chamadas e encaminhadas até o pátio para receber seu visitante. Como há muitas apenas cumprindo pena, parte da cadeia recebe visitas no sábado e outra parte no domingo. O horário de visitas vai das nove da manhã até às cinco da tarde. Todavia, a fila para ingressar na instituição começa a se formar ainda na madrugada.

Uma das medidas previstas na Lei de Execuções Penais (Lec) é que os encarcerados têm direito a educação (artigo 141, de 1984). Assim, a unidade prisional oferece aulas para diferentes níveis de instrução. Para estudar, as apenas passam por uma pré-seleção com uma psicóloga e com uma assistente social. O bom comportamento e o interesse são requisitos para a aprovação. As mulheres que são aprovadas nestas duas primeiras entrevistas, precisam se submeter ainda a um teste teórico para identificar o grau de conhecimento delas.

O ensino fundamental e o médio são administrados por professores do Estado nos turnos da manhã e da tarde. No ano de 2005, houve uma parceria entre a unidade prisional e o Centro Universitário Metodista (IPA) em que um curso de nível superior passou a ser oferecido dentro da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Vinte detentas prestaram vestibular e 16 foram aprovadas para o curso de Serviço Social. As aulas passaram a ser ministradas dentro do próprio presídio e, além das apenas, também integraram a turma agentes prisionais. As detentas precisavam tirar nota média de sete e manter a frequência nas aulas que eram ministradas à noite. Acompanhamos este projeto em um período anterior ao da pesquisa. Mais de uma vez, estivemos na unidade para fazer matérias sobre o tema. No entanto, no período em que realizamos a pesquisa, a parceria havia sido encerrada e não havia mais cursos em nível superior sendo ministrados no presídio.

Periodicamente, as presas são consultadas para dizerem que tipos de cursos profissionalizantes querem ter. Os cursos profissionalizantes são ofertados, normalmente, através de parcerias ou de trabalhos voluntários e são sempre por

tempo determinado. Há cursos de informática, cursos de estética. No momento em que nossa pesquisa foi feita, elas estavam na expectativa de um curso de auxiliar de construção civil.

As informações que aqui apresentadas foram reunidas através de dados da Susepe, de indagações feitas ao longo do trabalho de campo e das muitas observações feitas antes, durante e depois da pesquisa. Como este trabalho não se propõe a ser uma etnografia, não fizemos uma observação específica da rotina do presídio.

No entanto, o diário de campo foi fundamental para registrar aquilo que era observado e, também, o que acontecia durante os diálogos estabelecidos com as apenadas, durante as visitas feitas à instituição. Muita coisa, porém, foi coletada também ao longo de nossa vivência como repórter. A seguir, passaremos a nos deter mais aos dados coletados estritamente em campo.

5.5 A ENTRADA EM CAMPO

A primeira vez que fui a Penitenciária Feminina Madre Pelletier como pesquisadora passei por um processo semelhante àquele que vivi nas vezes em que ali estive como repórter. Talvez com um pouco mais de burocracia e explicações.

Cheguei cerca de uma hora mais cedo do que havia combinado com a diretora da unidade. Por isso, aproveitei para observar os arredores do presídio. Por volta das 13h do dia primeiro de junho de 2011, encontrei parada ali na frente do muro da Penitenciária, dona Laci²⁴. Fiquei observando ela a uma certa distância, até que ela percebesse minha presença. Aproximei-me e comecei uma conversa. Descobri que ela é mãe de uma mulher presa há oito dias, por porte de entorpecentes. A filha está grávida de cinco meses. Laci estava na fila desde às 11h e aguardava para fazer uma carteira de visitas. Ela foi informada que, devido ao grande movimento da casa no dia, provavelmente, só seria atendida por volta de 14h30 min. Então ela suspira e afirma: *“Fazer o quê? Quem precisa sou eu. Tem que esperar... A gente é mãe e mãe não pode abandonar a filha numa situação assim.”*

²⁴ A história de Laci foi mencionada anteriormente no item 3.3 ao falarmos sobre “Mulheres e Gênero”.

Mais próximo do meu horário de visitas, toquei o interfone e me identifiquei. A funcionária que me atendeu pediu para que eu aguardasse um instante para que ela verificasse se a diretora estava por ali. Quando o grande portão de ferro se abriu e, na seqüência, a porta de vidro, fiquei na ante-sala, onde tive que deixar meus pertences (bolsa, celular, etc). Ingressei somente com minha carteira de identidade na mão, meu gravador, um caderno e uma caneta.

Passo por mais uma porta cadeada e tenho acesso à recepção, onde me identifico novamente e entrego minha carteira de identidade à recepcionista. (Normalmente, quando ia à Penitenciária como jornalista, eu não necessitava parar nesta ante-sala, apenas seguia direto à recepção, onde ficavam meus pertences e entregava minha identidade). A recepcionista se certifica mais uma vez sobre o fato de eu estar sem celulares e questiona sobre a presença do gravador. Explico que ele será necessário para fazer a pesquisa. E então, sou levada até a sala da direção que fica no mesmo corredor de outras salas administrativas.

Sou recebida pela diretora da Penitenciária, Roselena Gonçalves. Roselena atua há 21 anos no sistema prisional e está na direção da Penitenciária Feminina Madre Pelletier desde o início do ano – “uma velha conhecedora do sistema”, como ela mesma se define. Explico a ela que minha idéia era fazer uma pesquisa de campo, entrevistando presas para entender o que elas consumiam de produtos midiáticos, ouvir suas histórias e tentar entender a relação delas com a mídia.

Digo que minha idéia era selecionar aleatoriamente presas de espaços diferentes da penitenciária (pois eu já sabia que o perfil das apenadas varia de acordo com o espaço que ocupam ali dentro). E acrescento que o interessante para mim seria poder conversar com elas nas celas, ou espaços em que elas ficassem mais a vontade. Para que eu pudesse acompanhar mais de perto o cotidiano das mesmas. E que meu interesse, inclusive, passava por assistir TV com elas.

Embora receptiva, Roselena vai desconstruindo aos poucos meus desejos, tendo em vista determinados procedimentos que deveriam ser cumpridos. Entrevistá-las individualmente e depois formar um grupo, isso, sim, seria possível. Porém, o espaço não poderia ser a própria cela, mas teria que ser outro, onde a gente pudesse ficar sob observação de um funcionário. Além disso, as entrevistadas teriam que ser selecionadas pela direção “por questão de segurança”. Não sei se consegui esconder minha decepção, todavia, eu pensava no fato de que era preciso primeiro “ingressar” no sistema. Depois, eu veria o que iria acontecer.

Nesta primeira conversa, ela já me deu algumas pistas do que se passava naquele ambiente em relação à mídia:

“Elas assistem a novela da Globo e ao ‘Gordinho’. Só que elas dizem que não gostam do Gordinho. Então eu pergunto: se vocês não gostam por que assistem? E elas respondem que é pra ver quem foi preso.” (Roselena)

Na seqüência, ela chamou Elena, uma detenta, de bom comportamento, para que a gente tivesse uma primeira conversa, ali mesmo, na sala da direção, para eu ter uma idéia do que estava por vir. A conversa com Elena, portanto, embora tenha me sido extremamente útil para o ingresso em minha pesquisa, não foi feita nos moldes das demais. Essa se deu mais como um jogo de perguntas e respostas, bastante focado nos aspectos midiáticos. Todavia, foi Elena que me deu uma pista sobre as múltiplas prisões vividas pelas mulheres – Elena falava muito nos filhos que estavam fora da prisão, na saudade e na culpa que a envolvia por não estar acompanhando o desenvolvimento deles. À Elena eu agradeço o fato de ter me mostrado o quanto a maternidade se constrói como um tema de extrema importância na cadeia.

Depois deste primeiro encontro, combinei com Roselena que ligaria semanalmente para agendar as conversas. No entanto, comecei a enfrentar dificuldades já que Roselena já não me atendia mais, assim depois daquela primeira conversa, a pesquisa de campo esteve parada por três meses.

Apenas em setembro/2011, consegui falar com a direção do presídio novamente. E, para minha surpresa, não era mais Roselena que ali estava. Duas novas diretoras foram empossadas: duas psicólogas. Elas me informaram que não sabiam de nenhuma pesquisa. Disseram que, para fazer trabalhos deste tipo, era necessário solicitar uma nova autorização junto à Susepe.

Diante destes fatos, eu procurei novamente a assessoria de imprensa da Susepe, expliquei o que estava se passando. Por intermédio desta assessoria, consegui retornar ao presídio.

Assim sendo, retornei à penitenciária, em outubro de 2011. Conversei com as novas diretoras e apresentei novamente minha idéia de pesquisa. Mais uma vez, ouvi que a escolha das apenas deveria ser feita pela direção da casa prisional. Além disso, fotos e visitas às celas, só seriam permitidas mediante autorização do juiz da Vara de Execuções Criminais. Assim sendo, as entrevistas teriam que ser realizadas em uma sala que fica no mesmo corredor das salas administrativas, no

primeiro andar da unidade, onde o fluxo de pessoas é grande e, por conseqüência, o monitoramento de segurança também. Agendei minha primeira conversa para a semana seguinte, realizando uma série delas até novembro de 2013.

A sala que usamos para fazer as conversas é a mesma utilizada pela assistente social. Tem uma janela grande e velha que dá para o pátio da penitenciária e que fica, normalmente, fechada. Isso não impede que o ruído chegue até a sala. Freqüentemente, ouvíamos as brincadeiras, discussões e conversas do pátio dentro da sala. Há uma mesa redonda e algumas cadeiras de ferro que abrem e fecham, como estas que são comuns em bares. Eu ficava na sala e as presas eram levadas até ali, escoltadas por agente prisional.

No dia de meu primeiro encontro individual, quando a primeira entrevistada chegou, a agente prisional que a conduziu até a sala deixou a porta aberta e ficou parada a observar o que seria feito. Expliquei à carcereira então que eu precisava fechar a porta, pois, gostaria de ter privacidade com a detenta. Ela permitiu. Ficamos então fechadas na sala por aproximadamente quatro horas. Por vezes, porém, algum agente penitenciário abria a porta sem bater para “saber se estava tudo bem ali”.

Para todas as mulheres eu explicava inicialmente meu objetivo de pesquisa e na seqüência pedia a mesma coisa: me conta a sua história de vida.

Já no dia em que fizemos o grupo focal (cerca de um mês após as entrevistas individuais), fomos levados para uma sala no segundo andar. Era na verdade uma espécie de salão, com quadro negro, uma mesa grande e algumas classes. Para chegar até lá, precisamos passar por uma grande porta de ferro e grades que separam o corredor do primeiro andar onde ficam as salas administrativas, do acesso para as celas. Enquanto eu e outras detentas subíamos as escadas (sempre escoltadas por agentes prisionais) para ter acesso ao salão e enquanto aguardávamos que o espaço fosse aberto, outras presas nos observavam de suas celas e gritavam, faziam graça, mexiam com o grupo que ali estava.

5.6 BREVES DESCRIÇÕES DAS MULHERES

Nesta parte, iremos descrever brevemente o perfil das mulheres aqui ouvidas. Destacamos que os nomes aqui citados são aqueles pelos quais elas optaram ser chamadas e não, necessariamente, os nomes pelos quais se chamam de fato.

- a) Sarah – “é um nome de bruxas e de ciganas”. Assim ela apresenta sua identificação. Sarah tem 46 anos, está no Madre Pelletier há um ano e nove meses e trabalha no salão de beleza do presídio e fica na galeria B3. Desta vez, cumpre uma pena total de seis anos de reclusão em regime fechado. Já esteve na prisão outras vezes, cumprindo pena por estelionato. Ela é a primeira mulher que entrevisto e também a conversa mais longa que se estabelece. Gravei apenas uma parte de nosso diálogo. No meio da conversa, ela pediu que o gravador fosse desligado pois tinha coisas comprometedoras a serem contadas. Sarah disse que a história de vida dela daria um livro e, quem sabe, viraria até filme. Quem sabe, eu não poderia escrever esse livro, me perguntou ela. Na vida de Sarah os amores e desamores, os filhos e a cachorra são os temas centrais.
- b) Simone – tem 38 anos, três filhos. Cumpre pena há dois anos e esta é a primeira vez que cumpre pena. Ela trabalha na limpeza do presídio, e fica na galeria B2. Foi detida quando levava drogas para o marido que estava preso. Em nossa conversa, fica saliente o seu envolvimento com o marido e como se desenvolveu essa relação que até ali só aconteceu através das grades (ela conheceu o marido na prisão, engravidou durante visitas íntimas feitas ao marido e nunca viveu com ele um período em que os dois tivessem em liberdade).
- c) Priscila – tem 24 anos, está detida há dez meses e ainda não tem nenhuma condenação. Cumpre pena na galeria B2. É acusada de ser cúmplice em um homicídio. Ela nunca foi presa antes. Priscila fala muito em recuperação, em ser julgada logo, e poder sair dali para estar com a filha já que ela foi presa logo depois de dar à luz.
- d) Veri – tem 31 anos, já cumpre pena há três anos e um mês, mas, tem, ao todo, oito anos e nove meses de condenação. Teve seu quinto e mais novo filho na prisão. Foi levada “ao mundo do crime pelo companheiro”. Está na galeria B3. Veri parece pouco confortável durante nossa conversa e no dia do encontro em grupo, ela diz que está indisposta e prefere não participar. Seu relato, no entanto, nos chama especial atenção pela vida marcada por misérias e ausências: ela começou a se prostituir cedo, usava as drogas com uma forma de aliviar o desconforto que sentia com a

prostituição. Tinha poucas referências familiares, não teve nenhum trabalho formal e não contava com muitas perspectivas ao sair da cadeia.

- e) Cláudia – tem 29 anos, já esta presa há um ano e três meses, mas tem uma condenação de 15 anos e sete meses. Foi presa por estelionato. Cumpre pena na galeria B3. É casada há cinco anos, tem três filhos e o marido está preso, respondendo pelo mesmo crime. Cláudia fala muito na vida boa que tinha antes da prisão, salienta que não precisaria ter entrado para o mundo do crime não fosse por “olho grande”, destaca constantemente o carro, apartamento, trabalho e todos os bens que possuía antes da prisão.
- f) Taís – 34 anos. Cumpre pena na galeria B1, tem 12 anos de pena pelo crime de tráfico de entorpecentes e associação para o tráfico. Deste período, já cumpriu dois anos e oito meses. Sua quarta e última filha nasceu na prisão e está com quatro meses de vida. É casada há 15 anos. Taís gosta de futebol e adora rádio. Foi com ela que descobri uma das formas de relação das presas com o mundo: o programa Love Songs, da rádio Cidade.
- g) Evelyn – 22 anos. Natural de Florianópolis está no presídio de Porto Alegre há apenas três meses. Estudante de psicologia, ela é filha de um funcionário do Banco do Brasil e de uma professora. Foi detida quando voltava de uma viagem com o noivo e alguns amigos dele. Na mala de um amigo do noivo, que ela carregava a pedido dele, foi encontrada grande quantia de drogas. Ela ainda não tem condenação e não sabe quando será sua primeira audiência na justiça. Nesta unidade prisional, ela fica detida na galeria B1 e trabalha na cozinha da instituição. Evelyn me fala do universo prisional como se o visse “de fora”, como se ela estivesse também no papel de observadora. Ela me conta que, quando estudava psicologia, pensava em fazer trabalho voluntário no presídio, ou, algum estágio ali. E, agora, ela se deparava inesperadamente como parte daquela rotina.

Esse é o conjunto de informantes no qual se fundamenta nossa pesquisa. Como citamos anteriormente, ainda aparecerão aqui falas de Elena, embora nosso diálogo com ela não tenha se estabelecido nos mesmos moldes das demais. Todavia, parte do conteúdo assinalado por ela nos foi fundamental para compreendermos o contexto prisional e as múltiplas prisões femininas. Através dos relatos obtidos com essas mulheres, pretendemos identificar as múltiplas prisões femininas e o aparecimento da mídia no contexto prisional.

6 SOBRE QUEM FALAMOS - UMA DESCRIÇÃO PARA CONHECER MELHOR NOSSAS INFORMANTES

Faremos a seguir uma descrição das entrevistas realizadas com cada uma das apenadas. A idéia aqui é narrá-las na mesma ordem em que os assuntos foram surgindo na conversa e pontuar também as intervenções que precisamos fazer. Assim, acreditamos ser possível ter uma dimensão mais nítida de como se estabeleceu o diálogo entre entrevistadas e entrevistadora e sobre a forma que os temas que, posteriormente, serão analisados apareceram em nossas conversas.

Sarah:

Sarah tem 46 anos, está presa há um ano e nove meses, mas, é condenada a seis anos em regime fechado. Ela é acusada de tráfico de entorpecentes. Mas, já respondeu a seis processos por estelionato.

Quando ela vem ao meu²⁵ encontro, explico que sou jornalista, pesquisadora, trabalhando na área da comunicação e que meu estudo busca compreender como é a relação das presas com a mídia. Apesar disso, deixo claro que nós iremos tratar especificamente deste tema depois. Peço que, em um primeiro momento, ela me conte a história de vida dela.

Começo então a gravar nossa conversa com a seguinte frase: “Me conta um pouco da tua vida. Por onde tu preferes começar?” E ela começa, pelo mesmo ponto em que começamos nossa descrição: narrando a história de vida dela – como sendo a história de envolvimento de Sarah com o universo prisional.

Ela já cumpriu seis anos de prisão (também na penitenciária Madre Pelletier), no regime fechado por crimes de estelionato. No entanto, dessa vez, a prisão a revolta de maneira especial. Isto porque Sarah foi detida por um crime que ela afirma não ter cometido e que, muitas vezes, quem o pratica sofre certo estigma dentro da prisão: o tráfico de drogas.

Depois de deixar a Penitenciária Feminina Madre Pelletier, ela cumpriu quatro anos de liberdade condicional em Santana do Livramento. Lá, Sarah tinha uma

²⁵ Embora busquemos usar a primeira pessoa do plural de forma predominante neste trabalho, neste capítulo, assumimos o uso da primeira pessoa do singular por acreditarmos que se trata de uma experiência que precisa ser narrado por um “eu” que é sujeito ativo em uma conversa.

grande amiga – que traficava. O envolvimento das duas, segundo ela, teria culminado na atual punição:

Tinha uma amiga minha que sempre considerava como irmã, a gente sempre andava junto, onde ela pedia pra eu levar eu levava, só que ela traficava. Através de escutas eles deduziram que eu era o braço direito da quadrilha.

No entanto, é a própria Sarah que revela o pensamento predominante na prisão quando o assunto é o tráfico:

Eu nunca trafiquei. [...] Nesse tempo que eu tive aqui eu vi quanto sofria as pessoas do tráfico. Eu achava que era um vício da parte delas. E ainda acho. Vamos exemplificar. Se conseguirem 50 mil com esse tráfico, uma hora elas vão ser presas. Aí gasta com advogado pra se manter na cadeia, gasto pra manter a família e, no final das contas não têm mais dinheiro. Resumindo, custo-benefício não vale a pena. E o pessoal não gosta de quem trafica na cadeia.

Sarah hoje trabalha no salão de beleza do presídio. No entanto, durante suas passagens pela prisão, ela se orgulha de ter tido uma trajetória de liderança junto às demais apenadas.

Como eu digo pras pessoas que já me conhecem há muito tempo aqui, já de anos, fiz de um tudo nessa cadeia. Fiz paralisação, fiz greve de fome, trabalhei no salão. Abri um projeto. Na primeira vez que abri o salão ficou sob minha responsabilidade. Eu denunciei juiz, denunciei promotor, denunciei direção. Sofri retaliações em função disso. Fiz de um tudo. Temos deveres, mas também temos direitos. Li toda LEP²⁶.

A revolta por ter sido condenada pelo crime de tráfico é amainada pela religião. Assim como as demais dores da vida. Sarah é espírita.

Ela conta que sempre teve uma relação muito forte com a irmã. E que este foi o maior sofrimento de sua vida: estar presa enquanto a irmã enfrentava um câncer.

Sarah define este período da doença da irmã como “o período mais difícil que já viveu”. Foi aí que ela leu “O vale dos suicidas”, livro que ela atribui a doutrina espírita e que lhe deu forças para superar este momento.

Ainda durante a doença ela sonhou com a irmã que lhe dizia para sair da cadeia, pois, ela (a irmã) precisava morrer. Sarah conta que recebeu liberdade no

²⁶ LEP – Sigla para “Lei de Execuções Penais”.

dia nove de fevereiro de 2006. Mas só foi visitá-la no hospital no dia onze. “Eu não queria ir ao hospital porque sabia o que ia acontecer. Eu segurei a mão dela, disse que estava ali e, logo em seguida, a minha irmã morreu”.

Outro grande sofrimento na vida de Sarah foi o envolvimento amoroso que ela teve com um policial. O amante acabou se suicidando e, por causa deste envolvimento, ela se tornou testemunha de uma CPI que investigava a relação de policiais com o crime.

Por um período, ela precisou ficar detida em uma cela isolada, sem contato com outras presas – o que seria uma medida de segurança enquanto ela era testemunha. Depois, a pedido dela, voltou a se relacionar com as demais apenadas.

Neste momento, ela teria ajudado a organizar uma paralisação dentro da unidade prisional. Revoltada com o fato de uma mulher deficiente ter perdido um filho ao dar à luz dentro da prisão, ela ligou para as demais galerias, e organizou uma mobilização.

Naquela época, as galerias tinham uma líder. Cada galeria tinha a sua líder e as pessoas se respeitavam. Hoje o crack mudou muita coisa. Não existe mais isso. Aí eu liguei para a redação da RBS, avisei o que estava fazendo. O Zambiasi²⁷ falou três dias seguidos disso. E todo noticiário falou do assunto.

Quando ela completou um ano de liberdade condicional vencida, sem conseguir deixar a cadeia, decidiu fazer outro protesto. Desta vez, ela fez greve de fome. “Era uma falta grave, mas, é direito do preso. Sem contar que é coisa boa pra emagrecer. Eu to gorda agora”.

Pergunto se ela tem filhos. Ela responde que sim - tem cinco filhos: quatro meninos e uma menina. Os filhos são um vínculo muito forte e, ela chora ao dizer, que deixou a greve de fome quando o filho foi lhe levar uma sacola com comida.

Sarah começa a descrever a vida que teve entre sua última saída da prisão e o retorno a uma casa prisional: ela diz que morou em uma casa onde pagava R\$3.000,00 de aluguel: “casa com piscina”. Depois disso, ela começou a procurar estabilidade. Foi para outra casa, onde o aluguel custava R\$500,00 – dinheiro que ela pagava com a pensão do ex-marido.

Ela me conta que já tem planos para quando deixar a prisão desta vez:

²⁷ Comunicador de rádio conhecido no Rio Grande do Sul, apresenta um programa popular na Rádio Farroupilha, emissora do Grupo RBS.

Vou abrir uma empresa e, depois de um ano, vou falir. Como foi o Tumeleiro. Vou pegar o dinheiro da falência e abrir uma estética. Vou comprar uma casa e deixar os meus filhos bem. Eu não vou dar cheque sem fundos em botequinho, porque ali vai falir. Só em banco, financeira, porque ali é juros, sobre juros.

Pergunto então sobre como é a rotina dela na prisão. Ela diz que fica entre 08h30min e 17h no salão de beleza da penitenciária. Na prisão, ela já fez curso de manicure, teatro e culinária. Ela costuma se arrumar para o filho: “Faço questão que ele me veja bem”.

E revela que, recentemente, fez uma mudança no visual: “O meu cabelo, eu fiz mecha – pra ficar que nem o da Theresa Cristina²⁸.” A vaidade, aliás, é um aspecto forte na vida de Sarah. Além de trabalhar em um salão de beleza, percebo que no dia em que ela me encontra, está maquiada, de unhas feitas. E ela faz questão de frisar: “Hoje tu tá me vendo péssima: to de TPM. Mas eu faço chapinha, me maquio todos os dias”.

Ela diz que a cobrança no trabalho é grande. E, se alguma atividade é mal feita, ela é cobrada tanto pelas clientes (outras detentas), quanto pela direção da casa prisional). E ela ilustra:

Eu, por exemplo, agora não faço mais química (nos cabelos) porque a repercussão é grande e elas falam. Teve uma outra que, pra não pagar a progressiva, saiu falando que tava com um cheiro horrível, reclamou que não ia me dar R\$ 100,00 e deu só R\$ 50,00.

De repente, ela retoma a conversa sobre os filhos: “Filhos a gente cria para o mundo. Cachorro a gente cria pra gente”. Então, ela relata que, por causa dos longos períodos na prisão, o filho mais novo foi criado pela irmã de criação dela. “Esse eu perdi. Porque ele sabe que eu sou a mãe dele, mas, não faz diferença. É questão de afinidade”. Já com outros dois filhos ela se diz muito amorosa.

Sarah tem especial carinho por cães. Ela compara um namorado que teve a um pitbull: “Disse pra ele que eu faria com ele como fiz com a minha pitbull – transformei ela num animal dócil”. E, mais uma vez, ela retoma a metáfora do cachorro. Só que agora para falar das relações entre as mulheres na prisão: “Fêmea não convive bem com outra fêmea. Realmente, isso é verdade”.

²⁸ Vilã da novela das 21h que ia ao ar em 2011. A novela se chamava “Fina Estampa” e Theresa Cristina era vivida pela atriz Christiane Torloni.

Quando nossa entrevista está acabando ela me diz: “Eu já fui entrevistada pela Veja, sabia?” Então eu pergunto se ela gosta de ler. “Gosto mais dos meus livros espíritas. Mas, pra me manter informada, vejo mais a TV e o rádio. Lá no salão, tem TV e tem rádio.”

Eu pude gravar apenas parte da conversa com Sarah. Outra parte, ela pediu para que não fosse gravada, mas, deixou que eu fizesse anotações enquanto ela fazia a narrativa. Ela me perguntou, então, depois de narrar a parte da história que eu não poderia aqui reproduzir, se eu gostaria de escrever um livro sobre a história dela. “Eu preciso que esta história seja escrita, ela não pode ficar só comigo, mas, eu acho que ela daria um livro. E te garanto que ele vira até filme”.

Explico que não poderia fazer este trabalho e, então, ela finaliza.

Sabe que eu sou a única ovelha negra da família. Minhas irmãs são todas donas de casa. Mas, porque eu não tive estrutura familiar. Eu queria ser adotada por uma família estruturada, estudando pra usar minha inteligência para outra coisa. Quando perdi minha virgindade, eu tinha 13 anos. Sai de casa por livre e espontânea vontade e ninguém me impediu. Hoje, por causa do espiritismo, eu perdô a minha mãe. Eu amo ela.

Pergunto então qual nome ela escolhe para ser chamada no trabalho. Ela me diz que deseja ser chamada pelo mesmo de sua pitbull: Sarah. “Porque Sarah é um nome de bruxas e de ciganas”

Simone:

Assim como na conversa com Sarah, inicio meu contato com Simone pedindo para que ela me fale sobre sua vida. E, da mesma forma, a “vida” de Simone, inicia - nesta narrativa que ela me faz – na vida prisional dela.

Simone foi detida quando levava drogas para o marido na Penitenciária Modulada de Charqueadas: “Ele é usuário de crack. E me obrigou a levar 40 gramas de pó e 30 gramas de pedra. Acabei levando e fui pega pelas agentes. Tinha droga na calcinha. Fui condenada a seis anos e cinco meses”.

Pergunto se ela é casada há muito tempo: ela responde que sim – é casada com o pai das filhas dela há mais de 15 anos. Ela tem três filhas, um de 15, outra de 9 e outra de 7. Ela diz que tem ainda um filho de 19 anos, que cumpre medida educacional na Fundação de atendimento socioeducativo do Rio Grande do Sul (Fase). Mas, este não é filho do atual marido.

Ela conta que o filho vai visitá-la, numa espécie de visita assistida. As filhas também: “Mas eu não obrigo. Elas têm a vida delas e quem errou fui eu. E aqui é uma burocracia pra entrar”.

O casamento de Simone sempre se passou dentro da prisão: “Minha vida de casada foi apenas envolvida com ele na prisão. Criei minhas filhas e criei todas sozinhas. Depois ele saiu, e eu vim presa”.

Simone conheceu o marido quando visitava o irmão dela na prisão. Os dois (irmão e futuro marido) eram colegas de cela.

Entramos no Central pra visita em 97 e meu irmão ficou na mesma galeria que o pai das minhas filhas. Ele (o futuro marido) era paneleiro. E fui pegar comida pro meu irmão. Era arroz, alface e galinha. Insisti que queria comer e ele perguntou de quem eu era visita. Ele gostou do meu jeito. Pediu pra eu ter calma. Fui pra perto do meu irmão e ele ficou parado me olhando. Depois ele chamou meu irmão num canto. Eu disse que não tinha gostado daquele negão. Fui lá e xinguei o paneleiro novamente. Meu irmão disse pra eu me acalmar. Daquele dia em diante o paneleiro disse que tinha fechado uma coisa comigo e com ele. Meu irmão escreveu um bilhete por ele endereçado a mim, porque ele não sabia escrever. Ele queria conversar comigo. Fui e ele me recebeu na cela dele. Disse que havia gostado de mim e que estava há muito sem visita. Estava gago de tão tímido. Falei que já tinha um filho e que não ia dormir na cama com ele porque não podia ter mais [...]. Ele mandou eu conversar com a mãe dele. Depois de quatro meses tivemos visita íntima. Ele era virgem. Eu fui a primeira mulher da vida dele.

Ela me diz que a vida de um casal mediada pela prisão é difícil. Conta que “todas as filhas foram feitas na cadeia – uma em cada penitenciária”. E diz que, dentro da penitenciária feminina, as visitas íntimas são permitidas a cada 15 dias. “Mas quem vem visitar as mulheres são as mães, filhas. Marido só se ama demais a mulher”. No caso específico de Beatriz, o marido voltou a ser preso e, desde então (há três meses) ela não tem contato com ele.

Ao narrar a história dos dois, Simone demonstra empolgação, mas, ela confessa que, o fato de nunca ter vivido um período de liberdade em comum, impediu os dois de terem “uma vida de marido e mulher”. Atualmente, eles não trocam nem recados porque as filhas do casal não têm autorização para visitar o pai. E a mãe de Simone, que poderia fazer esta visita, não tem uma boa relação com o genro. “Minha mãe não gosta dele. Ela diz que tudo de ruim que aconteceu na nossa vida foi por causa dele. Meu filho e eu presos.”

Sobre a mãe, Simone faz ainda outra pontuação: “Minha outra mãe – que me criou – disse que meu namorado (o pai do meu filho) tinha muito ciúmes de mim. Porque minha mãe verdadeira só me ganhou. Eu fui criada pela minha avó que já morreu, mas me educou. Tenho até o segundo grau”.

Pergunto se ela já trabalhou. Ela diz que sim – trabalhou em vários lugares.

Tenho treze anos de carteira assinada. Meu primeiro serviço foi no Dosul como empacotadora. Fiz estágio na Secretaria da Saúde e na FDRH, trabalhei nos Correios. Fiz estágio e trabalhei na Caixa Econômica Estadual. Nas Casas Lu. No Bingo Alfândega. Tive o meu guri com 18 para 19 anos. A minha avó o criou. Eu tinha medo.

Lembrando o que Sarah havia me dito sobre quem vai parar na cadeia por tráfico de entorpecentes, resolvo sondar Simone para ver se ela tinha a mesma percepção.

Helen – Aqui dentro da cadeia tem um certo estigma com quem vem por drogas. Sentes isso?

Simone – Não. Até pelo contrário. A maioria vem por isso pra ajudar o marido até. Algumas mulheres são usuárias. Tem uma com 18 anos na galeria que é consumidora de crack. Agora tá gordinha até. Foi pega numa boca fumando. Tinha que existir um castigo pro usuário. Enquanto ele existir haverá quem venda. Mas o juiz só prende o traficante. Até nas melhores famílias se consome drogas. Tenho 38 anos e nunca experimentei. Nem tive vontade. Via pessoas consumindo apenas.

Ela conta que já havia sido presa ajudando o marido em outro momento. Em 2004, ela foi detida por porte ilegal de arma. No entanto, daquela vez ela havia passado apenas um dia na cadeia.

Agora, ela diz que foi pior. Condenada a seis anos e cinco meses de prisão, ela relata que chegou a pensar em suicídio quando recebeu a sentença. No entanto, ela se sente melhor por estar cumprindo pena na Penitenciária Feminina Madre Pelletier (considerada “mais flexível”) e podendo ter atividades como o trabalho na faxina do local. Além disso, ela pode receber visitas.

Simone já trabalhou em outros setores do presídio como o setor administrativo e a enfermaria. Por isso, perguntei se ela teve acesso a TV ou rádio. Ela então responde que sim, que sempre assiste o Balanço Geral²⁹.

Pergunto por que ela assiste a este programa.

²⁹ Programa jornalístico da TV Record no RS.

Critica muito as presas, né? Chama nós de vagabunda e meliante. Discriminam muito a mulher. Ele (o apresentador do programa) não vem aqui pra ver. Hoje foi preso um estropador, que havia estropado uma criança. Por que isso? Ele joga sapato e até funk com a mulher. Mas o homem não. O foco é a mulher. Gostamos de ver, mas ele não sabe nada disso daqui. Há muitas que trabalham aqui. Querem sair. Vejo por causa da comunidade, da notícia. Mas é mais polícia.

Simone também vê novelas. No momento em que fiz as entrevistas, passava na Rede Globo uma novela, às 18h, denominada “A vida da Gente”. A história tinha como cenário o Rio Grande do Sul. E, nas conversas que tive com as apenadas, essa novela, embora fosse exibida no horário das 18h, era mais citada do que o folhetim “Fina Estampa” – exibido em horário nobre. O principal motivo é o que descreve Simone: “A vida da Gente foca o que passamos. Só falta focarem em nós. Vemos a Redenção, o Moinhos de Vento. A gente adora.” Ela também assiste Fina Estampa (“mas não gosto muito”) e a novela que passa na Record chamada “Vidas em Jogo”.

Ao falar sobre a situação das presas ela repete um discurso que, na maioria das vezes, é visto em programas televisivos como o Balanço Geral, já citado por ela.

“Pergunto muitas vezes porque o juiz quer nós aqui dentro? Não tem outro modo de pagar a pena? Tem cama, chuveiro quente, fruta, leite. Coisas que famílias lá fora não tem”.

Quando encerramos a conversa, Simone me pergunta: “E quando é que vai sair essa reportagem mesmo?”. Explico, novamente, que, apesar de ser jornalista, meu trabalho ali é apenas o de pesquisadora. E que a entrevista seria publicada sim, mas, em um texto para a Universidade. Ela sorri – mas não disfarça uma pequena decepção.

Na visita seguinte, que faço ao presídio a encontro limpando o corredor e ela comenta com outra colega: “Essa é a dona Helen, a jornalista que vai colocar a gente no rádio”.

Priscila:

Priscila tem 24 anos e, embora esteja detida há dez meses, ainda não tem nenhuma condenação. Ela fica na galeria B2, considerada uma das melhores do presídio – tanto em termos de estrutura, quanto em relação ao perfil de quem vai pra lá.

Diferente das outras entrevistadas, que iniciam a sua “história de vida” pelo seu envolvimento com o crime, Priscila começa a narrar sua história pelo local de nascimento, da seguinte forma: “Nasci aqui em Porto Alegre, no bairro Jardim Botânico, tenho três irmãs mais velhas e um irmão mais novo”. No entanto, na segunda frase, ela introduz, então, a sua história para explicar como chegou até a penitenciária.

A vida dela mudou por causa dois um revezes: a mãe de Priscila foi diagnosticada com câncer. A família, que vivia no bairro Jardim Botânico, se mudou para uma localidade mais pobre: a Lomba do Pinheiro e, lá, ela começou a consumir drogas.

Ela me conta que há poucos dias ela anotava esta história em um diário que escreve na prisão. Priscila define este momento da mudança e do diagnóstico da doença da seguinte forma:

Foi onde minha família perfeita começou a se desestruturar. Comecei a me envolver com pessoas erradas. Não que elas sejam culpadas. Mas contribuíram bastante.” Chama atenção, ao longo de nossa conversa, o quanto Priscila destaca a sua “base familiar”.

Neste mundo que ela ingressou, Priscila conheceu o marido. Os dois, segundo ela, fumavam maconha, bebiam muito, usaram cocaína e, por fim, acabaram viciados em crack. Ela ressalta, porém, que foi a ajuda da família e da igreja que ela passou a freqüentar, que fizeram com que ela e o marido conseguissem se recuperar dos vícios. Tanto ela, quanto o marido, não usam mais drogas.

O marido de Priscila foi preso um pouco antes dela. A história que ela narra é a seguinte:

O meu marido era envolvido com esse mundo (drogas), um dos meus tios saiu da cadeia e não aceitou que eu ficasse com ele. Me agrediu na rua, disse que ia nos matar. Porque ele era um viciado. Três dias depois eles se cruzaram na rua e, meu marido, com medo, estava armado, matou meu tio. Minha tia me acusou de mandante. Meu marido é réu confesso e está no Presídio Central. Ainda não conseguiu liberdade provisória.

Priscila tem uma filha de dez meses. Ela foi para o hospital realizar o parto e, de lá, foi levada direto para a Madre Pelletier. Ela conta que a menina nasceu no

Natal e que a mãe morreu um pouco depois. O câncer levou a mãe de Priscila há cinco meses (enquanto ela estava presa).

Pergunto se ela conseguiu amamentar a filha.

Não! Ficou três dias comigo apenas. A regra pra ficar é só se entra grávida aqui. Mas minha família pode trazê-la e tudo. Minha irmã vinha duas vezes ao dia no primeiro mês. Como ela se adaptou bem, achei melhor parar porque ficava muito cansativo para todas as partes. Era muito calor.

Helen - Foi difícil a separação?

Priscila - Foi. Primeira filha. Muito desejada. Mas hoje vejo que foi melhor. Respondemos uma pesquisa nesses dias sobre as crianças que ficam aqui e hoje vejo que foi muito melhor. Ela é esperta, inteligente. Aqui teria um atraso, acredito eu.

Ela conta que mantém contato com o marido, por carta. Com um sorriso, ela diz que enviou a ele, no último final de semana, fotos dela participando de uma conferência estadual de políticas para as mulheres. Ela diz que, como ele foi preso antes, ele só viu a filha por fotos, ou, em curtos períodos, durante as audiências na justiça, quando o advogado dela é autorizado a entrar com o bebê para que o pai a veja rapidamente. fato dos dois estarem presos, de acordo com ela, atrasa coisas simples como a realização do registro da filha.

Ela diz que sente muita saudade do marido, mas, que acredita que hoje os dois se tornaram pessoas melhores. Os dois, que se conheceram em locais de consumo de drogas, ficaram sabendo, ao começar a namorar, que a mãe dela havia sido babá dele e do irmão dele.

Em relação à mãe Priscila conta que era muito ligada a ela, que todos os filhos tinham um vínculo forte com a matriarca. Priscila é a filha caçula. É dos programas em família que ela diz sentir mais falta.

Para amainar a saudade, ela busca conforto na Igreja. Priscila participa dos cultos da Assembléia de Deus que para ela levam “paz muito grande”. Dentro da cadeia também, ela é promotora de saúde e participa de reuniões semanais. Além disso, ela também participa de encontros com assistentes sociais, advogados e psicólogos de universidades que vão até a penitenciária desenvolver trabalhos. Depois de ir para a conferência de políticas para as mulheres, ela também relata que está agora lendo e escrevendo bastante para colaborar com o tema.

Ela considera sua família uma família classe média, o pai é funcionário público e a mãe vendia cosméticos e era costureira. Priscila estudou até a sétima

série do ensino fundamental. Conforme conta, ela sempre tirou boas notas, mas, preferia fazer supletivos porque não gostava de estudar e acabava faltando muitas aulas. Ela trabalhou como fotografa e também em um café:

Tirava fotos bem abstratas. Uma vez tirei a foto de um cachorro bebendo água em um bebedouro. Consegui um emprego num estúdio onde fiz 36 fotos boas de uma modelo. Trabalhei também no Mercado Público. Minhas irmãs trabalham ali. Fui segurança de festas na noite. Minha irmã mais velha trabalha com decoração de festas e ajudava ela.

Quando chegou à Penitenciária, ela diz que o mais difícil foi se adaptar à convivência, aceitar pessoas estranhas, saber como lidar com o sentimento alheio. Ela diz que tem lá uma menina com 18 anos e isso é uma coisa que ela tem que aprender – a conviver com meninas mais novas. Apesar disso, ela afirma que foi bem acolhida.

Pergunto se é possível manter a vaidade lá dentro. Ela diz que sim que algumas meninas não abrem mão: “pintam o cabelo de 15 em 15 dias, usam pulseirinhas. Mas, nos dias de visita é maior”. As visitas mais frequentes que Priscila recebe são do pai e do irmão.

Pergunto sobre os hábitos dela em relação à leitura, TV, rádio. Ela conta que gosta de ler histórias do Carandiru e Dom Casmurro. Diz que, no momento, está lendo “A Velha Senhora”, que é uma história policial. “Não gosto muito de romance”.

Priscila também assiste o Jornal Nacional, o Jornal Hoje –“Que é super completo” – e os jornais locais. Ela diz que não recebe jornal impresso lá, mas, que lê-los era um hábito que tinha por causa do pai.

Ela diz que tem planos para quando deixar a prisão. Entre eles, está retomar os estudos: “Me inscrevi no ENEM. Quero fazer faculdade de pedagogia. Quero trabalhar com crianças e adolescentes”.

Veri:

Veri tem 31 anos, e fica na Galeria B3 “Galeria de trabalhadora”. De fato, lá ficam apenas aquelas que costumam desenvolver serviços regularmente na casa prisional.

O começo da história de Veri é uma mescla de sua história no crime com fatos que parecem tê-la marcado muito: “Eu não era do crime. Era o meu companheiro (que era). Tínhamos um bar noturno. Tive meu nenê aqui dentro. Vim quando tava grávida de três meses. Tive muita dificuldade”.

Ela já está no Madre Pelletier há três anos e um mês. Há seis meses, ela já poderia ter ido para o regime semi-aberto. No entanto, concretamente, ela ainda não recebeu autorização judicial para a progressão da pena. Veri, como pede para ser chamada, é réu primária e cumpre pena por tráfico de entorpecentes.

Ao ser detida, ela estava grávida de três meses. Como teve o filho, dentro do sistema prisional, ela conseguiu usufruir o direito de ficar com ele no presídio – na creche³⁰.

Ela conta que trabalha no presídio desde que chegou. Quando o filho tinha três meses, ela já trabalhava na creche. O filho que ela ganhou no presídio é o quinto filho dela e, há dois anos, ele está com a mãe dela.

Quando foi presa, a única filha mulher dela tinha três anos de idade: “Era a melhor fase de vida dela e minha também. E cortou tudo.” Veri era usuária de drogas e, agora, permanece em tratamento para deixar o vício que ela diz nunca mais querer saber.

Antes de conhecer o marido ela, que é natural de Porto Alegre, se mudou para o município de Taquara. Ela foi para lá aos 19 anos para ser garota de programa. Com o dinheiro que ganhava, ajudava a mãe.

O cotidiano dentro da prisão é preenchido pelo trabalho, pelo crochê (que ela aprendeu a fazer dentro da cadeia) e pela leitura. Ela gosta de ler livros espíritas, sobretudo, os da Zíbia Gasparetto.

Ela também gosta de assistir televisão.

Veri - Vejo as novela, da Globo e gosto muito também do Serginho Groisman – não perco um. Tem também o Balanço Geral, quem não assiste?

Pergunto então se ela gosta do Balanço Geral?

Veri - Quem tem família assiste, interessa muito. Quem tem filhos Quantos estupradores, pessoas desaparecidas. Acidentes no trânsito. Só ontem deu mais de nove.

Helen - Antes de vir pra cá tu olhavas muito?

Veri - Pouco. Minha vida era uma agitação. Eu abria minha boate às seis e meia, depois fazia janta, esperava a babá chegar.

Helen - E rádios?

Veri - Gostava muito da 104, mas aqui o pessoal escuta muito a Cidade, a noite, o Love Songs. Tem gente daqui que escreve muito pra lá. Manda recado pras gurias.

Helen - No nome de vocês mesmas?

Veri - Sim.

Helen - E os companheiros mandam pra vocês?

³⁰ Local destinado a abrigar mulheres com filhos pequenos na penitenciária. Apenas as mulheres que têm os filhos durante o período em que estão presas é que recebem este benefício. A creche é considerada por muitas o ‘paraíso’ da prisão. Com normas menos rígidas de circulação, lá também é um ambiente melhor do que aquele encontrado nas galerias.

Veri?- Alguns mandam. Meu marido não é muito.

Os filhos não são todos do mesmo pai. Por isso, dois estão com o pai deles e os outros ficam com a mãe dela. Ela diz que a mãe paga uma babá para ajudar a cuidar deles. “É que minha menina incomoda pelos quatro meninos”. O companheiro dela, pai do filho mais novo, foi preso junto com ela e mais seis pessoas. Ao todo, ela foi condenada a oito anos e nove meses de prisão.

A comunicação com o companheiro se dá por cartas que, muitas vezes, são levadas pelos filhos. Ela destaca que ele é “bem mais velho” que ela. Tem 45 anos.

Veri tem sete irmãos. No entanto, eles não costumam visitá-la.

A minha irmã mais nova mora com a minha mãe. Nem cobro muito nada deles porque eles nem têm obrigação. Quem escolheu essa vida fui eu. Minha mãe me escreve, vem, me ajuda, manda material de higiene, uma roupa.

Pergunto se ela sente muita saudade do companheiro. Ela sorri e diz que tenta nem pensar no assunto: “Há lésbicas aqui. Mas eu evito ver cenas que estimulem. E não penso. Mulheres daqui não recebem visitas de maridos quase. Poucas. O homem não é mais companheiro da mulher. A mulher é do homem”.

Lembro que, como está com a liberdade condicional vencida, ela pode sair a qualquer momento... Ela então diz que, diante desta possibilidade, está sendo mais difícil pensar como será a vida lá fora. Isto porque ela quer trabalhar e acredita que, o fato de ter trabalhado na penitenciária vai ajudá-la a conseguir um emprego.

Porém, ela teme o desconhecido, não saber para onde vai. Por fim, ela destaca que deseja ficar próxima dos filhos: “Meu filho diz que eu faço muita falta pra ele”.

Cláudia:

Cláudia tem 29 anos e cumpriu um ano e três meses de um total de pena que é de 15 anos e sete meses. É casada há sete anos e tem três filhas. Ela diz que vai começar a narrar sua história de vida, pelo fato de estar presa pelo crime de estelionato.

Inicia dizendo que tem várias condenações pelo artigo 171 (estelionato). Cláudia trabalhava como corretora e atuava em uma empresa fraudulenta. Por

repetidas vezes, ela fala que não se sente bem na prisão, pois as colegas de presídio são “o tipo de pessoa com o qual eu não estava habituada a lidar. As cabeças são muito diferentes. E é um ambiente em que a maior parte quer só coisas ruins”.

Além disso, ela conta que, ao ser detida, a filha mais nova tinha apenas cinco meses de idade – por isso, a separação desta filha foi muito complicada. O marido dela está preso pelo mesmo crime.

No desenrolar da conversa, ela enfatiza que deseja deixar a cadeia logo e que a prisão a fez mudar de visão em relação aos crimes que cometia. Segundo Cláudia, não havia uma real necessidade financeira de praticar tais crimes, no entanto, ela e o marido o faziam para conseguir lucros mais rapidamente.

Só que eu vim pra cá e perdi tudo. Perdi apartamento, carro. Eu moro no Humaitá. Mas, tinha acabado de comprar um apartamento no Leopoldina. Meu carro era novo. Só que assim, nada compara a – eu nunca ter visto minha filha engatinhar.

Ela que tem o Ensino Médio completo, dentro da cadeia trabalha em uma empresa que faz material hospitalar para o Grupo Conceição. Esta é uma forma, de acordo com ela, de diminuir a pena e de fazer o tempo passar mais rápido. Essa é a segunda vez que ela é presa pelo mesmo crime.

Ela conta que quando chegou à penitenciária, ficava em uma galeria que permanecia 12 horas por dia fechada. Lá, ela dormia no chão. Agora, ela está na galeria B3 “um paraíso”, comparada à anterior – com cama individual e chuveiro quente.

Na galeria, ela assiste o Balanço Geral, novelas, o RBS notícias. A programação, segundo ela, varia de acordo com o desejo das demais colegas de cela.

Cláudia tem cinco irmãos e conta que teve uma infância bastante difícil, em uma família pobre. Por isso, quando ela engravidou, aos 18 anos, ela disse que passou a buscar condições melhores de vida para a filha, para que ela não passasse necessidades como as que Cláudia viveu.

Neste período, ela teria recebido uma proposta de trabalho com ganhos elevados (eram cerca de quatro mil reais por semana), praticando estelionatos. Ela

aceitou. “Nunca matei ninguém, não sou ruim. Só que eu to aqui com pessoas que mataram, que tiveram um monte de cadeia. Isso aí não é selecionado”.

Na época em que começou a praticar estelionatos ela diz que estava em seu primeiro casamento. Ela e o marido se mudaram para o interior do Estado onde, segundo ela, tinham uma vida boa, porém modesta. Em uma das vezes que veio visitar a mãe na Capital, uma amiga falou sobre a prática do estelionato.

A única visita que Cláudia recebe é da mãe e das filhas. Com o marido, que está no Presídio Central, ela se comunica através do advogado, da mãe e de cartas.

O marido de Cláudia deve ser solto antes dela. Juntos, eles têm plano de abrir uma pizzaria e cuidar das filhas. “A minha filha mais nova me chama de mamãe. Mas, ela prefere a minha mãe né?”

Thais:

Thaís tem 34 anos e cumpre pena há dois anos e oito meses. Condenada por tráfico, ela tem um total de condenação de 12 anos.

Ela começa dizendo que é natural de Gravataí. Eu comento que sou da mesma cidade então ela quer saber de que parada, exatamente, eu sou. Digo que nasci no bairro Parque dos Anjos. Então ela continua a história dizendo que por 34 anos morou no *mesmo* lugar – na parada 77. “Que lugarzinho pra cair!”

Ela conta que o marido foi preso por tráfico de entorpecentes. Como ela tem quatro filhos (três meninos e uma menina), decidiu assumir os negócios dele, porém, ela foi detida poucos meses depois. Na época, a sua “única guriuzinha” tinha apenas quatro meses.

Na penitenciária, ela trabalha na cozinha. Quando foi falar comigo, ela tinha as duas mãos com curativos porque havia sofrido uma queimadura no forno da cozinha. Por causa da atividade, ela levanta às 05h30min. Às 06h ela já tem que estar na cozinha. Às 12h30min ela encerra o expediente e vai para a galeria. Lá, ela costuma fazer crochês e tricôs – que vende para poder se manter dentro da prisão.

Thaís não gosta de televisão, mas, gosta muito de rádio. À noite, ela costuma ouvir o Programa Love Songs, na Rádio Cidade.

Thaís- A gente vive mandando carta.

Helen- Tu mandas para lá também?

Thais – Mando. To sempre mandando. A gente manda beijo pra mãe, pros filhos. Escolhe umas gurias aqui e bota uns nomes lá e umas músicas e deu.

Ela também gosta de ouvir a rádio de música Eldorado. Cláudia diz que adora músicas como pagode e sertanejo e romances como “Sabrina”. Os livros, ela consegue na biblioteca do presídio. Dentro da penitenciária, ela concluiu o ensino fundamental e médio. O período mais difícil da prisão, segundo ela, é à noite, “porque o sono custa a chegar”. Ela destaca, porém, que está na melhor galeria do presídio: “não tem droga, é galeria de trabalhadora”. E conta feliz que para ajudar o sono a vir, ela tem um rádio próprio – e individual – que lhe faz companhia.

Como a mãe não pode visitá-la com frequência, a realização destas tarefas manuais é que garante alguns mantimentos dentro do presídio – que, normalmente, são levados pelas visitas. Quando a mãe vai visitá-la, leva a filha mais nova, que agora têm três anos. Os outros filhos não vão visitá-la.

Durante o tempo em que está presa, ela disse que escreveu cinco cartas ao marido. Ele, no entanto, não escreveu nenhuma. Por isso, ela parou de escrever. Ela também não teve condições de contratar um advogado, portanto, recebe os serviços de um advogado do Estado. Sem cartas e sem a possibilidade de trocar informações com o marido através do advogado, ou, de visitas, ela perdeu o contato com ele.

Em relação à família, ela, que é filha única, conta que desconhece o pai. Diz que teve uma infância sem necessidades e, antes de ir presa, parou de estudar na sexta série porque não gostava dos estudos. Conta ainda que nunca trabalhou fora de casa e que, ao sair da prisão, pretende arrumar um emprego para ajudar a mãe dela e criar os filhos.

Evelyn:

Evelyn é uma negra alta, magra e muito bonita, Ela chega para falar comigo, com uma touca no cabelo, avental, coberta de farinha e pede desculpas por estar suja, explicando que estava trabalhando na cozinha. De todas as entrevistadas, ela é a que está menos tempo na prisão – três meses. Ela também não tem nenhuma condenação - seu processo deveria estar em andamento mas ela, sequer, foi ouvida pela justiça. Natural de Florianópolis, Santa Catarina ela está presa no Rio Grande do Sul, e recebe visitas constantes da família – que permanece em Santa Catarina.

Ela estava no Aeroporto Internacional Salgado Filho, fazendo uma escala, junto com o noivo e um amigo do noivo. O amigo pediu que ela carregasse a mala dele para que ele não tivesse que pagar excesso de bagagem. Ao passar pela

fiscalização, porém, a polícia encontrou drogas dentro da bagagem. Esta situação, “acabou com a vida dela”.

A viagem feita por Evelyn com o noivo e o amigo do noivo foi para conhecer o futuro sogro, que vive em Porto Velho. E a prisão se deu na volta da viagem. No momento em que foi parada pela Polícia Federal, ela disse que pensou apenas nos pais e na avó.

O sofrimento da família que vai visitá-la é uma das coisas mais pesadas para ela suportar neste momento. Ela diz que o fato de eles viajarem para visitá-la faz com que, dentro da prisão, funcionários e colegas passem a acreditar em sua inocência. “Aqui todo mundo é sempre culpado. Mas, quando eles vêm minha família viajando oito horas de ônibus, eles percebem que eu não sou deste mundo”.

Depois da prisão, ela não teve mais contato com o noivo – que está detido no Presídio Central. Apenas, o viu rapidamente em uma audiência judicial.

Antes de ser presa, ela fazia faculdade de psicologia e trabalhava como auxiliar na coordenação de uma escola de informática. Ela tem um irmão mais velho, por parte de mãe, e dois mais novos, por parte de pai. O pai é funcionário público aposentado do Banco do Brasil e a mãe, funcionária pública da ativa.

Na penitenciária, ela fica na galeria B1- “bem menos pior”. Ela diz que convive com pessoas de níveis diferentes e com vocabulários muito diferentes. “É estranho porque eu sempre tentei evitar este vocabulário. Desde pequenininha, minha mãe pegava no meu pé para eu não falar gírias. E aqui tu tem linguajares assim...”.

Apesar deste estranhamento, ela disse que foi bem acolhida e teve sorte por, desde o início, ter ido para a galeria B1 e estar trabalhando. Ela conta que é preciso lidar com a convivência entre tantas mulheres – com estilos, e visões de mundo tão diferentes. “Às vezes, é engraçado porque lá fora é tão corrido que a gente não repara isso. Eu nunca tinha tempo pra nada. E aqui agora, tempo é o que mais tem”.

Para passar esse tempo, ela diz que procura assistir televisão, ler revistas, e, quando consegue algum exemplar, ler jornais. A leitura, segundo ela, não é apreciada por muitas colegas. Ela diz que gosta de ler, mas, sente mais falta da internet e do celular. “Eu sinto muito ficar sem o telefone. Eu tinha mania de sempre, de manhã, trocar uma mensagem com o meu noivo. E agora eu estranho porque não tem telefone. E parece que cria assim uma dependência”.

Ela acorda às 06h, e desce para a cozinha às 07h. Por volta de 12h30min, ela retorna à galeria e aí procura formas de passar o tempo. Evelyn conta que queria

estudar. O grau mais elevado de escolaridade que o das demais colegas, porém, acaba dificultando esta tarefa, pois não há cursos voltados para ela. “E não seria justo porque eu estaria tirando o lugar de outras que precisam mais do que eu estudar”.

Ao assistir televisão, ela diz que é preciso ter tolerância, já que a escolha dos canais se dá em conjunto na galeria. Quando é ela quem pode escolher, a preferência é pela Record News – “porque passam notícias todo o dia”. Ela conta que detesta o Balanço Geral. Fala quem em Florianópolis tinha um programa igual “com o mesmo estilo assim de acusar”, que igualmente a desagradava.

Apesar de não gostar, ela afirma que não tem como não ver:

Todas assistem em massa. Primeiro porque elas ficam sabendo as presas que estão vindo pra cá. Segundo por que muitas são de facção. Então ficam sabendo o que aconteceu, tem notícias. E outras vêm porque identificam ‘ai, aconteceu lá na minha rua’, sabe? É um outro mundo. A primeira vez que minha mãe veio ficou apavorada. A minha família inteira achou que eu não ia sobreviver.

Ela narra que esta “sobrevivência” está se dando, sobretudo, devido ao apoio incondicional da família. Evelyn se emociona dizendo que parentes com quem ela nem tinha muito contato já foram visitá-la e se submeteram aos procedimentos de visita que, nas palavras dela, são “muito constrangedores”.

É muito constrangedor. E até meu pai, meu irmão, meu tio se submeteu a isso. Imagina: homem passando pela revista. Minha mãe veio me visitar doente... Ainda bem que eu não tenho filho. Porque de 100%, acho que é o sofrimento de 99% das presas. De nós presas. E sabe que teve umas que eu perguntei que não vinha nenhum parente visitar.

Ela conta que para “não pirar” ela se apegou a tudo. Embora não tenha religião, dentro do presídio, ela participa de cultos. Busca também fazer crochês e participa dos cursos que eventualmente acontecem na penitenciária. Ela sugeriu, inclusive, que fossem dados cursos de informática dentro da casa prisional. À noite, ela fala que as colegas ouvem muito rádio – sobretudo o Love Songs. Mas, ela gostava de ouvir a Rádio Band, em Santa Catarina, que tocava pagode.

Evelyn lamenta os planos que agora ficaram para trás. Ela namorava há oito meses e estava noiva há um mês. O pai do noivo havia ajudado os dois a comprarem um terreno e, juntos, eles abririam um empresa. A vida dela estava se

organizando para o casamento que agora ficou adiada por tempo indeterminado. O mundo, para ela “desabou”.

Ela me diz que muitas, quando são presas, já se conformam e esperam o abandono dos companheiros. No entanto, o mais difícil para as colegas, é quando a família – mães, irmãs, filhos – abandonam. “Dia de visita é uma alegria de um lado e uma tristeza de outro”.

A relação com o tempo também é difícil para ela: da mesma forma que ele parece não passar, o ir e vir constante das apenadas dá uma sensação de fugacidade grande. “Quando a gente se acostuma com as pessoas, elas vão embora e, ai, desaparecem. Não mandam notícias, não vemos mais. É como se elas deixassem de existir”.

Evelyn afirma que, antes da prisão, fazia planos de estagiar, como psicóloga, em uma prisão. Agora, ela brinca dizendo que já tem “mestrado e doutorado” na área prisional.

Ela ainda não tem precisão sobre o andamento de seu processo. Mas, faz planos para sair logo e continuar a faculdade de psicologia. E passar, do noivado, ao casamento.

7 AS MÚLTIPLAS PRISÕES FEMININAS'

Como já dissemos na introdução deste trabalho, partimos do pressuposto de que, ao ser presa, a mulher é acometida de mais de um tipo de privação – além da óbvia privação da liberdade. São múltiplas as prisões femininas. Ao analisar as falas das mulheres que compõem nosso grupo de pesquisa, identificamos alguns aspectos que se repetiam como marcas do cárcere e percebemos esta pluralidade de aprisionamentos que acometem as mulheres em uma penitenciária.

Hall (2011, p. 128) afirma que a cultura está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas. Assim sendo, ele sugere que para compreender a cultura precisamos descobrir padrões característicos “não na arte, produção, comércio, política, criação de filhos, tratados como atividades isoladas, mas através do estudo da organização geral em um caso particular”. E é com base nesse pressuposto que, neste capítulo, iremos analisar tais aspectos, documentando-os com os diálogos estabelecidos com essas mulheres. Esse procedimento busca identificar em suas falas particulares, aspectos de aprisionamento que vão além da restrição do direito de ir e vir, buscando seus pontos comuns e gerais.

Percebemos que antes mesmo de chegar à prisão a maior parte destas mulheres já foi submetida a uma posição de destituída (FIGUEIREDO SANTOS, 2009) com baixa escolaridade e assumindo trabalhos pouco valorizados socialmente. Ao chegar ao cárcere as mulheres ficam privadas de vivências como a da maternidade – o cotidiano de seus filhos deixa de ser parte da vida dessas mulheres uma vez que só podem permanecer na unidade prisional filhos de mulheres que lá chegam grávidas. E mesmo estes, ficam no local somente durante o período de amamentação. A mídia, que por vezes se torna a única companhia, é também um motivo de aprisionamento - no momento que condena, julga e reforça estereótipos. Estereótipos esses que são frequentemente vistos em programas policiais que buscam justificativas simplificadas para um crime e que traçam discursos ambíguos sobre a violência. Observamos, por exemplo, que entre os programas mais assistidos pelas apenas está o da TV Record do Rio Grande do Sul “Balanço Geral”.

Embora tenham direito à visita íntima, poucas presas recebem visitas de seus companheiros, a sexualidade passa a ser vivida de forma solitária, ou, entre as

próprias presas – o que também gera alguns tabus. Percebemos que o sistema prisional busca, por sua própria lógica disciplinar, minimizar as individualidades, e, apesar do fato de que as atividades dentro da cadeia sejam sempre em grupo, a solidão é uma constante entre as presas. Observação constatada através de constantes de abandono por parte de seus parceiros.

Apesar de iniciarmos nosso estudo partindo do pressuposto das múltiplas prisões femininas, percebemos, ao longo desta trajetória que há, todavia, algumas pequenas liberdades no cárcere – de onde se criam forças para o presente e expectativas para o futuro (pós-prisão). Por exemplo, se a vaidade é por um lado restringida, por outro, ela é também um grito de liberdade, uma forma de não se entregar à uniformidade do sistema prisional. O poder, que aparece como fator opressor, também pode ser motivador, criador de lideranças e uma forma de manter controle de si. A própria mídia que por vezes pune antecipadamente, também se revela companheira e as aproxima do universo extra-muros.

A seguir iremos detalhar estas formas múltiplas de aprisionamentos e também buscar maneiras da manifestação da liberdade dentro da prisão³¹.

7.1 IDENTIDADES, NARRATIVAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Percebemos que, ao contar sua história de vida, cada presa passa a conferir sentido esta história, dando novos significados às ações vividas, e buscando estabelecer relações entre o que viveram no passado (antes da prisão) e o que vivem no presente. Uma história contada é configurada pelo modo como o indivíduo confere sentido às suas experiências e como ele se coloca no mundo. Assim sendo, coletar histórias de vida é uma forma de identificar valores vigentes, posições políticas, econômicas e culturais preponderantes.

³¹ Para diferenciar e destacar as falas coletadas em campo usaremos essas falas sempre em itálico e com a fonte em tamanho menor que no restante do texto. Destacamos ainda que nossa primeira ideia era fazer uma edição das falas destas entrevistadas, com alguns cortes dentro do que era colocado afim de nos centrarmos nos temas debatidos em cada um dos itens a seguir abordados. Todavia, percebemos que tal edição acabava por vezes retirando a noção de contexto em que estas falas apareciam, eliminando a estratégia de raciocínio apresentada por essas mulheres ao contarem suas histórias. Por este motivo, decidimos deixar as narrativas da forma mais fiel àquela como foi dita originalmente, minimizando os cortes e edições. Algumas narrativas aqui aparecerão de forma extensa para que o leitor possa compreender o contexto da fala. Nestes casos, optamos por destacar em negrito os temas específicos que buscamos dentro destas falas e retomamos estas frases destacadas durante a análise das mesmas. Antes de passarmos a análise e descrições das múltiplas prisões femininas, porém, gostaríamos de nos posicionar sobre a experiência com as histórias de vida.

Ainda dentro desta linha de pensamento, Medina (2003, p. 47) entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Ou seja, o homem organiza o caos produzindo novos sentidos com as narrativas que tece e aquilo que ele passa a descrever sobre sua realidade é, na verdade, outra realidade: a dos símbolos.

Um bom exemplo do quanto a narrativa pode ser usada para pôr ordem ao caos e do quanto ela confere novo sentido à história que se vive é que, mesmo ficando livre para contar sua história de vida a partir do ponto que achasse mais adequado, quase todas entrevistadas iniciaram suas narrativas a partir daquilo que, para elas, foi a força motriz para sua condição atual – de presas. Ou seja: a história de vida que elas buscam contar é a história de vida com o crime, é a história que explica aquele momento de suas vidas que, pela maioria, é encarado como uma grande mudança, um grande caos.

Talvez por isso, Priscila começa nossa conversa da seguinte forma:

Helen: *Me conta tua história de vida.*

Priscila: *Tudo começou quando me envolvi com drogas. Fomos morar na Lomba do Pinheiro e minha mãe descobriu que estava com câncer. Esses dias estava escrevendo isso num diário que temos. Foi onde minha família perfeita começou a se desestruturar. Comecei a me envolver com pessoas erradas...*

Ou seja, Priscila nos revela neste começo de conversa o quanto passar a limpo sua história (fazer um diário) é uma forma de colocar em sintonia presente e passado. É ainda uma maneira de valorizar o que se vive e de conferir significado a suas vivências.

Sarah nos conta empolgada que, além de ser uma de nossas entrevistadas, já foi entrevistada também pela Revista Veja e nos faz um pedido:

“Minha história de vida dava um livro. E olha, acho até que depois podia virar filme. Tu não quer escrever este livro?”

Ora, a importância que estas duas mulheres dão as suas histórias deixa claro o que defendemos aqui e que é também argumentado por Künsch (2008, p. 186), ao valorizar uma teoria compreensiva da comunicação lembra o valor que Hipócrates, mesmo 2500 anos antes de Sigmund Freud, dava à palavra: “[...] do médico hipocrático era exigido que escutasse primeiro, e bastante, o que a pessoa acometida por algum mal tinha para contar. Mais, auxiliava-a nessa tarefa como

mediador convencido que a palavra cura, auxiliando a reconstrução do cosmo, da harmonia, da vida.”.

Isto significa que contar sua história de vida permite a essas mulheres também entender e recriar suas histórias. Não significa que tudo o que é contado reproduz os fatos exatamente da forma como eles foram vividos. Na verdade, contar é recriar o fato e buscar nesta narrativa uma harmonia, uma explicação, um significado para aquilo que foi vivido.

Na mesma linha, Johnson (2010, p. 69-72) afirma que a narratividade é uma forma básica de organização da subjetividade, é uma afirmação da identidade. E acreditamos que as narrativas do cotidiano estão perpassadas pelas narrativas midiáticas. Durante nosso encontro em grupo, Simone exemplifica o quanto essa narrativa (produto da auto-identidade) está permeada dos textos midiáticos e vice-versa. Indignada com a postura do apresentador do programa Balanço Geral, da TV Record RS ela comenta:

“Toda mulher pra ele é va-va-ga-ga-bun-bun-da-da. Ele é tão ridículo que chega a ser engraçado. Só que isso ofende a mulher”.

Ou seja, é na cultura comum (CEVASCO, 2001, p. 63) que se estabelece o discurso de que as presas são “vagabundas”. É essa cultura comum, reproduzida pelo apresentador de TV que elas assistem, que elas usam para marcar sua auto-identidade – ainda que pela negação. Afinal, Simone o acha engraçado, todavia, faz questão de reforçar que ele (Alexandre Mota) generaliza “toda mulher pra ele...” e, por isso, o define como “ridículo”.

Giddens (2002, p. 20) afirma que a auto-identidade constitui uma trajetória através das diferentes situações institucionais da modernidade. Ao ouvirmos as narrativas destas mulheres, estamos então atrás desta trajetória, de sua subjetividade que não é dada, mas, sim, produzida e, por ser um processo constante, é objeto de análise.

7.2 A MATERNIDADE, A FAMÍLIA, OS RELACIONAMENTOS

Helen: Eles (tua família) te visitam aqui?

Elena: Não. Ninguém me visita.

Helen: Por quê?

Elena: É que a minha irmã ela acha que afeta o psicológico deles [filhos], né? Mas, por eles não tarem me vendo. É por isso que afeta. Porque eu acho assim oh: por mais que a mãe erre, entendeu? Eu acho que não é o direito dos teus filhos ficarem longe de ti, por mais errada que tu seja. Que tu tenha feito algo de errado.

A primeira vez que fomos à Penitenciária Feminina Madre Pelletier para fazer esta pesquisa, a diretora da instituição nos apresentou à Elena. Embora Elena não tenha participado do grupo de mulheres pesquisadas, ela me mostrou pistas quanto ao que se passava ali. E se teve um ponto de aprisionamento muito claro que nos foi revelado por Elena – e confirmado pelas demais – é a maternidade.

Acontece que na prisão as mulheres são separadas dos seus filhos não apenas pelo encarceramento, mas ainda pelas limitações sociais – como percebemos na crença expressa pela irmã de Elena: visitar a mãe presa “afeta o psicológico”.

A família e, em especial a maternidade, é um tema dentro da penitenciária. E uma expressão clara disso é a forma como tratam às infanticidas – mulheres que matam seus filhos. Essas são mulheres que precisam normalmente ir para a galeria de contenção (B4) por serem hostilizadas pelas demais³².

Uma das explicações para tamanha valorização da maternidade talvez esteja no quanto as mulheres se vêm amparando ou sendo amparadas por seus filhos. E no quanto o ideal de vida delas fora da cadeia passa pela reaproximação com os filhos.

*Tive meu neném aqui dentro. Vim quando tava grávida de três meses – foi muita dificuldade [...] **Meu objetivo agora [ao sair da cadeia] é criar meus cinco filhos**³³. Porque eu sou mãe de cinco filhos, né? Eu tenho uma filha, uma menina só. Ela tinha três aninhos [quando fui presa]. Era a melhor fase da vida dela, e da minha também. E ai cortou tudo. Meu filho diz que eu faço muita falta pra ele. (Veri)*

*Agora, eu vou sair daqui e dar um golpe. Vou abrir uma empresa e, depois de um ano, vou falir. Como foi com o Tumeleiro. Vou pegar o dinheiro e abrir uma estética. Vou comprar uma casa e **deixar meus filhos bem**. (Sarah)*

³² O documentário “O cárcere e Rua” (2004, dirigido por Liliana Sulzbach) apresenta este tema de forma bem clara. Narrando a vida de três presas que cumpriram pena na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, mostra-se que uma delas foi presa por ter matado o próprio filho – atitude que a colocava sempre em risco dentro da cadeia. Por diversas vezes, colegas de presídio tentaram inclusive matá-la.

³³ Como expliquei na introdução deste capítulo, com o intuito de preservar as ideias das falas, procurei mantê-las da maneira mais integral possível. Assim, destaco em negrito os pontos estritamente ligados às análises em questão.

*Eu nunca vi minha filha engatinhar, a minha pequeninha. **Todo dia que eu to aqui dentro, eu penso em sair, cuidar das minhas filhas e seguir minha vida.***

Porque a minha mãe é que cuida das minhas crianças hoje e ela já tem 64 anos.

(Cláudia)

Este valor dado à maternidade está também expresso na configuração do espaço prisional: a creche, como já dissemos anteriormente é o “paraíso” da prisão. É ali o espaço dedicado ao convívio entre mães e filhos. É o espaço mais limpo, organizado e com maiores liberdades dentro da prisão.

Helen: *Como é a creche?*

Veri: *É outro lugar, a gente tem até uma vida sabe, com o filho da gente. Dá uma ideia de futuro. Ai quando sai dali, vai pras galerias, estamos recuados do mundo, muita coisa é proibida.*

A mesma ideia se repete na fala de Elena. Antes de ir presa, Elena teve três filhos, e ela se penitencia por ter dedicado a eles pouco tempo, priorizando o trabalho. O quarto filho foi tido dentro da cadeia e ela relata esta experiência.

*Aqui dentro, com o meu pequeninho, apesar de não ter visita. Ah... Eu tenho que educar meu filho. Porque aqui a casa prisional, o Estado, não to dizendo a casa, o Estado ele não te oferece condições pra ti criar um filho aqui dentro, infelizmente, né? Ele não te doa fraldas. A casa, que digamos, às vezes consegue algumas doações de brinquedos, de fraldas. Mas, mesmo assim, tu precisa de dinheiro né? Tu tem que fazer alguma coisa pra poder sustentar. E ai eu comecei a aprender o que é o amor né. Que, nada, nada, nada, justifica, nada o teu amor. A presença da mãe, a presença do pai com teus filhos. **E eu vim aprender aqui neste lugar. Então, pra mim, a cadeia não foi uma má escola, sabe? E eu tive uma oportunidade que, infelizmente, muitos não têm.***

Daquele lado de lá [das galerias] é diferente do lado da creche. Eu convivi nos dois lados né? No lado das galerias, elas não têm alternativas. Elas são superlotadas. A casa não tem uma estrutura. A sociedade ela não... Os juízes, os promotores, eles não estudam a tua vida. Eles não estudam o teu caso. Eles só, simplesmente, assinam a caneta e te dão tanto tempo. Ah, depois disso, daí tu vai aprender a lei do ESPERAR. Porque daí tu vai ter que esperar TUDO acontecer na tua vida.

Então, aqui na creche é diferente, aqui na creche, o andar já é mais, é ligeiro. O procedimento, por até, por ser poucas presas que estão com seus filhos. O

processo é um pouco acelerado do que as galerias. As galerias nós estamos esquecidas. Então eu fui uma destas 27 meninas que, antes, participavam da creche, eu fui uma privilegiada. Entendeu? Por ter conhecido a creche, por ter estado na creche.

Dali eu aprendi emoções que eu nunca senti na rua e que, eu espero assim, mostrar pros meus filhos. Sempre o que eles quiseram de mim e eu nunca soube dar, entendeu? Pra minha família que, antigamente, eu achava que ela era errada e que eu vi que realmente eles eram certos. E eu que era errada.

Helen: Tu acha que tu foste mais mãe deste filho que tu tiveste dentro do presídio do que dos demais?

Elena: **Dentro do presídio. Dentro do presídio eu. Eu não sei se eu me... Se foi um refúgio dele pra mim, quem sabe, né? A gente ali dentro. Só não tem o livre acesso de ir e vir né? Mas, é completamente diferente da galeria.** Então, eu acho que eu, como é que eu vou dizer assim, o Michael, ele foi tudo pra mim. Ele foi um aprendizado maravilhoso. Eu sempre tive empregadas pra criar meus filhos pra mim. Eu não sabia trocar. Eu não sabia que o umbiguinho a gente tinha que lavar sabe? Eu não sabia estas coisas e eu tive três filhos na rua. Por quê? Porque os outros faziam pra mim.

Eu só chegava. O meu dever na minha casa, era trazer o meu dinheiro, né? Dar comida, dar as roupas, um beijinho e, ah, a mãe tá com pressa, a mãe tem que sair pra trabalhar. E aqui não. Aqui eu aprendi a dor de barriga. Eu aprendi a febre. O meu filhinho, ele passou por um bocado aqui dentro. Como diz a [assistente] social, Marilene, né: ela disse que o Michael ele veio com um propósito de unir minha família. Depois que minha mãe faleceu, minha família meio que se separou, totalmente e o Michael ele veio com propósito de unir nós. De a gente voltar a ser uma família de verdade.

Ele ficou muito doentinho. Quando ele nasceu, disseram que era leucemia, né? A casa, foi maravilhosa. Os médicos de tanto em tanto tempo estavam sempre em cima. E aquilo dali de eu ver meu filho e pensar: meu Deus será que eu vou perder meu filho? Aquilo dali que me ajudou a amadurecer. Amadurecer. Eu amadureci muito aqui dentro.

Se viver na creche é diferente da vivência das galerias, o momento de deixá-la e, por consequência, o momento da separação dos filhos é algo tido como um

grande trauma pela maioria. No entanto, é um trauma mediado por um sentimento de altruísmo:

Helen: Quanto tempo faz que ele saiu da creche?

Elena: Faz dois meses já.

Helen: Como foi esta partida? Ai, foi horrível, horrível, horrível. Eu... **eu já tinha perdido os outros**, né? Eu, na realidade, eu achei que eu iria embora. Eu achei que ia embora junto com ele, sabe? Só que... Porque aqui, antes, a gente podia ficar com os filhos da gente até os três anos. E... daí a juíza veio, conversou e, nós, como nós só tínhamos seis crianças acima de um ano na creche, daí foi estipulado que nós ia ser da lei antiga. Então nós íamos embora só com, digamos, só quando a criança ficasse com os três anos. Só que daí a juíza veio e não achou justo. Até por, pelo espaço na creche, que não tem muita estrutura a creche né pra ter as crianças, comida... Então daí...

Claro, eu não queria me afastar do meu filho, entendeu? Antes eu achava assim oh: ah, é errado. O que eles tão querendo fazer? Eles tão querendo separar mãe e filho por quê? Mas, o teu filho não tem que tá numa cadeia. O teu filho ele não. Teu filho ele não fez nada de errado... pra tá preso contigo. E eles sabem sim que estão presos. Isso que o meu filho ele nunca teve uma visita. Ele só saiu pra casa quando ele tava doente, que ele aparentou ter leucemia, teve que fazer um monte de tratamento. E ele teve que sair. A única vez que ele saiu pra uma visita. Então meu filho ele não tem contato com a rua, ele não tinha com o mundo lá fora, ele não tinha contato com nada. Mas, ele sabia que ele tava preso. Portanto, quando eles abriam a pracinha lá em baixo, ele não queria sair de lá. Quando ele tinha que voltar, pra dentro, que eu tinha que subir as escadas com ele, ele começava a chorar. Ele não queria, ele queria ficar lá.

Então eu acho assim, é criança? Sim. Depois de um ano ela sente sim que está presa. Então a gente como mãe, eu acho que a gente quer o melhor pro seu filho. Na época, eu até fiz reivindicação. Na época, eu achei que a casa tava errada, eu achei que a juíza não tinha coração. Na época, mas, não. Realmente, depois que eu vi o meu filho chorando porque ele não queria... Eu comecei a ter uma outra visão. **Apesar de o meu filho estar longe de mim, eu tá sentindo falta dele, ele tá com os outros irmãos, ele tá respirando ar. Ele tá evoluindo, ele tá crescendo, ele tá tendo contato com outras pessoas. Ele tá sendo gente, né? Ele não tá pagando uma coisa que ele não fez.**

Priscila faz o mesmo relato de abnegação sobre a separação com a filha. Ela foi presa no hospital, logo depois de dar à luz Rafaela. Quando conversamos, Rafaela estava com dez meses. Deste período, mãe e filha conviveram apenas três dias:

Helen: *Tu conseguiste amamentar tua filha?*

Priscila: *Não, ela ficou três dias comigo apenas. A regra pra ficar é só se entra grávida aqui, mas, minha família pôde trazê-la e tudo. Minha irmã vinha duas vezes ao dia no primeiro mês, como ela se adaptou bem, achei melhor parar porque ficava muito cansativo para todas as partes, era muito calor (a filha de Priscila nasceu em dezembro).*

Foi minha primeira filha, muito desejada. Mas hoje vejo que foi melhor. Respondemos uma pesquisa esses dias sobre as crianças que ficam aqui e hoje vejo que foi muito melhor. Ela é esperta, inteligente... Aqui, teria um atraso, acredito eu.

A noção de família está perpassada em todas as falas – ainda que possa ser marcada pela ausência da mesma. Ausência essa que, se acontece entre familiares consangüíneos, pode ser substituída por sujeitos diversos. São amigos que fazem às vezes de parentes. São colegas de cela com quem se formam vínculos afetivos. Ou ainda, são parentes destas colegas de cela que passam a fazer parte de uma outra família. É o que aconteceu com Simone que conheceu seu marido quando foi visitar o irmão na cadeia. Todos os 15 anos de seu casamento se passam dentro do cárcere.

“Fiz todas as minhas filhas dentro da cadeia. Uma em cada Penitenciária”, conta ela rindo da situação.

Ainda nesta perspectiva, podemos tomar a definição de Giddens (2002, p. 85-95) sobre as relações puras para compreender os vínculos que se estabelecem no cárcere. Para este autor, só quando os laços são mais ou menos livremente escolhidos é que podemos falar de relacionamentos. Dentro destes relacionamentos, há a relação pura: uma relação que não está ancorada em condições exteriores da vida social e econômica, que não depende de nada mais que das recompensas que essa relação oferece, que está organizada de modo aberto e em base contínua, que tem como papel central o compromisso. Ela ainda requer reciprocidade, e intimidade e depende de confiança mútua entre os parceiros.

Uma das formas de estabelecer esta confiança e intimidade na prisão está ligada à abnegação. Abrir mão de coisas que são importantes para si, ou, sofrer em nome de outras, fortalece uma relação dentro da cadeia e ajuda a criar vínculos.

Sarah foi presa por tráfico de drogas, crime que ela faz questão de frisar que não cometeu. Isto porque ela se reconhece, na verdade, como uma estelionatário. O fato de estar presa por tráfico funciona, no entendimento dela, como um demérito. Todavia, ela nos conta que se sujeitou a isto como uma forma de sacrifício feito por uma amiga:

Eu queria dar um celular pro meu filho, de presente de 15 anos, só que eu tava sem dinheiro. Aí, uma colega conseguiu essa quantia que eu precisava. Poxa, ela me ajudou a dar o presente do meu filho e eu fiquei na dívida.

*Pra pagar esta dívida, eu tive que trazer celular e droga pra cá [pro presídio]. Aí, vou tentar resumir: já tive várias outras vezes aqui no passado. Cumpri seis anos no fechado aqui em função de seis processos de estelionato e seis condenações. Quatro anos em Livramento condicional. Só que essa minha amiga eu sempre **considerava como irmã**, a gente sempre andava junto, onde ela pedia pra eu levar eu levava, só que ela traficava. Através de escutas eles deduziram que eu era o braço direito da quadrilha.*

O negócio aqui é assim diga-me com quem andas que te direis se não vais apanhar. Aí, dancei pra ajudar ela ,né? (Sarah)

Mesma noção de sacrifício pelos amigos relata Simone. Ela trabalha na faxina do presídio. No entanto, ela já trabalhou em outras áreas consideradas melhores como o setor administrativo e a enfermaria. Porém, ela foi punida tendo que deixar a enfermaria por causa do protesto que fez para ajudar uma colega:

*Lá na enfermaria, eu xinguei os guardas. **Sou muito de ajudar os outros.** Uma colega estava passando mal, com tuberculose, e naquele dia ela começou a tossir e o salão [cela onde elas ficam] é fechado.*

Aí gritei às seis da manhã e ninguém atendia. Então, chutei a porta. Vieram sete guardas e eu contei o que estava acontecendo. Disseram que não tinha enfermaria aquela hora. Falei que era mentira porque eu trabalhava lá.

Fui desligada. Chorei, fiquei um mês de castigo.

Os vínculos, em geral, estão muito ligados à capacidade de doação e sacrifício que se pode ter. Isso se pode observar tanto nas relações puras como as acima citadas, quanto nas relações consanguíneas.

Sarah relata que um de seus maiores sofrimentos é o dia de visitas. Ela nos conta chorando que o filho vai levar comida para ela:

Aí o coitado chega aqui, com a sacola cheia pra mim e tem que passar por humilhação. Porque a revista (a que são submetidos os visitantes) é humilhante. E ele vem mesmo assim. É um filho vendo a mãe atrás das grades...

Mesmo relato de sofrimento é feito por Simone:

Lá fora, quem sofre é a minha mãe que trabalha. E ainda tem que tirar a roupa quando chega aqui. Por isso, eu digo pra ela: quem fez fui eu, não tu. Eu que tenho que sofrer. Mas, eu não sofro porque se eu tenho uma dor de cabeça, em seguida, me dão um remédio. Aí minha mãe cada vez que vem, me xinga. Então, eu amadureço. Porque não sou eu que sofro, são meus filhos, minha mãe. Eu só sofro de saudades. Mas, eu tenho o que comer. E meus filhos lá fora? Isso me tira o apetite...

Evelyn está presa em Porto Alegre, mas, ela é de Florianópolis. Nos dias de visita, a família dela precisa viajar da Capital Catarinense (onde vivem todos) para a Capital Gaúcha:

Eles passam a madrugada inteira viajando. Chegam aqui por volta das 06h, 07h e ainda vão fazer as comprinhas, sabe? Olha, é de cortar o coração (se emociona). E eu dou graças a Deus todos os dias porque muitas não têm isso. Muitas a carga é muito grande...

No que tange os relacionamentos com seus parceiros este sacrifício pelo companheiro ou com o companheiro fica ainda mais explícito quando percebemos a forma como cinco das sete mulheres chegaram à cadeia:

Eu tava no aeroporto, ponte-aérea, e, infelizmente, eu fui ajudar o amigo do meu noivo a trazer as bagagens para Florianópolis. A bagagem dele não passou no check-in e, para não ter que pagar excesso de bagagem, eu fui trazer. Mas, sem saber – não tinha como – tinha droga ali dentro. [...] Eu e meu noivo tínhamos ido pra casa do pai dele lá em Porto Velho, ele foi me apresentar pra família porque a gente ficou noivo há pouco tempo e, no que a gente tava retornando, um amigo lá do amigo dele não sabia fazer check-in, não sabia nada. E eu como já tinha viajado, meu noivo também dissemos que a gente ajuda, sem problemas, né? A gente passou a bagagem no meu nome, tudo tranqüilo. Ai to fazendo ponte-aérea aqui no Rio Grande do Sul, e sou parada pela Polícia Federal. Ai (suspira), imagina tua vida toda passar naquele momento, entendeu? (Evelyn)

Veri: *Eu não era do crime. Era o meu companheiro e eu vinha, fazia parte também. Tínhamos um bar noturno e ele vendia drogas. Aí fui presa por tráfico. Mas sou primária.*

Helen: *E o teu companheiro?*

Veri: *Assumi junto. Foi preso junto. Não teve escapatória. Fomos oito preso (Veri)*

Fui pega levando drogas para o meu marido na Modulada de Charqueadas. Ele é usuário de crack. E me obrigou a levar 40 gramas de pó e 30 gramas de pedra. Acabei levando e fui pega pelas agentes. Tinha droga na calcinha. Fui condenada a seis anos e cinco meses. (Simone)

Priscila: *Conheci meu marido no mundo da droga, passei a ajudá-lo e, hoje, ele não usa mais nada. [Ele] se encontra preso também.*

Helen: *O que ocorreu?*

Priscila: *Ele era envolvido com esse mundo, um dos meus tios saiu da cadeia e não aceitou que ficasse com ele. Me agrediu na rua, disse que ia nos matar. Porque ele era um viciado. Três dias depois eles se cruzaram na rua e, meu marido, com medo, estava armado, matou meu tio. Minha tia me acusou de mandante. Meu marido é réu confesso e está no Presídio Central. Ainda não conseguiu liberdade provisória. (Priscila)*

Thaís: *Sou de Gravataí, da [parada] 77. Moro lá há 34 anos. Aí meu marido inventou esse negócio de vender drogas. Temos quatro filhos. Três guris e uma guria. Fui inventar de fazer e não durei 15 dias.*

Helen: *Ele estava há bastante tempo [no negócio]?*

Thaís: *Há uns cinco anos.*

Helen: *Há quanto tempo tu estás casada?*

Thaís: *Há 15 anos.*

Helen: *Casou tri cedo! E aí ele tava há bastante tempo e tu foste ajudá-lo?*

Thaís: *Sim, só que daí ele foi preso.*

Helen: *Vocês foram presos juntos?*

Thaís: *Ele foi antes de mim. Quatro meses antes.*

Helen: *Aí depois te pegaram?*

Thaís: *Eu e o tio dele.*

Helen: *Primeira vez aqui?*

Thaís: *Sim.*

E como os companheiros e maridos estão, em sua maioria, presos os filhos acabam sendo criados por mães, irmãs, amigas. Esta incerteza quanto à criação dos filhos é forte nos discursos das apenadas que enxergam o quanto o filho de mãe presa recebem também um tipo de condenação.

Filhos a gente cria pro mundo, cachorro a gente cria pra gente. O meu filho mais novo, foi a minha irmã de criação quem criou. Ou seja, eu perdi. Porque ele sabe que eu sou mãe, mas, pra ele não faz diferença. É questão de afinidade. Já com o Wagner e o Alexandre eu sou muito amorosa. (Sarah).

O Ruanzinho quando eu deixei ele, ele tinha três aninhos né? E o meu medo que eu tinha é dele não me chamar de mãe, sabe? Mas, graças a Deus, quando eu vi eles agora junto com o aniversário do meu gurizinho, ai, ele me abraçou, ele disse que me amava. Não sei o meu nenê. O meu nenê... Apesar que, quando ele vem aqui, ele gruda no meu pescoço. Ele não quer ir embora.

Então, eu acho que assim, oh: o medo, que eu mais senti, entendeu? Dos meus filhos chamarem outra pessoa de mãe. É o meu medo assim maior que eu tinha. Por mais que eu tenha feito tudo de errado – e que pra mim, no momento, não foi o errado, o meu pesadelo era perder o amor dos meus filhos. Perder o carinho que eles tinham por mim, o respeito. Mas, graças a Deus, eu tenho uma filha maravilhosa. Uma filha que, que ela é uma mãe. Ela cria os irmãos dela, ela educa os irmãos dela, ela amadureceu, ela, ela virou uma mulher. Sabe aquela menina-mulher? Ela virou uma mulher. E eu acho lindo aquilo. Aquele amor que ela tem pelos irmãos dela. E os irmãos respeitam ela. O meu pequenininho mesmo se grudou nela porque, de certo né, substituindo a minha falta.

E isso ai me da vontade de mostrar. Eu não quero mostrar pra sociedade, eu to pouco me lixando pra ela. Eu quero mostrar pros meus filhos que eu posso ser uma verdadeira mãe [...].

E sabe o que mais eu acho bonito? É que a minha irmã [que cria meus filhos] gosta muito de condenar, sabe? Dizer assim: Ah, tu é igual a tua mãe. Daí, sabe a resposta deles? Eu sinto orgulho da minha mãe!

*Então, o que eu tinha medo dos meus filhos, me condenarem, me criticarem, não aconteceu, graças a Deus. Eu não perdi o amor dos meus filhos e, assim, oh: não tem homem, não tem nada, ninguém, que substitua isso. **E o que o mais tinha era medo de perder os meus filhos, medo de perder o respeito deles, perder o amor deles. Como eu to já perdendo o crescimento, eu tinha medo, mas, não.***

No final do ano, teve uma homenagem pras mães no colégio [da minha filha]. E ela resolveu falar, mesmo eu não tando ali. E ela chorou muito, o colégio todo chorou com ela. Ela pegou e disse assim que a homenagem era pra mãe dela que tava presa, né. E que ela amava muito a mãe dela. Falava pra todo mundo [que me amava]. E eu fiquei muito, muito orgulhosa. (Elena)

Maternidade e relacionamentos são os laços mais fortes que aplacam a ideia da vida fora da prisão. São os vínculos, a confiança e a intimidade que estão nas falas destas presas sempre que elas se referem aquilo que ocorrerá depois do aprisionamento, que remetem a uma ideia de liberdade.

7.3 VAIDADE

Começamos esta abordagem esclarecendo nosso ponto de vista sobre o corpo humano. Acreditamos que o corpo é mais do que um objeto onde todos nós vivemos. Dentro da construção de nossa subjetividade, o corpo é parte fundamental, sendo parte da forma como nos reconhecemos e mais ainda daquela como queremos ser reconhecidos. Giddens (2002, p. 95) define o corpo como algo que “não é só uma entidade física que ‘possuímos’, é um sistema de ação, um modo de práxis, e sua imersão prática nas interações da vida cotidiana é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de auto-identidade.” Por isso, entendemos que aquilo que fazemos com nosso corpo é também uma forma de comunicar e de narrar a própria existência.

Quando a atriz Cristiana Oliveira, ao viver uma presidiária na novela *Insensato Coração* (Rede Globo, 2011), relata que, para compor o papel, precisou engordar 15 kg e adotar um ar masculinizado, ela justifica as mudanças e a adoção de um jeito masculinizado da seguinte forma: "A grande maioria das meninas é grande", conta. "Até para se defenderem elas gostam de tomar corpo", explica ela, que complementa dizendo que “muitas perdem a vaidade ao serem presas.” (MORENO, 2011).

Na verdade, percebemos em campo que a vaidade acaba se tornando uma forma de resistência, um grito de protesto dentro da prisão. Esta noção de vaidade como “ousadia licita” também é percebida por Barreto (2006, p. 164):

Uma vez 'enjauladas' tornar-se belas era estar viva, na ótica das presas. E mais, acredito haver uma associação entre civilidade e beleza [...] Todavia, a roupa e a imagem considerada 'adequada' para as presas designava o conjunto de valores aos quais estavam associadas [...]. Neste jogo de sedução, permanecer o mais parecida possível com o que fora enquanto não estava presa, era manter-se o mais longe possível da institucionalização.

Percebemos isso quando Sarah nos relata seu preparo para o dia de visitas:

Hoje tu tá me vendo péssima porque eu to de TPM. Mas eu faço chapinha, me maquio. E eu me arrumo toda para o meu filho. Quando ele vem me visitar eu faço questão que ele me veja bem.

Sarah trabalha no salão de beleza do presídio. Através dela, podemos perceber o quanto as mulheres levam a sério a questão da vaidade por aqui:

Tu sabe que se meu serviço não fica bom elas [as presas] me cobram. A direção me cobra! Eu, por exemplo, agora não faço mais química (nos cabelos) porque a repercussão é grande e elas falam. Teve uma outra que, pra não pagar a progressiva, saiu falando que tava com um cheiro horrível, reclamou que não ia me dar R\$ 100,00 e deu só R\$ 50,00.

A aparência tem então uma parte fundamental no projeto reflexivo do eu proposto por Giddens (2002). E por esse motivo, os indivíduos também ajustam sua aparência de acordo com a maneira como percebem as demandas dos ambientes. Assim, nem a aparência, nem a postura do indivíduo podem ser consideradas definitivas: o corpo é parte da construção do eu e de como nos percebemos. Por isso, poucas coisas agridem mais uma apenas do que encará-las como mal vestidas, ou, mal arrumadas:

Estes dias teve umas crentes novas aqui pra fazer trabalho com a gente. Ai uma delas comentou com a outra: 'nossa como elas são arrumadinhas, né?' Arrumadinhas! Esperava o quê? Que a gente além de presa ainda fosse feia!, desabafa Veri.

*Muitas têm curso de manicure aqui. Ai, hoje eu to de tênis. Mas, a gente assim, tá sempre com as unhas muito bonitinhas. Pelo menos, as do pé porque a mão a gente não pode fazer, né? Por causa da cozinha, a gente não pode pintar nem base. E cutícula a gente não faz por causa dos fungos dos alimentos, então não faz bem assim. Mas, pra visita assim... **Até os funcionários quando vêm a***

gente pra visita dizem: ‘aí, de onde é que ela veio?’ (risos). Porque é maquiagem, batom, essas coisas todas, de mulher mesmo, assim. (Evelyn)

A vaidade gera ainda um lucrativo comércio na cadeia, sendo o único meio de subsistência de muitas presas. Elena conta que uma das formas que usa para ganhar dinheiro dentro da penitenciária é trabalhando como manicure.

Elena: *Agora eu faço unha na galeria, sou a manicure da galeria.*

Helen: *E quanto é que é pra fazer a mão?*

Elena: *É dez reais mão e pé. O problema é que agora não to trabalhando porque eu to agora sem material. Como eu não tenho pessoas que me tragam né? Daí tudo isso também dificulta né? A gente que quer fazer alguma coisa, quer se manter. Até isso dificulta quando tu não tem visita porque daí falta esmalte. Daí tu não tem. E se tu vai pedir pra visita da outra, já são só dez itens daí aquela, vai faltar um item praquela. Daí fica... já é difícil entendeu? E na cantina que era pra ter não tem.*

Por toda a importância que é dada à vaidade pelas presas, não podemos esquecer que “o que pode parecer um movimento geral em direção ao cultivo narcisista da aparência corporal, expressa na verdade uma preocupação muito mais profunda com a ‘construção’ e o controle ativo do corpo. O corpo é uma questão de escolhas e opções”. (GIDDENS, 2002, p. 15). Se por um lado, estar bonita é uma forma de mostrar a não entrega ao sistema prisional, por outro, perder a vaidade é atestar mais uma forma de prisão a da perda da “auto-estima”. Como relata Elena:

Elena: *Eu digo assim, aqui na cadeia eu não sou tão vaidosa assim, sabe. Na rua eu sempre fui bem vaidosa, mas, aqui na cadeia não sou. Até, portanto, eu não ter condições. Mas, quem tem condições, tem seu batom, tem seu rímel, tem as suas pinturinhas básicas aí, né? E tão sempre... Ah... Quem tem família que traz sacola. Tá sempre, tá sempre bem, tá com tênis bom.*

Helen: *Tu te preocupa em ti sentir bonita?*

Elena: *Não. Aqui dentro não precisa. Aqui eu meio que perdi minha auto-estima.*

Entre as razões pra perda dessa auto-estima algumas mulheres relatam a falta de companheiros, de visitas, a vivencia no próprio sistema ou ainda uma reclamação muito comum às mulheres de nosso grupo: o ganho de peso no sistema prisional:

Aqui é muita comilança. Às vezes, vai comida fora! Mas, é massa, feijão, arroz... Eu já embagulhei muito depois que vim pra cá. (Simone)

Uma vez eu fiz uma greve de fome aqui na cadeia porque tava com a minha [liberdade] condicional vencida. Aliás, é coisa boa pra emagrecer. Tô precisando emagrecer agora de novo, eu to gorda! (Sarah)

Ah, a comida aqui eles servem arroz, feijão... É aquela coisa, não é aquela comida assim... Até poderia ser melhor, mas, acho que as presas mesmo. Porque é elas mesmo que cozinham né? Então daí... muitas não tão nem ai, entendeu? Mas, ai, eu não tenho, sinceramente, esse negocio de comida eu não tenho que reclamar de nada porque pra mim, não me preocupo com isso. Só que a gente engorda... (Elena)

Algumas pequenas vaidades também são prejudicadas pelas proibições ou pela falta de poder aquisitivo. Alguns produtos como os perfumes não têm circulação permitida dentro do ambiente prisional. Outros custam caro para quem está no sistema – seja para serem adquiridos dentro da cadeia (na cantina), ou, para o custo das famílias que têm que comprá-los do lado de fora das grades e levá-los em dias de visita:

Mais uma coisa que eu sinto alta assim é perfume. Aqui não entra perfume. Ai que ódio, sabe? Porque eu to acostumada... E tu ta toda vida cheirosa, né? Porque pra mim não basta o sabonete aquele Dove, o creme... Tem que ter o perfume! (Evelyn)

*A minha mãe vem pouco aqui. Ela tá com meus quatro filhos. Me visitar mesmo vem apenas a nenê. É meio complicado mesmo porque tem que vir, fazer carteirinha. Só minha sogra me visita. Mas, estes dias ela veio **e me trouxe até um (sabonete) Dove. Fiquei toda faceira, até reparti com as gurias** porque a gente sabe que nem todas podem ter coisa cara assim, né?.* (Thaís)

É necessário lembrar que, justamente por ser parte da subjetividade e da construção da auto-identidade que o corpo foi muitos anos o foco das punições. (FOUCAULT, 1997). É sobre ele que as técnicas de normalização e punição se impuseram e ainda se impõem. É também sobre ele (e ainda sobre a alma) que se forma o poder.

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela se treina,

se obedece, responde, se torna hábil, ou, cujas forças se multiplicam. [...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de as 'disciplinas'. (FOUCAULT, 1997, p. 132-133).

7.4 O PODER, AS LIDERANÇAS E A DISCIPLINA

A estrutura social em que se passa esse trabalho precisa ser levada em consideração ao falarmos de poder. Vivemos em uma sociedade caracterizada por um conjunto de posições de classe destituídas³⁴. Destituição essa que reproduz um sistema de exclusões, gerando conseqüências sistemáticas e relevantes sobre a vida dos indivíduos e a dinâmica das instituições. Não é foco deste estudo fazer uma análise do sistema prisional sob o viés econômico.

Todavia, por este se tratar de um estudo que vê a identidade como um processo em construção, em um tempo e espaço específicos, acreditamos não poder deixar de lado o contexto em que as subjetividades destas mulheres aqui apresentadas estão inseridas. Para ilustrar este contexto é que usamos esta noção de destituição apresentada por Figueiredo Santos (2009), ilustrando-a com os dados que obtivemos junto à Superintendência dos Serviços Prisionais do Estado do Rio Grande do Sul. Não busco fazer uma análise aprofundada de tais dados. Acredito, no entanto, que sua simples menção nos revelará um retrato peculiar do sistema prisional do Rio Grande do Sul. O motivo de reforçamos estes dados ao abordarmos a relação entre prisão e poder é porque acreditamos que o poder, e a formação das instituições também estão intimamente ligados ao contexto social, econômico e cultural de uma sociedade. Conforme afirma Figueiredo Santos (2009, p. 464):

Os efeitos das relações de classe na vida dos indivíduos são sintetizados por proposições específicas que consideram que aquilo que a pessoa tem determina o que ela obtém e condiciona o que ela necessita fazer para conseguir o que obtém. [...] A desigualdade durável entre categorias resulta do controle desigual sobre recursos que produzem valores.

Para falar de destituídos, Figueiredo Santos (2009) propõe uma noção de classe social que deve ser considerada de forma relacional: atento para o tecido de relações sociais e os vínculos das pessoas com o sistema social de produção e

³⁴ Usamos neste trabalho a noção de destituição apresentada por Figueiredo Santos (2009)

distribuição de riquezas. Ele se baseia em uma noção ampla de trabalho, em termos de tempo dedicado à atividade (pelo menos uma hora por semana) e finalidade da atividade (consumo direto, ou, sem remuneração), além de incluir aqueles que buscam obter um trabalho, mas, deles são excluídos. Os destituídos são os excluídos, ou, desconectados do controle de ativos ou recursos econômicos, não controlam recursos que produzem valor. Por este motivo, focaremos a apresentação de nossos dados na profissão exercida pelos apenados antes de ingressarem no sistema prisional.

De acordo com os dados³⁵ da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado do Rio Grande do Sul (Susepe), quando o tema é a ocupação 17% dos presos trabalhavam como servente; 10,25% como auxiliar de serviços gerais. Aparecem ainda entre as profissões mais citadas: pedreiro (7,42%); pintor (4,41%); comerciante (2,37%); motorista (2,31%); mecânico (2,26%); do lar (1,96%); produtor (1,94%); trabalhador rural (1,71%); autônomo (1,39%); eletricitista (1,13%); ajudante (1,07%); moto-entregador (1,07%); operador de máquina e equipamentos (1,05%); chapeador (1,04%); trabalhador eventual (1,04%); empregado doméstico (0,52%).

Entre os destituídos, Figueiredo Santos (2009) coloca algumas categorias: os trabalhadores excedentes, que são os desempregados. Os elementares e domésticos – categoria associada à natureza do trabalho e circunstâncias de exercício do mesmo, revelando uma depreciação do trabalho braçal, que seria despojado de habilidades cognitivas e comportamentais mais valorizadas. Os trabalhadores autônomos precários, aqueles destituídos da prática de ativos ou recursos de capital e de qualificações. Reproduzem suas atividades nos interstícios dos mercados de produtos e serviços. Os trabalhadores agrícolas que são os pequenos produtores, com acesso precário à terra ou ao mercado de produtos agrícolas; pequenos produtores com pouca terra e que vendem sua produção de forma direta para o consumidor. Há ainda os trabalhadores de subsistência, aqueles que não possuem renda alguma.

A partir destas observações percebemos que o maior contingente do sistema prisional gaúcho, é formado por pessoas que ocupavam as profissões acima apresentadas, aparecendo assim na categoria “destituído”. Para explicitar este

³⁵ Os dados fornecidos pela Susepe correspondem a realidade do sistema prisional gaúcho em abril de 2013. Eles não estão separados por sexo, portanto, abrangem todo o sistema prisional do Estado. Não há informações deste tipo divididas por gênero.

quadro, buscamos os números apresentados pela Susepe e separamos os trabalhadores nos grupos definidos por Figueiredo Santos. Desta maneira, descobrimos que, em relação ao trabalho, os apenados do sistema prisional gaúcho se dividem da seguinte forma:

Trabalhadores Elementares e Domésticos: 11.796, ou, 40,44% do total do universo prisional gaúcho.

Trabalhadores Autônomos Precários: 7.702, ou, 26,41% do total do universo prisional gaúcho.

Trabalhadores Agrícolas: 118, ou, 0,4% do total do universo prisional gaúcho.

Trabalhadores de Subsistência: 877, ou, 3% do total do universo prisional gaúcho.

Se somarmos o total de trabalhadores que se enquadram dentro da categoria geral de “Destituídos” proposta por Figueiredo Santos, iremos observar que 70,2% dos presos do Estado do Rio Grande do Sul se enquadram nestes critérios.

Para Foucault (2009, p. 30-31), existe claramente uma relação de mais e menos poder estabelecida no campo do saber e da hierarquia social. Relação esta claramente organizada por um saber voltado a deixar claro que as punições se destinam, sobretudo àqueles que se encaixam em uma categoria de “menos poder”:

[...] o corpo do condenado também tem seu estatuto jurídico; reclama seu cerimonial e impõe todo um discurso teórico, não para fundamentar o ‘mais poder’ que afetava a pessoa do soberano, mas para codificar o ‘menos poder’ que marca os que são submetidos a uma punição.

Portanto, acreditamos que o fato de termos 70,2% dos apenados do sistema prisional do Rio Grande do Sul enquadrados como “trabalhadores destituídos” não pode ser tratado como uma coincidência. Na realidade, falamos aqui de relações de poder, de relações que marcam aqueles que são mais ou menos “condenáveis”. E, por isso, trouxemos aqui estes dados que nos servem para reforçar a importância do contexto na formação da auto-identidade e das subjetividades.

Durante nossa convivência no ambiente prisional foi possível detectar diferentes maneiras de legitimação do poder. Uma delas é a capacidade de empatia. Se colocar no lugar do outro, “brigar” pelo outro é também uma forma de adquirir poder entre as presas.

Como eu digo pras pessoas que já me conhecem há muito tempo aqui, já de anos, fiz de um tudo nessa cadeia. Fiz paralisação, fiz greve de fome, trabalhei no salão. Abri um projeto. Na primeira vez que abriu o salão ficou sob minha responsabilidade. Eu denunciei juiz, denunciei promotor, denunciei direção. Sofri retaliações em função disso. Fiz de um tudo. (Sarah)

Sarah me conta com orgulho como se tornou uma espécie de referência dentro da prisão. E o que chama mais a atenção é que esta construção de liderança é perpassada de um sacrifício pelo outro, ter compaixão e ser capaz de se colocar no lugar do outro, ainda que isso lhe acarrete perdas e punições. Com orgulho, ela narra que quando esteve na mesma penitenciária entre os anos de 2003 e 2006, organizou diversas mobilizações. Uma delas foi por causa de uma menina que colocou fogo no próprio corpo como forma de protesto pelos maus tratos que recebia dentro da cadeia. Sarah ficou solidária a ela e por isso, decidiu realizar um motim. O mesmo aconteceu depois que uma anã, com deficiência física teve um filho dentro do presídio e a criança acabou morrendo no parto. Morte que Sarah atribuiu à falta de atenção especializada para esta detenta. Nestes dois casos, ela, Sarah, ligou para as galerias, falou com a líder de cada uma delas e organizou uma mobilização geral na penitenciária. Aliás, sobre isso ela ainda acrescenta: *“naquele tempo tinha mais essa coisa de liderança, agora, com o crack, mudou muita coisa não é mais assim”*.

Por causa desta organização, ela foi chamada pela psicóloga da penitenciária para uma conversa. Então ela avisou as demais colegas *“Se eu não subir de volta para a galeria, organizem a rebelião”*. Como consequência ainda ela perdeu pelo menos 12 aparelhos de celular³⁶. Todas essas manifestações levaram Sarah a ser reconhecida como uma liderança natural tanto pelas presas, quanto pelos funcionários do presídio. Sarah está constantemente envolvida em atividades de representação das presas, concede entrevistas sobre o sistema prisional, ajuda a organizar atividades dentro da cadeia, trabalha no salão de beleza (o que é considerado um privilégio dentro deste universo - tanto pelo trabalho em si, quanto pela ‘liberdade’ de circulação dentro da unidade prisional que este trabalho proporciona).

³⁶ Aparelhos de celular são proibidos dentro das cadeias. Todavia, é sabido que eles são amplamente utilizados na comunicação intra e extra-muros pelos apenados e adquirem um valor e uma importância fundamental dentro deste ambiente.

Acreditamos que o fato de se conseguir liderança através de uma atitude de preocupação para com o outro tem relação com aquilo que Giddens (2002, p. 89-91) define como compromisso. A pessoa comprometida é alguém que, reconhecendo as tensões intrínsecas de uma relação da forma moderna, ainda assim, está disposta a correr o risco. Este “correr o risco” por outrem, em nome do outro é o que parece estar em questão dentro da formação de uma liderança no contexto prisional, já que isso permite a criação da confiança. O que, no contexto da modernidade tardia, torna-se altamente valorizado e é mais importante do que outros tipos de vínculos e laços.

Outro fator que implica na construção de lideranças e na aquisição de poder dentro da prisão é o conhecimento. Saber as rotinas, conhecer as pessoas ‘certas’, entender os procedimentos do sistema prisional, tudo isso pode conferir poder.

Ainda em minha conversa com Sarah, ela fez questão de destacar o quanto é conhecedora das leis:

“Eu já li toda a LEP³⁷, conheço bem meus direitos e meus deveres aqui dentro da cadeia.” (Sarah)

O poder ainda aparece na estruturação física da cadeia, que busca anular individualidades, evitar aglomerações e, ao mesmo tempo, impõe às prisioneiras uma profunda solidão. Elena nos relata um pouco desta rotina de aniquilamento das individualidades.

As galerias são separadas, tem um banheiro, com dois chuveiros... Na galeria tu tem que aprender a conviver, tu tem que respeitar o espaço de todo mundo. Na galeria tu tem olhos e tu não enxerga. Tu tem ouvido, tu não escuta. Tu tem boca e não fala, entendeu? Né se tu não quiser se incomodar.

No banheiro, por exemplo, até mesmo as presas, né, elas dividem o box com cobertores. Ou, os banheiros tem os cobertores tapando. A única coisa que é assim: tu escova o teu dente, lava roupa tudo junto.

Quem não tem trabalho, é 24 por 24 dentro da galeria, né? Daí já viu. É aquela tensão. Sabe mulher com mulher sempre dá uma discussão aqui. Ai, porque uma pegou o prato da outra. Porque pegou a colher... Ah, tu pediu minha roupa emprestada e não devolveu. É aquela coisa assim, né? Então tu imagina cento e

³⁷ LEP- sigla para Lei de Execuções Penais.

poucas numa galeria, onde, umas não se conhecem, do nada. Então ali tu vai ter que aprender a conviver com elas. Querendo ou não, tu tens que aprender.

Helen: *E tu vais dormir que horas mais ou menos?*

Elena: *Aí eu não durmo. Eu não consigo dormir. Eu rolo na cama, eu olho televisão. Eu escuto rádio não consigo dormir. É que nem, uma vez eu aprendi. Logo, que eu comecei, quando eu tava grávida, bah, eu dormia que era uma pedra, assim. E daí uma vez uma senhora que, puxava cadeia já há tempo, veio e voltou várias vezes, ela disse assim: filha, eu vou te ensinar uma coisa ‘em cadeia não se dorme, a gente cochila. Entendeu?’ (Elena)*

Dentro da lógica do poder, tudo parece organizado para reforçar hierarquias e anular as individualidades. Giddens (2002, p. 91) lembra que a proximidade física, o “estar sempre ao alcance do outro” gera uma falta de privacidade. E a privacidade é o que torna possível as satisfações psíquicas que a intimidade tem pra oferecer. Uma vez que não há privacidade, tais satisfações ficam, evidentemente, mais inatingíveis. Talvez, por serem essas satisfações inatingíveis com essa falta de privacidade na cadeia, é que os relatos de sono intranquilo, e o uso excessivo de medicamentos por parte das presas também seja algo comum. Evelyn faz uma observação sobre isso:

*Tem hora que assim que estão tudo explodindo, né? Na cela que eu me encontro não é tanto assim, mas sabe , às vezes uma dá um surto. **Não é assim só TPM, é um surto da cadeia. Porque tu tá presa não pode fazer nada.** Tu quer ver parente, não pode, quer falar com o filho, não pode, sabe? Não pode nada. Tu quer sair tu não pode. Tipo: **a gente tem pátio, só que tem horários, né? Então tem dias que o sol está lindo e maravilhoso, a gente quer ir pro pátio e não pode porque não é o nosso horário de pátio, não é o nosso dia de pátio.** Eu nunca fui pro pátio desde o dia em que eu to aqui, eu to até amarela.*

Helen: *Por quê? Tu não sente falta do sol?*

Evelyn: *Ai, não sei... Eu sinto, até minha mãe e meu pai me disseram tu tá muito amarela. Mas, eu não sinto vontade sabe, não sinto prazer, entende? Esses dias eu vi o sol é até doeu meu olho. Eu sei que a gente precisa. Faz bem, evita muitas doenças, mas... Tem umas da galeria que já estão há um ano e pouco sem pegar sol. E os médicos recomendam, dizem que tem que ir. A pessoa não vai porque não quer.*

Eu até pego no pé de algumas e digo 'vai tomar sol'. Só que aí elas me dizem 'e por que tu não vai?' e eu fico sem argumento. Mas é que não me dá prazer. Acho que a minha janela até bate pro sol. Eu vejo assim mas nada que me motive a ir pro pátio.

Helen: *E como é o sono aqui?*

Evelyn: *Ai, quando eu cheguei era difícil. Mas, agora até durmo. Só que uma coisa que eu vejo muito, até, teve uma época que **eu meio que surtei**, sabe? Porque **a gente fica dependente de estar aqui dentro**. Lá fora, eu todo dia acordava e via o celular e a internet né? Eu vivia na internet, eu tava me comunicando com o mundo. E aqui não tem nada disso. Os primeiros dias, como eu tinha celular, eu e meu noivo a gente sempre tava em contato. Eu acordava e a primeira coisa era o telefone. E aqui não tem sabe? E sei lá parece que meu ouvido já tava tão aguçado praquilo que não ouvir o celular quando eu acordo é estranho.*

A carga é muito grande – a cadeia – muito grande. E o que acontece? Muitas assim passam a tomar remédio. Tem umas que à noite dormem que é uma pedra porque tomam remédio, né? Um mais forte do que o outro. E elas (presas) mesmo sentem a necessidade de tomar mais de um, sabe? E elas (agentes penitenciárias) dão certinho, é um por noite. Só que não, **elas querem tomar mais e mais porque não agüentam. Eu fico apavorada. (Evelyn)**

O poder, portanto, aparece dentro do sistema prisional não de forma uníssona e uniforme. Ele se dissipa na arquitetura, na construção de relações, na formação e manutenção das individualidades. Todavia, não podemos esquecer que ele é anterior ao sistema prisional. Como podemos observar neste item, antes mesmo de chegar à penitenciária, os presos já foram submetidos a uma lógica de exclusão do poder que perpassa nossa construção social e se faz clara na formação de instituições como o próprio sistema prisional.

7.5 SEXUALIDADE

Embora a visita íntima seja permitida no sistema prisional brasileiro tanto aos homens quanto às mulheres, o Censo Penitenciário revela que 65% dos presos recebem visitas das companheiras. Enquanto isso, apenas 18% das presas recebem

visitas dos companheiros³⁸. Se há poucas visitas íntimas e, como já relatamos antes, o espaço para individualidades é pequeno, a intimidade e a sexualidade passam a ser temas abordados com certa restrição dentro da cadeia feminina. Em nossos diálogos com as apenadas percebemos que a sexualidade passa por experiências com outras presas, pela vivencia de um sentimentalismo à distância (como a troca de correspondências) ou pela tentativa de “apagar” esta área da vida.

Simone nos conta que não vê seu companheiro desde que foi presa, já que ele também cumpre pena. No entanto, quando apenas ele estava detido, a vivencia da sexualidade do casal se passou sempre no universo prisional (os dois se conheceram dentro do presídio e nunca viveram a relação matrimonial com ambos em liberdade).

*Entramos no Central (Simone e a mãe dela) pra visita, em 1997, e meu irmão ficou na mesma galeria que o pai das minhas filhas. Ele era paneleiro. E fui pegar comida pro meu irmão. Era arroz, alface e galinha. Insisti que queria comer e ele perguntou de quem eu era visita. **Ele gostou do meu jeito.** Pediu pra eu ter calma. Fui pra perto do meu irmão e ele ficou parado me olhando. Fui lá e xinguei o paneleiro novamente. Meu irmão disse pra eu me acalmar. Daquele dia em diante o paneleiro disse que tinha fechado uma coisa comigo e com ele. Meu irmão escreveu um bilhete por ele endereçado a mim, porque ele não sabia escrever. **Ele queria conversar comigo. Fui, e ele me recebeu na cela dele. Disse que havia gostado de mim e que estava há muito sem visita.** Estava gago de tão tímido. Falei do episódio da comida e ele me disse que havia regras aqui. **Falei que já tinha um filho e que não ia dormir na cama com ele porque não podia ter mais. Ele falou que queria só visitas minhas.** Me chamou de danadinha. Mandou eu conversar com a mãe dele. **Depois de quatro meses tivemos visita íntima.** Ele era virgem. Ele estava de calça branca e jaqueta quando disse que nunca havia transado com mulher nenhuma... **Eu fui a primeira mulher da vida dele.***

Helen: *É muito complicado essa vida de mulher de preso? Levar comida, visitar, levar os filhos pra visita?*

Simone: *É complicado. Não sabia quanto tempo ele ia ficar lá. Aê foi julgado por homicídio quando era novinho. Me apaixonei. Agora está com 33 anos. **Fiz todas as minhas filhas dentro da cadeia.** Uma em cada penitenciária. **Aqui a***

³⁸ Esse dado foi retirado da Reportagem “Profissão Repórter” em 21/01/2007. E pode ser conferido no link: http://www.youtube.com/watch?v=HPnSA_icyk

cada 15 dias o casal pode ter visita íntima. Mas quem vem visitar é mãe, filha. Marido só se ama demais a mulher. (Simone)

Falar de sexo com as mulheres foi uma dificuldade a parte. Embora respondendo alguns questionamentos que fiz, percebi que o tema envolve muito tabu e poucas falam com a mesma naturalidade da fala de Simone. Apesar de todas terem comentado a existência de casais homossexuais na prisão, nenhuma fala tão abertamente sobre o tema e, neste grupo de mulheres, todas tratam o sexo como uma questão a ser deixada de lado durante o período prisional. Veri exemplifica:

*Não penso nisso (em sexo). Há lésbicas aqui. Mas eu evito ver cenas que estimulem. E não penso. Mulheres daqui não recebem visitas de maridos quase. Poucas. **O homem não é mais companheiro da mulher. A mulher é do homem.*** (Veri)

Essa não vivência da sexualidade corrobora para o sentimento de solidão que já mencionamos aqui. Apesar de viver constantemente em grupo, as presas relatam sempre uma vida solitária dentro da cadeia. Foucault (2009, p. 138) nos lembra que esta solidão é uma das características fundamentais do ambiente prisional e disciplinar: “[...] o espaço das disciplinas é sempre celular. Solidão necessária do corpo e da alma, dizia um certo ascetismo: eles devem, ao menos por um momento, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a severidade de Deus.”

Nenhuma das mulheres com quem conversamos recebe visita de marido ou namorados. A maior parte delas tem os companheiros também detidos, o que inviabiliza as visitas. Todavia, depois da prisão, poucas ainda se comunicam com seus companheiros. Segundo elas, mesmo quando tomam iniciativa de escrever para seus companheiros, as respostas por parte dos homens são menos frequentes (embora este não seja um código explícito, percebemos que escrever cartas se torna uma forma de manter os relacionamentos quando ambos estão presos). Ou seja, depois de ingressar no universo prisional, as mulheres sofrem uma espécie de abandono por parte de maridos e companheiros. E o que nos chama mais atenção é que este abandono é tratado por elas como algo já esperado, uma naturalização que aparece nas falas delas com frequência:

O homem não é mais companheiro da mulher (Veri)

Mas quem vem visitar é mãe, filha. Marido só se ama demais a mulher. (Simone).

A sexualidade costuma ser extrapolada mais no coletivo do que no individual: quando alguma figura masculina aparece no presídio, é comum que a cadeia entre em “ebulição” com muitos gritos e brincadeiras por parte das presas que “assediam” a figura masculina em questão. Quando o assunto é abordado porém de forma particular, as mulheres costumam tratá-lo como algo a ser “esquecido”, “deixado de lado”, ou, “melhor nem pensar”. Se a vivência da sexualidade é pouco exercida entre as presas e seus companheiros a sentimentalidade, porém, é bastante vivida dentro do presídio. Seja pela construção de laços de amizades, seja pela nutrição de laços parentais (com mães, filhos e irmãs). E uma das maneiras de se viver essas afetividades, como veremos na próxima abordagem, é através da mídia.

7.6 MÍDIA, PRISÃO E LIBERDADE: A AMBIGÜIDADE DO DISCURSO

Acreditamos que a produção cultural inclui um estoque de elementos culturais já existentes, extraídos da cultura vivida. Por isso, o que a mídia coloca em circulação está intimamente ligado ao que circula na cultura do cotidiano. O circuito midiático é alimentado pela cultura cotidiana assim como a cultura dele se alimenta. Foi com base nessa crença que iniciamos nosso trabalho em campo. E foi buscando estes pontos de intersecção entre mídia - cultura que seguimos nosso estudo.

Justamente com o intuito de reforçarmos a ideia de que as subjetividades são permeadas pelo discurso midiático e que este discurso é também parte da cultura é que a mídia passou a constituir o último item de nossa análise. Acreditamos que a construção das identidades passa necessariamente pela mídia. Assim, viemos construindo uma trajetória de discursos, de representações e, neste ponto, queremos identificar a presença da mídia nas narrativas identitárias.

A seguir, iremos relatar a presença da mídia na vivência das mulheres com quem conversamos durante nossa pesquisa. Buscaremos em suas falas compreender como rádio, TV, jornais se fazem presente dentro da prisão, mediando a comunicação e as vivências neste ambiente. Afinal, Giddens (2002, p. 32) nos lembra que “[...] nas condições da modernidade, os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam”.

Na primeira vez em que estive na Penitenciária Feminina Madre Pelletier para apresentar minha pesquisa à direção da unidade prisional, já entendi que a mídia

exercia um importante papel ali dentro: o do conhecimento. Conversando com a então diretora da Casa, Roselana Gonçalves, ela revelou:

Elas assistem à novela da Globo e ao 'Gordinho'(apresentador do Programa Balanço Geral,da TV Record RS). Só que elas dizem que não gostam do Gordinho. Então eu pergunto: se vocês não gostam por que assistem? E elas respondem que é pra ver quem foi preso.

A fala de Roselena revela o quanto a TV pode fazer a mediação daquelas que estão encarceradas com o mundo exterior. Ver quem foi preso, em um contexto carcerário, pode ser tão importante quanto conferir a editoria de economia em um jornal para quem trabalha com a bolsa de valores. Mas, não só isso: gera uma noção de aproximação com o mundo extra-muros.

Eu comecei a assistir o Balanço Geral quando cheguei aqui. Porque aí a gente revê as amigas na Record. Às vezes, a gente olha lá a matéria e vê assim: olha ali, é a minha casa! Ah, aquela é minha vizinha! (Thaís)

Essa aproximação com a realidade fora da prisão apareceu novamente quando falavam das telenovelas. Embora a novela do horário das 21h da Rede Globo seja, tradicionalmente, a mais assistida na penitenciária, no momento em que fizemos nosso trabalho de campo, passava na Rede Globo uma novela denominada "A vida da gente"³⁹. Essa novela ia ao ar no horário das 18h e apareceu como favorita entre as apenadas. O motivo? O cenário da novela:

A gente vê mesmo a vida da gente porque aparece o Rio Grande do Sul. Ai eles mostram Gramado, às vezes Porto Alegre. Foca o que passamos. Só falta focarem em nós. Vemos a Redenção, o Moinhos de Vento. A gente adora! (Simone)

Em geral, as televisões são trazidas por familiares de presas e há um aparelho por cela. No entanto, há celas que possuem mais de uma televisão. Também há televisores em outros espaços como no salão de beleza. O rádio é também produto trazido por familiares. E, por ser um aparelho menor, há vários rádios por galeria, podendo as presas que possuem o seu escolher a programação de forma individual. Já a programação da TV precisa ser negociada nas galerias:

³⁹ Ambientada em Porto Alegre e Gramado, a trama fala sobre a amizade entre duas irmãs – Ana e Manuela, apesar da preferência da mãe, Eva, pela primeira. Permeada pelas relações familiares contemporâneas, a história é narrada a partir do romance entre Ana e Rodrigo, criados como irmãos durante boa parte da infância e adolescência, desde que Eva e Jonas, pai dele, se casaram. Da convivência, surge o amor dos dois jovens, que se apaixonam ao mesmo tempo em que seus pais iniciam um processo de separação litigioso. A novela foi ao ar entre setembro de 2011 e março de 2012. Fonte: Memória Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-278179,00.html>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

Na minha cela há quatro pessoas. Então já sabemos o que vamos ver. No domingo escuto música. Não gosto da programação da TV. É um consenso.

(Priscila)

Jornais e revistas são menos comum no ambiente prisional. Há uma biblioteca onde estão disponíveis livros e revistas que são, normalmente, fruto de doações feitas à Penitenciária. O hábito da leitura se dá mais através de livros. A maioria das mulheres relata que gosta de livros espíritas. Já as revistas são menos lidas por serem muito antigas :

Lá na minha galeria tem até revista de 2001 (Cláudia).

No caso dos jornais, o motivo para a pouca popularidade é que ele precisa ser levado por familiares em dias de visita. Portanto, ou ele fica desatualizado, ou, as presas preferem não “queimar” um item da sacola das visitas. Acontece que os produtos levados por familiares são quantificados: há um limite de dez produtos que podem ingressar em cada sacola. Por isso, o jornal deixa de ser prioridade para elas, em detrimento de itens de alimentação e higiene pessoal.

O rádio ocupa lugar cativo dentro da prisão. Tanto que, quem não consegue ter seu rádio individual, acaba utilizando um serviço bem popular no Madre Pelletier: o aluguel de rádios. Nas galerias onde há mais de um aparelho, as presas se organizam e oferecem às demais o aluguel do aparelho radiofônico. O empréstimo pode custar entre R\$10,00 e R\$15,00 por semana.

Essa presença massiva do rádio dentro do ambiente prisional também foi percebida por Alvarez (2008, p. 67):

Devido a sua mobilidade, baixo custo e facilidade de acesso, é o único veículo de comunicação que vai aonde nenhum outro chega e fala diretamente o que o ouvinte deseja escutar. Por esse motivo, está muito presente na rotina das mulheres presidiárias. Seja nas galerias, no trabalho ou mesmo nas horas de descanso, é a ele que elas recorrem nos momentos de solidão.

No rádio, as programações preferidas são as de entretenimento: Cidade, Eldorado, Jovem Pan, 104 FM, aparecem entre as emissoras mais ouvidas pelo nosso universo de pesquisa, sob alegação de que são as que mais tocam música. Muitas vezes, a música aparece nas falas dessas mulheres como mediadora de um determinado momento de vida:

Conheci meu marido por meio de uma música do Raça Negra, diz Simone.

Programas com canções românticas são campeões de audiência por ali. Este é o caso do Love Songs⁴⁰, programa noturno da Rádio Cidade. A participação ativa dos ouvintes é uma marca do programa. São eles que, por meio de e-mails, cartas ou telefone, escolhem as músicas que serão veiculadas, contam suas histórias de amor, de saudades e desamores e mandam textos que se enquadram com a temática do programa. Através dessas canções, elas recordam histórias de amor. Para este programa também elas escrevem cartas que são endereçadas, a companheiros, familiares e às colegas de prisão. Há uma troca intensa de correspondências via rádio.

Eu mando sempre cartas pra lá. Mando beijo pra minha mãe, pros meus filhos. E a gente manda pra gente mesmo também, pras outras meninas. Eu gosto muito das músicas românticas (Thaís).

Eu sempre escrevo, mandando recado pra minha filha, lá fora... É como se a gente ficasse um pouco mais pertinho... (Cláudia).

De noite é aquela coisa: todas as galerias é no sonzinho do Love Songs. Aí uma manda carta pra outra. A gente ri. É legal quando a gente ouve o nome da gente no ar. (Priscila).

O Love Songs é tido entre as presas como uma forma de comunicação entre elas e com o mundo exterior. É ainda um ativador de memórias passadas quando, ao ouvirem os relatos românticos e as canções, elas se identificam, e relembram fatos vividos.

Esses dias tinha uma mulher contando que conheceu o marido dela na cadeia, que eles passaram muito tempo nessa vida e que ela queria muito um dia poder viver livre com ele livre também. Eu chorei, porque parecia comigo, com o que eu vivo, sabe? (Simone).

Eu ouvi uma música, que era a música do meu amor. Lembrei de tudo que a gente passou e que agora a gente não vai mais passar. Dói, é como se vivesse isso tudo de novo. (Sarah).

Segundo Bosi (1987, p. 9) a programação radiofônica surge como forma de identificação - o que vai ao ar tem similaridade com aquilo que em determinado momento foi vivido. E, embora reafirmem constantemente que, para sobreviver na

⁴⁰ A relação de apenas com o programa radiofônico Love Songs é abordada por Alvarez (2008). No artigo, a autora analisa a íntima relação que as presas têm com o rádio e a grande audiência que o Programa Love Songs tem na Penitenciária Feminina Madre Pelletier.

cadeia é preciso esquecer o universo extra-muros, são estes momentos de mergulho no passado e naquilo que ficou do lado de fora da penitenciária que parecem dar uma espécie de respiro às presas, um estímulo para as prospecções futuras.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço da consciência. A memória aprece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1987, p. 9).

Se por um lado, então, a mídia aparece como uma forma de liberdade em meio ao espaço prisional, por outro, os discursos midiáticos reforçam por vezes estereótipos e julgamentos, condenam ainda mais quem está no universo prisional. Esta confusão no discurso midiático se faz presente de forma mais clara nos programas policiais. Programas em que a experiência do cotidiano das classes populares aparece descrita por um discurso ambivalente e cheio de reticências que mistura jornalismo com narrativas romantizadas e com uma função pedagógica de ensinar a diferença entre o certo e o errado, o bem e o mal⁴¹.

Simone se diz fã do “Gordinho”, apresentador do Programa Balanço Geral da TV Record RS. Ao conversar conosco tanto individualmente, quanto durante o grupo focal, ela apresenta, porém, um discurso contraditório que, em vários momentos, reproduz as falas estigmatizadas, características de programas populares e, em outras situações, ela tenta se desvencilhar deste discurso:

*Eu assisto o Balanço Geral, mas, é muita criminalidade. Tendo família me preocupa muito saber como está a vida lá fora. E é assim o nosso dia-a-dia. Às vezes o Mota (apresentador do Balanço Geral) fala umas verdades, sabe? **Pergunto muitas vezes porque o juiz quer nós aqui dentro? Não tem outro modo de pagar a pena? A gente tem cama, chuveiro quente, fruta, leite. Coisas que as famílias lá fora não têm. Aqui dentro nós até engordamos. Por isso muita gente volta pra cá. Não tem isso em casa. Quem paga é a sociedade lá fora. Eu não sofro aqui dentro só de saudades. Mas meus filhos sofrem lá fora. Eles têm***

⁴¹ Esta abordagem é amplamente discutida na análise que Costa (1992) faz do programa Radiofônico “Gil Gomes”. Na obra, ela debate a ambiguidade do discurso radiofônico e a recepção deste discurso por parte das camadas populares.

*alimentação lá fora? Isso me tira o apetite. Estou privada da liberdade, mas acho errada a maneira de cumprimento da pena. Tonel de comida que vai fora é dessa altura. Vou ter que ficar três anos e onze meses aqui. Será difícil. Mas deveria ser mais rigoroso pra mulher não voltar pra cá. Tanto pra homem quanto pra mulher. O próprio Mota fala que está lotado o sistema carcerário. Na forma de alimentação também. Por isso muitas voltam. Três vezes uma já voltou. Gostou, pensei. Do quê? Colchão, chuveiro quente, leite. Lá fora tá difícil. Muitas acabam no tráfico. **Falta ainda as presas se ocuparem mais. Tem bastante trabalho, mas podem colocar mais.** Eu não retorno mais pra cá. Nem que eu tenha que latir. Em razão dos meus filhos que sofrem lá fora. **Aqui eu não sofro. Tenho comida e tudo. Lá fora quem sofre é a minha mãe que trabalha.***

Ainda tem que tirar a roupa quando chega aqui. Por isso digo pra ela, quem fez fui eu, não tu. Eu tenho que sofrer, mas não sofro. [...] Eu quero a minha vida diferente. Estou bastante revoltada com o que passei aqui. A pessoa que quer ter nova chance não tem esse direito. Ainda ontem falei pra social (assistente social): a Justiça tem que ter mais força. Tem muita comida. Como não manterão as cadeias lotadas? Eu não consigo levantar revoltada. Mas se alguém acorda de mau humor ao meu lado, fica difícil. Então estou reaprendendo. Tem muita gente abandonada aqui. Minha mãe cada vez que vem me xinga. Então amadureço. Então não sou eu que sofro, com diz o Mota, quem sofre são meus filhos e minha mãe.

Costa (1992, p. 92) lembra que há entre as camadas populares uma tentativa de separação entre “trabalhador” e “bandido”. Ser trabalhador é ter uma superioridade moral em relação ao criminoso, o trabalho é uma fonte de superioridade - ainda que ambos (trabalhadores e bandidos) possam se situar no mesmo contexto sócio-econômico. Ser um pobre que trabalha é superior a ser um pobre que rouba. No ambiente prisional, o trabalho ganha ainda uma conotação de redenção de recuperação do preso. É através do trabalho que ele retorna à sociedade, que ele tem sua “salvação” da prisão.

Todavia, a mesma autora percebe que há uma ambivalência na forma como o trabalho aparece no discurso destas classes e no discurso dos programas policiais: quando Simone diz que “falta ainda às presas se ocupar mais” esse não é o trabalho “redentor”, nem o trabalho de superioridade moral, percebemos que ela está claramente falando de um trabalho como fonte punitiva, trabalho como sinônimo de uma *punição* que as presas *mereceriam* ter.

Como pode então o trabalho ser fonte de superioridade moral e, ao mesmo tempo, sinônimo de punição? Costa (1992, p. 96) explica que precisamos levar em conta dois fatores: os trabalhadores, embora moralmente superiores, se representam como “injustiçados”, com problema de moradia, salários baixos... Em um contexto social marcado por um desequilíbrio entre “pobres” e “ricos” os trabalhadores se vêem privados de condições que em outros tempos lhes eram asseguradas (como bons serviços públicos, por exemplo). Neste sentido, trabalhar pode significar uma “sina”, um destino que não podem mudar. Àqueles que tentam burlar este “trabalho” através da conquista de dinheiro “fácil” é desejada então uma punição.

Podemos perceber que as presas até sabem que integram este grupo que transgrediu normas, que burlou o sistema. Simone inclusive diz: “*Eu tenho que sofrer*”. Acontece que no discurso das presas há uma preocupação muito grande em distinguir o “estar” bandida e o “ser” bandida. Elas se colocam sempre como vítimas de uma situação “externa” que a levou a transgredir. Sejam as condições sócio-econômicas, sejam as paixões que lhes tiraram a razão. E por serem vítimas dessas condições – e não sujeitos de fato de suas ações – é que “estão” bandidas. Assim, parece mais lógica a ambigüidade no discurso de Simone que oscila entre o “*Eu tenho que sofrer*” e a queixa sobre uma “Justiça injusta” que poderia oferecer outro modo de se cumprir penas: “*Pergunto muitas vezes porque o juiz quer nós aqui dentro?*”.

Durante o grupo focal, no entanto, ela faz a seguinte observação:

Eu não gosto de programas de sensacionalismo. Eles ganham em cima da desgraça das pessoas. Fazem um excesso. Um carnaval. Ele (o apresentador do Balanço Geral) é machista. Mulher pra ele é muito pior. É muito forçado. É falso no que ele fala.

Helen: *Tu não acreditas no que ele fala.*

Simone: *Ele é um mal necessário. Quando é um estuprador ele não faz tanto alarde. É homem. A voracidade é maior com nós.*

Essa estigmatização feita por programas populares aparece também como fator de incômodo na fala de outras apenadas.

O Mota tava reclamando um dia que o vagabundo recebia auxílio-reclusão. Mas ele trabalhava pesado antes. Teve um que recebia R\$ 1.500, 00. Mas, poxa, ele fez por merecer. Não roubavam de ninguém. E o Mota disse que ia fazer o possível

pra virar o quadro. Como que um trabalhador não ganhava isso? Nada a ver uma coisa com a outra. Eu chamo ele de Gordo. Fico indignado quando ele fala isso. Que ele nunca seja presidente da República. (Sarah)

No discurso de Sarah (e também no de Simone) identificamos outra característica comum: a referência ao sistema prisional como um espaço de ócio e privilégios. Sarah identificou isso na fala do apresentador – que critica um direito do preso (o de receber auxílio reclusão) e discordou desta posição. Simone, no entanto, apóia o discurso de que dentro da cadeia há muitas “mordomias”: *“A gente tem cama, chuveiro quente, fruta, leite. Coisas que as famílias lá fora não têm” (Simone).*

De fato, tanto o discurso de Simone, quanto àquele que Sarah rebate, do apresentador Alexandre Mota, giram em torno deste imaginário onde a prisão é tida como um local que não pune de forma efetiva e suficientemente rigorosa os transgressores. Foucault (2009, p. 20) problematiza essas críticas que eram feitas ao sistema prisional no século XIX e que, pelo que percebemos nos discursos aqui apresentados, persistem nos dias de hoje:

A crítica ao sistema penitenciário [...] que a prisão não é bastante punitiva: em suma, os detentos têm menos fome e menos frio e privações que muitos pobres ou operários, indica um postulado que jamais foi efetivamente levantado: é justo que o condenado sofra mais que os outros homens?

Ou seja, na verdade, a ideia de que o sistema prisional precisa ser mais rígido, mais punitivo com quem “é” bandido está intimamente ligada com à questão anterior levantada por Costa (1992): que é a distinção entre “trabalhadores” (moralmente superiores) e “bandidos”. Além disso, relaciona-se com a representação que as classes populares fazem do trabalhador como “injustiçado” e “sofredor”. Embora esse raciocínio não apareça de forma explícita nos discursos das mulheres presas ele está sempre implícito na descrição de suas condições desfavoráveis e em afirmativas como as de Simone ao comparar a situação dela dentro do presídio e a da família que está do lado de fora (que é trabalhadora): *“Aqui eu não sofro. Tenho comida e tudo. Lá fora quem sofre é a minha mãe que trabalha” (Simone).*

Na conversa que tive com Elena, ela retrata ainda outro tipo de diálogo fortemente reproduzido na imprensa. Elena, no entanto, faz este relato para se posicionar contrária a tal postura.

*Eu venho de uma família legal, né? Uma família que, graças a Deus, sempre deu estudo. Sempre deu... Nunca deixou faltar nada. Eu venho de uma família que, foi protegida em todos os sentidos, né? Até protegida das coisas erradas, das coisas certas. Graças a Deus, eu não posso dizer assim **como a gente ouve muito na TV e na tua né: ah, traficante porque a mãe é vagabunda. Ah, traficante porque, veio da favela.** Foi pro mundo da droga porque os pais são isso... Não, não é assim. Não é bem assim, entendeu? As coisas erradas da vida da gente, não é a família que traz, né? Entendeu?* (Elena)

Este discurso de Elena mostra-se um bom retrato de outra construção comum feita em programas policiais para “justificar” a criminalidade, transformando-a em uma força externa, algo alheio à vontade do criminoso. Costa (1992, p. 53) apresenta três razões que compõem o quadro ético-moral para explicar a criminalidade:

A primeira razão é circunstância histórico-material em que se insere um criminoso. Essa é destacada quando se trata de uma condição de miserabilidade, pobreza que assume um caráter de destino que os sujeitos não podem vencer, são impotentes para modificá-lo. Elena, embora não concorde com isso, percebe esse discurso ao reproduzi-lo “*ah, traficante porque a mãe é vagabunda, traficante porque veio da favela*”.

A segunda razão apontada por Costa é a intervenção “demoníaca”, as forças sobrenaturais que controlam os atos do criminoso e contra as quais ele não pode lutar. Embora esta razão não seja explicitamente mencionada por nenhuma das mulheres com quem conversamos, percebemos que é forte o discurso da religião e das forças sobrenaturais como forma de combater o mal, de combater o crime. É o que percebemos no relato de Priscila que sempre enfatiza o fato de ser evangélica como a resposta para sua redenção, ou, a comprovação de que está “curada”: “*Com a ajuda da minha família e da igreja, sou evangélica, consegui me livrar [das drogas]*”.

A terceira razão externa apontada como justificativa para a “personalidade criminosa” nos programas policiais é a que está ligada ao campo das paixões. Quando a paixão é acionada como justificativa, significa que naquele ato prevaleceu a ausência total da razão enquanto ordenadora de uma conduta social. Vale destacar que estes discursos levam, muitas vezes, a uma lógica perigosa em que as camadas mais pobres da população são também as mais vulneráveis às paixões e

menos guiadas pela Razão. Sarah retrata esses três discursos quando busca explicar a origem de sua vida no crime e destacar como é diferente de seus outros irmãos:

*Eu sou, como diz a música, a única ovelha negra da família. Minhas irmãs são tudo dona de casa. Mas porque eu **não tive estrutura familiar**. Eu queria ser adotada por uma família estruturada, estudando para usar minha inteligência para outra coisa. Quando **perdi minha virgindade, eu tinha 13 anos, sai de casa apaixonada**, sai de casa pra ser livre. E ninguém me impediu. Hoje, **por causa do espiritismo**, eu perdôo minha mãe, eu amo ela”. (Sarah)*

A mídia aparece ainda como forma de dar visibilidade às causas prisionais. Como produtora da TV Record RS muitas vezes atendi telefonemas de presos e parentes de presos fazendo denúncias sobre más condições dentro das cadeias, sobre corrupção dentro do sistema prisional, ou, ainda, informando sobre paralisações e motins. Durante o período em que freqüentei o Madre Pelletier, confirmei a suspeita de que a mídia se torna fundamental para a visibilidade do sistema prisional. Enquanto narrava suas ações de liderança dentro da Penitenciária, Sarah destacou, por inúmeras vezes, o contato que manteve com veículos de comunicação:

*Eu organizei um motim e aí liguei pra redação da RBS. O **Zambiasi** falou por três dias disso e todo o noticiário ficou em cima.*

*As meninas aqui estavam tudo revoltada porque não ia ter como o filho de uma ficar na creche eu falei pra elas: isso aí tem que ligar pra **Record**. Deixa que eles falam lá no ar e aí a coisa resolve.*

*Aquela vez que eu vi a menina colocar fogo no próprio corpo, eu fui atrás do **Diário Gaúcho**.*

Neste sentido, chama-nos atenção que os programas e produtos midiáticos que foram procurados por Sarah para dar visibilidade aos seus problemas e para – como fim último – resolver esses problemas são todos produtos destinados às classes populares, que tratam a criminalidade como questão de “polícia”. E, portanto, que adotam essas “justificativas” ao abordar a violência e, não raro, propagam a noção de classes mais “propensas ao crime” do que outras.

Entra aí outra contradição importante nos discursos apresentados por esses programas: apesar de entender o sujeito (criminoso) como um ser que foi compelido a aderir ao crime por fatores externos – e sobretudo, por fatores que o impedem de

ter uma Razão – esses programas não negam que os sujeitos estão inseridos em um código jurídico; cuja base é a noção de sujeito enquanto agente, sujeito dotado de Razão, que governa seus atos. Eles (os programas policiais) são propagadores de um código jurídico e do Sistema Judiciário.

Esta outra ambigüidade abre então as margens para o discurso fortemente “punitivo” destes programas. Isto porque, embora condições externas influenciem a ação do indivíduo, ele tem sempre a opção de controlar seu desejo criminoso (impulsionado pelas condições materiais) e escolher, através da Razão, uma vida digna. Ou seja, nesta sociedade jurídica, e portanto, racional, as paixões podem e devem ser controladas pela Razão. Se não o forem, cabe a punição.

Vale lembrar ainda que a mídia é um dos fatores apontados por Giddens (2002, p. 79) como constituinte de um estilo de vida. “[...] a prevalência da experiência transmitida através da mídia, sem dúvida, também influencia a pluralidade da escolha, de maneiras óbvias e também de maneiras mais sutis”. Neste sentido, observo que a ida para a prisão pode mudar alguns hábitos e escolhas no que tange à mídia.

Como já falamos antes, a escolha da programação televisiva, por exemplo, precisa ser negociada. Como há, em geral, um aparelho televisor por cela, é preciso haver consenso sobre o que será visto. Outro fator que modifica a programação assistida pelas presas está na necessidade de ambientação com o universo prisional. Veri nos conta que não costumava assistir o Balanço Geral antes de ir para a prisão. Depois, isso passou a ser uma necessidade já que ela precisava dominar algumas informações:

Balanço Geral, quem não assiste? Quem tem família assiste. Interessa muito. Quem tem filhos. Quantos estupradores, pessoas desaparecidas, acidentes no trânsito. Só ontem deu mais de nove. E depois, tem que levantar a ficha de quem chega aqui né? Saber quem serão nossas futuras colegas (risos). (Veri)

O que aparece na mídia também dita moda, comportamentos. No momento em que nossa pesquisa foi feita, passava na TV Globo, no horário das 21h uma novela chamada “Fina Estampa”. A trama contava a história de uma mulher, representante da classe C, denominada “Pereirão”. Ela era caracterizada por uma mãe esforçada, batalhadora e que fazia serviços que não são tão comuns às mulheres como instalações hidráulicas, elétricas, etc. Neste mesmo período, as presas puderam escolher algumas opções de cursos que seriam oferecidos dentro

da Penitenciária. Muitas optaram pelo de construção civil. Quando nos reunimos em grupo, Simone brincou que estava ansiosa para fazer o curso, pois, iria se tornar, dali pra frente, um “Pereirão”, fazendo alusão à personagem central da trama⁴².

Já Sarah me chamou um dia enquanto eu caminhava pelos corredores da prisão para mostrar as mechas que havia feito no cabelo: “*Olha só fiz as mechas pra ficar que nem a Tereza Cristina*”, disse-me ela. Tereza Cristina era a vilã da mesma novela da Rede Globo.

Nestas duas “brincadeiras” feitas pelas presas podemos, novamente, salientar a presença do discurso midiático em relação aos valores, a moral e a ética. Na trama desta novela “Pereirão” era constantemente exaltada por ser uma “trabalhadora”, alguém que “dava duro” e, este trabalho lhe garantia honra. Mesmo depois que ficou rica por ganhar dinheiro em uma aposta de loteria, a personagem “Pereirão” continuou trabalhando arduamente e ensinando o valor do trabalho e da honra para seus filhos. Sua antagonista, no entanto, era rica, sempre teve dinheiro fácil e tinha um caráter “ruim”, de alguém que queria levar vantagem em todas as suas atitudes.

As leituras feitas pelas presas também revelam algo “comum” ao estilo de vida adotado na prisão. A maior parte delas, embora não tenha a leitura como hábito freqüente, relata que, ao ingressar no universo prisional, passou a ler livros espíritas. Os romances escritos por Zíbia Gasparetto sempre são lembrados por elas. Em geral, eles aparecem como uma “força” para seguir adiante dentro do universo prisional e para lidar com as adversidades da vida:

Meu maior sofrimento foi a perda da minha irmã. Nós duas sempre fomos muito apegadas. Aí, o espiritismo me ajudou muito. Eu li “O vale dos suicidas” e isso me deu forças. Quando eu acho que não vou agüentar, eu pego um romance da Zíbia Gasparetto e dou uma respirada. (Sarah). Eu às vezes me distraio com um livro da Zíbia Gasparetto. Leio muito romance espírita. “Violetas na janela” é bonito, sabe? Sei lá, nem que seja pra pensar em uma hora sair daqui... (Cláudia).

⁴² Fina Estampa foi ao ar entre agosto de 2011 e março de 2012. A discussão central desta novela se dá na oposição entre o caráter e a aparência das pessoas. A trama é protagonizada por duas mulheres: Griselda Pereira (Pereirão) e Tereza Cristina. Com personalidades e valores opostos, suas vidas se cruzam logo no início da história, quando descobrem que seus filhos são namorados. O antagonismo entre as personagens, que ainda disputam o amor de Renê conduz a narrativa. É importante salientar que a trama foi abordada na época como um retrato fiel da “Classe C”, tendo na personagem que ficou conhecida como “Pereirão” a personificação de valores essenciais para esta classe como a honra, honestidade, a conquista dos bens materiais através do trabalho árduo. Tudo isso em contraposição a sua antagonista Tereza Cristina que era rica e tinha um caráter duvidoso.

Eu sempre gostei de ler. Leio de tudo. Mas, aqui, a gente tem que usar o que tem na biblioteca. Então eu comecei a ler muito romance espírita porque tem lá e é bom pra cabeça da gente, sabe? (Priscila)

Ao concluirmos este capítulo, é possível percebermos que, de fato, são múltiplas as prisões estabelecidas dentro de um cárcere feminino. Elas se dão nas vivências (e não vivências) da maternidade, da vaidade, nas relações de poder e disciplina e nos relacionamentos, na sexualidade e na relação estabelecida com a mídia.

Acreditamos que a mídia, perpassa todas essas formas de constituição das subjetividades das apenadas, no momento em o discurso midiático, ao ser recebido, penetra o cotidiano e nele é discutido, reinterpretado. Não negamos que a indústria cultural opera dentro de um sistema capitalista que tende a uniformizar o processo de produção e consumo, todavia, a recepção está baseada em relações concretas do homem com a sociedade, com o seu cotidiano. Que faz com que os discursos veiculados na mídia não sejam um repertório de símbolos fixos a serem decodificados. Na verdade, tratam-se de símbolos móveis, que permite a quem recebe o discurso, encontrar brechas, reticências em suas linhas para construir aí representações diferenciadas e autônomas.

Em função disso, percebemos então que, para cada forma de aprisionamento existente, há tensionamentos que despertam algumas formas de liberdade, constroem formas de respiro que se tornam, na verdade, sua conexão com o mundo exterior e a esperança para uma vivência fora do sistema prisional. Ou seja, o mesmo discurso que condena e cria estereótipos pode ser adotado e legitimado pelas presas, como pode por elas ser subvertido, contestado e ressignificado.

Porém, foi no momento em que descobri uma nova forma de pensar a cultura, as identidades e a relação do homem com o mundo, que me encontrei acadêmica e socialmente. Certa vez, ouvi de um colega a seguinte frase: “Repetimos em nossa vida profissional, exatamente aquilo que somos em nossas vidas pessoais”. Pois bem, se eu quero pensar a cultura e as identidades, não poderia fazê-lo de forma distinta de minhas práticas. Por isso, minha identificação com os Estudos Culturais foi imediata: acredito na cultura como uma experiência ordinária e, assim sendo, ela é altamente relevante para o entendimento de nossa organização social.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar neste estudo, partimos do pressuposto de que havia múltiplas prisões femininas e, foi em busca de identificá-las, que percorremos esta trajetória. Não acreditamos que este trabalho se encerra por aqui, todavia, apresentaremos agora alguns aprendizados que tiramos desta caminhada.

Encontramos sim nas falas e no cotidiano dessas apenadas com quem convivemos não apenas um cerceamento de liberdade, no que tange ao espaço físico em que ficam confinadas. As mulheres que cumprem pena precisam aprender a lidar com formas diversas de aprisionamento.

Entre as detentas ouvidas ao longo de nosso trabalho duas tinham o Ensino Fundamental Incompleto, uma o Ensino Médio Completo, três tinham o Ensino Médio Incompleto e apenas *uma* cursava o Ensino Superior quando foi detida. Todas elas exerciam funções, antes da prisão, que fazem com que as mesmas se enquadrem naquilo que Figueiredo Santos (2009) define como “destituídos”: eram empacotadoras de supermercado, garotas de programa, seguranças de festa, balconistas de lojas e empregadas domésticas. Cinco das sete mulheres que compõem nosso grupo de estudos chegaram à cadeia auxiliando ou protegendo os companheiros que já estavam na vida criminal antes delas. Estes dados revelam que, diferente daquilo que prega o senso comum, o Brasil não é o País da impunidade, aonde ninguém vai preso. Ao contrário, vivemos em um País em que há prisão sim, mas, uma prisão seletiva existente, pelo menos, para os destituídos – conforme observamos pelos próprios dados das atividades exercidas pelas apenadas antes da prisão.

Não é possível concluir esta trajetória sem falarmos sobre uma visão de Justiça e a construção da representação da violência feita por estas presas e pelos programas policiais que consomem. A Justiça aparece – nas falas das mulheres e nos programas por elas citados – de forma semelhante àquela que é problematizada por Costa (1992, p. 113-119): ela é um desejo de uma sociedade melhor, mais ordenada. Neste sentido, a mídia aparece como importante fator para dizer o que é justo ou injusto - afirmação esta que normalmente é feita de uma forma maniqueísta: o que é justo é bom, o que é injusto é mau. Assim, ser “trabalhador” é ser justo, é ser bom. Ser bandido é mau, é trapacear para obter vantagens de forma fácil.

Todavia, no momento em que o discurso midiático é recebido no cotidiano das presas, durante a construção de suas subjetividades este “bom” e este “mau” não ficam mais tão claros. Isto porque “justo” e “injusto” são pautados em avaliações diferentes sobre a realidade da vida.

Com base nesta realidade da vida é que as presas formam sua noção de justiça, identificam as contradições nos discursos midiáticos sobre essa noção e questionam tais contradições. Por exemplo, como no momento em que Simone indaga porque o apresentador Alexandre Mota trata de forma diferenciada as mulheres e homens que vão presos, mesmo quando o crime cometido pelos homens é mais grave, às mulheres dedica palavras mais agressivas como o “va-va-ga-ga-bun-bun-da-da”. Ou ainda quando Sarah afirma que ao sair da prisão continuará dando golpes em ricos, mas, não vai “dar cheques sem fundos em botequinho que vai falir”.

Neste discurso sobre a Justiça aparecem contradições nos discursos midiáticos mencionados pelas presas e também nas próprias narrativas das apenadas que, por um lado reclamam da “injustiça” do sistema judiciário (que demora para ver as datas de suas liberdades condicionais vencidas, que tira os filhos da creche da prisão...), e por outro criticam este mesmo sistema que não pune com o devido rigor já que proporciona “banho quente, muita comida e pouco trabalho” para as presas.

Parece-nos então que aparecem aí duas noções de justiça: uma como ‘fim’, enquanto o desejo de uma sociedade mais equilibrada e ordenada; e outra que aparece como ‘meio’, enquanto dispositivo legal que ordena, em parte, as condutas sociais. (COSTA, 1992, p. 118)

Outro dado que nos chama a atenção neste estudo é em relação ao tipo de crime que é punido: apenas uma das mulheres que compõem nosso grupo de estudos está envolvida em um crime contra a vida (homicídio). As outras foram detidas, ou, por tráfico de entorpecentes (5 delas), ou por crime contra o patrimônio (1).

Este dado é semelhante ao que podemos ver em nível nacional. O Departamento Penitenciário Nacional (Depen) mostra que, em dezembro de 2011, 60.592 presos estavam detidos por crimes contra a pessoa. Isso representa 12% da população carcerária na época. Já os crimes contra o patrimônio eram responsáveis

pela prisão de 240.642 pessoas, ou, 47% do total. O tráfico de entorpecentes era o crime cometido por 125.744 pessoas, ou, 24% do total de presos na época.

Entendemos que estes números revelam que nosso sistema prisional pune severamente crimes que se voltam contra o patrimônio, ou, aqueles altamente estigmatizados como o tráfico de entorpecentes. Todavia, os crimes que mais geram sensação de insegurança na população e que freqüentemente aparecem em reportagens policiais como o homicídio e o latrocínio (roubo seguido de morte) não aparecem entre os mais punidos.

Também não podemos deixar de lembrar aqui que, pelo menos três das mulheres ouvidas estavam presas sem condenação. Ainda de acordo com os dados obtidos junto ao Depen, 33% das pessoas que estavam no sistema prisional brasileiro em dezembro de 2011 (173.818 presos) eram presos provisórios. Ou seja, são pessoas que estão presas, ao longo da tramitação de seus processos criminais e que, embora a lei de Execuções Penais determine que suas penas sejam cumpridas em espaço diferente daquele em que estão os presos já condenados, isso na prática é pouco comum (e entre as mulheres ouvidas neste trabalho podemos evidenciar que aquelas que estão em prisão provisória convivem no mesmo espaço que as demais). Vale salientar que prisão provisória significa estar preso sem ter uma condenação, regime comum em estados de exceção.

Ainda seguindo dentro do contexto das múltiplas prisões femininas, entendemos que na fala de nossas entrevistadas as diversificadas formas de aprisionamento surgiram mais de uma vez em seus relatos. Percebemos, por exemplo, que a separação dos filhos é um trauma comum na cadeia e que configura para as presas um dos maiores revezes provocados pela prisão.

A vaidade, tão valorizada por muitas antes do encarceramento, por vezes é deixada de lado dentro da prisão. Seja pela falta de condições financeiras de mantê-la já que a obtenção de itens de higiene e beleza depende das visitas de familiares e amigos que levam estes itens para a cadeia, ou, de renda para comprá-los dentro do presídio; seja mesmo por aquilo que freqüentemente era definido pelas presas como “perda da auto-estima”. A mudança da alimentação dentro prisão, que passa a ser composta, principalmente, por carboidratos, aliada à falta de atividades físicas, faz com que muitas ganhem peso na cadeia. E este acaba sendo mais um golpe em relação à manutenção da vaidade.

Apesar de permitidas as visitas de parentes e amigos, as mulheres aqui ouvidas relatam ou o constante abandono por parte de companheiros, e de alguns parentes, ou, o amparo dado, sobretudo, por outras mulheres (mães, amigas, irmãs). Estar presa está altamente associado ao abandono do masculino. Embora muitas mantenham contato com seus parceiros através de correspondências, nem sempre as respostas de suas cartas são recíprocas. E a visita íntima é pouco freqüente. Isso leva a uma espécie de apagamento da vida sexual.

Por outro lado, nossa caminhada revelou algumas surpresas: se buscávamos os múltiplos aprisionamentos femininos, também encontramos formas variadas de se driblar o encarceramento e encontrar, mesmo dentro do ambiente prisional, algumas liberdades. Os mesmos fatores que servem de aprisionamento para estas mulheres podem se tornar, sob outro ponto de vista, uma fuga, um respiro, um grito de liberdade, um tensionamento.

Isso vale para a maternidade que, se não pode ser vivida no dia-a-dia da prisão, pode ser um ideal para a vida após o encarceramento. As mulheres que têm filhos relatam sempre a maternidade como sua prioridade futura. Elas fazem planos, se organizam e pensam na vida depois da prisão em torno das vivências com os filhos.

Se muitas relatam a perda da auto-estima na cadeia, outras usam a vaidade como uma maneira de “não se entregar” ao sistema prisional. Estar cheirosa, com unhas feitas, cabelos tingidos e maquiagem é uma maneira de dizer que ainda estão vivas e que têm um valor. Serviços de estética são valorizados dentro da prisão, basta ver o privilégio que é considerado o fato de trabalhar no salão de beleza: é uma posição que exige confiança, por parte da direção do presídio e respeito, por parte das colegas. Além disso, quando chega o dia de visitas, elas fazem questão de se produzirem para deixar claro aos familiares que, apesar da prisão, estão bem. Vemos, então, na vaidade uma maneira de não se resignar com a condição prisional.

Apesar das poucas vivências sexuais, as presas relatam uma vivência afetiva. Em geral, ela está ligada com o passado, histórias que já viveram. Porém, são essas histórias e memórias de amores passados que fazem com que elas tenham sonhos e ilusões para o futuro. Muitas têm companheiros também presos e, ainda que não recebam muitas notícias deles, consideram-se casadas e falam do relacionamento como algo vivo, que ainda acontece. Este pertencimento ao outro parece dar um

certo alento às mulheres. Além disso, elas buscam viver a afetividade através dos laços de amizade e parentesco: seja mandando cartas para as amigas ou trocando mensagens com parentes e conhecidos via rádio.

Ao iniciarmos nosso estudo, nos propomos a entender de que forma a mídia aparecia no cotidiano prisional; como as apenadas se viam retratadas na mídia e de que maneira este retrato implicava na formação de suas subjetividades. Entendemos que a mídia é um fator importante dentro do contexto prisional. Ela está no dia-a-dia da prisão seja através do rádio, da TV, ou de revistas e pode ser tanto um fator de aprisionamento, quanto uma forma de criar essas pequenas liberdades. Esta aparente contradição que está presente nos discursos midiáticos, fica ainda mais evidente no momento em que este discurso vai para o contexto da recepção e, ali, é incorporado ao cotidiano.

Por este motivo, fomos buscar as respostas para nossas indagações no cotidiano: percebemos que a mídia não pode ser vista como criadora/condicionante de uma realidade, de uma ideologia. Sabemos que existem conceitos hegemônicos que são produzidos e difundidos por uma classe dominante. Todavia, não creio que tais conceitos são recebidos e absorvidos pelas demais classes de forma integral e monolítica. Há neste universo, brechas pelas quais os receptores constroem a sua interpretação do discurso que também não é única nem uníssona, mas, ao contrário, é polissêmica e plural.

As ambigüidades encontradas nas narrativas aqui estudadas parecem nos mostrar justamente estas múltiplas maneiras de recepção dos discursos midiáticos e de incorporação dos mesmos na construção das subjetividades. Por isso, a visão que as mulheres apenadas desenvolvem sobre a mídia e o discurso que produzem sobre ela ora é de “mocinha”, ora de “bandida”. Um mesmo programa e apresentador (como o jornalista Alexandre Mota, do Programa Balanço Geral) é, em certos momentos “amado” e em outros “odiado” pelas telespectadoras. O mesmo veículo de comunicação pode ser aquele que vai ajudar a solucionar os problemas do sistema prisional, ao dar visibilidade para os maus tratos que sofrem as presas, ou, aquele que as vai julgar injustamente, ao chamá-las de “vagabundas”.

Começamos esta nossa jornada nos propondo um distanciamento entre a pesquisadora e a profissional da imprensa. Todavia, ao chegarmos neste ponto da caminhada, entendemos que um caminho se cruza com o outro. Entendemos que, se como afirma Johnson (2010, p. 69) a narratividade é uma forma de organização

da subjetividade, construir narrativas midiáticas responsáveis é também uma maneira de colaborar para o debate sobre um melhoramento do sistema prisional e de preocupar-se com a viabilidade de projetos futuros das apenadas, auxiliando na sua reinserção social e até sua auto-imagem. Parece-nos que compreender as características desse sistema, entender como se dá a construção de conceitos como justiça, punição e criminalidade nos seus atravessamentos pela mídia em nossa sociedade é uma maneira de entender melhor não apenas aqueles que são punidos, mas ainda, aqueles que punem.

Desta maneira, concluo este trabalho ainda com alguns questionamentos – acredito, por exemplo, que fica para um estudo futuro entender as implicações que a mídia pode ter sobre a reinserção social dos apenados. Todavia, permito-me encerrar afirmando que, como parte da cultura vivida a mídia é também formadora das subjetividades e, por isso, um discurso responsável e crítico por parte da mesma ajudaria não apenas em uma futura reinserção, mas ainda, em um constante questionamento das condições prisionais e de como elas podem e devem ser repensadas. Fica como desejo – acadêmico e profissional – a vontade de que a melhor formação dos profissionais que atuam na mídia em relação ao tema possa gerar uma melhor informação em relação ao sistema prisional.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Geovana D'Abreu. Amor e solidão pelas ondas do rádio no Madre Pelletier. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 62-70.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS – ANJ. Maiores jornais do Brasil. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 27 jul. 2013.

BARRETO, Neilza Alves. **Um estudo sobre projetos futuros de mulheres encarceradas**. Tese (Doutorado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **CPI do sistema carcerário**. Brasília: Edições Câmara, 2009.

BRAUN, Helen Garcez. **Enquadrando as prisões gaúchas: um estudo sobre a cobertura de “um novo paradigma” do sistema carcerário do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

COSTA, Maria Tereza P. da. **A justiça em ondas médias: o programa Gil Gomes**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

COULDRY, Nick. A mídia tem futuro? **Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 51-64, 2010.

_____. My media studies: thoughts from Nick Couldry. **Television & New Media**, v. 10, n. 1, p. 40-42, 2009.

_____. The individual ‘in’culture. In: COULDRY, N. **Inside culture: re-imagining the method of cultural studies**. Londres: Sage, 2000. p. 44-66.

_____. The individual point of view: learning from Bourdieu’s The Weight of the World. **Critical Studies: Critical Methodologies**, v. 5, n. 3, p. 354-372, 2005.

DA MATTA, Roberto. Ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**, 1978.

DEBERT, Guita. Histórias de vida e experiência de envelhecimento para mulheres de classe média em São Paulo. **Cadernos do Centro de Estudos Rurais Urbanos**, São Paulo, n. 19, jan. 1984.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **A vida ordinária na mídia**: a construção de um protocolo de análise. [Projeto de Pesquisa, 2010].

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. **Cultura midiática e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. Circuitos de Cultura/Circuitos de Comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, mídia e consumo/ ESPM**. São Paulo: ESPM, v. 4, n. 11, p. 115-135, 2007.

FIGUEIREDO SANTOS, José Alcides. Posições de classes destituídas no Brasil. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos no Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2009.

G1 PORTAL DE NOTÍCIAS. **Prisões no sul do Brasil apresentam superlotação e improvisos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2011/06/prisoes-no-sul-do-brasil-apresentam-superlotacao-e-improvisos.html>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

GARCIA CANCLINI, Nestor. Os antropólogos sob lupa ou como falar das tribos quando as tribos são eles mesmos. **Ciência Hoje**, v. 15, n. 90, p. 26-32, maio 1993.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. Notas sobre a desconstrução do 'popular'. In: HALL, S. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 247-264.

HOHLFELDT, Atonio et al. **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-131.

JOHNSON, Richard et al. **The practice of cultural studies**. London: Sage Publications Ltd, 2010.

KÜNSCH, Dimas A. Teoria compreensiva da comunicação. In: KÜNSCH, Dimas A.; BARROS, Laan M de (Org.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008. p. 173-195.

MAFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **De los médios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia**. México: Gustavo Gili, 1987.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo. Summus, 2003.

MEIRELLES, Clara Fernandes. **Prazer e resistência: a legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos anglo-americano e brasileiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MORENO, Vitor. Cristiana Oliveira diz não se reconhecer em "Insensato Coração". **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/894092-cristiana-oliveira-diz-nao-se-reconhecer-em-insensato-coracao.shtml>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.rs.gov.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

ROLIM, Marcos. **A síndrome da rainha vermelha: policiamento e segurança pública no Século XXI**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SILVEIRA, Bruna Rocha. **Entre a vitimização e a divinização: a pessoa com deficiência em Viver a Vida**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS – SUSEPE. Disponível em: <http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=1>. Acesso em: 24 jul. 2013.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas, desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 11-19.

_____. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **Aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 36-46.

VOEGELI, Carla Maria Petersen Herrlein. **Criminalidade & violência no mundo feminino**. Curitiba: Juruá, 2003.

APÊNDICE A - Uma justificativa pessoal

Sobre a abordagem teórica que tomei neste trabalho, gostaria de fazer algumas observações. Meu intuito, ao descrevê-las foi revelar os alicerces que ampararam essa minha caminhada. Entre tantas visões de mundo que encontrei ao longo da jornada, algumas pareciam dialogar de maneira mais próxima com a perspectiva que temos diante do mundo e (por que não?) com aquilo que ansiamos diante de uma vida acadêmica.

Sempre tive imensa dificuldade para entender momentos em que “essa” não dialogava com “aquela”, sobretudo, quando ambas me pareciam coerentes ao falar sobre o mundo que vivo – onde não há explicação uníssona para um mesmo tema. Os temas são plurais e, portanto, assim o são suas explicações.

A primeira vez que ouvi falar em Teoria da Comunicação (na época o curso oferecido na Faculdade de Comunicação da PUCRS ainda tinha seu nome no singular, depois, a disciplina passou a se chamar Teorias da Comunicação), me deparei com uma Escola de Frankfurt e me deparei com um Adorno, procurando examinar a coisificação que se alastrava a partir da produção e do consumo. Coisificação esta que atingia tanto a consciência como o inconsciente dos indivíduos, o que reificava não apenas o processo de trabalho, mas também aquilo que era feito durante o tempo livre dos trabalhadores. Essa visão naquele momento em que, além de estudante de jornalismo, eu também era estudante do curso de Ciências Sociais, me parecia em total harmonia com expressões que ouvia cotidianamente como “mídia de massa” e “manipulação do público”.

Na seqüência, me encontrei com uma escola francesa, de gente pós-moderna. E aquele universo fragmentado que não podia ser entendido, que permitia apenas que tentássemos como propõe Maffesoli (2010), em “O conhecimento comum” compreende-lo me pareceu altamente sedutor. Por algum tempo me apaixonei por teóricos como Edgar Morin(2005) “O método 3”, Michel Maffesoli, Gilles Lipovetsky (1997) “ A terceira mulher” e, até mesmo, Jean Baudrillard (1999) “Tela Total”.

ANEXO A – REPORTAGENS

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 2008

Sugerida emergência nos presídios

Autoridades gaúchas vão encaminhar pedido para a governadora em função da situação do sistema

A governadora Yeda Crusius poderá receber até amanhã sugestão para decretar situação de emergência no Sistema Penitenciário Gaúcho. A idéia surgiu ontem em reunião do Gabinete de Gestão Integrada (GGI) da Segurança Pública, que reúne autoridades dos poderes Executivo e Judiciário que atuam no setor. A idéia, considerada inédita, é sugerir ao governo que decrete o estado de emergência, em função da situação em que se encontra o sistema carcerário gaúcho, conforme acusou a CPI realizada no Congresso Nacional, que apontou, entre outros pontos, o Presídio Central o pior do país. Segundo as autoridades participantes da reunião, com a medida, o Estado poderia receber recursos emergenciais para abrir novas vagas no sistema.

O superintendente dos Serviços Penitenciários, Geraldo Bertolo, acredita que, até meados de 2009, o sistema prisional esteja sob decretação de situação de emergência. Atualmente, 13 dos 91 presídios do RS sofreram interdição pela Justiça ou a decretação de situação de emergência. Conforme dados da Secretaria da Segurança Pública, o sistema penitenciário tem um déficit de cerca de 10 mil vagas, enquanto que a Polícia Civil e a Brigada Militar prendem diariamente de 50 a 60 pessoas. Além disso, existe, hoje, mais de 6 mil mandados de prisão ainda a serem cumpridos. Devido a essa situação, o Ministério Público recentemente abriu uma ação civil pública que cobra ações do Estado. Caso não a cumpra, o Estado está sujeito a receber punição equivalente à multa de R\$ 10 mil por dia.

Participaram da reunião do GGI integrantes das polícias Civil, Militar, Federal e Rodoviária Federal no RS, membros do Ministério Público e da Justiça, além do secretário da Segurança Pública, José Francisco Mallmann.

LUIS GONÇALVES / ESPECIAL / CP



Presídio Central, na Capital, reflete o colapso do sistema carcerário no Estado



**ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL**

Portal do Estado do Rio Grande do Sul

Publicação: 26.07.08-23:10 Atualização: 27.07.08-00:06

Governadora nomeia Secretário de Segurança e garante visitas aos presídios



📷 Goularte conversa com Yeda no Piratini

📄 Novo secretário garante continuidade ao projeto de segurança do governo

📄 Nota Oficial

🗣️ Yeda Crusius nomeia secretário de Segurança e garante visitas aos presídios

A governadora Yeda Crusius determinou, na noite deste sábado (26), a publicação de edição extra do Diário Oficial do Estado neste domingo (27), nomeando o general Edson de Oliveira Goularte para o cargo de Secretário de Estado da Segurança Pública em substituição ao delegado federal José Francisco Mallmann, que pediu exoneração. A posse do Secretário da Segurança acontecerá neste domingo, às 11 horas, no Palácio Piratini.

Na mesma edição do Diário Oficial, a governadora nomeia para o cargo de Chefe da Casa Militar o tenente-coronel Joel Prates Pedroso no lugar do Coronel Edson Ferreira Alves.

Presídios

A governadora Yeda Crusius declarou também que lamenta profundamente os eventos acontecidos nos presídios da fronteira do Estado nas últimas horas. Garante, no entanto, que os episódios foram rapidamente controlados pela Brigada Militar. Os incidentes, segundo a chefe do Executivo gaúcho, foram desencadeados a partir de demandas de uma categoria profissional em greve, o que acabou causando a morte de um detento durante tentativa de fuga em massa.

"Quero registrar a toda a população que a tranquilidade nos presídios já foi restabelecida e que a visita de familiares neste domingo está assegurada", afirmou a governadora.

Linque desta página: <http://www.estado.rs.gov.br/direciona.php?key=> encurtar linque

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 2008

Yeda decreta emergência nos presídios

O governo decretou situação de emergência no sistema prisional gaúcho e começa hoje a formar uma força-tarefa, ao lado de Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública Estadual, Ordem dos Advogados do Brasil, Tribunal de Contas do Estado, entre outros órgãos. O objetivo é acabar com os entraves que atrasam o andamento de projetos de reestruturação e construção de presídios no Rio Grande do Sul. Os decretos de situação emergencial e de formação da força-tarefa foram assinados pela governadora Yeda Crusius e o chefe da Casa Civil, José Wenzel, ontem no Piratini.

Ao lado do secretário da Segurança, Edson Goulart, Yeda ressaltou que a medida visa tornar rápida e transparente a forma de transformar recursos em obras. A meta é construir nove presídios e, só no Presídio Central, criar 452 novas vagas. Conforme o secretário Goulart, R\$ 80 milhões já disponibilizados pela Caixa Econômica Federal serão destinados à construção de casas prisionais em Passo Fundo, Lajeado, Bento Gonçalves e Guaíba.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 6 DE JUNHO DE 2009

Caos nos presídios

Juízes suspendem mandados de prisão

Setenta juízes do RS não expedirão mandados de prisão para os réus que tenham respondido a processo em liberdade e cujo crime não seja considerado grave. Após a proposta do pular-pula, em que os detentos do semiaberto e aberto dormiriam uma noite na cadeia e outra em casa, o Judiciário lançou essa deliberação, que também promete gerar polêmica. A decisão foi tomada ontem à tarde, no Palácio da Justiça, no encontro que reuniu magistrados das Varas de Execuções Criminais (VEC) do Estado, preocupados com o caos nos presídios gaúchos. Hoje há pouco mais de 18 mil vagas ocupadas por 28.523 presos.

Segundo o juiz corregedor Márcio Fraga, a medida leva em conta as comarcas onde as casas prisionais estiverem interditadas ou superlotadas. Os magistrados não irão expedir mandado de prisão para alguém que tenha cometido, por exemplo, estelionato, enquanto não existir vaga na prisão da região. 'Não vamos expedir o mandado para uma pessoa que cometeu um furto, pois estaríamos tirando a vaga de um estuprador ou latrocida, por exemplo.'

O juiz garante, porém, que serão tomadas medidas para evitar impunidade. As prisões em flagrante, se o juiz entender, serão deferidas, assim como os mandados de prisão temporária e preventiva, que também continuarão sendo expedidos.

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 2009

Estado fará PPPs para prisões e saneamento

A governadora Yeda Crusius assinou duas autorizações para estudos com o objetivo de aplicar as Parcerias Público-Privadas (PPPs) no sistema prisional gaúcho e de saneamento básico no Vale do Sinos. Para as duas áreas, já há manifestações de interessados. A empresa Andrade Gutierres quer elaborar projeto de saneamento para a bacia do Rio dos Sinos. No caso dos presídios, o consórcio GTA foi autorizado a fazer um estudo visando à construção de complexo com mais de 3 mil vagas na região Metropolitana. O investimento previsto será na ordem de R\$ 150 milhões a serem bancados pela iniciativa privada, com contrapartida do governo. O custo da vaga/preso por mês poderá ficar em R\$ 2 mil, contra os atuais R\$ 700/mês.

O anúncio surpreendeu os agentes penitenciários. Para o presidente do sindicato Luiz Fernando Rocha, a possibilidade de a iniciativa privada fazer a guarda interna das cadeias é inaceitável. 'Se o empresário quer construir casas prisionais e alugar para o governo, isso é assunto dele, não há problema, mas a mão de obra deve ser feita por nós.' O líder da bancada do PT, deputado Elvino Bohn Gass, enfatizou que é preciso ter transparência, 'pois não se pode entregar à iniciativa privada serviços de competência do Estado'. O Ministério Público também manifestou preocupação.

DO Povo

MPE apreende caça-níqueis no Litoral Norte

■ O Ministério Público Estadual fez a apreensão de 74 máquinas caça-níqueis no Litoral Norte do RS. As apreensões ocorreram em duas operações, dias 4 e 5, na primeira semana do Programa Veraneio 2010, em Tramandaí, Bangui-Lá e Capão da Canoa. As máquinas estavam instaladas em bares e casas de jogos. O MP também recolheu dinheiro, um revólver, monitores de vídeo, um notebook, uma câmera de vigilância, uma televisão e celulares.



UMA MÁQUINA DE CAÇA-NÍQUEIS

QUINTA-FEIRA | 7 de janeiro de 2010 ■ 21

Salva-vidas encontram crânio humano

■ Um crânio humano foi encontrado ontem por salva-vidas da Operação Gólfaro ao nadarem próximo ao Morro das Fumas, no ponto conhecido como Toca, em Torres. O crânio foi entregue ao delegado Marcelo Farias, no DP local. Marco Antônio Ytter e Jivier Zanin avistaram a ossada junto às pedras. O material foi encaminhado ao IGR na Capital, para análise. Exames preliminares indicam tratar-se de pessoa jovem, do sexo masculino.

Polícia

policiarpovo.com.br
por Thais Britzsch

Polícia descobre cocaína na fralda de bebê em Canoas

■ Tentativa de esconder cocaína no fralda de uma criança não deu certo para duas mulheres de 30 e 20 anos. Ambas foram presas, ontem, por agentes do Departamento Estadual de Investigações do Narcotráfico (Denarc), no Rio Rincão, de Novo Hamburgo. Na dupla, estavam 34 buchas de cocaína, uma balança de precisão de R\$ 2,1 mil e um pote com moedas usadas em flagrante, elas foram levadas para a Penitenciária Estadual de Montenegro. Segundo o diretor do Denarc, delegado João Barceloni, a droga estava no quarto das crianças, junto a roupas e fraldas. Quando a Polícia chegou na casa, uma das suspeitas chegou o entorpecente de uma garrafa no fralda do bebê de dois dias, e tentou entregá-lo para a

avó. Desconfiado, o policial revistou a fralda e descobriu a cocaína, já embalada para a venda. Na terça-feira, agentes do Denarc prenderam um casal, também

acusado de tráfico de drogas, no bairro Restinga, na Capital. Com eles foram encontradas 21 pedras de crack, e R\$ 84.000. Denúncias para o Denarc pelo 0800 518 518.



Presas, mulheres tinham em casa 34 buchas da droga, balança de precisão e dinheiro



Curto-circuito deixou prédio sem luz e serviços só voltam a funcionar na segunda-feira

Princípio de incêndio no Tudo Fácil

Um curto-circuito causou princípio de incêndio no prédio da CasaRS, onde funciona o Tudo Fácil, no Centro da Capital, ontem à tarde. O problema ocorreu em um dos transformadores da subestação de energia, deixando o trânsito lento no entorno e cerca de 1,5 mil consumidores sem energia elétrica. A fumaça densa e escura assustou quem estava no prédio e chamou a atenção de pedestres e motoristas.

Segundo os bombeiros, a fumaça se formou devido ao tipo de fiação – cabos grossos de borracha – que fica ligada ao transformador e serve para conduzir a energia ao prédio. Quatro viaturas do Corpo de Bombeiros e uma equipe da CEEE foram deslocadas para o prédio, localizado na rua General Andrade Neves, que foi interditada. Na avenida Borges de Medeiros, que não foi interrompida, o trânsito ficou lento. No meio da tarde, a situação já estava sob controle. Não houve feridas. Em função do curto-circuito, a CEEE desligou três alimentadores da rede subterrânea, afetando 1.522 clientes em parte do Centro. O serviço foi normalizado no meio da tarde.

Estourado laboratório de drogas

■ Policiais militares do 15º BPM esbarrou na madrugada de ontem com um laboratório para a preparação de cocaína em uma casa, no bairro Ifoá, em Canoas. Depois de dois dias de monitoramento realizado pelo setor de inteligência do batalhão, agentes invadiram o local por volta das 3h30min. Durante a apreensão de cerca de 40 quilos de sulfato de magnésio e 10 quilos de cloridrato de hidrocálcio para engrossar cocaína antes da comercialização. A apreensão dos produtos apreendidos po-

deria aumentar a produção de drogas em até dez quilos. Além de 40 pedras de crack, também foram recolhidas duas balanças, peneiras, vasilhames e um liquidificador. O morador da residência, 51 anos, foi preso em flagrante. Com antecedentes criminais por tráfico de drogas, furto e roubo, o acusado disse que não era o "químico", apenas cuidava do material para outros, cujos nomes não revelou aos policiais militares. Há suspeita de que a própria região era abastecida por produtos do laboratório.

STJ nega pedido de habeas para Suzane

■ O Superior Tribunal de Justiça (STJ) informou ontem que negou o pedido de habeas corpus da defesa de Suzane Von Richthofen para que ela fosse transferida para o regime semiaberto. A jovem, acusada de participar do assassinato dos pais em São Paulo, em 2002, foi condenada a 39 anos e 6 meses de prisão. Ela está na penitenciária feminina de Tremembé. O habeas foi impetrado contra decisão do TJ-SP, que indeferiu o pedido da defesa da jovem. A decisão alega que Suzane teria cumprido o prazo especificado pela Lei de Execuções Penais para a progressão de regime. O ministro Og Fernandes foi o relator do processo.

Homem executado em casa

■ Énio Adair Frantz, conhecido como Tita, de 33 anos, foi morto a tiros em sua casa, na rua Beirão da Cruz, no bairro Graças, em Venâncio Aires. O crime aconteceu às 22h de terça-feira, segundo levantamento da polícia. A arma utilizada foi uma pistola 765 e pelo menos três disparos atingiram a cabeça e o tórax da vítima. Há seis meses, Frantz já havia escapado de uma tentativa à bala no bairro Grésier. O corpo foi encaminhado ao IML de Santa Cruz do Sul e sepultado na tarde de ontem no cemitério municipal em Venâncio Aires. Este foi o primeiro homicídio do ano na cidade.



Material apreendido em residência de Canoas era usado para engrossar cocaína e crack

Homem com arma de uso restrito

■ Um homem de 25 anos foi preso em Venâncio Aires, após assaltar um vendedor de Montenegro, em Góndia, no Litoral. O homem é o 2º Batalhão de Operações (BOE) da BM, o assaltante foi preso pelo ponto 40, de uso exclusivo de policiais militares, com a documentação. Pela quantidade de documentação e assaltante, a BM acredita que o homem possui outros assaltos similares. Foi encaminhado ao prédio de detenção no início da Operação Gólfaro, juntamente com outros presos.

SERGS SINDICATO DOS ENFERMEIROS DO RIO GRANDE DO SUL

O SERGS - Sindicato dos Enfermeiros no Estado do RS, de acordo com as disposições legais atinentes, informa que foi aberto em dezembro/2009 o processo de alteração estatutária da entidade, de acordo com a decisão formulada em assembleia da categoria, sendo que fixa o prazo máximo até 07 de fevereiro de 2010, para o envio, por parte da categoria, de sugestões de alteração. A íntegra do estatuto atual está disponível em nosso site www.sergs.org.br.

Porto Alegre, 07 de Janeiro de 2010.

NELCI DIAS DA SILVA – Presidente do SERGS
Gestão 2007/2010 - Atitude Para Unir e Conquistar

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DA BOA VISTA
AVISO DE LICITAÇÃO

O Pregoeiro do Município de Santana da Boa Vista – RS, torna público que fará realizar-se no dia 15/01/2010, às 10:00 horas, pregão presencial nº 001/2010 para aquisição de combustíveis, para frota de veículos e máquinas. Maiores informações e cópias do edital poderão ser adquiridas no site www.criat.com.br e no setor de licitação na Prefeitura Municipal, no horário das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 17:30 horas ou pelo fone (51) 3298-1360, ramal 227.

SALA DE LICITAÇÕES, EM 06 DE JANEIRO DE 2010.

ANGELO DORNELES DE OLIVEIRA
Pregoeiro oficial, portaria nº 137/2009

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA DO TRABALHO
TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 4ª REGIÃO
AVISO DE RETIFICAÇÃO

O Serviço de Licitações e Contratos do TRT da 4ª Região comunica aos interessados que, no Pregão Eletrônico nº 7309, referente ao REGISTRO DE PREÇOS para aquisição de impressoras multifuncionais, devem ser observadas as alterações no Anexo I, ficando o recebimento de propostas aceito para as 14 horas do dia 19-01-2010, e a sessão de disputa de preços para às 14 horas do dia 20-01-2010.

Porto Alegre, 30 de dezembro de 2009.

Director do Serviço de Licitações e Contratos



CORREIO DO POVO



ANO 115 - Nº 101

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 9 DE JANEIRO DE 2010

RS, SC, PR - R\$ 1,25

VERÃO 2010
Biquínis que
fazem a moda
nas praias

Vitrine



AGRICULTURA
Produtor terá
apoio à lavoura

Página 16



CLIMA
Frio castiga a Europa e
deve bater recordes

Páginas 9 e 20

Governo negocia presídio em Canoas

A secretária-geral de Governo do Estado, Ana Pellini, administra, que negocia com a Prefeitura de Canoas a construção de complexo prisional no sistema de Parceria Público-Privada (PPP). O acordo depende apenas de que o prefeito Jairo encontra terreno de 52 hectares apto à construção do abastecimento penal. A preferência do governo por Canoas e se à aceitação do projeto pelo município, tendo em vista as outras duas cidades cogitadas - Alvorada e Eldorado Sul - manifestaram-se contra. Ana afirmou que o governo "o consenso" e não imporá a construção, mesmo tendo as nas duas localidades. A região Metropolitana é a preferência é a origem de 50% da massa carcerária. O projeto prevê presídios de regime fechado masculino, um feminino e dois albergues, totalizando 3 mil vagas. **Página 21**



Filas pelo menor preço

Página 6



Acidente deixa 4 mortos

Página 21



Ponte péru, em Torres, foi interditada para reformas

Tempo instável e vento no litoral gaúcho

Página 15



VENHA BALANÇAR!

BALANÇO GERAL DIRETO DA CASA DA RECORD

Atração musical: Grupo Zueira
Hoje, a partir das 11h,
no calçadão beira mar - Tramandai



Polícia

policiaportalegore.com.br
 Foto: Thais Britanika

Canoas procura área para presídio

PHILIP ROBERTO TAVARES |
 portalegore.com.br

Canoas, na região Metropolitana, está procurando um terreno de 52 hectares para se tornar a primeira cidade a receber uma penitenciária no sistema Parceria Público-Privada (PPP). O município já está verificando pelo menos duas áreas para oferecer ao Estado, mas que for concretizada a proposta, o local será analisado por técnicos do governo, em questões como impacto ambiental, segurança do sistema, lençol freático, topografia entre outros aspectos.

Com isso, o anúncio da área da prisão no sistema PPP, que o governo esperava anunciar na próxima segunda-feira, poderá demorar. "Temos esperança de que o prefeito de Canoas encontre a área", disse a secretária-geral de Governo, Ana Pellini. "Alé porque a governadora quer que este sistema seja um consenso não um confronto entre município e Estado", acrescentou.

No terreno da prisão privada, se-

Família feita refém durante invasão de sítio

■ Cinco pessoas de uma mesma família foram feitas reféns, no início da madrugada de ontem, na fazenda de Amão Grande, na RS 283, interior de Sobradinho. Segundo a Brigada Militar, pelo menos dois homens, armados com revólveres e utilizados máscaras, invadiram o sítio da família e sequestraram as vítimas, que foram amarradas e colocadas no banheiro, sob ameaças. Os filhos fugiram levando pertences pessoais e dois carros.

Acidente em MG mata 13 pessoas

■ Treze pessoas morreram e cinco ficaram feridas em acidente entre a BR 365, a 30 quilômetros de Patos de Minas (MG). Uma van, que transportava 17 pessoas, invadiu a pista no sentido contrário e bateu de frente com uma carreta. Doze pessoas, todos passageiros da van, morreram no local. O motorista da carreta morreu no hospital.

'Mula' morre de overdose durante voo

■ Um ferrete de 26 anos que tinha ingerido cocaína morreu a bordo de um avião entre Belo Horizonte e Lisboa. De acordo com o comunicado da polícia portuguesa, o homem — um romeno que reside na Espanha — sofreu uma "parada cardíaca" quando uma das cápsulas se rompeu em seu organismo. A necropsia revelou que o "mala" tinha ingerido 70 cápsulas de cocaína — no total, 600 gramas da droga.

rão construídas seis casas prisionais em regime fechado e semiaberto, com capacidade para cerca de três mil presos, escolas, setor de atendimento à saúde, além de um pátio para trabalho e outro para estudo. No regime PPP, o Estado entra apenas com o terreno e o empresário é responsável pela construção

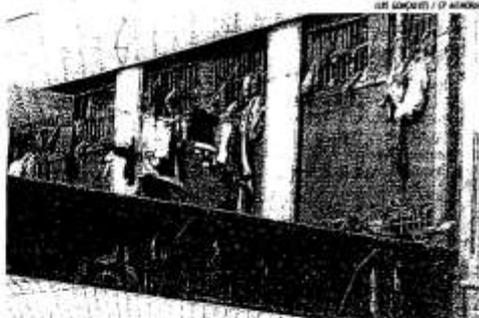
do complexo e toda a parte de administração, alimentação, escola, entre outras. A segurança interna fica por conta de agentes penitenciários e a externa pela Brigada Militar.

O empresário explorará por 27 anos e depois disso o patrimônio retorna ao Estado. Se alguma das cláusulas do contrato for desobedi-

cida, o Governo poderá retomar o prédio e a administração do complexo. O empresário cobrará um preço mensal por preso. Em Minas Gerais, o valor do detento é de R\$ 2 mil. No RS, porém, ainda não há uma estimativa.

As outras duas cidades — Alvorada e Eldorado do Sul —, cotadas para receber esse tipo de prisão, posicionaram-se contra. Nestes locais, segundo Ana, o Estado tem terrenos que poderiam ser usados para a construção da prisão privada, mas, ressaltou ela, a atitude dos prefeitos será respeitada. A governadora teria dado orientação para que constrangimentos fossem evitados.

A cadeia, no entanto, precisa se localizar na região Metropolitana, pois cerca de 50% da massa carcerária é oriunda da região. "No caso das duas cidades (Alvorada e Eldorado do Sul) o governo se propõe a oferecer compensações, incentivos, que o prefeito entender que a cidade precisa", disse Ana. A perspectiva é de que o edital de licitação seja lançado em abril.



Novo presídio deve abrigar o superlotação de locais como o Central de Porto Alegre

Acidente na BR 386 deixa 4 mortos

Um grave acidente envolvendo dois caminhões deixou ontem quatro mortos e um ferido no Vale do Siqueira. A colisão frontal entre os veículos aconteceu no km 305 da BR 386, na serra de Pouso Novo, por volta das 17h. A pista ficou interrompida cerca de duas horas, causando longo congestionamento no local.

Em um dos veículos, um Mercedes-Benz branco com placa de Passo Fundo, os três ocupantes morreram. Dentre eles, as primeiras vítimas identificadas foram Diego Antônio da Silva Ramos e Hugo Antônio Sinal (condutor).

O outro caminhão, de Taquari, levou dois ocupantes, sendo que um morreu e outro sofreu lesões graves. O passageiro Oliveira da Silva foi internado

no hospital Bruno Born, em situação estável. O motorista do terceiro caminhão envolvido, um Scania de Carazinho, sofreu lesões leves. A pista foi totalmente interrompida sendo liberada por volta das 19h para remoção dos caminhões acidentados. Até às 22h, as outras vítimas ainda não tinham sido identificadas. A ocorrência foi atendida pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) de Lajeado.

Outro acidente envolvendo caminhão, na BR 290, em Rosário do Sul, provocou a interrupção total da pista. Uma carreta carregada de frutas, transportadas de Uruguaiana para Porto Alegre, tomou no quilômetro 496,3 da estrada. Ninguém ficou ferido. O trânsito precisou ser desviado por Manoel Viana.

Posto do Banco Popular assaltado na Farrapos

Uma dupla de assaltantes armados invadiu e roubou o dinheiro de um ponto de atendimento do Banco Popular do Brasil, na avenida Farrapos, bairro São Gerardo, na manhã de ontem. Os ladrões fugiram de moto. Momentos antes, a Brigada Militar capturou um foragido do Instituto Penal de Mariane que dormia dentro de um VW Polo, roubado no dia 12 de dezembro passado na rua Baden Powell, no bairro Sarandi. Uma pistola calibre 380 foi apreendida com o acusado, que tem antecedentes criminais.

Na noite de quinta-feira, um sargento aposentado da BM reagiu à tentativa de roubo de seu Fiat Palio, na avenida Oscar Pereira, bairro Glória, na Capital. Ele atirou e matou um dos dois ladrões. No bairro Lomba Tarumã, em Viamão, o 18º BPM localizou, com um menor de idade, duas motos Honda, uma Twister amarela e uma Titan verde, que haviam sido roubadas.

Em Alvorada, PMs flagaram um grupo de criminosos que pretendia le-

var o dinheiro do pagamento dos funcionários de uma obra no bairro Três Figueiras, em Porto Alegre. Houve tiroteio e dois criminosos foram detidos com um revólver calibre 32. Um deles foi baleado no confronto.



Dois homens armados levaram o dinheiro do posto e fugiram em uma moto

Presos 3 indiciados por assassinato

Um dos cinco indiciados no assassinato da aposentada anglicana Lina Duarte foi preso no início da manhã de ontem na vila Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. O detido tem ex-auditor de serviços gerais, 32 anos, que trabalhava no edifício da vítima. Já o casal que é suspeito de envolvimento no crime apreendeu-se à tarde, na Delegacia de Inquirições, acompanhado de advogados. Eles estavam no interior do Estado e decidiram voltar à Capital para se apresentar à Polícia.

A delegada Vanessa Pittrez espera agora que ocorra a apresentação espontânea dos outros dois acusados, que não foram localizados durante o cumprimento dos mandados de prisão expedidos pela juíza Maria Borges Ortiz, da 2ª Vara do Júri. Ela fundamentou os pedidos de prisão preventiva dizendo tratar-se de crime grave que abalou a ordem pública. Os criminalistas André Callegari e Jader Marques atuaram na defesa do casal.

Resgatado corpo de jovem que afogou-se no Ano-Novo

O corpo de Terezinha Engel, de 15 anos, que morreu no último domingo, no rio Jacó, resgatado pelo Corpo de Bombeiros, ontem, na região de Ajuda. O corpo estava no rio Vila Rosa, no município de Restinga Seca. Terezinha desapareceu depois de se afogar durante o festão de Ano-Novo. O namorado Cristian Florio, de 17, também morreu ao tentar salvá-la. Cristian foi sepultado na quinta-feira. O corpo de Terezinha foi localizado por equipes que realizam buscas para encontrar vítimas da queda da ponte.

Família busca menina desaparecida

No dia 8 de dezembro de 2009, a jovem Suelen Vieira de Carvalho, 13 anos, desapareceu de Bento Gonçalves, na Serra gaúcha. A família suspeita que ela esteja nas proximidades de Capão da Canoa. Para o presidente do Conselho Tutelar, Masair Caserini, o apoio da comunidade é fundamental para localizar crianças e adolescentes desaparecidos.

"O primeiro passo é registrar ocorrência. Existe um mito de que é preciso esperar 24 ou 48 horas. Geralmente, as pessoas esperam esse tempo na esperança de que a pessoa possa voltar, mas isso dificulta as buscas, que teriam mais eficiência se iniciarem imediatamente", observa. Informações devem ser comunicadas ao Conselho Tutelar, à Brigada Militar ou à Polícia Civil. Detalhes pelo fone (54) 8403.0340.



Suelen desapareceu há um mês

Agricultor morto com tiro no peito

O agricultor Euclides Colombo, 68 anos, foi encontrado morto com um tiro no peito no final da tarde da quinta-feira, na residência da família, em Linha São Roque, no interior de Farrugilha. Sua mulher estava no centro da cidade, e o filho trabalhava na lavoura.

A vítima foi encontrada com um tiro no coração e uma arma dos canos ao lado. Um projétil havia sido deflagrado, e outro estava sem uso. Do interior da casa foram levados cerca de R\$ 5 mil, pertencentes à associação dos moradores, e um cartão de banco. O dinheiro estava escondido em local que somente a família sabia. A Polícia trabalha com a hipótese de latrocínio (assalto seguido de morte).

MUNDO DO POVO

Polícia

www.jornalopovo.com.br
por: Thais Bretanha

Bando faz sete pessoas reféns no Litoral

■ Sete pessoas — cinco de uma mesma família e um casal de amigos — foram feitas reféns de bandidos durante uma hora, na madrugada de ontem, em uma casa na rua Anapá, em Nova Tramandaí. Segundo a Brigada Militar, as pessoas tomavam churrasco em frente à residência quando foram abordadas por quatro ou cinco homens, que chegaram ao local em motos. Os bandidos fugiram levando um carro Fox e pertences das vítimas.



Filhote de gato morre devido a ferimentos

■ Resgatado de incêndio sítio em apartamento da rua Vozes Alves, na Capital, filhote de gato morreu ontem. De acordo com o veterinário Rodrigo Lorenzini, o gato, de 3 meses, resgatado pelos bombeiros, sofreu sérias lesões no sistema respiratório, que o levaram à morte. O animal estava internado no Hospital Veterinário Lorenzini. "Ele inalou muita fumaça. Não conseguimos reverter o quadro", disse o veterinário.

Agentes penitenciários ameaçam greve na Susepe

A nomeação de 160 novos agentes penitenciários pela governadora Yeda Crusius, na semana passada, deflagrou nova crise na Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe), que poderá

realizar greve. Os motivos são a provável designação de oficiais da Brigada Militar para a direção das oito novas casas prisionais de regime semiaberto e a obrigatoriedade de curso de formação para novos agentes,

na Academia da BM. O Amapergo-Sindicato, que representa os penitenciários, repudiou a proposta. Os novatos também alegam já ter feito curso de formação da Susepe, durante seis meses.

O Palácio Prantini dividiu, na última sexta-feira, que os agentes nomeados — 140 homens e 20 mulheres — aprovados no último concurso público, já frequentaram o curso de formação da Superintendência, mas que deverão fazer outro na BM. O objetivo, segundo a nota, é "integrá-los ao novo modelo adotado pela segurança pública no Rio Grande do Sul". Os nomeados prometem manifestar-se, na manhã de hoje, em frente ao prédio da Secretaria da Segurança Pública. Lotado na região Metropolitana, um agente, que não quis ser identificado disse que, é inaceitável uma casa prisional ter dois administradores: um para o aberto e outro para o semiaberto, e ainda um deles ser policial militar.



Logo após a nomeação de oficiais da BM para direção de novas casas prisionais

Dmae diz que número de hidrantes é regulamentar

A reclamação dos bombeiros quanto à distância dos hidrantes, durante o combate ao fogo em um ataque de ontem, no último sábado, no Centro da Capital, em reação do Departamento Municipal de Águas e Esgotos (Dmae), ainda na tarde do incêndio. O diretor técnico de Águas da Instituição, Flávio Machado, afirmou que o posicionamento dos hidrantes é regulamentar. Naquele quartelão, existem quatro equipamentos, com uma distância de cerca de 100 metros um do outro. O diretor afirmou que todos eles estavam funcionando e o abastecimento de água na região é normal; portanto, não faltava água nos equipamentos.

Machado ressaltou que o Dmae disponibilizou dois hidrantes-pipa para abastecer os veículos dos bombeiros e lembrou que a zona onde ocorreu o incêndio tem bom número destes. Ele salientou que os caminhões do departamento abasteceram os dos bombeiros, causando prejuízo no combate às chamas. O diretor

também lembrou que os equipamentos são vistoriados a cada seis meses e que o maior problema é o vandalismo, com roubo das tampas do equipamento, quebra em locais onde é encoberta a mangueira, entre outros.

Sábado à tarde, equipes da perícia estiveram no local do incêndio, na rua Voluntários da Pátria. O fogo foi controlado no meio da manhã, mas, à tarde, três pequenos focos foram detectados dentro do atacado Xpto, sendo controlados. O prédio foi interditado, pois uma rachadura na fachada pode fazer com que a parede desabe. O teto do estabelecimento ruíu e as gôndolas onde ficavam as mercadorias foram calcinadas. Segundo a Polícia Civil, a construção é tombada pelo Patrimônio Histórico. As lojas vizinhas, que vendem materiais de fácil combustão, não abriram. O comércio na área teve prejuízo, pois muitas lojas programaram liquidações ou esperavam a volta de clientes para troca de objetos após compras de Natal e Ano-Novo, o que não ocorreu.

Tráfico e roubo levam a prisões

Dois jovens foram presos na madrugada de ontem em Xangri-Lá, com comprimidos de ecstasy. Um dos jovens, de 22 anos, estava com 15 comprimidos da droga, e foi preso em uma casa de festas na Estrada do Mar, entre Xangri-Lá e

Capão da Canoa, às 2h30min. Duas horas depois, um homem de 28 anos foi preso na mesma localidade com oito comprimidos.

Segundo o comandante do efetivo do Batalhão de Operações Especiais (BOE), capitão Cristiano Luis de Oliveira Moraes, os homens foram identificados e encaminhados para o presídio de Osório acusados de tráfico de drogas.

Na mesma noite, na praia de Tramandaí, uma ação de policiamento extensivo da Brigada Militar prendeu 13 pessoas. Os principais crimes cometidos pelos acusados foram furto, roubo e tráfico de entorpecentes. Além disso, a BM capturou duas pessoas que tinham mandado de prisão emitidos.



Polícia Militar prendeu 13 pessoas

Adolescente morre com tiro na cabeça

Neste domingo, houve dois homicídios em Passo Fundo, no Norte gaúcho. A primeira vítima foi Cátia Elza de Paula, 14 anos, morta com um tiro na cabeça. Segundo testemunhas, por volta das 9h40min, em frente à escola de Sanita Bonussosso, Cátia estava com o namorado, quando um homem desceu de um veículo atirando contra o casal. O namorado, ao tentar fugir, foi atingido com um tiro nas costas. Ele não corre risco de morte. A Polícia já tem o nome do suspeito.

Na rua Graziela Preto, em frente a um motel, foi encontrado com dois tiros no peito o moço de rua Humberto Henrique Chaves, 18. Ontem de madrugada, Fabiano Paucote Borges, 25, foi esfaqueado em uma brigada, em Soledade. Ferido gravemente, foi transferido para o hospital de Passo Fundo, onde morreu. O suspeito da autoria do crime, de 30 anos, foi preso em flagrante.

Condições precárias em Torres

O transporte e a segurança dos presos em Torres preocupam autoridades. Desde o fechamento do presídio estadual do município para reformas, em setembro, o transporte dos detentos para o presídio de Osório se complicou, bem como mantê-los na cidade. Os mais perigosos são colocados numa cela nos fundos da delegacia que, segundo a delegada Eliana Campaio Martins, não tem condições de acomodação e higiene. "Não existem nem sanitários", confessa. Os presos primários são, muitas vezes, alojados nos móveis e janelas da DF, provocando constrangimento.

O transporte também ocorre lon-

ge das condições ideais, pois os apenados são transferidos em viaturas comuns, sem celas, e junto dos agentes. Ainda há gastos desnecessários, com duas a três viagens por dia de Torres a Osório. A situação, que causa apreensão e estresse aos agentes e aos familiares dos presos, deve perdurar por, no mínimo, mais dois meses, até a conclusão das obras no presídio estadual de Torres. Ou, até mesmo por tempo indeterminado, pois existe a possibilidade do presídio misto ser transformado apenas em feminino. Subseção da OAB de Torres, Consepro municipal e outras autoridades públicas têm conhecimento da situação.

Tentativa de assalto danifica porta de agência do Banrisul

■ Uma televisão e um DVD foram furtados da agência do Banco da América Latina (Banrisul) na rua Menino Deus, em Porto Alegre, ontem pela manhã. De acordo com a polícia do 1º Batalhão da Polícia Militar (1º BPM), um indivíduo não identificado entrou na sala de autoatendimento, por volta das 11h, jogou uma pedra na porta giratória e invadiu o banco. No local, foram encontradas a pedra, que estilhaçou a vidraça da porta de acesso à agência e uma modêla vazia. O indivíduo fugiu do local quando o alarme da agência foi acionado. Não há testemunhas do crime.



Uma televisão e um DVD foram furtados da agência do Banco da América Latina (Banrisul) na rua Menino Deus, em Porto Alegre, ontem pela manhã

Incêndio vitima menina de 5 anos

Um incêndio, ontem à tarde, causou a morte de Helena Porto Santa Rita, de 5 anos. Outra criança, de 7 anos, salvou-se saindo por uma janela. De acordo com os bombeiros, o fogo começou na parte de cima da

casa, situada na rua Economista Nilo Wolf, no bairro Restinga, zona Sul da Capital. O andar de baixo não foi atingido pelas chamas. Helena teria tentado sair do andar de cima, usando as escadas.

Violência e mortes no trânsito

Pelo menos nove pessoas morreram no trânsito entre a noite de sábado e a tarde de ontem, no Estácio. Ontem, na BR 116, entre Arroio Grande e Pedro Osório, Yuri da Silva Noverberg, 23, morreu ao bater de carro em um cavalo.

Ainda na madrugada de ontem, uma caminhonete colidiu com um carro, em Farroupilha. O motorista do automóvel, Flávio Somsal, foi levado em estado grave para o hospital da cidade serrena. Lúcia Somsal, 58, que também estava no carro, morreu a caminho do hospital.

Os bombeiros resgataram na manhã de ontem os corpos de Renato Horst, 24, e Tatiane Müller, 16, desaparecidos no arruado Boa Vista, em Teutônia, desde sábado, quando o veículo em que estavam caiu dentro da água. Sábado, em Fazenda Vilanova, uma colisão na BR 386 entre uma moto e um caminhão resultou

na morte do motociclista Jair Evert Feldens, 38 anos.

Ontem, em Caçapava do Sul, Djanira Severo Cardoso, 75, morreu ao colidir com uma árvore. Sábado, em Caxias do Sul, uma garota de seis anos morreu em acidente. Ela estava na carreta da moto dirigida por seu pai. Ainda sábado, uma jovem de 21 anos morreu na colisão entre o automóvel em que viajava e um caminhão, em São Gabriel. Em Coronel Barros, uma colisão entre um carro e um caminhão causou a morte do passageiro do carro, Jerônimo Maleski, 69. Até ontem à tarde era grave o estado de saúde do policial militar do 13º BPM de Erechim, Vitor Mateus de Vargas, 25. A vítima em que atendia a uma ocorrência colidiu com um caminhão na manhã de ontem. Ainda ontem, na freeway, acidente com uma Kombi teve apenas danos materiais.

Cinco veículos flagrados acima de 130 km/h na Estrada do Mar

■ O Comando Rodoviário da Brigada Militar (CRBM) flagrou, na tarde de sábado, cinco veículos trafegando em excesso de velocidade no quilômetro 38 da Estrada do Mar (RS 389), em Capão da Canoa. No trecho — onde o limite é de 80 quilômetros por hora —, o radar captou velocidades de até 160 quilômetros por hora. Todos os motoristas foram multados com penalidade gravíssima e em flagrante.

Taxista é encontrado morto na cidade de Montenegro

■ O taxista João Nedo Boss, de 35 anos, foi assassinado na madrugada de ontem, em Montenegro. Ele foi encontrado em frente ao Hospital Unimed, no bairro Trindade. Segundo a polícia da Brigada Militar, o profissional, que foi esfaqueado na região do pescoço, chegou a ser socorrido, mas não resistiu ao ferimento. A Delegacia de Polícia do município investiga o caso, mas ainda não tem suspeitos do crime.

Polícia

polícia@correiodopovo.com.br
Foto: Thais Bretanha

Suspeitos de matar avô e neto são detidos

Dois adolescentes, de 16 e 17 anos, foram apreendidos ontem por policiais civis, em Cachoeirinha. Eles são suspeitos de torturar e degolar o aposentado João José Soares, 66 anos, e o neto dele, de 9 anos. O crime ocorreu em dezembro passado, na residência das vítimas, em Eldorado do Sul. De acordo com a Polícia, um dos jovens é parente de Soares. Os crimes podem ter motivação financeira, pois o aposentado guardava dinheiro em casa.

Homem pede socorro pelo celular

Bombeiros de Marliá (SP), resgataram ontem um homem de 58 anos que caiu em um vale. O homem escorregou durante a madrugada e caiu de uma altura de 40m. Por volta das 7h ele ligou da seu celular pedindo ajuda. Com fraldas nas costas, o homem foi localizado às 10h30min. A parte mais profunda do vale tem 150m.

Polícia busca assassinos de vendedor

A Polícia Civil investiga o assassinato do vendedor de frutas Itamar Soares dos Santos, 25 anos, baleado durante assalto domingo à noite junto da banca na avenida Assis Brasil, bairro Sarandi. Os suspeitos do crime seriam dois homens armados que estavam em uma bicicleta. A dupla teria cometido ainda mais em outra banca de frutas e, mais adiante, atacou um casal que estava em uma parada de ônibus. O caso está com a 12ª DP.

Dupla rouba hóspedes em hotéis

Ajerta na rede hoteleira de Porto Alegre, dois homens, identificados como sendo de origem guatemalteca, estão rondando os estabe-

lecimentos para furtar laptops dos hóspedes ou dos visitantes. Na sexta-feira passada, o 9º Batalhão da Polícia Militar registrou um caso

ocorrido durante evento que acontecia em hotel no Centro da Capital. Ontem pela manhã, os policiais foram mobilizados para uma tentativa de furto em outro hotel, também na área central da cidade.

Os suspeitos, bem vestidos e com terno e gravata para não despertarem suspeitas, pretendiam levar um laptop de uma pessoa no saguão. No entanto, os seguranças perceberam a atitude da dupla, que fugiu embarcando em um táxi. O prefixo do veículo foi anotado e se constituiu na primeira pista sobre o rumo dos acusados. Buscas foram realizadas em toda a região central.

De acordo com o major Gladimir Barbosa Otero, do 9º BPM, os dois uruguaios se aproveitaram da desatenção e descuido das pessoas para agirem e levarem os laptops de dentro dos hotéis, colocando os equipamentos dentro de mochilas.

Imagens da tentativa de furto de ontem, obtidas pelas câmeras de vídeo internas do hotel, estão sendo examinadas pelas autoridades. O setor de inteligência do 9º BPM vai apurar onde os uruguaios podem estar pernoitando. O taxista deve ser identificado e chamado para dizer onde passageiros desembarcaram.

A recomendação da Brigada Militar é para que os hotéis redobrem a vigilância e que os donos de equipamentos eletrônicos fiquem mais atentos e não se descuidem dos seus pertences, sobretudo quando encontram-se em alguma atividade ou junto ao balcão do check-in. Qualquer informação ou suspeita da dupla deve ser repassada imediatamente ao telefone de emergência 190 da BM. Já o policiamento, será maior no entorno dos hotéis da área central de Porto Alegre, com o objetivo de flagrar a presença da dupla.

Menino atropelado no pátio de casa

Um menino de 7 anos morreu ontem em Santa Maria, por volta das 14h30min, depois de ser atingido pelo carro do seu pai. O acidente aconteceu na vila Ecologia, localizada próximo à BR 287, na zona Oeste da cidade. Guilherme Hidelbrandt Santos brincava no pátio de casa com outras crianças quando o veículo Gol, que estava estacionado em um local inclinado, acabou deslizando e o atropelou.

A criança foi prensada contra um muro da propriedade. Embora tenha sido socorrido por vizinhos, o menino não resistiu aos ferimentos e chegou sem vida ao Pronto-Atendimento da Prefeitura de Santa Maria, localizado no bairro Patronato. O carro tinha sido deixado no local pelo pai do menino atropelado, proprietário de um minimercado que funciona ao lado da casa da família. No momento do acidente, o homem ajudava a sua mulher a atender no estabelecimento comercial.



Em veículos, homens aproveitaram descuidos durante eventos para levar computadores

Cidade esvaziada facilita ação de arrombadores

Um escritório de advocacia amateu arrombado, ontem, no bairro Rio Branco, em Porto Alegre. Segundo o segundo andar de um prédio na rua Miguel Testes, esquina com a avenida Osvaldo Aranha, o local foi invadido depois que os ladrões quebraram o vidro de uma das janelas. O interior das salas foi saqueado, mas só foram levados um laptop e um monitor.

A advogada que trabalha no local observou que os processos perduravam no local, assim como outros documentos de seus clientes. Apesar da 1ª Delegacia de Polícia Civil de Pronto-Atendimento (DPPA) fechar a área para a realização da perícia do Departamento de Criminalística (DC). O inspetor Renato

Martins acredita que os ladrões tenham subido por um prédio vizinho e caminhado pela marquise até a janela do escritório, apoiando-se em um aparelho de ar-condicionado.

Já no bairro Partenon, policiais do 19º BPM flagraram dois ladrões, de 18 e 19 anos, no telhado de um pequeno mercado que havia sido arrombado. A dupla iniciava a fuga, carregando produtos de higiene, pilhas e alimentos retirados do estabelecimento da rua Tenente Alpoin.

Em Esteio, no bairro Parque Amador, no início da manhã de ontem, o efetivo do 34º BPM prendeu um arrombador que também estava sobre o telhado de uma papelaria. Ele havia furtado vários materiais do local e se preparava para a fuga.



Ladrões quebram vidro e roubam escritório

Mulher baleada tinha cocaína escondida no corpo

Dois pedaços de cocaína foram encontrados na maquiagem de ontem nas partes íntimas de uma jovem de 32 anos. Após ser baleada na perna — em circunstâncias ainda não esclarecidas — ela passou por um exame de urina-X, onde foi constatada a droga escondida. A mulher, que reside em Cachoeirinha, está hospitalizada no Hospital Redentor, na Capital.

Na cidade de Canoas, no bairro Mathias Velho, a Brigada Militar apreendeu mais de 80 pedras de crack com uma mulher de 49 anos que já possui antecedentes criminais por tráfico de drogas. Um homem, de 43 anos, também foi detido na ação. À tarde, na cidade de Canoas, a Polícia prendeu um homem de 25 anos e um adolescente de 15 em uma boca de fumo na vila dos alunos. No mesmo local, foram apreendidos 1,9 quilo de cocaína, 1 quilo de crack e mais 84 pedras da droga. No final do dia, em Porto Alegre, o Denare prendeu um homem de 20 anos e apreendeu um adolescente de

16. A dupla, que estava bairro Campo Novo, portava 13 pedras de crack e uma pistola 9 mm. De acordo com o delegado Daniel Orsatti, o suspeito fazia segurança do local enquanto o menor vendia o entorpecente.

A pistola estava em poder do mais velho, e o crack com o jovem. Após ser autuado por tráfico de drogas, associação ao tráfico, corrupção de menores e porte ilegal de arma de uso restrito, o homem foi encaminhado ao Presídio Central. O adolescente, por sua vez, foi encaminhado ao Departamento Estadual da Criança e do Adolescente (Deca). Em Tramandaí, um homem foi preso ao tentar fugir de uma equipe da Brigada Militar. Os policiais estavam em patrulha no bairro Aguai quando viram o suspeito, que estava em uma moto, e foram abordá-lo. O acusado tentou fugir, mas caiu na fuga e foi pego. Com ele foram encontrados um tijolo de pasta de crack e mais 82 gramas da droga. De acordo com a BM, o acusado já tem antecedentes por receptação.

Dois presos com LSD e ecstasy

A Diretoria Estadual de Investigações Criminais (Deic) da Polícia Civil de Santa Gracina apreendeu cerca de 1,2 mil comprimidos de ecstasy e 72 micropones de LSD, que seriam distribuídos em festas de música eletrônica em Florianópolis e cidades vizinhas. Dois jovens, considerados os principais fornecedores de drogas sintéticas, foram presos em flagrante em Santo Amaro da Imperatriz e São José. Foram recebidos R\$ 2,5 mil em dinheiro, dois celulares e um Azta.

Amapergs contesta direção da BM

O presidente do Sindicato dos Penitenciários (Amapergs/Sindicato), Luiz Fernando Rocha, disse ontem que a Brigada Militar (BM) não tem preparo para dirigir casas prisionais. A afirmação se deve à possível designação de oficiais da BM para comandar albergues construídos até o final de fevereiro. Rocha usou como exemplo o Presídio Central, administrado por policiais militares.

Sobre a realização de cursos de aperfeiçoamento ministrados por PMs, o dirigente disse não ser contra, mas acredita que a Susepe tem condições de realizar as capacitações. Na semana passada,

a governadora Yeda Crusius nomeou 160 agentes que, segundo o Palácio Pratis, deverão fazer outro curso na BM. Os agentes têm a intenção de boicotar a iniciativa. Para um agente penitenciário que pediu para não ter seu nome divulgado, "o estatuto da Susepe é de uma instituição civil e não militar", disse.

Para o vice-presidente da Amapergs, Flávio Bernetti, as duas possibilidades mexem com uma estrutura frágil em uma época de grande tensão nas casas prisionais. "Não sou contra a qualificação, mas a próxima qualificação tem que ser maior do que aquela já recebida", avalia.



Carga de peças em caminhão acidentado mobiliza PRF

A Polícia Rodoviária Federal foi mobilizada ontem, devido à saída de pista e tombamento de um caminhão Volvo carregado de peças automotivas. O acidente ocorreu no quilômetro 53 da freeway, sentido Urussat-Capital, em Glorinha, por volta das 16h30min. O veículo ficou caído no canteiro central da rodovia. Foi necessário transferir a carga antes de retirar o caminhão. Durante a operação, o trânsito ficou lento no trecho.

Vítima não identificada em Caxias

Uma mulher ainda sem identidade morreu na manhã de ontem em um acidente entre um Gol de Caxias e um ônibus da empresa Caxiense. A colisão ocorreu às 10h30min, na esquina das ruas Vinícius de Moraes e Visconde de Pelotas, no centro da cidade. De acordo com a BM, o Gol teria descido a Visconde em alta velocidade e,

ao ultrapassar o sinal vermelho, foi colido pelo coletivo.

A mulher — que não portava documentos e estava no Gol — morreu na hora com cabelos loiros, aparentava 25 anos, tinha 1m60cm de altura e a tatuagem de uma borboleta na barriga, nas cores verde e vermelha. Os dois ocupantes do Gol, de 23 e 25 anos, estão em observação.

Agradecimento e Convite de Missa Sétimo Dia

Os familiares de



Marlene Guilardi Fagundes

convidem para missa de sétimo dia a realizar-se, em 12/01/2010 (terça-feira), na Igreja Santo Antônio (Pão de Açúcar) às 16:30h.
Agradecemos à presença e manifestações de carinho.

Polícia

policiap@correiopovo.com.br
 Editor: Thales Bretanha

Mulher é alvo de atentado no bairro Nonoai

Uma mulher foi vítima de atentado à tiros, ontem à tarde, na zona Sul da Capital. A vítima, identificada pela Brigada Militar como Andréia da Silva Garcia, foi atingida por dois tiros, um deles no rosto, quando caminhava pela avenida Nonoai. Os disparos foram feitos por dois homens que estavam em uma moto. A jovem foi encaminhada ao Hospital de Pronto Socorro. Os suspeitos não foram identificados e o motivo do crime é desconhecido.

Loja de galeria atacada em Pelotas

Uma loja de informática, localizada na galeria Firenze, centro de Pelotas, foi atacada na manhã de ontem. Um homem armado, usando capuz, entrou na loja, quebrou a vitrine e uma estante e levou dali notebooks, enquanto outro esperava do lado de fora. A dupla fugiu em uma motocicleta. Ninguém ficou ferido.

Tentativa de estupro resulta em morte

Um agricultor de 42 anos, foi esfaqueado ontem e teve o pênis decepado. O crime ocorreu no município de Coronel Freitas, no Oeste catarinense. Segundo a delegada local, Luiz Carlos, teria tentado estuprar uma mulher e foi morto pelo filho dela. O autor, de 23 anos, confessou que acertou a cabeça da agricultora com uma foice e logo depois decepou seu pênis. Ele foi detido e encaminhado ao Presídio de Chupele.

Bando de Seco depõe na Capital

Um dos maiores aparatos de segurança dos últimos tempos em Porto Alegre foi montado na manhã de ontem, no Foro Central, para a audiência da quadrilha do assaltante de carros-fortes José Carlos dos Santos, o Seco. Cerca de 50 policiais e agentes penitenciários, fortemente armados e distribuídos em mais de dez viaturas, foram mobilizados para a operação, que teve um comboio vindo da Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (Pasc) e outro proveniente do Presídio Central.

A avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, onde fica o Setor de Desembarque de Presos do Foro Central, foi momentaneamente fechada ao trânsito durante a movimentação do 1º Batalhão de Operações Especiais da BM, incluindo o Grupo de Apoio Tático Especial (Gate), e da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Suspep), com a equipe do Núcleo de Segurança e Disciplina, à Polícia Civil apoiou a ação, cujos comboios passaram atenção. Carros estavam com sirenes ligadas e motos da BM abriam passagem para facilitar o deslocamento.

No grupo oriundo da Pasc estava Seco, com todos compridos e cavarabique. Ele foi capturado madrugada de 13 de abril de 2006 em um carro de combustíveis da BR 386, em Paverama, porém ainda com ele os artigos integrantes de sua quadrilha: Marquinhos, Lobão, Da Nota e

Gustavo, presos no dia 18 de fevereiro de 2004 em um sítio, na localidade de Caraiá, em Osório, com fuzis, dinamites e muita munição. Junto com eles estava Boneco, que comandou a quadrilha no passado e foi preso em 29 de janeiro de 2005, em Porto Alegre.

No confronto de Caraiá, Seco e Boneco haviam conseguido fugir. Na época, o grupo agia no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, sempre atacando carros-fortes. Solto, Gustavo seria novamente capturado no dia 15 de dezembro de 2004, em Tijucas (SC), dois dias após o ataque contra um carro-forte na descida do Morro dos Cavalos, na BR 101. Do Presídio Central foi trazido o criminoso conhecido como Zorita, detido no dia 15 de janeiro de 2004, em Santa Cruz do Sul, dois dias depois de um ataque a carro-forte na BR 116, em Barra do Ribeiro.

A audiência em que todos os réus participaram ontem referia-se ao processo judicial relativo à apreensão de bananas de dinamite em uma ponte da BR 287, em Candelária, na região Central, exatamente há seis anos — no dia 13 de janeiro de 2004. Na ocasião, as autoridades suspeitaram que os explosivos seria usados para detonar a travessia e bloquear um carro-forte que passaria pelo local. Nesta sexta-feira será realizada mais uma audiência, desta vez em Candelária, com igual reforço de segurança.



Audiência com criminosos mobilizou forte aparato policial

Acusados vão a júri popular em Erechim

O juiz Antônio Carlos Ribeiro, da 2ª Vara Criminal do Fórum de Erechim, levará a decisão sobre o acidente com o ônibus da empresa Demoliner a júri popular. Em setembro de 2004, 17 pessoas morreram quando o veículo caiu em uma barragem da Cersan do município. A decisão foi tomada mediante indícios que enquadram os réus, Carlos Demoliner e Ernani Dassi, das empresas responsáveis pelo transporte e o motorista Juliano Moisés dos Santos, em homicídio doloso (atentado contra a vida).

Os acusados têm direito a recorrer da sentença. A decisão foi anunciada ontem pelo juiz Victor Sant'Anna Luiz de Souza Neto, da 2ª Vara Cível, que responde na audiência do titular Antônio Carlos Ribeiro. No dia 22 de setembro de 2004, o ônibus que fazia o transporte de alunos do interior para as escolas na sede do município caiu no lago de captação da barragem, às 7h. Dos 32 passageiros, 16 estudantes e uma monitora morreram. A perícia concluiu que o acidente foi causado por excesso de velocidade e más condições da estrada.



Bomba de artefato caseiro na madrugada assustou moradores de condomínio

Bomba destrói guarita na zona Sul

Explosão de uma bomba caseira destruiu uma guarita de rua na madrugada de ontem, na avenida Assunção, no bairro Assunção, em Porto Alegre. Ninguém ficou ferido. Os moradores do conjunto residencial em frente ao local foram surpreendidos pelo estrondo que, de madrugada, fez com que disparassem sirenes de diversos carros esta-

cionados nas proximidades.

O teto da guarita foi arremessado para longe. A Brigada Militar e a Polícia Civil foram comunicadas do fato e, no final da tarde de ontem, isolaram o local para a realização dos trabalhos da perícia. Entre os suspeitos estão traficantes, ladrões de carros ou simplesmente vândalos que circulam na região.

Assaltantes levam joias e dinheiro de joalheria

Uma joalheria e ótica, localizada na esquina das ruas dos Galvão e João Manoel, no Centro de Porto Alegre, foi assaltada na manhã de ontem. Dois criminosos levaram joias e dinheiro e render três funcionários. Um dos bandidos entrou armado e cerca de dez minutos examinando modelos de óculos, enquanto aguardava a chegada de um cúmplice para dar início ao roubo. A dupla fugiu provavelmente em um veículo, que não foi identificado. Policiais militares do 9º BPM e uma equipe vinda da Polícia Civil foram mobilizados na ocorrência. As imagens das câmeras de vídeo instaladas nas ruas da região central da cidade serão examinadas. Perfis do Departamento de Criminalística foram acionados para tratar eventuais impressões digitais deixadas pelos assaltantes nos balcões da loja. A quantidade de joias e o valor em dinheiro roubados foram divulgados.



Bandidos renderam três funcionários para efetuar roubo

Bento terá prisão para 336 detentos

O governo do Estado confirmou ontem a construção de uma nova penitenciária na cidade serrana de Bento Gonçalves. A casa prisional terá capacidade para 336 detentos. Como contrapartida, o governo estadual constrói um hospital no município. O estabelecimento penal se localizará em área afastada do centro da cidade. O edital de licitação deve ser lançado em breve.

Por outro lado, ainda não foi definido o município que receberá a primeira prisão privada do RS. O governo quer que o presídio seja situado na região Metropolitana e, para isso, tem três cidades cotadas: Alvorada, Eldorado do Sul e Canoas. A prefeitura de Canoas procura dois terrenos para oferecer ao Estado. As outras duas municipalidades declararam que não aceitam penitenciária no município. Entretanto, o governo pretende oferecer benefícios para que as cidades aceitem a penitenciária, caso Canoas não encontre terreno adequado para a construção da unidade prisional. A intenção é anunciar o local até o final do mês.

Veranista morre na Praia Grande

O jovem Samuel Vicente Machado, 20 anos, de Porto Alegre, morreu afogado às 2h da madrugada de ontem, na Praia Grande, em Torres. Ele teria entrado no mar em companhia da namorada e, conforme relato da moça, os dois caíram em um buraco. Samuel ajudou a jovem a sair, mas desapareceu nas águas.

Imediatamente, as autoridades foram comunicadas e as buscas se iniciaram. Por volta das 10h, o corpo do jovem foi avistado pelo helicóptero do Grupamento Aéreo da Brigada Militar botando nas proximidades da Ilha dos Lobos.

Os salva-vidas removeram o corpo em um cesto do helicóptero até a guarita 3, a cerca de 200 metros dos molhes do rio Mampituba.

Veranista morre na Praia Grande

Em Arroio do Sal, também no Litoral Norte, um jovem de 15 anos desapareceu na praia de Figueirinha, ontem à tarde. O adolescente, natural de Estrela, e o primo dele, 13, passaram a tarde na praia e, ao entrarem no mar, caíram em um buraco. Quando os salva-vidas iniciaram o resgate, conseguiram retirar apenas o menino de 13 anos, que passa bem. A chegada de um temporal, às 19h45min, fez com que os trabalhos fossem suspensos.

As buscas reconhecem hoje. Segundo o comandante dos salva-vidas de Arroio do Sal, capitão José Carlos Salte, o mar estava agitado (com bandeira amarela), e o resgate fez com que o corpo do jovem fosse levado para o fundo rapidamente.



Até o início da noite jovem de 15 anos continuava desaparecido na praia de Figueirinha

Participação de Falecimento

Ruth Bohrer D'Ávila, irmã e sobrinhas participam o falecimento ocorrido em 10 de janeiro de 2010 de

Glecia Bohrer Rodrigues

Policia

policiario@povo.com.br
 por Simone Schmidt

PPP para sistema carcerário no RS

ALAN BRAUN | Edição Especial

com um déficit prisional superior a 10 mil vagas, o governo do Rio Grande do Sul quer agora resolver o problema: a parceria público-privada (PPP).

De acordo com o Secretário Estadual de Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira, o primeiro projeto de PPP para o sistema carcerário já está sendo avaliado no Rio Grande do Sul. O modelo escolhido entre três propostas apresentadas ao governo pela iniciativa privada. No entanto, para comentar este projeto, que deve passar por uma consulta pública durante deste ano, uma comissão formada por integrantes do governo, Judiciário e do Ministério Público partiu neste sábado, para a Inglaterra e Espanha.

A viagem deve durar dez dias e a expectativa é de poder ver, "in loco", as experiências de parcerias público-privadas em áreas carcerárias. Inglaterra

Quatro argentinos feridos em acidente

Quatro argentinos ficaram feridos em um acidente no quilômetro 652 da BR 290, em Uruguaiana, na manhã de sábado. As vítimas estavam em um Renault Clio, que ficou descontrolado e saiu da pista, capotando fora da rodovia. A Polícia Rodoviária Federal suspeita que o motorista tenha dormido quando dirigia o veículo. As vítimas foram levadas para o hospital. A PRF constata um aumento no ingresso de argentinos no RS nos últimos dias.

Morte e tiroteio em Canoas

Um criminoso foi morto e outros dois ficaram feridos em confronto com o 15º BPM de Canoas na manhã deste sábado. O trio tentou invadir uma casa no bairro Jardim do Lago. A BM sequestrou o tio e houve tiroteio. Um Xara Picaso, uma pistola, dois revólveres, radiocomunicador e cinto à prova de bala foram apreendidos.

Mesmo baleado, vigia toma arma de ladrão

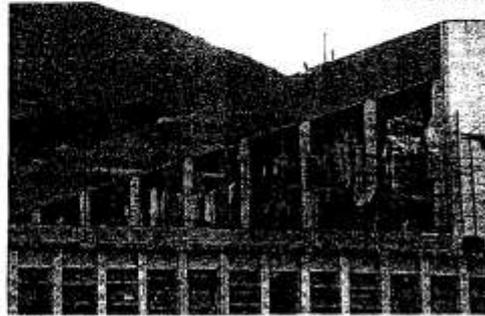
Um vigia de 50 anos foi baleado e ferido em um assalto ocorrido em uma escola na vila Ipiranga, em Passa Funda. Ele foi atacado por um homem armado com um revólver calibre 22 que invadiu o pátio do estabelecimento de ensino. Depois de luta corporal, a vítima foi atingida com dois tiros. Mesmo baleado, o vigia conseguiu tomar a arma do ladrão, que fugiu em seguida. Policiais militares realizaram buscas na região.

ra e Espanha foram os países escolhidos, conforme o secretário, por serem referências positivas deste modelo. Participam da comitiva os secretários estaduais de Administração e Recursos Humanos, Edói Culumari, do Planejamento e Gestão,

Mateus Bandeira; da Segurança Pública, Edson Goularte; a secretária geral de Governo, Ana Pellini, além do superintendente da Suspep, Mario Santa Maria Júnior e o comandante geral da Brigada Militar, Coronel João Carlos Trindade; o diretor do

Departamento de Planejamento da Secretaria da Segurança Pública, Antonio Carlos Padilha; o diretor do Departamento de Captação de Recursos e Parcerias Público-Privadas da Secretaria do Planejamento e Gestão, Charles Schramm e o assessor especial da Secretaria Geral de Governo, Aldemar Arrais. Integram ainda a comitiva o juiz da Vara de Execuções Criminais, Luciano André Loskan, o procurador de Justiça Luiz Carlos Zoczkowski e o jornalista do Gabinete da Governadora, Jairo Faymundo.

Durante o período, serão visitadas três unidades prisionais na Inglaterra e duas na Espanha. "A viagem fecha um processo de estudos feitos pelo governo. Através dela devemos olhar o que deu certo nestes modelos (de penitenciárias) e que ainda não está na proposta que temos. Também olharemos o que deu errado para não repetir estes problemas no modelo aqui desenvolvido", afirmou Bandeira.



Empresas que viessem a se instalar perto de presídios ofereceriam trabalho a aprendizes

Meio de remunerar está em análise

Entre os pontos a serem analisados está a forma de remuneração para a iniciativa privada. "A ideia é que a gente tenha remuneração fixa, correspondente ao ressarcimento feito ao empreendedor pelo valor despendido na construção do complexo, e uma quantia variável que será paga conforme a qualidade dos serviços prestados", explica Mateus Bandeira, secretário do Planejamento e Gestão. Outros pontos devem ser analisados: concessão de benefícios a outras empresas que se instalem próximas ao complexo prisional — iniciativa que busca oportunizar trabalho a apenados e crescimento econômico no entorno do complexo — as responsabilidades do gestor privado, que deverá proporcionar aos detentos possibilidades de ressocialização, educação, além de obter recursos para a construção do complexo e ainda, a viabilidade de trazer para o sistema carcerário do Brasil experiências de países como Inglaterra, Espanha, Chile e EUA. A viagem será acompanhada pelo **Correio do Povo** e Rádio Guaíba.

M realiza ação contra o tráfico

Brigada Militar intensificou a atuação contra o narcotráfico nesta noite de sexta-feira e madrugada deste sábado. No Litoral Norte, Batalhão de Operações Especiais (BOE) prendeu seis traficantes Tramandai, os policiais militares apreenderam mais de 100 pedras de crack com um homem. Já no Capão da Canoa, os policiais apreenderam mais cinco pessoas com pedras de crack, R\$ 376,00 em dinheiro e um revólver 38 fardado. Quando o capitão Cristiano Moisés do BOE, o grupo é suspeito de envolvimento também com o assalto de um homem conhecido como Pirata, ocorrido na terça-feira na mesma área de Capão da Canoa. O crime teria ocorrido em uma emergência ou disputa pelo controle do tráfico de drogas.

No Litoral Norte desde o início da operação com um efetivo de 31 poli-

ciais militares, realizando ações pontuais e operações contra a criminalidade na região durante o verão.

Já no balanço geral da Operação Golfinho da BM no Litoral Norte, o número de prisões está em 1.002 pessoas, das quais 236 em flagrante. Entre elas havia 44 foragidos. Tramandai concentra o maior número de detenções, seguida de Cidreira. Capão da Canoa, Imbé e Arroio do Sal. Quase sete quilos de drogas e 54 veículos foram apreendidos.

Em Porto Alegre, no bairro Restinga, o Pelotão de Operações Especiais (POE) do 21º BPM apreendeu quase 80 pedras de crack, 32 tijolinhos de maconha, uma balança e dinheiro com três traficantes na Rua das Palmeiras. O flagrante ocorreu quando um dos acusados avisou dentro de uma casa onde estavam os outros dois cúmplices que embalavam a droga para a venda.

Deic investiga últimos passos de assaltante de banco

O Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic) da Polícia Civil está mobilizado para rastrear os últimos passos do assaltante de carro forte e de banco conhecido como Teo, antes de ser preso pelo setor de inteligência do 15º BPM na manhã de quinta-feira em Canoas. O delegado Juliano Ferreira, da Delegacia de Repressão a Roubos de Bancos do Deic, já iniciou diligências e analisa também o material apreendido com o foragido, como os dois celulares encontrados.

O delegado enviou ainda fotos de Teo e de outros assaltantes de bancos guichês foragidos aos colegas carterinenses que investigam o assalto na agência do Banco do Brasil-Besc, na praça de Bombinhas, Litoral Norte de Santa Catarina, na manhã da última terça-feira. Ele entrou em contato com o delegado André Oliveira, da

Central de Polícia de Balneário Camboriú, que suspeita do envolvimento de guichês no roubo que teve três gerentes sendo mantidos como reféns em suas casas.

Entre os mais procurados do Rio Grande do Sul, Teo estava foragido desde 11 de maio de 2008 do regime semiaberto da Colônia Penal Agrícola de Charqueadas. "Certamente ele preparava uma grande assalto", acredita o comandante em exercício do 15ºBPM, major Adriano Klafke, que não descartou até o roubo a uma instituição financeira no Litoral Norte. Na madrugada de sexta-feira, o gerente do Banco do Brasil de Tramandai foi feito refém em sua casa por dois criminosos que fugiram após avistarem uma viatura. Está sendo apurada a possibilidade de a dupla ser da quadrilha de Teo. O grupo teria agido mesmo após a prisão dele.

Em Caxias do Sul, mais duas vítimas

Além do acidente em Arroio dos Ratos, outras duas mortes no trânsito também foram registradas pela Polícia Rodoviária Federal. Em Caxias do Sul, no quilômetro 146,7 da BR 116, no início da madrugada deste sábado, a queda, seguida de choque contra um poste, de uma moto Honda causou a morte de Bruno Luis da Silva, de 23 anos.

Já em Gravataí, no quilômetro 69,2 da BR 290, também na madrugada deste sábado, o pedestre Júlio Manoel de Castro Correia, de 41 anos, foi atropelado e morto por um Peugeot 307. A vítima foi arremessada no canteiro central da rodovia, ficando o corpo no local.

Em Santa Catarina, a PRF foi acionada em duas ocorrências com morte na madrugada de sábado. Em São José do Cerrito, no quilômetro 285,5 da BR 282, a colisão entre um caminhão Scania e uma Blazer matou Rudinei José Beppler e deixou dois feridos graves. Já em Palhoça, no quilômetro 16,2 da BR 282, a colisão entre duas motos Honda provocou a morte de Júlia Josefina Abetalia, de 29 anos, e ferimentos graves em outra pessoa.

Dupla é presa após assalto a bar

Dois homens foram presos na manhã deste sábado após assaltar um bar no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. Por volta das 8h, a dupla de assaltantes rendeu o proprietário de uma lancheteria localizada na rua Lima e Silva. Conforme o gerente do bar, os bandidos armados levaram dinheiro e cigarros do estabelecimento e fugiram em um taxi Fiat Siena.

Próximos ao Ginásio Tesourinha, na avenida Erico Veríssimo, os policiais militares do 9º BPM interceptaram o taxi e capturaram os assaltantes. Um revólver calibre 38 foi apreendido. Os dois homens, que eram irmãos e tinham antecedentes criminais, são oriundos da vila Bursaco Quente, no alto do morro Santa Teresa. Conforme a BM, um deles estava foragido.

Colisão de vans mata duas pessoas

Dois pessoas morreram em um acidente de trânsito entre três veículos na manhã de sábado no quilômetro 160,3 da BR 290, em Uruguaiana. No local, uma van

Kia Besta colidiu contra uma van Fiat Ducato, de uma indústria e comércio de alimentos de Cachoeirinha. Essa última rodopiou na pista e foi atingida por uma van Mercedes-Benz, carregada de carne bovina.

Com o impacto, a Ducato caiu em um buraco, com os dois ocupantes mortos nas ferragens. As vítimas foram identificadas como Jefferson Laurindo Rodrigues, de 26 anos, e Roberto Osório, de 57 anos. Destroços ficaram espalhados por toda a pista. A Polícia Rodoviária Federal não encontrou o condutor da Kia Besta no local.



Acidente para fora da rodovia em Arroio dos Ratos

P.S. ZAMPROGNA
CENTRO DE SERVIÇOS DO AÇO

**Participação de Falecimento
e Convite para Missa de 7º Dia**

A empresa P.S. Zamprogna comunica, com profundo pesar, o falecimento da mãe do Diretor Engº Paulo Sérgio Zamprogna

Leonor Sperotto Zamprogna

e convida para a Missa de 7º Dia que será celebrada, dia 18 de Janeiro, segunda-feira, às 18 horas, na Igreja São Pedro, Av. Cristóvão Colombo, 1629, em Porto Alegre.

Canoas, 17 de janeiro de 2010.

Policia

policiario.com.br
de Ibas Bevilacqua

Jovem morre na região Central do Estado

■ A colisão frontal entre um Uno, de Resina do Sul, e um Gol, com placas de Santa Maria, na RS 532, em Mara, foi o motivo da morte de Alaa Valente Fragona, de 29 anos. O acidente ocorreu por volta das 5h de ontem, no km 11 da rodovia. Dois passageiros do Gol e o condutor foram atendidos no hospital de São Pedro do Sul, enquanto que três ocupantes do Uno foram encaminhados para o Hospital de Santa Maria.

Colisão entre moto e carro na 116

■ O acidente entre uma Elta e uma moto — ocorreu na tarde de sábado, na BR 116, em São Leopoldo — resultou na morte de Ingrid Muskopf, de 38 anos. Condutora da motocicleta, Ingrid chegou a ser socorrida em uma ambulância de Santa Maria, mas não resistiu à gravidade dos ferimentos e faleceu a caminho do hospital.

Motorista atropela e foge sem socorrer

■ Dois atropelamentos com vítimas fatais foram registrados na Capital, no final de semana. Claudionir Silva dos Santos, de 37 anos, foi atingido por um veículo no bairro Rubem Berta. Segundo a EM, o motorista fugiu do local sem prestar socorro. Outro atropelamento vitimou o ciclista Iuri dos Santos Petri, de 25 anos. Ele foi atingido por um veículo no bairro Passo da Areia e, apesar de ter sido socorrido, morreu a caminho do hospital.

Acidente vitima mãe e duas filhas

Uma visita à casa de parentes em Nova Hartz acabou em tragédia para a família de Moacir Faleiro. O veículo em que viajava caiu em um arroyo no município de Sapiranga. Entre as vítimas, há a mãe e duas filhas. Os corpos de Margareth Vieira Faleiro, 53 anos, que trabalhava em uma empresa calçadista, e das filhas Ruth Vieira Faleiro, de 18, e Ana Vieira Faleiro, de seis, foram encontrados ontem, pela manhã, a cerca de sete quilômetros do local que haviam desaparecido na noite de sábado. O enterro será realizado, no Cemitério Bom Fim, de Sapiranga. Os corpos estavam próximos ao bairro Porto Palmeira, na foz do rio Sinos. O veículo em que a família Faleiro viajava pela RS 239, no sentido Lagoa-Taquara, teria derrapado na água durante o temporal que atingiu a cidade. Equipes do Corpo de Bombeiros da região, com apoio de mergulhadores do Submarino de Busca e Salvamento 85 de Porto Alegre, os mesmos

que atuaram nas buscas no município de Agudo, na queda da ponte que vitimou cinco pessoas, trabalharam na localização dos corpos.

Moacir, 40 anos, e o namorado da adolescente e condutor do veículo, Juliano Agripino Carneiro, de 23, conseguiram se salvar. Eles fo-

ram atendidos no plantão 24 horas do Hospital de Sapiranga na noite do acidente para exames e em seguida liberados.

Segundo Nilson Batista da Luz, cunhado de Carneiro, a família se dirigia à casa de parentes em Nova Hartz para um jantar. "Infelizmente,

PHOTO: A. ZANETTI / ZP



Carro foi arremetido mil metros para dentro do mata, foi a intensidade da chuva.

a viagem foi interrompida com o acidente", lamentou. Pelos relatos do cunhado, havia muita água na pista, o veículo, um Fiat vermelho, aquaplanou e acabou caindo em um valão.

A Polícia Rodoviária Estadual (PRE) não confirma as causas do acidente, mas não descarta a aquaplanagem devido ao excesso de água na pista motivada pela forte chuva na hora do acidente. Chamou a atenção dos policiais o fato de que a saída da pista se deu a alguns metros de um controlador de velocidade (200 a 400 metros de distância) e em uma pista reta que, aparentemente, não apresentava problemas de conservação.

A intensidade da chuva foi tanta que o veículo, segundo os policiais que fizeram a ocorrência, foi arremetido a cerca de mil metros para dentro do mata. Os bombeiros ainda trabalhavam ontem na retirada do carro. A mata que margeia o rio e cercas de arame farpado dificultaram o resgate, realizado com a ajuda de um guincho.

Mulher afirma ter atirado no irmão

Uma mulher de 26 anos teria admitido na Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento de Santa Maria que foi a autora dos disparos que mataram o irmão, de 27. O crime ocorreu na residência da família, na Rua Marista II, zona Oeste da cidade, às 8h de ontem. O índice de criminalidade é alto na região. Os tiros, disparados com um revólver calibre 38, acertaram o abdômen e a mão esquerda do rapaz, ferido do Presídio Regional. O revólver não foi encontrado. Segundo a mulher, o seu companheiro estava presente na hora do crime.

Em Giruá, região Central do RS, uma mulher de 46 anos, foi morta a facadas em sua residência, no bairro Santa Fé, na noite de sábado. A irmã da vítima foi encontrada ferida, com cortes de faca, próximo ao local e teria acusado o ex-cunhado. De acordo com policiais militares, a vítima já havia obtido na Justiça medida protetiva contra o ex-marido, que a ameaçava. No sábado, ele teria ido até a casa da mulher e a matado com 10 facadas. Um mandado de prisão foi expedido contra o homem, que está foragido.

Roteiros terminam com quatro assaltantes mortos

Um roteiro marcado por perseguições e mortes de vítimas na região Metropolitana. A sequência de crimes começou na manhã de sábado, quando bandidos invadiram uma casa no bairro Jardim do Lago, Canoas. O trio foi encerrado por policiais do 15º BPM. Durante tiroteio, um dos assaltantes, não identificado, morreu no local. Um jovem de 16 anos, ferido durante o confronto, morreu no final da tarde, no Hospital

de Pronto Socorro de Canoas.

Na zona Leste de Porto Alegre, três homens furtaram um Corsa azul, no bairro Sarandi, no início da manhã de sábado, e assaltaram dois mercados próximos. A proprietária de um dos estabelecimentos acionou o 19º BPM. Os policiais localizaram o veículo próximo à avenida Saldanha da Gama e começaram a perseguição. Houve troca de tiros e a guarnição conseguiu cercar o trio na avenida Bento Gonçalves, onde ocorreu o segundo tiroteio. Ao tentar sair do carro, dois criminosos morreram baleados. Embora ainda classifique essas situações como casos isolados, o Comando de Policiamento da Capital afirma que vem acompanhando as ações de criminosos nos finais de semana.

De acordo com o comandante do CPC, coronel Almir Forjari Ferreira, um tipo de delito que preocupa é o arrombamento de bancos. "Era algo que não acontecia de forma contínua e agora já registramos cinco ocorrências nas últimas semanas", indicou. Ontem à tarde, a agência do banco Santander, na avenida Getúlio Vargas, bairro Menino Deus, foi atacada por três homens, que levaram CPUs, monitores LCD e teclados de computador. Um suspeito foi preso.

Comitiva começa visitas a presídios

■ ELLEN BRAUNE | Envia especial

A visita da Comitiva Gaúcha a presídios ingleses e espanhóis começa hoje pela Inglaterra. O objetivo do grupo é conhecer experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs). Uma das primeiras unidades visitadas será a HM Prisional Altrouarase, primeiro presídio privado do Reino Unido. O complexo conta com 400 funcionários e abriga 900 presos. No local, ocorrem projetos de educação para os apenados — com cursos nas áreas de Tecnologia da Informação, Arte e Música, Academia de Futebol e Lettura. O trabalho para os presos é oferecido através de parceria com indústrias.

A segunda unidade a ser visitada será o HMP Lowtham Grange. Destinado a detentos que cumprem sentenças de, no máximo, 4 anos, esta unidade prisional tem capacidade para receber até 600 presos. No local, os detentos têm oportunidade de trabalho, educação, orientação vocacional, assistência médica e programas de auxílio comportamental. O presídio feminino HM Prison Bronzefield, com capacidade para

465 detentas e uma unidade especial para 12 mães com bebês de até 18 meses, também será visitado. Inaugurada em 2004, esta é a única casa destinada às mulheres no país. É classificado como um presídio de categoria A (alta segurança).

Na Espanha, a comitiva deve visitar o Centro Penitenciário Modelo de Reclusos Jovens Teresa de Calcuta. Inaugurado em setembro de 2006, este centro fica em Madrid e abriga 125 crianças em regime fechado e semiaberto e possui 10 vagas para internos em regime terapêutico. Como se trata de um centro para os presos, o local tem como foco a educação — oferecendo programas de educação básica e, também, oficinas de formação profissional.

O sistema prisional no RS conta com 28.793 presos e um déficit avaliado em 10.455 vagas. A ideia do primeiro projeto de PPP para a área é construir um complexo capaz de abrigar 3 mil presos. Seriam três casas para o regime fechado, um semiaberto e outro feminino. A cidade preferida para a construção deste complexo ainda é Canoas.



Um preso e um preso estavam envolvidos em assalto a violentos

Assassinatos na madrugada

Na região Metropolitana, a madrugada de domingo teve pelo menos duas mortes, sendo três na Capital e duas no bairro Sarandi. Julio César levou cinco tiros. No bairro Quintana, a vítima foi Adriana Rocha, que levou diversos golpes de faca. Na Estrada dos Alpes,

Angelo Samuel Capela, 33 anos, morreu após levar um tiro. Em Novo Hamburgo, Anderson Farias, 23, foi alvejado no bairro Canudos. Em São Leopoldo, homem de 39 anos levou um tiro no bairro Santo André. Em Canoas, Alexandro Machado, 25, foi baleado na cabeça e tórax.

Bala perdida mata esteticista no Rio

Perseguição policial a dois assaltantes em uma moto no bairro da Tijuca, na zona Norte do Rio, terminou de maneira trágica. A esteticista Miriam Santos Souza, 51 anos, passageira de um ônibus da linha Tijuca-Leblon foi atingida por uma bala perdida na testa e morreu antes de chegar ao Hospital do Andaraí. Os dois criminosos também foram mortos. Outros dois inocentes, um deles também passageiro do ônibus, foram feridos sem gravidade, assim como um policial. O caso ocorreu na rua Haddock Lobo, uma das mais movimentadas do bairro. Miriam saiu enterrada hoje no Cemitério São João Batista, em Botafogo. Em outras ocorrências na cidade, um PM e três supostos traficantes morreram baleados.



Autoridades policiais visitaram sábado para conhecer experiências de PPPs no Rio

Participação de Falecimento
e Convite para Missa de 7º Dia

ING: LOUREMAR ZANELLA

Missa Luciano Zanello, Helene Zanello, Beatriz Zanello, Clarice Zanello e Ana Beatriz Zanello Bedin, e demais familiares partilham, com profundo pesar, seu falecimento, ocorrido no dia 13 de janeiro de 2010, em Brasília-DF, e convidam para os atos de homenagem e sepultamento de suas cinzas a ser realizado no dia 18 de janeiro de 2010, quarta-feira, às 15 horas, no Cemitério São Miguel e Aímas, Capela "C". Zanello convidado para a missa de 7º dia a ser realizada no dia 19 de janeiro de 2010, quinta-feira, às 19 horas, na Igreja Santa Teresinha, Rua José Bonifácio, nº 545.

eral

correio.povo.com.br
Rua dos Passos, 100

Ceará registra duas mortes por gripe A

■ A Secretaria de Saúde de Ceará confirmou as primeiras duas mortes no estado em consequência da gripe A (H1N1). As vítimas são mulheres de 29 e 39 anos, moradores de Fortaleza. O primeiro óbito foi confirmado na segunda-feira e o da outra vítima, na terça. Os exames foram realizados pelo Laboratório Evandro Chagas, localizado em Belém do Pará. Outros óbitos que ocorreram no estado estão sendo investigados.

A nossa intenção é buscar esse tipo de qualificação para as prisões gaúchas. Este ano pretendemos iniciar o primeiro projeto de PPP.

Edson Goularte

Secretário Estadual da Segurança Pública

Clinicas chama pacientes com osteoartrite

■ O Serviço de Reumatologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre seleciona pessoas maiores de 18 anos, portadoras de osteoartrite e/ou artrite reumatóide, que estejam em tratamento há mais de 6 meses e apresentem doença e/ou risco cardiovascular. Os interessados em participar do grupo de estudo devem entrar em contato, até o dia 19 de fevereiro, pelo telefone (51) 3359-7662, das 13h30min às 17h.

Prisão como nunca se viu no Brasil

Unidade em Liverpool oferece cursos e oficinas, além de espaço para prática de exercícios físicos

WELN BRAUN | Envido especial

Logo no segundo dia da missão gaúcha em solo inglês — acompanhada com exclusividade pelo Grupo Record — os integrantes da delegação do governo do Estado realizaram a primeira das três visitas a prisões previstas na Inglaterra. A primeira foi a HMP Altcourse, em Liverpool, inaugurada em 2007, sob o regime de parceria público-privada (PPP) na Inglaterra, em um prédio com capacidade para abrigar 1.324 homens, em regime fechado. Com muros altos e um sistema de controle sobre quem entra e sai do local, a Altcourse já é considerada "a joia da coroa" entre as penitenciárias do Reino Unido. Atualmente, ela tem capacidade para abrigar 1.324 apenados, mas, nessa unidade prisional, cum-

prem pena detentos dos níveis B e C (que na Inglaterra são considerados de menor potencial ofensivo). Eles podem habitar celas individuais (com direito a cama, sanitário e pia para cada preso) ou dividir a cela com mais um preso.

Os critérios para quem ocupa cada tipo de cela variam, conforme explicou um dos diretores da unidade, John McLaughlin. "Os presos ficam em cela individual devido à periculosidade. Mas também há aqueles que optam por isso. Aqui não se pode, por exemplo, fumar nas áreas comuns, mas dentro das celas. Portanto, temos celas para fumantes e não fumantes", comentou.

A Altcourse oferece cursos de inglês — para aqueles

que não tem essa língua como seu idioma materno —, de informática, artes, matemática e ainda oficinas de aprendizado de carpintaria, marcenaria, confecção de livros e construção civil. O complexo prisional

tem em sua infraestrutura salas de aula, espaço para exercícios físicos e para as práticas religiosas.

Contando com um grupo de 618 funcionários particulares, a casa prisional tem, entre eles, 324 carcereiros. Desses trabalhadores responsáveis pelo contato direto com os apenados, 40% são mulheres. "Isso garante maior flexibilidade, respeito e melhor acesso aos presos", garantiu o diretor John McLaughlin.

O que mais impressiona é que nenhum funcionário utiliza, dentro da Altcourse, qualquer tipo de arma.

Até 90 presos podem ocupar uma mesma área, com apenas três funcionários supervisionando-os. O governo tem dois representantes.



Gaúcho conhece sistema de parceria público-privada

Como inglês tem apenas dois funcionários na unidade

O controle do governo sobre a prisão se dá por meio dos dois funcionários que atuam na HMP Altcourse. São responsáveis por conferir se o pátio privado — a péla inglesa G45 — cumpre as normas preestabelecidas em contrato (que podem ir desde a educação dos presos, até a geração de empregos e o controle da entrada de alimentos e celulares no local). Se esses itens forem descumpridos, a empresa fica com multas e até suspensão do pagamento do governo.

Leilão de camarotes para o Carnaval ocorre hoje

■ Ocorre hoje, a partir das 20h, o leilão dos camarotes e frisas da passarela do samba para os dias de desfile oficial do Carnaval 2010 de Porto Alegre. Os lances mínimos para os camarotes serão de R\$ 500,00 e para as frisas, R\$ 100,00. A inscrição para os interessados em participar dos lances será feita no local — 4º andar da Uirna do Gasômetro (av. Presidente João Goulart, 551). A venda antecipada de ingressos para as arquibancadas será realizada nas bilheterias do Grêmio Terceirinha, nos dias 9 e 10 de fevereiro, das 8h às 17h.

Pastoral segue legado de Zilda Arns

A Pastoral da Criança de Porto Alegre segue seu planejamento de atividades para 2010, no trabalho de auxílio aos carentes, a partir do exemplo deixado pela fundadora, a médica pediatra e sanitária Zilda Arns Neumann, morta na semana passada, no terremoto do Haiti. "Onde ela estiver, olhará e apoiará as pastorais", disse Vera Magalhães, coordenadora da Pastoral na Arquidiocese de Porto Alegre. Um dos serviços divulgados é a campanha "Dormir de barriga para cima é mais seguro", para bebês de até 1 ano. O serviço informativo para os pais foi idealizado por Zilda e pela coordenadora nacional da Pastoral, Vera Altolé, com o Ministério da Saúde.

Segundo as entidades, a posição lateral pode favorecer o engasgo e até a asfixia durante o descanso, podendo inclusive levar ao óbito do bebê. De barriga para cima, o bebê chora quando regurgita, alertando os pais para consequências do engasgo. Vera Magalhães anunciou ainda que, após o recesso de verão, a Pastoral deverá realizar seminários para propagar a campanha.

Polícia

policiariadepovo.com.br
 por Paulo Mendes

BOE detém dupla de traficantes

■ O 1º Batalhão de Operações Especiais prendeu dois traficantes ontem no beco B na Vila São Borja, na Capital. Com os armados, os PMs apreenderam dois revólveres calibre 38 e 89 prateas de oculto. A dupla estava vendendo a droga e fazendo a segurança na entrada do beco, sendo surpreendida pela chegada do efetivo. Um dos detidos possui antecedentes criminais até por um latrocínio. A ocorrência foi registrada na 34 DFFR.



Jovem mata companheiro a facadas

■ Uma jovem de 24 anos matou o companheiro a facadas, ontem, no bairro Santa Tereza, na Capital. Ela alega que era constantemente agredida pela vítima. Em Cruz Alta, a Polícia investiga a execução de Erickson da Silva Lopes, de 29 anos, na última quarta-feira. Lopes foi atingido por um disparo de revólver feito por um motoqueiro, que se aproximou do carro em que passava em companhia da namorada.

Carro bate em poste, se parte ao meio e mata dois

Dois pessoas morreram e outras duas ficaram feridas gravemente na madrugada de ontem, no violento choque de um Kadett contra um poste no canteiro central na avenida Bento Gonçalves, no bairro Agronomia, em Porto Alegre. Com o impacto o veículo, um placas de Viçosa, se partiu em duas e ficou totalmente destruído.

Bombeiros do Grupamento de Busca e Salvamento (GBS) precisaram de quase uma hora para retirar as vítimas das ferragens. Vanessa Dorneles Alves e Tamires Fariat Batista foram socorridas e encaminhadas ao Hospital de Cristo Redentor. No local do acidente ficaram os corpos de Adriano Pedrosa Lima e Elaine Rodrigues dos Santos.

Conforme apurou a reportagem da TV Record no local, as vítimas tinham saído da festa de aniversário de uma das passageiras do veículo segundo depoimento de uma amiga do grupo que esteve no bar onde ocorreu a comemoração. Já um taxista contou que viu o Kadett passar em alta velocidade pouco antes do acidente. "Estavam muito rápido, uma 150 quilômetros por hora", avaliou.



Acidente na madrugada, na Capital, ainda deixou duas pessoas gravemente feridas

Segundo o sargento Sadi Amaral do 1º Comando Regional de Bombeiros (1º CREB), a retirada das vítimas das ferragens pelo GBS teve de ser realizada com muito cuidado para não agravar o estado de saúde das duas mulheres feridas. "Em 23 anos de trabalho, não lembro de ter visto um acidente tão grave como esse", admitiu. Mesmo com a retirada do veículo, a liberação do trecho só ocorreu no início da manhã com a retirada dos destroços do carro e a limpeza da pista.



Operação Campo Limpo apreendeu armas, motocicletas e um veículo furtado

Quatro assentados são presos

A Polícia Federal e a Brigada Militar realizaram na manhã de ontem a chamada Operação Campo Limpo. O objetivo da ação era cumprir mandados de busca e apreensão para o combate ao crime de abigato e posse ilegal de armas em nove locais do assentamento rural de Santa Alice, no município de Herval. Segundo denúncias recebidas pelo Ministério Público Estadual e apurações preliminares feitas pelo Inocra, alguns dos assentados utilizavam os lotes para carrear gado de propriedades vizinhas, visando a posterior comercialização. Além da detenção em flagrante

de quatro assentados, foram apreendidos dois revólveres, três espingardas (dois sem registro), um carro furtado no ano passado e quatro animais recém-abatidos. O veículo foi abandonado em estrada vicinal quando as viaturas policiais entravam na área. Três motocicletas sem licença também foram recolhidas. Dos 80 lotes do assentamento, nove estavam sendo empregados para a prática do abigato, mas nenhum animal morto foi encontrado. A ação mobilizou 42 policiais federais, 31 militares, em 24 viaturas, além de aeronave do Grupamento de Polícia Militar Aérea, da BM.

Líderes de quadrilha capturados no Litoral Norte

Agentes da Delegacia de Polícia de Tramandaí capturaram, no início da manhã de ontem, os dois líderes da quadrilha que marquete refém o subgerente da agência Banco do Brasil do município, dentro de sua residência

na sexta-feira passada. Um dos acusados é conhecido como Cristiano Monstro e ambos são de Sapucaia do Sul. Segundo o delegado Paulo Perez, a dupla permaneceu na casa, localizada na rua Bolonha, com familiares.



Um dos acusados estavam em pertences do bancário e da família

Foram apreendidos um revólver calibre 38 e pertencentes da vítima, além de uma moto Honda. Outros três criminosos, também de Sapucaia do Sul, ainda estão sendo procurados. Para o delegado, o objetivo da quadrilha era manter o subgerente refém e roubar o cofre do banco. Alçada de acordo com Perez, o grupo também fez reféns ao assaltar outra residência de veraneistas. Na ocasião, a quadrilha fez uma "limpa" na moradia. A expectativa, agora, é de que outras vítimas dos assaltantes apareçam na delegacia de Tramandaí para prestar queixa. Em Santo Antônio da Patrulha, a Polícia Civil e a Brigada Militar foram mobilizadas no início desta semana em razão de roubo em uma residência, localizada na RS 474. Os ladrões levaram pertences das vítimas, incluindo dinheiro e um Ford Escort.

Médico condenado a 17 anos de prisão

O médico Saleh Abdalla Júnior, ocupou uma pasta na Prefeitura de Tramandaí, foi condenado ontem a 17 anos e seis meses de prisão. Ele foi submetido a julgamento pela acusação de mandar cortar a cabeça do funcionário público Alceu Rodrigues Paz, 40 anos. O crime ocorreu em setembro de 2005. O advogado Nereu Lima, defensor do médico, ingressou com recurso de apelação no Foro de Tramandaí. A matéria será examinada pelo Tribunal de Justiça do Estado. Na ocasião, três homens levaram a vítima para praia de Imara, em Imbé, onde foi agredido e teve uma das orelhas cortada. Os três homens também foram condenados.

Canoas mostrará áreas de presídio

O prefeito de Canoas, Jairo Jorge, disse ontem que o município tem três terrenos para apresentar ao governo, possivelmente na próxima semana, para a construção da penitenciária em sistema de Parceria Público-Privada (PPP). Técnicos da prefeitura estão fazendo levantamentos para ver se as áreas estão adequadas aos requisitos. O terreno, por exemplo, precisa ter 52 hectares. O prefeito alegou questões de segurança e não revisou os batimentos onde as áreas se localizam. Ressaltou, no entanto, a preocupação com a segurança na região e a distância pertinente de conjuntos habitacionais.

Em Charqueadas, o prefeito Davi Gilmar Souza afirmou que não levantará o embargo das obras no complexo penitenciário da cidade, se os tributos não forem pagos pelas empreiteiras. A dívida chegaria a R\$ 200 mil. "Se cobra impostos do cidadão comum que reside aqui, por que não vou exigir o mesmo de empresas de grande porte?", questionou.

Dois gaúchas detidas com maconha no Paraná

Dois mulheres gaúchas foram presas em flagrante com cerca de 18,5 kg de maconha em Sorria (paraná de Itaipu (PR). Elas foram detidas na rodoviária, por agentes da Divisão Estadual de Narcóticos da Polícia Civil do Paraná, momentos antes de embarcarem em um ônibus. Segundo o Denarc, as duas rotacionam com a droga ao RS, para vender (uma delas levou consigo o filho de apenas 1 ano. O Conselho Infância protege a criança.

Homens têm corpos queimados

Três homens tiveram os corpos queimados após suas roupas serem encharcadas com gasolina ontem, em Gravataí. De acordo com PMs do 17º BPM – mobilizados na tentativa de chacinha ocorrida na Morada do Vale I –, uma quarta pessoa conseguiu escapar do ataque. Os crimes teriam sido cometidos por dois motoqueiros armados. Gravemente feridas, com queimaduras em mais de 80% do corpo, as vítimas foram hospitalizadas. A Polícia não descarta como motivação dívidas com traficantes da região.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

TOMADA DE PREÇOS Nº 26/2009-SMS
Processo Administrativo nº 001.003931.09.9

A Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal da Saúde, torna público, em cumprimento à Lei nº.8666/93, que fará realizar licitação na modalidade Tomada de Preços, sob o nº 26/2009, que tem por objeto a contratação de empresa para executar obras e serviços de ampliação do PSF Jardim Carvalho da Secretaria Municipal de Saúde. A documentação e propostas serão recebidas no dia 10 de fevereiro de 2010, às 9 horas e 15 minutos, na Av. João Pessoa, 325, 3º andar, no Núcleo de Licitações e Contratos da Secretaria Municipal de Saúde.

Informações, bem como o Edital, encontram-se à disposição na Equipe de Licitações e Contratos da SMS, sito na Av. João Pessoa, 325, 3º andar, de 2ª à 6ª feira, das 9h às 11h e das 14h às 17h.

A aquisição do Edital poderá ser feita mediante o pagamento de taxa no valor de R\$ 6,00 (seis reais e trinta centavos) ou, também, mediante a entrega de um CD-RW virgem.

Porto Alegre, 21 de janeiro de 2010.
ELISEU SANTOS
 Secretário Municipal de Saúde.

PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO E CONVITE PARA MISSA DE 7º DIA
 Luiz Fernando, Eunice Maria, Gilberto em memoriam, Paulo Roberto em memoriam, Flavio José, Claudio e Helena Maria juntamente com suas famílias participam o falecimento de

Cleya Vitello Schutt

e convidam para a missa de 7º dia a ser celebrada dia 27 de janeiro de 2010, quarta-feira, às 18 horas na Igreja Nossa Senhora da Auxiliadora.
 Porto Alegre, 22 de janeiro de 2010.

General

lattes@rednet.gov.br
Luz Amin Schuch

Licença-maternidade pode ser estendida a seis meses

A partir desta segunda-feira, 25, os empregadores poderão aderir ao programa Empresa Cidadã, que permite prorrogar por seis meses o prazo de licença-maternidade. As empresas que quiserem aderir ao benefício às suas funções poderão abater a despesa do imposto de Renda devido.

O prazo da licença, atualmente, é de quatro meses. Se a empresa aderir ao programa, a funcionária poderá ficar afastada por seis meses. Quem paga o benefício nos meses de janeiro e fevereiro é o INSS.

Para aderir ao programa, a empresa deve acessar o site da Receita Federal. A empregada tem que fazer a prorrogação diretamente à empresa, até o final do primeiro mês após o parto. Quem ainda vai usar de licença-maternidade e não se sua empresa oferece o benefício estendido deve se informar no departamento de recursos huma-

Desde dezembro, chuva matou 61 em SP

Desde dezembro, quando começou a Operação Verão da Defesa Civil, 61 pessoas morreram no estado de São Paulo em consequência das fortes chuvas. Só na Grande São Paulo morreram nove pessoas entre a noite de quarta-feira e a madrugada de quinta-feira. Segundo a Defesa Civil, 26 municípios estão em estado de emergência. A previsão do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) é de mais chuva em boa parte do estado.

Sepultado o professor Mancuso

O corpo do professor Carlos Mancuso, do Instituto de Artes da Ufrgs, foi sepultado ontem no Cemitério São Miguel e Almas, na Capital. Mancuso foi também pintor, desenhista, gravador e arquiteto. Entre 1975 e 1984, trabalhou nas restaurações do Solar Lopo Gonçalves e do Teatro São Pedro. Outros artigos publicados na Capital.

7.828 cartórios serão submetidos a concurso

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou na Diário Oficial da União desta sexta-feira uma relação de 7.828 cartórios extrajudiciais no país que tiveram sua titularidade dedicada como vaga. A decisão dá cumprimento à Resolução 80 do CNJ, que prevê a vacância desses serviços quando o titular de cartório não tiver sido submetido a concurso público, conforme a Constituição de 1988. A relação está disponível no site www.cnj.br.br.

nos. Caso a resposta seja afirmativa, basta solicitá-lo. Se for negativa, só poderá usufruir dos quatro meses de licença, período que as empresas já são obrigadas a conceder.

"O conteúdo social da prorrogação é inegável, mas a concessão do benefício é sempre um direito da empresa", disse o coordenador-geral de Arrecadação e Cobrança da Receita, Marcelo Lins. A regulamentação do benefício foi publicada ontem no Diário Oficial da União, mais de um ano após a aprovação da lei 11.770, de setembro de 2008, que criou o programa Empresa Cidadã.

A Secretaria da Receita Federal informou, nessa sexta-feira, que a ampliação da licença-maternidade representará redução de R\$ 414 milhões na arrecadação em 2010. O impacto será sentido no recolhimento do Imposto de Renda. O órgão informou que os empregadores que aderirem ao programa e que decla-

ram IR na modalidade de lucro real – número que chega a 150 mil no país – poderão abater integralmente os dois salários pagos a mais por conta da extensão da licença. Já as 3 milhões de empresas do Simples e as 1,4 milhão que usam o regime do lucro presumido não poderão participar do Programa Cidadã.

O programa foi restrito às empresas que fazem a declaração pelo lucro real porque, nessa modalidade, são consideradas todas as receitas menos despesas. No lucro presumido, os impostos são calculados com base em um percentual estabelecido sobre o valor das vendas realizadas, independentemente do lucro.

"Somente as grandes empresas do país poderão optar, mas elas concentram de 40% a 50% dos trabalhadores da iniciativa privada e 40% da mão de obra feminina do país", disse o coordenador de Cobrança da Receita, João Paulo Martins.

Prédio histórico sofre interdição

O prédio da esquina da Riachuelo com Marechal Floriano Peixoto, que compõe o patrimônio histórico e cultural do Centro de Porto Alegre, foi interditado sob risco de desabamento. A ação da Secretaria Municipal de Obras e Viação (Sesov) causou controvérsia nos arredores. A interdição bloqueou parte das ruas para a circulação de carros e o trânsito ficará modificado por tempo indeterminado.



Sesov alega que imóvel corre o risco de desabamento

O inconveniente maior foi o bloqueio total da Riachuelo, entre as ruas Dr. Flores e Marechal Floriano, inclusive para pedestres. Ontem, enquanto funcionários da Sesov tentavam manter o isolamento, pessoas furavam o bloqueio ignorando o possível risco. Diante da impossibilidade de conter o fluxo, o trânsito de pedestres pela Riachuelo foi liberado na calçada oposta ao prédio, tal como ocorreu na Marechal. Para automóveis, a condição per-

maneceu alterada. Os condutores que sobem a Dr. Flores não podem atravessar a Salgado Filho na direção da Riachuelo. Já quem se desloca pela avenida Independência e quer acessar o outro lado do Centro deve atravessar pelo viaduto sobre a João Pessoa e contornar a praça Daltrio Filho, seguindo pela Salgado Filho e João Pessoa até a André de Rocha e a Fernando Machado. Outra mudança é no trecho da Riachuelo, entre a Borges e Marechal. "Está permitido o tráfego pela contramão", disse o coordenador de trânsito da EPTC, Jtamar Lisboa.

COMUNICADO PÚBLICO
A Claro S/A, prestadora do Serviço Móvel Pessoal no Estado do Rio Grande do Sul, em atenção ao disposto no Regulamento do Serviço Móvel Pessoal (SMP), aprovado pela Resolução Anatel nº 477/07, informa a seus clientes e ao público em geral que, de 08h00 da dia 29 de janeiro de 2010 às 08h00 da dia 31 de janeiro de 2010, haverá manutenção e melhorias tecnológicas em seus sistemas que atendem o estado do Rio Grande do Sul. Durante o mencionado período, os usuários da rede da Claro na mencionada localidade poderão encontrar indisponibilidade dos serviços de dados e voz 2G e 3G.

vivo
Vivo S/A
CNPJ: 02.445.992/0001-04

COMUNICADO PÚBLICO
A Claro S/A, prestadora do Serviço Móvel Pessoal no estado do Rio Grande do Sul, em atenção ao disposto no §3º, Art. 18, do Regulamento do Serviço Móvel Pessoal (SMP), aprovado pela Resolução Anatel nº 477/07, informa a seus clientes e ao público em geral que, no dia 29 de janeiro de 2010, das 0h às 6h, haverá manutenção e melhorias tecnológicas em seus sistemas que atendem o estado do Rio Grande do Sul. Durante o mencionado período, os usuários da rede da Claro na mencionada localidade poderão encontrar indisponibilidade dos serviços de dados e voz 2G e 3G.

Claro RS
Porto Alegre, 23 de janeiro de 2010.
Rio Grande do Sul
www.claro.com.br ou ligue 1052

Penitenciária de Algeciras é dividida em 'cidades'

Um complexo penitenciário com 14 prédios distintos e capacidade para 1.008 celas individuais. Este é o Centro Penitenciário Botafoço, localizado na cidade de Algeciras, no Sul da Espanha. Inaugurado no ano 2000, o complexo abriga homens e mulheres maiores de 18 anos. Atualmente, Botafoço conta com 1.590 apenados, supervisionados por 404 funcionários. A maior parte dos servidores tem curso superior e o salário inicial é de 1.600 eu-

ros (cerca de R\$ 4.400,00). Esta foi a única penitenciária pública visitada pela comissão gaúcha que avalia presídios na Europa para tentar estabelecer projeto de Parceria Público-Privada na área prisional do RS. A exemplo dos presídios visitados na Inglaterra, na unidade vista na Espanha os monitores não utilizam armas, e o controle dos detentos é feito por mecanismos de inteligência, como câmeras e alarmes. Cada unidade é considerada uma cidade dentro do complexo. Os presos

tem celas com duchas, sala de musculação, espaço para refeições e um pequeno pátio para convivência. Os presos de uma ala não se misturam com os de outra. As áreas comuns – ginásio, centro de eventos, piscina e quadras esportivas – são usados alternadamente. Para o diretor do Centro, Francisco Márquez, a custódia do preso não pode ser transferida para o setor privado. Mas serviços administrativos, por exemplo, poderiam ser realizados pela iniciativa privada.

PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO E CONVITE PARA MISSA DE 7º DIA
Marilyn Braz e Wanessa Braz, filhas participam o falecimento do muito querido
Capitão Braz
Ruben de Souza Braz
ontem ocorrido e convidadas para para o ato de encenação e sepultamento, hoje às 09h30min, na capela 9 do Cemitério João XXIII. A missa de 7º dia será celebrada dia 28/01/2010, às 18 horas na Igreja Santa Teresinha, na Av. José Bonifácio, Porto Alegre, 23 de janeiro de 2010.

Suspensas câmaras de bronzamento

Menos de duas semanas depois de uma liminar da Justiça Federal de Porto Alegre ter liberado as câmaras de bronzamento artificial, o Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) suspendeu nessa sexta-feira o uso dos equipamentos. Apesar de a Associação Brasileira de Bronzamento Artificial (Abba) ter alegado que não há evidências de que os raios ultravioletas causem câncer, o desembargador federal Elcio Pinheiro de Castro entendeu que a manutenção da liminar que liberava novamente o uso das câmaras implica risco de dano à saúde pública.

Segundo o presidente em exercício do TRF4, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) – que em 2008 proibiu a utilização desses equipamentos – tem amplo poder de fiscalização e controle das questões relativas à saúde pública, cabendo a ela regular práticas consideradas lesivas. No início deste mês, ao recorrer ao tribunal pedindo a suspensão da tutela que permitia o uso, a Anvisa também afirmou ser competente para controlar e fiscalizar produtos e serviços.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
AVISO DE LICITAÇÃO
Tomada de Preço 01/2010
Processo: 23600.100508/2009-59
Objeto: Construção de Laboratório, do Instituto Federal Farroupilha – Campus Alegrete.
Data: 12/01/2010 Horário: 09:00h
Local: Escritório do Instituto Federal Farroupilha – Campus Alegrete/RS, na Rua Amador Bueno, 822, esquina Rua das Anteadas, centro, Alegrete-926.
Data: 12/01/2010, no IFF Campus Alegrete (RS 377, Km 27).
Cópia do respectivo edital poderá ser adquirida pelo site www.comprasnet.gov.br ou por e-mail: cpl@comprasnet.gov.br, e informações pelos fones (51) 3421-9030 / 3422-0558.
Alegrete, 22 de janeiro de 2010
PATRICIO SILVEIRA MACHADO – Presidente da CPL

COMUNICADO PÚBLICO
A Claro S/A, prestadora do Serviço Móvel Pessoal no estado do Rio Grande do Sul, em atenção ao Regulamento do Serviço Móvel Pessoal (SMP), aprovado pela Resolução Anatel nº 477/07, informa a seus clientes e ao público em geral que, no dia 28 de janeiro de 2010, das 0h às 6h, haverá manutenção e melhorias tecnológicas em seus sistemas que atendem as localidades de Pelotas e Rio Grande. Durante o mencionado período, os usuários de rede da Claro nas referidas localidades poderão encontrar indisponibilidade dos serviços de dados e voz 2G.

Claro RS
Porto Alegre, 23 de janeiro de 2010.
Rio Grande do Sul
www.claro.com.br ou ligue 1052

da JANEIRO - DOMINGO PG. 11

CORREIO DO FOGO

Site do TJ tem formulário para declarar doação de órgãos

As pessoas dispostas a doar órgãos poderão declarar sua vontade pelo novo site do Tribunal de Justiça (www.tjrs.jus.br). Para isso, é necessário preencher um formulário online e, após a conferência, o documento será gerado. Apesar de não ter validade jurídica, o sistema pode ser impresso e divulgado para amigos e familiares. Segundo o diretor de Site da Capital e coordenador da campanha Doar é Legal, Carlos Eduardo Rêgo, a intenção é divulgar a vontade do doador, "colaborando para reverter o quadro de atendimento pelo qual passam milhares de gaúchos".



Maio será o Mês das Hepatites Virais

A coordenadora do Programa Estadual de Combate às Hepatites Virais, Larissa Gusas (foto), participou de um debate sobre saúde com os prefeitos que estavam presentes na assembleia da Federação das Associações dos Municípios do RS, realizada na sexta-feira, em Tramandaí. Larissa propôs aos presentes que maio seja o Mês das Hepatites Virais. A sugestão, que já tem respaldo pela Famur, prevê que todos os municípios do Rio Grande do Sul adotem, nesse período, medidas nas áreas de prevenção e informação.

Penitenciária é incubadora de pequenos negócios

DE ERICAMEN WINCK

A Penitenciária Feminina Madre Pelletier abriga uma espécie de incubadora de pequenos empreendimentos e oferece espaço para muitos outros. Por intermédio de cooperativas, as detentas exercem atividades profissionais e artesanais das grades. Trabalhando em média oito horas por dia, recebem salários que, na maioria das vezes, garantem o sustento dos filhos. Outra vantagem é que, a cada três dias trabalhados, diminui um dia de pena. Da remuneração total, 20% são armazenados por meio de um pedágio para o resgate depois do retorno à liberdade.

Embora existam muitas presidiárias trabalhando, há pelo menos uma carteira aguardando em lista de espera por uma oferta de emprego. "A procura é maior do que a disponibilização de vagas", lamenta o diretor administrativo Manoel Aristidimúnia, que está empenhado na busca de parceiros na iniciativa privada com a intenção de ampliar a oferta de trabalho para as detentas.

Em breve, ele pretende retomar a produção da confeitaria, onde eram feitas trufas e bombons artesanais da marca Delícias da Madre.

As mulheres que cumprem penas alternativas da liberdade ou aguardam sentenças exercem várias atividades artesanais, incluindo a confecção da roupa do Grupo Hospitalar Conceição (GHC). Há um grupo especializado na produção de bolsas, almofadas e tapetes patchwork e patchwork, além de roupas patchwork e tricot. Uma detenta presta curso exclusivo para uma conhecida estilista gaúcha, por meio de personalização de roupas. Outro grupo confecciona lembrancinhas de nascimento para as lojas que comercializam artigos vinculados a times de futebol do país.

As presidiárias também atendem a uma indústria de temperos e a clientes da Proceps, abastecendo os bancos de dados digitais. A administradora-geral da Madre Pelletier, Mara Minotto, revela que o pedido de trabalho é a primeira reivindicação da casa prisional. "Devido à falta de outros empreendedores interessados em nossa mão de obra, estamos priorizando as condenadas", explica ela, salientando que o trabalho eleva a autoestima e a valorização pessoal das presas.

Para muitas, a atividade profissional também representa a chance de passar algumas horas longe de galerias superlotadas. Com 230 vagas, a Penitenciária Feminina Madre Pelletier abriga quase 500 mulheres.

Nos meses de verão a situação fica mais complicada, tendo em vista o elevado número de detentas por cela e o calor intenso. Empreendedores interessados em ofertar alternativas de emprego e renda para as prisioneiras podem entrar em contato com a penitenciária pelos telefones (51) 3336-2341 e 3336-4485 ou pelo e-mail pmpf@susepe.rs.gov.br.



Para detentas, trabalho ajuda a resistir ao confinamento e abrir caminhos para o futuro



Grupo é especializado na produção de almofadas, bolsas, tapetes e roupas

'Por mim, dormiria no ateliê'

Condenada a 36 anos de reclusão por formação de quadrilha, a empresária Vera, 55 anos, exerce a atividade de costureira há três. "Entre na Penitenciária Madre Pelletier trabalhando", relata. Na sala ao lado, outras mulheres confeccionam lindas peças artesanais de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h. "Por mim, dormiria no ateliê", confidencia Beth, 42, provisoriamente recolhida e que aguarda julgamento por tráfico de entorpecentes.

Enquanto costura aventais para os blocos cirúrgicos dos hospitais Fêmnia, Nossa Senhora da Conceição e Cristo Redentor, na Capital, a detenta Roseli, 46 anos, sonha com o retorno ao convívio social. Condenada a oito anos e quatro meses de prisão por falsificação de documentos e invasão de domicílio eletrônico, a ex-hacker dedica seus dias ao "trabalho honesto". Já confeccionou

uniformes para a EPTC e a Carris e agora faz roupas para os funcionários dos hospitais, recebendo em média R\$ 500,00 por mês.

"Sem trabalho não há emocional que resista", desabafa outra presa, de 58 anos, sentenciada a cumprir 20 de prisão por estelionato. Há oito recolhida no sistema penitenciário, procura trabalhar exaustivamente para atenuar o drama de viver confinada. É no artesanato que Enilda, 40, condenada a 10 anos também por tráfico, encontra forças. Afinal, desde a prisão, há um ano e seis meses, não recebe uma visita sequer.

Aos 42 anos, Soleira, que deve cumprir pena de 12 anos por tráfico, customiza roupas para uma estilista, recebendo R\$ 400,00 mensais. Ela quer deixar o cárcere e abrir um ateliê próprio, com a intenção de ficar longe dos entorpecentes e dos avistinhos do narcotráfico.

Vila Dique abrirá espaço para a Rodovia do Parque

O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) destinará R\$ 30 milhões para o reassentamento das 599 famílias que vivem na Vila Dique,

que avança pelos bairros Rio Branco, Fátima e Mato Grande, em Canoas. A remoção é necessária para a implantação da BR 448, ou Rodovia do Parque. O termo que assegura o repasse dos recursos à Prefeitura de Canoas foi assinado sexta-feira pelo diretor de Infraestrutura Rodoviária do Dnit, Hideraldo Caron. "A rodovia está incluída no Programa de Aceleração do Crescimento e contará com investimentos federais de R\$ 932,6 milhões." Com 22 quilômetros de extensão, a BR 448 figura no conjunto de obras que visa desafogar o trânsito na região Metropolitana.

Caron diz que o reassentamento é decisivo para a construção da BR 448. "Começaremos imediatamente o processo de desapropriação", assinala. O prefeito Jairo Jorge informa que as 599 famílias serão realocadas em áreas com os serviços sociais básicos. "Se depender de Canoas, as obras da Rodovia do Parque não atrasarão", enfatiza.



R\$ 30 milhões para reassentar famílias

Esteio negocia com construtora

Em Esteio, não há moradias irregulares no trapado da Rodovia do Parque. De acordo com prefeito Gilmar Bazzoli, haverá necessidade de desapropriação de área próxima ao Parque de Exposições Assis Brasil, pertencente a uma construtora, que tem interesse na construção da BR 448 para o lançamento de empreendimento imobiliário. Ele acredita que as negociações envolvendo as desapropriações e os reassentamentos não demandarão ações judiciais, como ocorreu com a duplicação da BR 101.

Para o diretor do Dnit, Hideraldo Caron, o destaque da BR 448 é a preocupação com o meio ambiente. Dos 4,5 mil metros projetados para pontes, viadutos, elevadas e passagens inferiores, 2,6 quilômetros se referem a obras ambientais devido ao Parque Estadual Delta do Jacuí. Há previsão de construção de passagens de faunas efetuadas por túneis sob a rodovia e contenções dos declives de cargas ladeiras.

General

governador@rs.gov.br
Luiz Amin Schuch

AABB vai comemorar o Dia dos Quadrinhos

Para comemorar o Dia Nacional da História em Quadrinhos, a Biblioteca da AABB promoverá no dia 30 de janeiro, a partir das 15h, a Oficina de Criatividade e Técnicas na Grapagem de História em Quadrinhos. A aula se destina a jovens com idade acima de seis anos. Os participantes deverão ter máquina fotográfica digital para poder desenvolver a técnica que será ensinada. As inscrições podem ser feitas pelo telefone (51) 3243-1042.

Eventos incentivam a cultura

Produtores e artistas participaram sexta-feira do Seminário da Lei de Incentivo à Cultura, o primeiro de 2010, em Santana do Livramento. O evento, da Secretaria de Estado da Cultura, será repetido no dia 29 em Gramado e em 5 de fevereiro em Panambi. Em 2009, o seminário ocorreu em Furtado, Santa Maria e Encantado.

Fasc seleciona para o 'Próximo Passo'

A Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) seleciona integrantes do Bolsa Família para o programa "Próximo Passo" de qualificação e inserção profissional em construção civil. Inscrições até 3 de fevereiro. São oferecidos cursos de pedreiro, assessor, capiteiro e armador. Ao final, é assegurado encaminhamento com salário inicial R\$ 700,00. É necessário ter mais de 18 anos e pelo menos a 4ª série do ensino fundamental completa.

Comitiva trará ideias mais simples para penitenciárias

MEIN BRAUN | edição especial

Depois de uma semana de viagens pela Inglaterra e Espanha, a comitiva gaúcha que visitou penitenciárias nesses dois países voltará para o Rio Grande do Sul com o objetivo de apresentar ideias mais simples para a área prisional. Entre as iniciativas está a possibilidade de uma realidade alternativa. Se por um lado tecnologia, inovação e novas concepções são caras e ainda são analisadas com cuidado, algumas ideias mais simples, porém não com menor impacto, podem ser aplicadas no Estado antes do lançamento do edital da parceria Público-Privada (PP) para a área prisional.

Entre as iniciativas está a possibilidade de uma realidade alternativa. Se por um lado tecnologia, inovação e novas concepções são caras e ainda são analisadas com cuidado, algumas ideias mais simples, porém não com menor impacto, podem ser aplicadas no Estado antes do lançamento do edital da parceria Público-Privada (PP) para a área prisional.

outras casas prisionais no Estado – o que deslocaria 751 policiais militares para outras funções.

Entre os fatos mais marcantes das visitas feitas está uma nova concepção de penitenciária, na qual – além da segurança – há a preocupação com a educação e com a dignidade do preso. Um conceito de mudança pode estar na execução de um projeto de integração entre pais apenados e seus filhos. Uma sala com equipamentos para gravar DVDs e CDs pode ser criada para que os presos gravem sua voz e imagem contando histórias infantis para seus filhos. A ideia, vista no presídio de Lowdham Grange, na Inglaterra, estreita os laços familiares e é saudável tanto para os pais quanto para as crianças. Entre os modelos de penitenciárias analisados, as espanholas chamaram a atenção da comitiva por se aproximarem da realidade brasileira. Ao todo, o grupo visitou três penitenciárias de parceria público-privada na Inglaterra, uma na Espanha e uma casa prisional

pública, também na Espanha.

A maior parte dos projetos analisados na Europa constitui-se de parcerias de, em média, 25 anos. A secretária-geral de Governo, Ana Pellini, afirma que a preocupação da comitiva está na gestão do projeto de construção de complexo prisional com vagas para 3 mil apenados. "Precisamos ter garantias de que a empresa que vencer o processo licitatório terá condições de gerir essa unidade de acordo com os padrões exigidos pelo governo do Estado", afirma Ana Pellini.

Para evitar problemas futuros, o diretor do Departamento de Captação de Recursos e Parcerias Público-Privadas, Charles Schramm, sugere criar mecanismos eficientes de controle dos contratos. "Pelo que vimos aqui, se o parceiro privado descumprir normas, ele é sujeito a sanções e, até, ao rompimento do contrato", disse. A comitiva gaúcha retorna ao Estado nesta segunda-feira. A previsão é que o edital de licitação seja lançado até março.

Programa Casa Lar faz convênios

A Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) firmou convênio com duas organizações sociais para o atendimento de crianças e adolescentes pelo programa Casa Lar, na Capital. Os acordos contemplam a abertura de sete novas unidades para abrigar vítimas de maus-tratos, abandono e negligência. As parcerias no convênio são a Ação Social de Fé, com duas casas, e Abrigo João Paulo II, responsável por cinco abrigos.

O investimento inicial da Fasc, com estrutura e equipamentos, foi de R\$ 300 mil. Para 2010, a prefeitura destinará o montante de R\$ 3.513.310,70 para o funcionamento de 28 casas lares. Atualmente, existem 18 unidades na Capital e a projeção é de que as outras dez sejam abertas em diferentes bairros da cidade até a metade de fevereiro.



Kevin Krieger

O presidente da Fasc,

Kevin Krieger, destacou a importância da iniciativa. "O que mais comoveu é o fato de que, após a abertura das novas casas, os atuais abrigos poderão voltar para suas capacidades normais, sem lotação", enfatizou. Os presidentes da Ação Social de Fé, Sérgio Silveira da Silva, e do Abrigo João Paulo II, irmão Lauri Carlesso, manifestaram interesse em se empenhar para colocar em prática o acordo. Inicialmente estava prevista a assinatura de convênio com a entidade Sempre Mulher, a qual executará três novas casas. Contudo, a assinatura foi adiada para o final deste mês. Com mais essa entidade, a prefeitura completará a iniciativa de abrir dez casas.

que estão sob medida de proteção aplicada pelo Juizado da Infância e Juventude. Elas são mantidas sob regime de coeducação, com a presença de um casal social selecionado pela entidade e um auxiliar de serviços gerais.

As casas lares têm estrutura de pequeno porte, com estilo de uma residência. Durante a estada nos abrigos – que, segundo diretrizes da política nacional da Assistência Social, deve ser a mais curta possível – crianças e adolescentes frequentarão escolas estaduais e municipais, serviços de apoio socioeducativo e de saúde na rede pública, além de atividades esportivas, de recreação e lazer.

Em vigor o agendamento telefônico de consultas

Está em vigor desde o dia 15 de novembro, que possibilita o agendamento telefônico de consultas para idosos e pessoas com deficiência em unidades de saúde em Porto Alegre. Conforme o autor da lei, o vereador Raul Toreilly Fraga (Dr. Raul), PMDB, a iniciativa tem como objetivo favorecer o atendimento no âmbito da comunidade que precisa com mais frequência de acompanhamento médico.

De acordo com o texto, para ter direito ao serviço os pacientes devem estar cadastrados no serviço de saúde onde for buscada a consulta. Além disso, a lei limita as marcações telefônicas a 20% das consultas disponíveis no local.

Quando foi atendido, o paciente deve comprovar o direito ao serviço com a apresentação de documento de identidade ou cartão do SUS. Já as unidades de saúde deverão oferecer, em local visível à população, o material indicativo sobre o conteúdo da nova lei.

do da nova lei.

Segundo o coordenador da assistência básica em saúde na Capital, Luiz Carlos Pallares, a determinação vai modificar o atendimento nas 50 unidades básicas e nas cem unidades de saúde da família. "Vamos passar por um período de adaptação, mas até o final deste mês o serviço deverá estar disponível", explica. O coordenador lembra que, mesmo com a mudança, os postos seguem atendendo a idosos e pessoas com deficiência em caráter de prioridade.

Conforme o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas de Porto



Al Alves Medeiros, autor da lei que atende a antiga reivindicação dos idosos

Alegre (Petaperga), Al Alves Medeiros, a lei 10.819 atende a uma antiga reivindicação dos idosos na Capital. De acordo com Adão Alcides Zanandrea, do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência, o Ministério Público poderá ser acionado quando for necessário.

Cremers dá prazo à superlotação

O Conselho Regional de Medicina (Cremers) vai esperar até terça-feira para que o Grupo Hospitalar Conceição (GHC) apresente soluções para os problemas de superlotação no setor de emergência do Hospital Conceição. O Cremers estipulou prazo de três dias úteis contados a partir de sexta-feira para que a direção da casa de saúde resolva a situação. Caso contrário, a entidade pretende interditar o local, proibindo a atividade dos médicos por falta de condições de trabalho. A possível medida não atingirá o restante do hospital. Com capacidade para 50 pessoas, foi constatado que o setor estava com 140 pacientes em leitos e macas.

Por meio da assessoria de imprensa, o GHC prometeu se manifestar depois que apresentar medidas ao Cremers. Conforme o presidente do Cremers, Cláudio Franzen, o objetivo é que sejam adequadas as condições de trabalho à capacidade

de atendimento da emergência do Conceição, ajustando o número de usuários que dependem do serviço à equipe de profissionais disponibilizada no setor e à estrutura física do local. "Se continuar na forma que está, não haverá outra alternativa a não ser a interdição", diz o dirigente. Franzen relata que pacientes encontram-se em macas encostadas uma às outras, sem condições para que os médicos cheguem próximo dos doentes.

O Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers) apóia a decisão do Cremers. Conforme o vice-presidente da entidade, Maria Rita de Assis Brasil, as demandas registradas na emergência do Conceição são consideradas um recorde, ao mesmo tempo que afrontam os direitos dos pacientes e impedem as atividades dos médicos. "Esperamos que os gestores da saúde, entre eles Município, Estado e União, abandonem a posição contemplativa", afirma.

Afavitam espera a ação do MPF

A Associação dos Familiares e Amigos das Vítimas do Voo Tam J3 3054 (Afavitam) espera que o Ministério Público Federal apresente os responsáveis pelo acidente que vitimou 199 pessoas e dois bebês em gestação em 2007. O inquérito realizado pela Polícia Federal, divulgado no final do ano passado, apontou o piloto e o copiloto como culpados.

O resultado da investigação não agradou aos integrantes do movimento. "O relatório foi vergonhoso. Tenho certeza de que a culpa não foi apenas dos comandantes, que nem estão aqui para se defender", disse o familiar de uma das vítimas

e assessor de imprensa voluntário da entidade, Roberto Gomes.

As esperanças da Afavitam, este ano, serão depositadas no MPF e no trabalho do procurador da República Rodrigo de Grandis. A partir de uma análise minuciosa dos fatos, o MPF poderá arguir o caso ou fazer uma denúncia formal contra os responsáveis. Segundo Gomes, a insistência por uma investigação mais ampla, na qual constem todos os possíveis envolvidos no incidente é uma forma de confortar os familiares. Conforme a TAM, até a última terça-feira foram firmados 192 acordos com as famílias das vítimas.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA

Ministério do Desenvolvimento Agrário

BRS 1
BOLSA REVENHA SEMPRE
GOVERNO FEDERAL

COMUNICADO

A Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária no Rio Grande do Sul convida, até o dia 27 de janeiro, os proprietários rurais a emitir o Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR) com a base do cadastro referente aos anos 2006 – 2009 sem ônus. Após esta data, haverá cobrança de multa e juros moratórios.

A inscrição pode ser feita pela internet, no site do Incra (www.incra.gov.br - bit.ly/www.incra.gov.br). É necessário fornecer o código do imóvel (que pode ser encontrado no CCIR anterior), o estado e o município de localização, além do CPF ou CNPJ do declarante.

A taxa de serviços cadastrais pode ser paga em agências ou terminais de auto-atendimento da Caixa Econômica Federal, lotéricas, bilhete e pontos de venda credenciados pelo banco ou pelo internet Banking Caixa. O valor é calculado em função do tamanho do imóvel, em hectares. O documento só é válido acompanhado do comprovante de quitação.

Caso o imóvel tenha algum impedimento para emissão do CCIR, ele não estará disponível para impressão. O proprietário deve procurar a Unidade Municipal de Cadastro (UMC) mais próxima ou o InovARS para orientações.

Mozar Artur Dietrich
Superintendente Regional
INCRARS

Notícias > Polícia

Comitiva gaúcha retorna e apresenta relatórios sobre presídios

Grupo esteve na Grã-Bretanha e na Espanha para avaliar experiências de Parcerias Público-Privadas

Nem bem desembarcaram no Aeroporto Internacional Salgado Filho, na manhã desta segunda-feira, os integrantes da comitiva gaúcha, que foi para a Europa conhecer as experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios da Grã-Bretanha e Espanha, já tiveram uma reunião para preparar relatório a ser apresentado a governadora Yeda Crusius.

Cada integrante apresentará suas considerações sobre o que encontrou e o que pode ser aplicado no RS. Haverá a consolidação em um único documento, pela Secretaria de Planejamento e Gestão, que conterà as conclusões do grupo.

"A gente tem de aprender com quem sabe, disse o secretário de Planejamento, Mateus Bandeira. "Copiar sim, mas aprimorando as experiências já consagradas", acrescentou. Bandeira disse que solicitou parceria do Ministério Público e do Tribunal de Justiça para que as metas que envolvam as PPPs sejam alcançadas. O juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann, integrante do grupo, ressaltou serem fundamentais três pontos: respeito, disciplina e gestão. "O Estado deve estar presente no Sistema Prisional, fazendo o que é de sua competência na parceria", enfatizou.

O secretário da Administração e dos Recursos Humanos, Elói Guimarães, disse ser importante a busca pela solução dos problemas encontrados nos presídios gaúchos, mas sem esquecer a reinserção social. O secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte, foi na mesma linha: defendeu que o Estado deve encarar de frente os problemas, pois é isso que a sociedade espera.

O Correio do Povo acompanhou, através da repórter Helen Braun, a viagem da Comitiva estadual integrada pela secretária-geral de Governo, Ana Maria Pellini, o secretário de planejamento e Gestão, Mateus Bandeira; o secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte; o secretário da Administração e dos Recursos Humanos, Elói Guimarães; o superintendente dos Serviços Penitenciários, Mário Santa Maria Júnior e o comandante geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes.

Polícia

por Paulo Mendes

Colisão destrói família em Santa Catarina

■ Cinco pessoas da mesma família morreram numa colisão frontal entre um Fiat Uno e um caminhão, ontem, em Santa Catarina. Os mortos, todos ocupantes do carro, foram identificados pela Polícia Rodoviária Federal como Ademar Meneghini, 39, sua mulher, Sylei Perka Meneghini, 35, e as filhas, Larissa, 11, Laura, 9, e Letícia, 7. O acidente ocorreu no quilômetro 95 da BR 153, em Canoelândia. O motorista do caminhão não ficou ferido.

Traficantes se enfrentam

■ Confronto entre traficantes, na tarde de domingo, assolou moradores das vias Cachorro Sentado e Campo da Taca, na zona Leste de Porto Alegre. Um homem foi morto e outro está internado no Hospital São Lucas. A Brigada Militar foi acionada e fez buscas no local. No final da tarde o clima já era mais calmo. Ninguém foi preso.

Casal assaltado na beira da praia

■ Um casal de jovens foi assaltado quando caminhava na beira da praia em Capão da Canoa, Litoral Norte, na madrugada de ontem. Dois homens roubaram celulares, dinheiro e roupas das vítimas. Logo após o ataque, PMS detiveram um suspeito, que estava em liberdade provisória há poucos dias. Ele cumpria pena em regime semiaberto na Penitenciária Modulada de Osório. O outro assaltante não foi localizado.

Acidentes de trânsito matam seis

O trânsito vitimou seis pessoas entre o início da tarde de sábado e o final da noite de ontem no Rio Grande do Sul. Em Ivoti, no quilômetro 16 da RS 885, Maria Sílvia Jardim, 30, morreu calcada após perder o controle do Chevrolet que dirigia. Desgovernado, o carro invadiu a pista contrária e colidiu frontalmente com um caminhão. Com o impacto, o automóvel incendiou, causando Jardim. O caminhão sofreu lesões leves. Já em Dois Lajeados, no quilômetro 103 da ERS 129, a colisão frontal entre uma moto com Santana vitimou o motorista Luciano Elias Grando, de Santana do Livramento, e Audi capotou na estrada perto Braz, nas proximidades da sede campestre do Clube Canieiral. Marcelo Mendonça Pinto, 24, que estava no banco traseiro teve morte instantânea. Os outros cinco ocupantes permanecem internados no Centro Hospitalar San-

tanense. A capotagem ocorreu ao término de uma festa. Um choque frontal entre dois veículos resultou na morte de Eleanora Machado, de 32 anos, condutora de um Chevette com placas de Palmeira das Missões. No acidente, ou-

tras quatro pessoas resultaram feridas, todas ocupantes de um Fiat Uno de Santo Ângelo. O acidente ocorreu no quilômetro 75,6 da BR 488, em Campo Novo. Segundo a Polícia Rodoviária Federal, o Chevette trafegava no sentido Palmeira das

Missões-Três Passos e teria invadido a pista contrária. Eleanora morreu com o choque. Ficaram gravemente feridos o motorista do Uno, de 23 anos e os outros três ocupantes do veículo.



Em Ivoti, Chevette bateu em caminhão, pegou fogo e condutor, pai de três filhos, morreu

Um acidente na madrugada de domingo deixou duas vítimas fatais na ERS 122, em Farroupilha. Um Vectra trafegava pela rodovia sentido São Vendelino-Farroupilha, quando o condutor perdeu o controle em uma curva de km 44 e caiu em um barranco de aproximadamente 15 metros. Os cinco passageiros foram arremessados do veículo e dois morreram: Teresinha de Fátima Campos, 38 anos, e Lázaro dos Santos Silva, 21 anos. Ambos foram conduzidos até o Hospital São Carlos, em Farroupilha, mas não resistiram aos ferimentos. Segundo informações da Polícia Rodoviária, o carro estava em alta velocidade. Os outros três ocupantes tiveram ferimentos e foram encaminhados a hospitais da região.

Jovem leva tiro em boate em S. Paulo

Morreu, na noite de sábado, Edmar Lopes Júnior, 15 anos, que foi atingido por um tiro na cabeça na madrugada do mesmo dia, durante tumulto numa boate de Ribeirão Preto, interior paulista. A vítima foi internada na Santa Casa, mas não resistiu aos ferimentos. O principal suspeito do disparo é Alan Carlos Oliveira Nogueira, de 29 anos, segurança da boate TNT Mix, que foi preso horas após o crime. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública, a confusão na casa noturna ocorreu depois que o banheiro masculino foi quebrado. Testemunhas disseram à Polícia que um dos segurantes atirou duas vezes. Edmar Lopes, pai do adolescente, disse que vai buscar justiça. Antes do sepultamento, a pedido do pai, os presentes cantaram parabéns, porque Edmar faria 16 anos na próxima sexta-feira, 29. Depois, as cerca de 100 pessoas que estavam no Cemitério da Saudade gritaram por justiça.

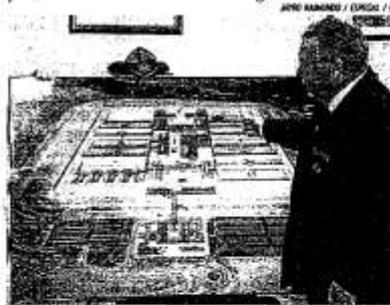
Fim de semana violento no Estado

Pelo menos nove homicídios foram contabilizados neste final de semana no Estado. Na tarde de ontem, dois assassinatos ocorreram em Capital. O corpo de um homem, de 40 anos, foi encontrado em um valão, na esquina da rua Mata Coelho com rua Quaraí, no bairro Nonoai. Não há pista sobre o crime. Na zona Leste, um jovem de 18 anos foi morto por dois homens, que passaram pela vítima em uma motocicleta, e o carro desferiu os órgãos. O crime ocorreu na esquadra rua Barão do Amazonas com rua Amaral, no bairro Partenon. Delegacia de Homicídios investiga o caso. Os jovens Anderson Rodrigues Farias, 18, e Felipe Vargas Ribeiro, 17, foram mortos a tiros às 22h30min de ontem em Estelão. O crime ocorreu no interior de uma casa na avenida Porto Alegre, no bairro Jardim Planalto. Os rapazes, que não possuíam antecedentes crimi-

nais, foram assassinados em circunstâncias ainda não esclarecidas pela Polícia. Agentes da DP de Estelão esperam que o autor se apresente hoje para prestar esclarecimentos. Ainda na madrugada de domingo, Márcio Rodrigues de Rodrigues, 32, foi morto a facadas no bairro Vila Betânia, em Uruguaiana. No sábado, o corpo de um homem branco, usando calça e tênis pretos e camiseta amarela, foi encontrado em adiantado estado de decomposição no Passo do Carrioca, em Sapucaia do Sul. O cadáver estava preso em galhos. Em Guaíba, no bairro Co-hab, Gregori Nunes Dornelles, 20, foi assassinado por dois ciclistas. Em General Câmara, Joubert Leão da Conceição, 35, foi assassinado com um tiro de espingarda na cabeça. No final da noite de sexta-feira, em Crissiumal, um PM matou a tiros um homem de 30 anos que, armado, ameaçava um morador do distrito de Vila Bender.

Jovem gaúcho de 22 anos cumpre pena na Espanha

■ HELEN BRAWN | Especialista
Dos 75 mil apenados que cumprem pena na Espanha, cerca de 40% são estrangeiros. Entre eles, está um jovem gaúcho de 22 anos, natural de Gravataí. Condenado por dois roubos feitos na Espanha, ele já cumpriu, no Centro Penitenciário de Botafogo, localizado na



Diretor de Presídio de Botafogo, em Algeciras, Francisco Marquez

cidade espanhola de Algeciras, três dos sete anos e seis meses a que foi condenado. Quando encontrou a comitiva do governo do Estado, o jovem começou a conversar em "portunhel". A comitiva gaúcha conheceu presídios privados e este estatal, em Algeciras, inaugurado em 2000, que abriga mais de 1,5 mil apenados, homens e mulheres, supervisionados por 404 funcionários. A maior parte dos servidores tem curso superior e o salário inicial é de 1,6 mil euros (R\$ 4,4 mil). O rapaz de Gravataí diz que após concluir o ensino médio, juntou dinheiro e, auxiliado pelos pais, foi para a Espanha. Por um ano, trabalhou em restaurantes e bares, mas não conseguiu regularizar sua situação de imigrante. Sem dinheiro, com dificuldade para falar o idioma e manter-se empregado, acabou cometendo dois roubos e foi condenado pela Justiça Espanhola. Ele tem direito a dez ligações por semana para a família, que não vê há quatro anos, mas prefere que os pais não o vejam nessa situação. "Cumprir pena aqui não é bom, mas, pior seria fazer isso no Brasil. Pelo menos, aqui, eles te respeitam e dão algum tipo de aprendizagem", disse. Ele já fez oficina de carpintaria e trabalha na cozinha. No sábado, a Comitiva visitou no Centro Penitenciário Modelo de Reclusos Jovens Teresa de Calcutá, em Madrid. O grupo retorna hoje ao RS.

Nilda (Bijú), os filhos Telma, Talita e Geraldo, a nora Maria Teresa, os netos Mateus e Ana Paula, Lúcio, Franco e Melissa, Guilherme, Eduardo e Arthur, com tristeza comunicam o falecimento de

Victor Mabilde Ripoll
(prof. Ripoll)

e convidam para a missa de 7º dia a ser realizada nesta quarta-feira, dia 27, às 18h30min na Igreja Sto. Antônio do Pão dos Pobres, Rua da República 838, Cidade Baixa.

A família agradece o carinho dos amigos, em especial à Lena.

Ação da Brigada impede tragédia na praia de Torres

■ Depois de mais de duas horas de negociação, a BM evitou que um jovem, de 22 anos, se suicidasse, ontem, no município de Torres. Motivado por uma briga com a ex-mulher, um pedreiro disse que iria se atirar de uma altura de 35 metros do "Tacho", no Muro das Furnas. A família avisou a Polícia que isolou a área do Parque da Guarita. Depois de muita conversa, o rapaz desistiu do ato. Separados desde novembro, a ex-mulher disse que se encontrava com o jovem esporadicamente. Ele foi levado ao hospital e depois à delegacia.



Polícia

Operações policiais com boia Paulo Mendes

Casal de gaúchos preso em Santa Catarina

Um casal de gaúchos foi preso ontem, pela Polícia Rodoviária Federal, com cerca de 1 quilo de cocaína, na BR 101, em Itape- ma, Litoral Norte de Santa Catarina. A droga está transportada em um Gol, com placa de Canoas. O motorista, de 23 anos, e a passageira, 58, tinham ainda R\$ 12,7 mil em dinheiro. Em Arruaí (MT), um homem de 28 anos foi flagrado transportando 57,8 quilos de maconha em uma caminhonete Ford Courier.

Duas pessoas morrem afogadas

O mar fez ontem a 6ª vítima ao litoral gaúcho. Wilson Cambruzzi, de 51 anos, afogou-se em Xan- gá-Lá, às 17h30min, e morreu duas horas depois, no Hospital Santa Luzia, em Capão da Canoa. Em São Gabriel, os bombeiros resgataram o corpo de Antonio Lima da Silva, 22, desaparecido segunda- feira nas águas do balneário Povo do Fim.

Filho de coronel é vítima de sequestro

Mozart de Leon, filho do coronel Moacir de Leon, foi vítima de sequestro relâmpago, ontem, na Capital. A abordagem ocorreu por volta das 12h, por dois homens armados na porta de seu trabalho, no bairro Petrópolis. Colegas que viram o sequestro ligaram para o pai da vítima que contactou a BM. Na avenida Francisco Tein, bairro Cristo Redentor, os assaltantes foram des- tos. A dupla, de 28 e 25 anos, tem antecedentes crimina- is.

Operação do BOE prende oito na Cachorro Sentado

Oito criminosos com farto arma- mento e munição foram presos na madrugada de ontem na vila Cachorro Sentado, na avenida Juruá, bairro Partenon, na Capital. A captura ocorreu durante ação do 1º Batalhão de Operações Especiais (1º BOE) da Brigada

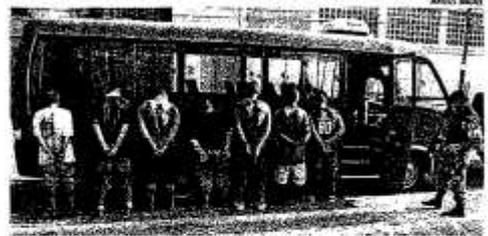
Militar. O efetivo, em torno de 20 policiais militares, apreendeu quatro pistolas, sendo três calibre 9 milímetros e uma calibre 380, com cinco carregadores e cerca de 50 munições, além de três toucas-ninja, um radiocomunicador, um colete à prova de balas, dois celulares, 28 pe-

dras de crack e dinheiro. No momen- to da abordagem aos criminosos, ocorreu um breve tiroteio. Os deli- dos seriam ligados ao traficante Ju- ra, do Campo da Tuca, que se en- contra foragido do regime semiaberto desde abril do ano passado e está entre os indicados no caso do as- sassinato do vice-presidente do Cre- mens, Marco Antônio Becker.

A ação foi realizada após o recru- descimento da guerra pelo narco- tráfico na vila Cachorro Sentado, onde Jura teria assumido o controle, após a expulsão dos traficantes lo- cais conhecidos como Cara Suja e Mega. Estes tentam agora retornar, com apoio do pessoal da vila Farra- pos. No domingo passado, um con- fronto resultou em uma pessoa mor- ta e outra ferida. Já na segunda-fei- ra, os policiais militares do 19º BPM prenderam dois criminosos que abandonaram um Celta na fuga. Com a dupla, foram apreendidos, na ocasião, um revólver calibre 38, uma pistola calibre 9 milímetros, um colete à prova de balas e a quan- tia aproximada de 60 munições.



Foram apreendidos quatro pistolas, farto munição, toucas, colete, celulares e rádio



Sete criminosos foram resgatados por um micro-ônibus da Brigada Militar

'BM não se intimida', diz capitão

Responsável pela operação, o ca- pitão Darel Buga observou que os acessos para a vila Cachorro Senta- do estavam com barricadas feitas de carroças, blocos de concreto e troncos de árvores. "A BM não vai se intimidar", assegurou o oficial, prometendo novas investidas na área. De acordo com o capitão, as pistolas de calibre 9 milímetros são de uso restrito e uma delas ostenta- va o símbolo do Exército Brasileiro, enquanto outras vieram contraban- deadas do exterior.

Entre os detidos, estava um ado- lescente que foi encaminhado ao De- partamento Estadual da Criança e Adolescente (Deca). Já os outros sete criminosos, incluindo um foragido do regime semiaberto desde setem- bro do ano passado, foram levan- dos ao amanhecer de ontem em um micro-ônibus da BM para a 3ª Dele- gação de Polícia de Pronto Atendi- mento (3ª DPPA). Dois deles apare- cem em uma foto recolhida na qual posam com espingarda calibre 12.

Acidente no Pará foi durante pouso

O acidente com o avião bimotor da empresa Pijalutaba Taxi Aéreo, no Pará, ocorreu no início da pista onde a aeronave pousaria instantes antes de concluir o voo. A informa- ção foi prestada pelo comandante do Corpo de Bombeiros de Altamira, no Pará, Almir Gouveia.

O avião, que bateu parte das asas e a cabine de comando, transpor- tava oito passageiros e dois tripulan- tes. Os corpos das vítimas – o empresário Luis Rebelo e o piloto identificado como comandante Na- varro – foram liberados para os fa- miliares. Os sobreviventes foram le- vados para o Hospital Regional de Altamira e passam bem. O bimotor permaneceu no local do acidente pa- ra facilitar os trabalhos da perícia.

Começa curso para agentes da Susepe

A Brigada Militar deu início on- tem a curso de aperfeiçoamento de agentes penitenciários e agentes administrativos penitenciários da Su- sepe. O evento foi realizado no com- plexo do Departamento de Exatos, e contou com a presença da governa- dora Yeda Crusius, além do secreta- rio de Estado da Segurança Pública, Edson Goularte e do comandante- geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes.

O curso, que será realizado pela Secretaria da Segurança Pública por meio da Brigada Militar e da Su- perintendência dos Serviços Penite- nciários, está integrado ao Projeto de Reconstrução dos efetivos da Segura- nça Pública, do Programa Estru- rante Cidadão Seguro.

Brigada ocupa Nazaré para inibir guerra do tráfico

A vila Nazaré, na avenida Sertório, foi ocupada, na noite de ontem, pelas Patrulhas Especiais do 1º Bata- lhão de Operações Especiais e pelo setor de inteligência do Comando de Policiamento da Capital, da Brigada Mi- litar. Três traficantes foram presos com uma pisto- la calibre 40 de uso restrito, um revólver calibre 380 e cerca de 50 munições e dois radiocomunica- dores, além de inúmeros documentos e placas de veí- culos. A ação teve como objetivo inibir a guerra travada entre as vilas Nazaré e Dique pelo tráfico de drogas. A liderança no local é exercida por um traficante conhecido como Neri, preso no final de 2008.

Um dos detidos ontem, conhecido como Josi, acusado de assassinar inimigos. Conforme a polícia, ele e um cúmplice, também detido nesta ter- ceira, eram do grupo da vila Dique, mas teriam se aliado aos traficantes da Nazaré. Capturado em ação do Denare da Polícia Civil em dezembro de 2008, em Cachoeirinha, Neri mantinha relaciona- mento com as facções do PCC, em São Paulo, e

Adá, no Rio, trocando drogas por armamento. Ele tam- bém é suspeito de mandar assassinar o líder anterior da vila Nazaré, seu antigo patrão Lampião, a esposa, um irmão e um homem da confiança dele.



Ação de ontem resultou em apreensão e captura de três traficantes

Acidente com van deixa 12 feridos

Um acidente com uma van de Ro- ma deixou feridas 12 das pessoas que estavam no seu inte- rior. O acidente ocorreu no km 107 da BR 290, quando o motoris- ta tentou evitar o choque com um an- tigo caminhão que atravessava a pista, caiu no barranco. Era Farrouplha, 37 anos, atropelado na manhã de segunda-feira, no km 6 da estrada dos Romeiros. Em Caxias do Sul, está na penitenciária Indus- trial, o motorista que atropelou e matou o funcionário público Roque Ri- beiro, de 44 anos. O autor confesso do acidente, de 18 anos, conduzia o Es- cudo atingiu a vítima e arrastou-a por 25 metros.

Homem mata ex-mulher em Pinheiro Machado

Um homem de 44 anos atirou contra sua ex-mulher, de 54 anos, em Pinheiro Machado, no final da tarde de ontem. A vítima chegou a ser socorrida, mas não resistiu aos ferimen- tos. O acusado tentou se matar, foi encaminhado ao pronto-socorro de Polícia e está internado. Segundo a Polícia, a mulher já havia registrado ocorrência contra o ex-marido.

Amaldo, Carlos Eduardo, Claudia, Rosângela, Carolina, Natália, Isadora e Paula, esposo, filhos, noras e netas participam do falecimento da sempre amada,

Layr Lopes Magarinos de Souza Leão

e convidam para cerimônia de cremação a ser realizada hoje, dia 27 de Janeiro, no Crematório Metropolitano às 16h. O corpo está sendo velado a partir das 9h na capela 4. Antecipam agradecimentos.

PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO E CONVITE PARA ENTERRO

A viúva Seila, os filhos Marcelo, Cristina e Maurício, as noras Aline e Rosana, o genro Paulo Gregório, os netos Leonorco, Gabriel, Laura, Eduarda e Francisco, e cunhada Lucio e demais familiares do muito querido,

Iléo Elói Della Giustina

com pesar, comunicam o seu falecimento. Altos Fúnebres no salão nobre do cemitério Jardim da Paz. Sepultamento às 17 horas do dia 27.01.2010. Jamais esqueceremos do teu exemplo de vida, amor e dignidade.

Porto Alegre 27 de Janeiro de 2010.

PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO E CONVITE PARA ENTERRO

Della Giustina, Hoffmann & Vianna de Souza – Advogados e Consultores participam com inenso pesar o falecimento de

Iléo Elói Della Giustina

ocorrido em 26/01/2010. Consternados, alcançamos a todos os familiares, na figura dos nossos queridos sócios Marcelo e Maurício Della Giustina, o mais profundo desejo de força e serenidade para enfrentamento desta irreparável perda.

Porto Alegre 27 de Janeiro de 2010.

Publicação: 12.01.10-21:19

Iniciada construção de albergue penitenciário em Venâncio Aires

Foram iniciadas nesta semana, em Venâncio Aires, as obras de construção de albergue no Instituto Penal de Mariante. As instalações terão capacidade para 85 apenados, e a previsão é de que sejam entregues em 180 dias.

O valor licitado foi de aproximadamente R\$ 843 mil, para construção de um albergue padrão com área total de 954 metros quadrados. A obra faz parte de um conjunto de realizações do governo do Estado dentro do Programa Estruturante Cidadão Seguro, que prevê reformas e melhorias em diversos albergues e penitenciárias do Rio Grande do Sul. Ao todo, são 32 obras emergenciais em presídios no Estado, totalizando investimento de cerca de R\$ 35 milhões.

Publicação: 15.01.10-18:20 Atualização: 15.01.10-22:38

Representantes do Judiciário elogiam ações do governo do Estado no sistema prisional



Secretários estaduais e representantes do Judiciário estiveram no Albergue da Penitenciária do Jacuí. Obras Emergenciais do Sistema Prisional Gaúcho são elogiadas pelo Judiciário

Representantes do Judiciário elogiam obras do Estado no sistema prisional

O coordenador do Centro de Apoio Criminal do Ministério Público, Fabiano Dallazem, e o corregedor-geral de Justiça, desembargador Luiz Felipe Brasil Santos, elogiaram, nesta sexta-feira (15) à tarde, as ações do governo do Estado para solucionar o déficit de vagas e melhorar o sistema penitenciário gaúcho. Durante visita ao Albergue da Penitenciária Estadual do Jacuí, construído pelo governo do Estado em caráter emergencial, em Charqueadas, Dallazem afirmou: "Isto é um alento, pois os projetos começam a se concretizar, em prazo curto, que estão sendo cumpridos. A obra é criativa, o que desenvolve um clima de entusiasmo e parceria. O Poder Executivo está dando respostas concretas às vagas necessárias e exigidas pelo Ministério Público."

Já o corregedor-geral de Justiça disse ter ficado muito satisfeito "por perceber, concretamente, respostas às pressões que o Judiciário fez". "O espírito que nos move é de parceria e de encontrar soluções para o problema. Estamos vendo o atendimento à nossa necessidade mais premente e enxergando os resultados. Queremos nos congratular com o Poder Executivo pela decisão política da governadora e a capacidade operativa de seu governo para enfrentar o problema", ressaltou o desembargador Santos.

Participaram da visita secretários estaduais e representantes do Ministério Público e do Poder Judiciário. O Albergue da Penitenciária Estadual do Jacuí é o primeiro dos oito albergues anunciados pela governadora Yeda Crusius, em dezembro, com o objetivo de zerar o déficit prisional do sistema semiaberto no Rio Grande do Sul. No total, a construção dos oito pavilhões, até fevereiro, vai gerar 1,2 mil novas vagas. A construção das unidades partiu de dados levantados pela Força-Tarefa para Criação, Recuperação de Vagas e Aparelhamento do Sistema Prisional Gaúcho, instituída pela governadora em outubro de 2008, com a finalidade de tirar o sistema prisional gaúcho da situação de emergência. Na época, o Estado tinha 27.146 mil homens e mulheres no conjunto do sistema carcerário, com capacidade para 17.109 vagas, num déficit superior a 10 mil vagas.

Entre obras em andamento, em processo de licitação e contratação, obras com ordem de início de serviços, emergenciais e outras vagas, entregues desde o início do trabalho da Força-Tarefa, estão sendo investidos R\$ 333 milhões para gerar cerca de 12 mil vagas.

Ao longo do último ano, o governo do Estado trabalhou com determinação para agilizar processos e melhorar a dramática situação das prisões gaúchas. Em dezembro passado, foi anunciado o encaminhamento de uma

solução para o regime fechado do Rio Grande do Sul a partir de 2010, com a projeção de 4,6 mil novas vagas, além das 4.581 já criadas ou em andamento.

O governo implantou, ainda, sete Equipes de Saúde Prisional e outras oito estão em fase de implantação. Também foram liberados recursos para a construção de alas hospitalares exclusivas para atendimento à população prisional, somando 51 leitos, além da instalação de um Laboratório de Diagnóstico e Análise de Tuberculose e HIV.

Uma alternativa para o problema, em fase adiantada, é um conjunto de presídios a ser construído na modalidade de Parceria Público-Privada (PPP). O governo já definiu o modelo e falta delimitar a área para lançar o edital. A expectativa é de que possa ser lançado até março.

Comitiva viaja à Europa em busca de experiências de PPPs em presídios

Uma comitiva de Grupo Especial viaja, neste sábado (16), à Europa para conhecer experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios da Inglaterra e Espanha, e obter subsídios para aperfeiçoar a modelagem a ser adotada no Estado. Inicialmente, serão visitados presídios na Inglaterra. São eles: HMP Altcourse, HMP Lowdham Grange, e o HMP Bronzefield.

Nos últimos dias de visitação, 21, 22 e 23, a equipe vai para a Espanha, onde se iniciam as visitas pelo Centro Penitenciário de Botafogo, seguindo pelo Centro de Reclusión de Menores La Marchenilla e Centro Penitenciário Modelo de Reclusos Jovenes Teresa de Calcutá, na Espanha.

Comitiva viaja à Europa em busca de experiências de PPPs em presídios

Uma comitiva gaúcha, sob coordenação do secretário de Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira, viaja, neste sábado (16), à Europa para conhecer experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios da Inglaterra e da Espanha. Na visita, serão colhidos subsídios para aperfeiçoar a modelagem a ser adotada no Estado - após a recente inclusão do primeiro projeto na área de segurança pública - e para implementação de complexo penitenciário, nesta modalidade, na região metropolitana de Porto Alegre.

A governadora Yeda Crusius destaca que uma PPP nesta área contribuirá, sobremaneira, para atingir o objetivo estabelecido em ações do governo, de zerar o déficit de vagas prisionais ao longo deste ano e de 2011.

Integram a comitiva, o secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte; o superintendente dos Serviços Penitenciários, Mário Santa Maria Júnior; o comandante-geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes; a secretária-geral de Governo, Ana Maria Pellini; e o secretário da Administração e dos Recursos Humanos, Elói Guimarães.

A convite da governadora Yeda Crusius, participarão também o Ministério Público Estadual e o Tribunal de Justiça, representados pelo subprocurador-geral de Justiça para Assuntos Institucionais, Luiz Carlos Ziolkowski, e o juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann.



Comitiva do Estado prepara visitas a presídios administrados por meio de PPPs

A comitiva gaúcha que foi para a Europa conhecer as experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios do Reino Unido e Espanha, desembarcou às 13h30min (hora local), no Aeroporto Internacional Heathrow, em Londres.

Em reunião na tarde deste domingo (17) ficou acertada a agenda de visitas, que se inicia na manhã de segunda-feira (18), em reunião com integrantes da Partnerships UK (PUK), PPP que nasceu como força-tarefa do Tesouro inglês para auxiliar no processo de privatização de serviços públicos naquele país. A PUK oferece consultoria a países e estados na estruturação de suas áreas técnicas de PPP bem como na formulação e análise dos projetos propostos.

À tarde, a comitiva gaúcha se reúne com a National Offender Management Service (NOMS), agência vinculada ao Ministério da Justiça inglês, que atua na administração dos serviços penitenciários. Tem a responsabilidade de contratar e oferecer serviços de administração penitenciária.

O secretário de Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira, lembrou que a intenção da comitiva é obter, junto a experiências de parcerias existentes na Inglaterra e na Espanha, subsídios para aperfeiçoar a modelagem a ser adotada no Estado, visando à implementação de complexo penitenciário nesta modalidade, na região metropolitana de Porto Alegre. Lembrou que a proposta vem ao encontro dos objetivos da governadora Yeda Crusius, de zerar o déficit de vagas prisionais no Rio Grande do Sul.

Integram a comitiva o secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte, o superintendente dos Serviços Penitenciários, Mário Santa Maria Júnior, o comandante Geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes, a secretária-Geral de Governo, Ana Maria Pellini, e o secretário da Administração e dos Recursos Humanos, Elói Guimarães. A convite da governadora participam também o Ministério Público Estadual e o Tribunal de Justiça, por meio do subprocurador-geral de Justiça para Assuntos Institucionais, Luiz Carlos Ziolkowski, e do Juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann.

Roteiro de visita

18 de janeiro (segunda-feira) - Londres

Partnerships UK (PUK)

National Offender Management Service (NOMS)

19 de janeiro (terça-feira) - Londres - Liverpool

Visita ao presídio HMP Altcourse, inclui almoço

20 de janeiro (quarta-feira) - Londres - Nottingham

Visita ao presídio

21 de janeiro (quinta-feira) - Londres - Madri

Visita ao presídio

22 de janeiro (sexta-feira) - Madri - Sevilha (Algeciras) - Madri

HMP Bronzefield

HMP Lowdham Grange

Visita ao Centro Penitenciário de Botafogo - Algeciras

Visita ao Centro de Reclusión de Menores La Marchenilla - Algeciras

Reunião com o diretor-gerente do Centro Penitenciário

23 de janeiro (sábado) - Madri

24 de janeiro (domingo) - Madri - São Paulo

Comitiva gaúcha se reúne com executivo da Partnerships UK

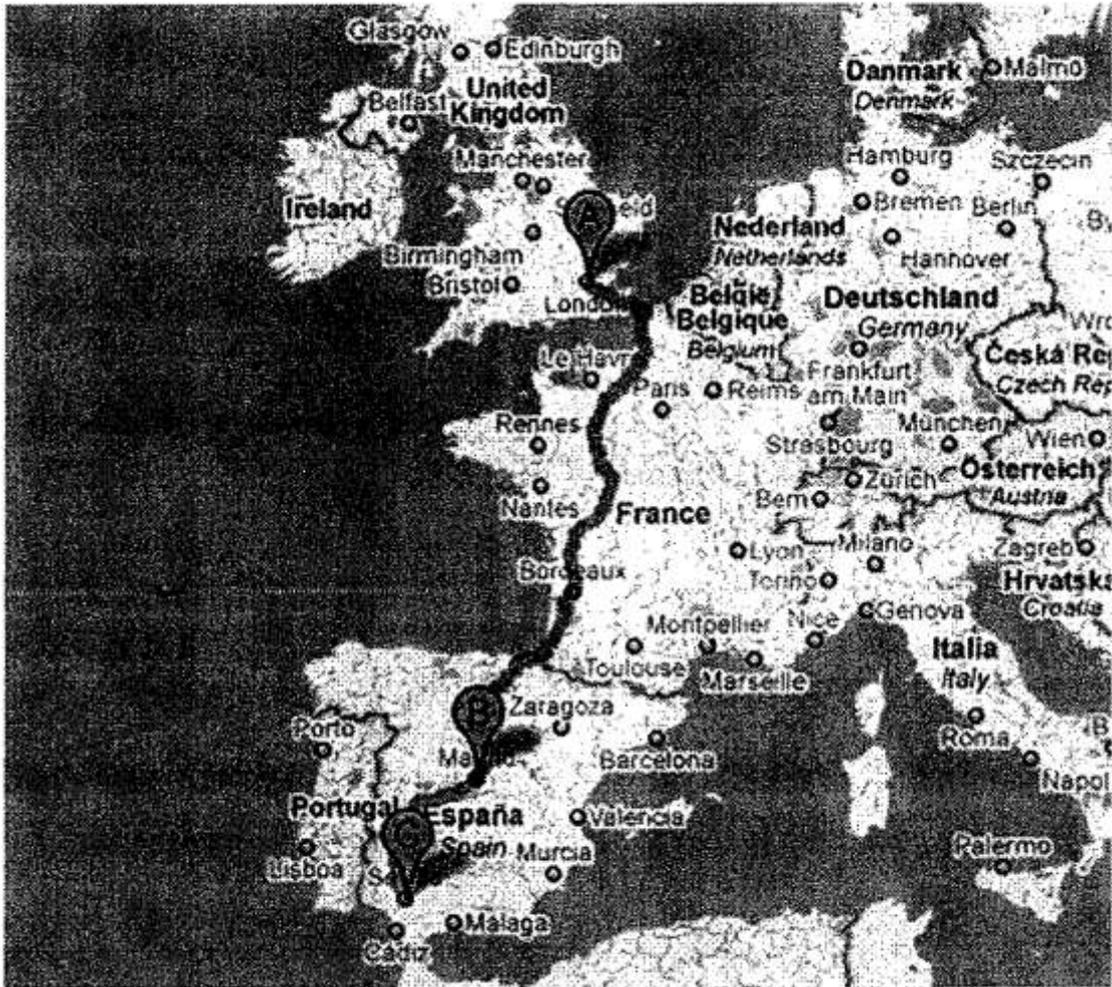
A comitiva gaúcha que está na Europa para conhecer as experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios participou na manhã desta segunda-feira (18) de reunião com o diretor da Partnerships UK (PUK), Ed Farquharson. Em encontro que durou mais de três horas – das 9h45min às 13h (horário local) –, os gaúchos apresentaram o Estado, suas potencialidades e o fato de ele ter recuperado credibilidade, tornando-se bom pagador e de ter recebido empréstimo do Banco Mundial, bem como o fato de a governadora Yeda Crusius ter priorizado o sistema prisional.

Ed Farquharson, por sua vez, demonstrou conhecimento sobre o Estado e ressaltou que a PUK, que já atua em dezenas de países, como Bélgica, Canadá, Áustria e Bulgária, entre outros, tem interesse no Brasil e isso pode ser feito com o desembarque no Rio Grande do Sul. Além de prisões, a empresa desenvolve projetos na área de educação, principalmente com jovens. A Partnerships UK nasceu como força-tarefa do Tesouro inglês para auxiliar no processo de privatização de serviços públicos naquele país. A PUK oferece consultoria a países e estados na estruturação de suas áreas técnicas de PPP bem como na formulação e análise dos projetos propostos.

O secretário do Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira, destacou que a proposta da PPP vai ao encontro dos objetivos da governadora Yeda Crusius, de zerar o déficit de vagas prisionais no Rio Grande do Sul, bem como garante que a responsabilidade sobre o preso permanece sendo do poder público. À tarde, o grupo se reúne com representantes da National Offender Management Service (NOMS), agência vinculada ao Ministério da Justiça inglês, que atua na administração dos serviços penitenciários. O órgão tem a responsabilidade de contratar e oferecer serviços de administração penitenciária.

A intenção da comitiva é obter, junto a experiências de parcerias existentes na Inglaterra e na Espanha, subsídios para aperfeiçoar a modelagem a ser adotada no Estado, visando à implementação de complexo penitenciário nesta modalidade, na região metropolitana de Porto Alegre.

Integram a comitiva o secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte, o superintendente dos Serviços Penitenciários, Mário Santa Maria Júnior, o comandante Geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes, a secretária-geral de Governo, Ana Maria Pellini, e o secretário da Administração e dos Recursos Humanos, Elói Guimarães. A convite da governadora participam também o Ministério Público Estadual e o Tribunal de Justiça, por meio do subprocurador-geral de Justiça para Assuntos Institucionais, Luiz Carlos Ziolkowski, e do Juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann.



Estado deve lançar licitação para parceria público-privada em presídio já neste trimestre

O primeiro dia de trabalho da comitiva gaúcha de secretários estaduais designada pela governadora Yeda Crusius para conhecer experiências de parcerias público-privadas (PPPs) em presídios na Europa foi considerado extremamente positivo. Depois de reuniões com executivos da Partnerships UK (PUK) e da National Offender Management Service (NOMS), o secretário de Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira, destacou que a proposta de PPPs vem ao encontro dos objetivos da governadora Yeda Crusius de zerar o déficit de vagas prisionais no Rio Grande do Sul, com o Poder Público mantendo a responsabilidade sobre o preso. A meta é lançar a licitação para construção de nova penitenciária na Região Metropolitana de Porto Alegre, pelo sistema de PPP, ainda neste primeiro trimestre.

"Estamos aprimorando o nosso projeto. Concluídas as minutas do edital, levaremos o processo para consulta pública ainda no mês de fevereiro, ou o mais tardar em março", afirmou Bandeira. Ele explicou que, obedecendo ao prazo legal, o processo ficará cerca de 30 dias em consulta pública, com a realização de audiências. "Esta será a oportunidade de a sociedade se manifestar e, com isso, teremos tempo para a adaptação final e de receber sugestões", disse o secretário.

Depois, segundo Bandeira, será iniciado um processo formal de competição para selecionar o parceiro privado, ou os parceiros, em um consórcio que será responsável pelo financiamento, pelo desenho e pela construção da penitenciária. O complexo prisional, composto por cinco unidades separadas (três para homens adultos, uma para mulheres e outra para regime semiaberto) terá administração central. "Ganhamos em escala, sem ter problema de superpresídio, como no caso do Presídio Central", observou Bandeira.

Em meados de 2011, acredita o secretário, o complexo penitenciário deverá estar concluído e suprimindo 3 mil vagas, número que contribuirá para a redução do déficit no sistema prisional com o uso de um modelo alternativo, nos moldes do que é adotado no Reino Unido.

Renovação socioeconômica

A secretária-Geral de Governo, Ana Maria Pellini, salienta que as PPPs têm sido utilizadas com sucesso no Reino Unido porque aceleram o processo de renovação da infraestrutura socioeconômica do país. Explica que não apenas na área prisional, mas também na saúde e na educação existe um projeto muito grande de construção e gestão de escolas em modelo de PPP.

A Partnerships UK (PUK), visitada pela comitiva nesta segunda-feira, oferece consultoria a países e estados na estruturação de suas áreas técnicas de PPP e na formulação e análise dos projetos propostos. A National Offender Management Service (NOMS), agência vinculada ao Ministério da Justiça inglês, atua na administração dos serviços penitenciários. O órgão tem a responsabilidade de contratar e oferecer serviços de administração penitenciária.

Nesta terça-feira (19), a delegação visita o presídio HMP Altcourse, localizado em Liverpool (Londres). Integram a comitiva os secretários estaduais de Segurança Pública, Edson Goularte, Geral de Governo, Ana Pellini, e de Administração e Recursos Humanos, Elói Guimarães, o superintendente dos Serviços Penitenciários, Mário Santa Maria Júnior, e o comandante-geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes. A convite da governadora, participam também o Ministério Público Estadual e o Tribunal de Justiça, representados, respectivamente, pelo subprocurador-geral de Justiça para Assuntos Institucionais, Luiz Carlos Ziolkowski, e o juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann.

Comitiva gaúcha conhece presídio inglês onde presos recebem cursos e guardas não usam armas

A comitiva gaúcha que está na Europa conhecer as experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios, por designação da governadora Yeda Crusius, esteve, nesta terça-feira (19), no presídio HMP Altcourse, em Liverpool, na Inglaterra. Primeira casa prisional concebida, construída, administrada e financiada pela iniciativa privada, por meio de PPPs, é considerada modelo no Reino Unido.

Entre os fatos que mais chamaram a atenção do grupo, está a existência de 1.231 presos que têm atividades das 7h às 21h, como cursos profissionalizantes e oficinas. Eles são monitorados por 618 funcionários (40% mulheres) que não usam armas. Em 12 anos de funcionamento, não há registro de fuga. Pelo contrário, muitos presos pleiteiam suas transferências de outras penitenciárias para o HMP.

"O presídio que visitamos nos fez acreditar que estamos no caminho certo e que a ressocialização é possível. Aqui, os presos recebem cursos profissionalizantes, como de pedreiro, de informática e de marcenaria, que lhes garantirão uma profissão ao deixarem a casa prisional", disse a secretária-Geral de Governo, Ana Maria Pellini. Ela salienta que o custo da instituição inglesa acaba sendo menor que o das penitenciárias gaúchas.

Os gaúchos foram recebidos pelos diretores do HMP Altcourse, Phil Nolan e John Mclanghin, que explicaram que são estabelecidas metas aos gestores e detentos. Em caso de não serem obtidas, há penalização financeira à instituição e, no caso dos presos, podem haver punições como isolamento e até mesmo transferência para outras unidades penais. Os diretores lembraram que os apenados produzem cadeiras e mesas em madeira e alumínio, além de confeccionarem livros e fazerem artesanato como pintura. Dentro do processo de ressocialização, os detentos estrangeiros recebem aulas de inglês, enquanto os demais têm cursos de educação fundamental e ensino médio. Além disso, os presos têm direito a uma hora de visita, diariamente.

O contrato de 25 anos foi assinado em 1995 com a empresa G4S, de gestão prisional. Pelo modelo de PPP, o presídio foi entregue e inaugurado em 1º de dezembro de 1997, seis meses antes do estabelecido no projeto original. É um presídio de categoria B, com capacidade para 1.324 detentos.

Integram a comitiva os secretários estaduais da Segurança Pública, Edson Goularte, Geral de Governo, Ana Pellini, e de Administração e Recursos Humanos, Elói Guimarães, o superintendente dos Serviços Penitenciários, Mário Santa Maria Júnior, e o comandante-geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes. A convite da governadora, participam também o Ministério Público Estadual e o Tribunal de Justiça, representados, respectivamente, pelo subprocurador-geral de Justiça para Assuntos Institucionais, Luiz Carlos Ziolkowski, e o juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann.

Presídio usa tecnologia para ressocializar presos ingleses

O presídio HMP Lowdham Grange de Nottingham, na Inglaterra, caracteriza-se por utilizar a tecnologia como ferramenta para cumprir metas estabelecidas com o governo. Inaugurado em 1998, por meio de Parcerias Público-Privadas (PPP), as celas têm aparelhos de TV, computadores e telefones para que detentos se comuniquem com a família, gerir suas vidas e ampliar seus conhecimentos.

Os resultados obtidos são excelentes de acordo com os gestores: maior facilidade para a ressocialização dos presos, redução do índice de reincidência (volta à prisão) e não há fuga. A realidade foi conhecida pela comitiva gaúcha, composta por secretários de Estado, que, a pedido da governadora Yeda Crusius, está conhecendo experiências em presídios que adotam o sistema PPPs na Inglaterra e na Espanha.

O presídio tem capacidade para 628 presos e recebe hoje 690. Desses, 20 fazem curso superior e a quase totalidade participa de cursos profissionalizantes (marcenaria, pedreiro, encanamento, eletricitista, informática, pintura e decoração, entre outros). Somente 2% são analfabetos. Para monitorar os detentos existem 404 funcionários. O diretor da instituição, Gareth Sands, destaca que o sucesso atingido passa pela relação dos funcionários com os presos e a preparação deles para a reinserção social, após a pena.

"O exemplo da Lowdham Grange é fascinante e mostra como criatividade e inovação podem se constituir em ferramentas poderosas de estímulo ao bom comportamento dos detentos", observou o secretário do Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira, acrescentando que iniciativas com a dos ingleses podem revolucionar a gestão do sistema prisional. O secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte, segue na mesma linha. Elogiou o projeto arquitetônico desenvolvido pela engenharia prisional que economiza recursos humanos e aumenta o controle. "Existe preocupação em manter o preso ocupado durante o dia. Isso faz com que aumente o bom comportamento e facilita a obtenção de uma profissão que será fundamental para reinserção ao deixarem a casa prisional", enfatizou.

Penitenciárias da Espanha

A comitiva visita nesta quinta-feira (21) o presídio HMP Bronzefield. À tarde, o grupo segue para a Espanha onde conhecerá o Centro Penitenciario de Botafogo - Algeciras; visita ao Centro de Reclusión de Menores La Marchenilla - Algeciras, onde terá reunião com o diretor-gerente do Centro Penitenciário. A intenção é obter, junto a experiências de parcerias existentes na Inglaterra e na Espanha, subsídios para aperfeiçoar a modelagem a ser adotada no Estado, visando à implementação de complexo penitenciário nesta modalidade, na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Comitiva visita presídio feminino onde detentas fazem cursos e ficam com seus bebês

A comitiva gaúcha que foi para a Europa conhecer experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios esteve nesta quinta-feira (21) no presídio HMP Bronzefield, em Ashford, Londres. A prisão feminina foi inaugurada em junho de 2004 e tem capacidade para 465 detentas, distribuídas em três unidades residenciais. Atualmente, 450 apenadas são monitoradas por 400 funcionários - dois oficiais de segurança para cada grupo de 37 presas. Das detentas, 35% são estrangeiras, principalmente da Europa Oriental.

O diretor do HMP Bronzefield, Chris Douglas, explicou que a instituição se caracteriza por receber presas de outros países preparadas para conviver nas casas prisionais inglesas. Elas iniciam o cumprimento da pena na instituição e posteriormente são transferidas para outras penitenciárias. O executivo destaca o processo de adaptação inclui curso intensivo de inglês, além de terem à disposição, em tempo integral, cursos de arte, informática e oficina de artes. Também há formação profissional no setor da restauração, limpeza, atendimento ao cliente e administração de empresas. A penitenciária conta com ginásio para prática esportiva e de educação física. Também existe a possibilidade de trabalho voluntário e do terceiro setor.

Existe uma ala onde as gestantes podem ficar com seus filhos até completarem 18 meses. As crianças que forem visitar familiares serão recebidas em prédio especial, equipado com brinquedos, que em nada lembra uma penitenciária. A exemplo de outras casas prisionais inglesas, os funcionários não usam arma, as instalações são monitoradas por câmeras e há equipamentos de TV, rádio e computadores com internet à disposição. Como parte da segurança, os visitantes passam por equipamentos de raio x e cães farejadores de pequeno porte transitam pela área de acesso aos prédios.

Exemplos para o RS

O secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte, diz que o sistema de PPPs não substitui as prisões tradicionais, mas oferece inovações na gestão. "Temos de mirar nos bons exemplos. O sistema de PPPs se preocupa mais com o preparo do apenado para a reinserção social do que mantê-lo encarcerado como no passado, mas não esquece da segurança, utilizando recursos tecnológicos que evitam fugas", disse. A secretária-geral de Governo, Ana Maria Pellini, lembrou que mesmo embora tenhamos realidade diferente da Grã-Bretanha, "é possível aprender e praticar no Estado medidas que melhorem a gestão e que tenham a preocupação de evitar o ócio e dar uma profissão aos apenados", salientou.

Nesta sexta-feira a comitiva estará na Espanha, onde visitará o Centro Penitenciario de Botafogo e o Centro de Reclusión de Menores La Marchenilla, ambos em Algeciras, e será recebido pelo diretor-gerente do Centro Penitenciário.

Integram a comitiva o secretário do Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira, o secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte, o superintendente dos Serviços Penitenciários, Mário Santa Maria Júnior, o comandante-geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes, a secretária-geral de Governo, Ana Maria Pellini, e o secretário da Administração e dos Recursos Humanos, Elói Guimarães. A convite da governadora participam também o Ministério Público Estadual e o Tribunal de Justiça, por meio do subprocurador-geral de Justiça para Assuntos Institucionais, Luiz Carlos Ziomkowski, e do Juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann.

Estudo vai avaliar viabilidade de inovações no sistema penitenciário gaúcho

O comandante-geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade, determinou que fossem adotadas algumas mudanças no presídio de Caxias do Sul. De Sevilha, na Espanha - onde integra a comitiva gaúcha que está na Europa para conhecer as experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios, atendendo à solicitação da governadora Yeda Crusius - ele elogiou o sistema de segurança adotado em casas prisionais inglesas e espanholas. Trindade pretende adotar medidas semelhantes nas prisões gaúchas o quanto antes. O coronel solicitou que fosse realizado um estudo capaz de viabilizar a retirada das guardas externas do presídio da Serra, substituindo-as por equipamentos tecnológicos como câmeras e sensores de presença. Ele destacou, também, a necessidade de mudanças na área de gerenciamento dos presídios gaúchos, como o respeito ao ser humano com idéias de gestão.

Segundo o coronel Trindade, o modelo adotado no Reino Unido é um padrão de conduta a ser estendido, principalmente o fato de não haver necessidade da presença de guardas externos. "Tudo é tecnológico, e a fiscalização, muito rígida. Na Inglaterra, todos que vêm para visitas são obrigados a entrar em revista, passar pelos raios-X, inclusive os diretores", afirmou o Coronel.

Presídio espanhol concebido pela iniciativa privada é operado pelo Estado

O Centro Penitenciario de Botafogo, em Algeciras na Espanha, foi visitado nesta sexta-feira (22) pela comitiva gaúcha, composta por secretários de Estado que, a pedido da governadora Yeda Crusius, está conhecendo experiências em presídios que adotam o sistema de Parcerias Público-Privada (PPPs) na Inglaterra e Espanha. A casa prisional espanhola se diferencia das prisões inglesas pelo fato de ter sido concebida pela iniciativa privada, mas ser operada pelo governo.

Dentro da parceria, os realizadores do projeto permanecem, sob contrato, realizando a manutenção e desenvolvendo adequações, além de um programa de atividades para os presos que é implantado pelo poder público. O diretor da instituição, Francisco Marquez Falaberrí, explicou que o presídio tomou-se referência, sendo visitado por técnicos de outros países europeus. "Acreditamos na ressocialização do preso e, para tanto, colocamos à disposição deles as condições para que possam se preparar para quando retornarem ao convívio social", destacou. Ele disse que os presos não são obrigados a trabalhar, mas todos, de certa forma, acabam se envolvendo com os programas disponibilizados.

A penitenciária está localizada no Extremo Sul da Espanha numa área de 135 hectares e fica a 17 quilômetros da fronteira com o Marrocos. O Poder Público investiu 120 milhões de euros e colocou 487 funcionários. O projeto foi desenvolvido pela Sociedade Estadual de Estrutura e Equipamentos Penitenciários para o governo. São 14 módulos compostos por celas, salas de aula, 26 quartos para relacionamentos íntimos, setores para terapia antidrogas, além de uma grande piscina, ginásio de esportes, sala de musculação, sala de jogos e quadras de squash, entre outras. Cerca de 40% dos detentos são estrangeiros e também uma boa parte é de terroristas do ETA (grupo terrorista separatista basco), os únicos que, por determinação da Justiça, não podem ter acesso aos meios de comunicação.

Sistema penal espanhol era sucateado

A secretária-geral de Governo, Ana Maria Pellini, destaca ter sido importante conhecer uma outra forma de PPP. "Na penitenciária que visitamos, a participação da iniciativa privada é menor do que a do Poder Público. A iniciativa privada fica responsável pelo desenho arquitetônico do presídio e atua como consultora na ocupação dos detentos, enquanto que o poder público é responsável pela operacionalização" disse.

Ana Pellini relatou que, até 1995, de acordo com o diretor Falaberrí, o sistema penal espanhol era totalmente sucateado, com corrupção, falta de atendimento médico aos apenados, e o crime era controlado de dentro dos presídios - uma situação muito parecida com a que ocorre hoje nos presídios brasileiros. "Eles começaram a resolver essa situação com o poder público assumindo o controle das prisões e combatendo a corrupção. Hoje quase todos os presídios estão sob controle e dentro dessa concepção", disse.

Comitiva que conheceu presídios europeus prepara relatório à governadora

A comitiva gaúcha composta por secretários de Estado que foi para a Europa conhecer as experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios da Grã-Bretanha e Espanha prepara um relatório que deverá ser entregue à governadora Yeda Crusius, nos próximos dias. Cada integrante apresentará suas considerações sobre o que encontrou e o que pode ser aplicado no Estado. Haverá a consolidação em um único documento, pela Secretaria de Planejamento e Gestão, que conterà as conclusões do grupo.

"A gente tem de aprender com quem sabe. Copiar sim, mas aprimorando as experiências já consagradas", define o secretário de Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira. Ele solicitou parceria do Ministério Público e do Tribunal de Justiça para que as metas que envolvam as PPPs sejam alcançadas. A reunião ocorreu tão logo a comitiva desembarcou no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, na manhã desta segunda-feira (25). O juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann, integrante do grupo, ressaltou serem fundamentais três pontos: respeito, disciplina e gestão. "O Estado deve estar presente no Sistema Prisional, fazendo o que é de sua competência na parceria", enfatizou.

O secretário da Administração e dos Recursos Humanos, Elói Guimarães, disse ser importante a busca pela solução dos atuais problemas encontrados nos presídios gaúchos. "Mas não esqueçamos da reinserção social dos apenados." O secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte, foi na mesma linha e defendeu que o Estado deve encarar de frente os problemas, pois é isso que a sociedade espera.

Integraram a comitiva a secretária-geral de Governo, Ana Maria Pellini, o secretário de planejamento e Gestão, Mateus Bandeira; o secretário da Segurança Pública, Edson de Oliveira Goularte; o secretário da Administração e dos Recursos Humanos, Elói Guimarães; o superintendente dos Serviços Penitenciários, Mário Santa Maria Júnior e o comandante geral da Brigada Militar, coronel João Carlos Trindade Lopes.

A convite da governadora, também participaram o Ministério Público Estadual e o Tribunal de Justiça, por meio do subprocurador-geral de Justiça para Assuntos Institucionais, Luiz Carlos Ziomkowski, e do juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Luciano André Losekann.

Publicação: 28.01.10-19:43 Atualização: 28.01.10-21:25

Comitiva que conheceu presídios europeus entrega relatório à governadora



Grupo passou a Yeda Crusius informações sobre as casas prisionais visitadas na Europa

A comitiva composta por secretários de Estado que foi para a Europa conhecer as experiências de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em presídios da Grã-Bretanha e Espanha, entregou, na tarde desta quinta-feira (28), um relatório que sintetiza todo o aprendizado dos secretários na viagem.

De acordo com o secretário de Planejamento e Gestão, Mateus Bandeira, o governo britânico utiliza 11% da oferta de vagas no sistema prisional através de PPPs. "É muito importante nós aprendermos não só o que está dando certo, mas o que deu errado nos outros modelos", explicou, acrescentando que muito do que é implementado no modelo de PPP também pode ser levado para o setor público.

A secretária-geral de Governo, Ana Maria Pellini, entregou para a governadora Yeda Crusius um presente enviado pelo Presídio Madre Tereza de Calcutá. "Este é um local para jovens de até 18 anos, que delinquiram e têm todas as condições de estudo, trabalho e bom tratamento", contou. O presídio situa-se a 75 quilômetros de Madri, na Espanha.

CRESCER NO CÁRCERE

■ Helen Braun

O que deseja uma mãe para seus filhos? Um futuro melhor? Garantias como saúde, educação e lazer? Por vezes, as mães traçam mundos de sonhos e expectativas em torno de seus rebentos e esperam deles aquilo que elas não foram. Mas e quando, mais do que desejar aos filhos oportunidades que os pais não tiveram, deseja-se que os pequenos não passem por aquilo que seus pais passaram? Esta é a realidade de 22 crianças abrigadas pelo regime penitenciário em Porto Alegre.

O artigo 5º do parágrafo 50 da Constituição Federal determina que "às presidiárias serão asseguradas condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação". Quando esta convivência se estende, que tipo de consequência pode acarretar para as crianças? No país, poucas são as penitenciárias que mantêm creche ou local apropriado para que tais condições sejam cumpridas. No Rio Grande do Sul, o Presídio Feminino Madre Pelletier é o único a possuir um lugar assim. Na creche, são abrigadas crianças de zero a três anos de idade. Além de futuras mães que, a partir do oitavo mês de gravidez, são retiradas das galerias e passam a viver no local.

A maioria das detentas que cumpre pena na creche, ao lado de seus filhos, está lá por tráfico de drogas. Muitas foram presas junto com seus companheiros, como cúmplices. A família se separa; o pai segue para o Presídio Central, a mãe e o filho para a penitenciária feminina. Quem tem condições de manter seus filhos longe das grades, deixa-os com irmãs, cunhadas, avós. Quem não pode, opta por levar os pequenos como forma de dar-lhes alguma segurança.

Grande parte das crianças nasce dentro sistema prisional. O Estado garante a elas alimentação e saúde. Uma grande garantia para quem pouco pode ter certezas. O resto: fraldas, material de higiene, roupas e brinquedos é trabalho da mãe conseguir. Para isto,

Nem todos os presos são condenados. Qual o futuro de uma criança que é privada da liberdade em nome de um ato de amor?

algumas bordam, outras embalam toucas de cabelo, ou, contam nota fiscais.

Ivone de Fátima Moles, 29 anos, está presa há dois anos e sete meses. Quando foi presa, o filho mais velho tinha quatro anos; o do meio estava com apenas um e ela estava grávida da

cuidasse de uma filha no local, ela diz que padecia com a distância dos outros filhos. "A gente não sabe o que está acontecendo. Estes dias, minha filha me contou que não tinha caderno para ir à escola. E eu aqui, sem poder fazer nada por ela". Talvez, o sentimento de

Helen Braun



Em meio ao cárcere, a infância é reinventada

caçula - que vive com ela na creche. O menino de um ano estava aprendendo a falar e teve que ficar com a tia - já que o pai também está preso. A maior dor de Ivone é que hoje o filho não a chama de mãe: "Ele, quando me vê, me chama de 'tia' e a minha cunhada, que cuida dele, de mãe". Não parece contraditório que uma mãe queira ter seu filho por perto quando ela vive em uma penitenciária? "Pior é estar longe. Mãe que é mãe quer seus filhos por perto", afirmou Daniela Beatriz Carvalho, de 25 anos. Embora

impotência quando se está longe dá a estas mães a sensação de que, por menos ideal, que seja a vida dentro da penitenciária, ali, elas sabem o que se passa com os filhos. A rotina destas mães é dedicar o dia aos filhos e desenvolver aquilo que os profissionais chamam de "estimulação afetiva". Mas, sem dúvida, a rotina destas crianças se perde pelos corredores da creche: entre brinquedos e roupinhas de bebês estão as grades, manifestações das detentas e as algemas. Música, linguagem e atitudes da penitenciária ficam registradas nas vidas dos pequenos.

As crianças, em nome do amor das mães, estão presas - sem nenhuma condenação. Aguardam, as sentenças das mães e devem torcer para que a liberdade destas chegue antes dos seus três anos de idade. Caso contrário, os filhos devem sair da penitenciária e procurar outro abrigo.